



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

INSTITUTO DE LETRAS

ARTHUR MOURA VARGENS

**AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS:
ACENTO, LÉXICO E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES**

Salvador
2021

ARTHUR MOURA VARGENS

**AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS:
ACENTO, LÉXICO E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura,
do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito
para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^a. PhD. Elizabeth Reis Teixeira

Salvador
2021

Vargens, Arthur Moura.

Aquisição de proparoxítonas: acento, léxico e suas possíveis relações / Arthur Moura Vargens - 2021.

225 f.: il.

Orientadora: Profa. Dra. Elizabeth Reis Teixeira.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2021.

1. Aquisição de linguagem. 2. Língua portuguesa - Aquisição. 3. Língua portuguesa - Fonética. 4. Língua portuguesa - Fonologia. 5. Língua portuguesa - Acentos e acentuação. I. Teixeira, Elizabeth Reis. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 469.5

CDU - 81'232

ARTHUR MOURA VARGENS

**AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS:
ACENTO, LÉXICO E SUAS POSSÍVEIS RELAÇÕES**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 26 de julho de 2021

Banca examinadora

Profa. PhD. Elizabeth Reis Teixeira – *Orientadora*

PhD. em Fonética e Linguística pela Universidade de Londres
Professora Titular da Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Felipe Flores Kupske

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Gredson dos Santos

Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia
Professor Adjunto da Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Maria de Fátima de Almeida Baia

Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo
Professora Adjunto da Universidade do Estado da Bahia

Profa. Dra. Carola Rapp

Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas
Professora Adjunto Aposentada da Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a minha mãe e meu pai, Carmem e Eugenio, minhas fontes primárias. Também a meus irmãos, Samantha, João Elias e Esther, a meus cunhados (ou quase) Guilherme, Patrick e Neto. A minhas avós, Maria de Lourdes e Neusa, importantes influências na minha vida que certamente reverberam em tudo o que faço. A minha tia Meran. E a toda a minha imensa e extensa família, espalhadas por vários lugares do Brasil – Bahia, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo –, por todo apoio e inspiração. São as pessoas mais importantes da minha vida e sem as quais eu não chegaria aonde cheguei.

A Alexandre Dionísio, que me acompanhou e me acompanha neste processo. Conhece todos os pormenores, todas as angústias, todos os momentos de alegria. Meu maior confessor neste momento.

Aos lugares que construíram e constroem minhas origens e minhas raízes: Camacan, minha cidade natal, onde vim ao mundo. Ilhéus, cidade de minha infância e onde cresci e me fiz gente. Salvador, cidade onde obtive toda minha formação acadêmica até o momento. E, mais recentemente, Montevidéu, cidade com a qual nunca tive qualquer vínculo, mas onde agora vou aos poucos me enraizando e recebendo munção para mais aprendizado e mais produção.

Aos amigos do peito. A Rejane de Sousa, companheira de longa data. A Lilian Rau, grande amiga. A Davi Pereira, grande amigo. A Claudio Souza, outrora conhecido como Godi. E a muitos outros amigos queridos (alguns já mencionados antes ou a serem mencionados a seguir) que fizeram parte, indiretamente, de todo o processo.

A grandes professores que já tive ao longo da minha trajetória acadêmica: Alícia Duhá Lose, André Luiz Madureira, Denise Zoghbi, Edleise Mendes, Isabella Fortunato, Marcela Paim, Marla Andrade, Sônia Costa, Tânia Lobo, esses que plantaram em mim a semente da pesquisa, do mundo acadêmico e da Linguística.

A meus ex-colegas no PET-Letras da UFBA pela vivência na graduação, por tudo o que aprendi e construí fazendo parte desse grupo, e que, direta e indiretamente, me trouxe até aqui: Cinthia Vieira, Diego Cândia, José Nilton, Kathiúscia de Brito, Lucas Santos, Paula Assunção, Paula Augusto, Renata dos Reis, Rosecleide Borges, Thiago Cardoso, Uilians Souza. Também aos tutores que tive no PET: Antonio Marcos Pereira e Rachel Lima.

Aos colegas com quem convivi na política estudantil do PPGLinC, destacadamente Fernanda Cerqueira, Karem Nogueira, Ivanete Cerqueira, Marília Pereira. Especialmente, a Sinval Medeiros, que certamente estará para sempre na nossa memória.

Aos colegas com quem dividi trabalhos na Revista *Inventário*: Sanio Santos, Aldaíce Rocha, Diogo Oliveira, Geysa Andrade, Hilda França, Juliana Bastos, Lorena Nascimento, Lucas Rodrigues, Sara Oliveira, entre outros com quem dividi os trabalhos de pelo menos 3 números, experiência que foi uma formação complementar importantíssima para minha carreira.

Aos parceiros de construção do XI ENAL – Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem: Cláudia Martins, Claudiane Soares, Desirée Begrow, Emmanuelle Félix, Erivaldo Marinho, Fernanda Almeida, Glória Lima, Joceli Lima, Lucília Lopes, Melissa Catrini, Nanci Bento, Roberto Costa, Vera Pepe, entre outros. São ao todo 22 pessoas de diversas instituições da Bahia (e algumas de outros estados), cuja parceria tem me mostrado uma maior dimensão dos estudos em aquisição da linguagem na Bahia e no Brasil.

Aos meus mais novos colegas, os professores do *Centro de Lenguas Extranjeras* da *Universidad de la República Uruguay*: Alena Vaniskova, Caroline Trevisan, Claudia Barnickel, Esteban La Paz, Javier Geymonat, Patrícia Carabelli, Raquel Carinhas, entre outros; à secretária, Giovanna Deluca; e, principalmente, à atual diretora, Laura Masello. A todos eles, pelas conversas, pelas trocas interculturais, pelos cafés que tomamos juntos, e por acompanharem todo o processo de escrita, feito majoritariamente no computador dessa instituição.

A Eliene Santana dos Santos, pela revisão do resumo em espanhol.

À Creche da Universidade Federal da Bahia, pela gentileza de ceder o espaço para a pesquisa, pela segunda vez.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, pela bolsa concedida.

Aos examinadores da banca, por aceitarem o papel e o trabalho, e pelo cuidado de ler a tese.

Por fim, a minha orientadora no mestrado e neste doutorado, Elizabeth Reis Teixeira, pela oportunidade e pelo reconhecimento do meu trabalho, pela inspiração para pesquisa, algo que sempre me estimula a continuar.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

Muito obrigado!

Proparoxítonas

junho 19, 2019

Eduardo Affonso



Há dois tipos de palavras: as proparoxítonas e o resto.

As proparoxítonas são o ápice da cadeia alimentar do léxico. Estão para as outras palavras assim como os mamíferos para os artrópodes.

As palavras mais pernósticas são sempre proparoxítonas. Das mais lânguidas às mais lúgubres. Das anônimas às célebres.

Se o idioma fosse um espetáculo, permaneceriam longe do público, fingindo que fogem dos fotógrafos e se achando o máximo.

Para pronunciá-las, há que ter ânimo, falar com ímpeto – e, despóticas, ainda exigem acento na sílaba tônica!

Sob qualquer ângulo, a proparoxítona tem mais crédito.
É inequívoca a diferença entre o arruaceiro e o vândalo.
O inclinado e o íngreme.
O irregular e o áspero.
O grosso e o ríspido.
O brejo e o pântano.
O quieto e o tímido.

Uma coisa é estar na ponta – outra, no vértice.
Uma coisa é estar no topo – outra, no ápice.
Uma coisa é ser fedido – outra é ser fétido.

É fácil ser valente, mas é árduo ser intrépido.
Ser artesão não é nada, perto de ser artífice.
Legal ser eleito Papa, mas bom mesmo é ser Pontífice.

(Este último parágrafo contém algo raríssimo: proparoxítonas que rimam. Porque elas se acham únicas, exóticas, esdrúxulas. As figuras mais antipáticas da gramática.)

Quer causar um impacto insólito? Elogie com proparoxítonas.
É como se o elogio tivesse mais mérito, tocasse no mais íntimo.
O sujeito pode ser bom, competente, talentoso, inventivo – mas não há nada como ser considerado ótimo, magnífico, esplêndido.
Da mesma forma, errar é humano. Épico mesmo é cometer um equívoco.

Escapar sem maiores traumas é escapar ileso – tem que ter classe pra escapar incólume.

O que você não conhece é só desconhecido. O que você não tem a mínima ideia do que seja – aí já é uma incógnita.

Ao centro qualquer um chega – poucos chegam ao âmago.

O desejo de ser uma proparoxítona é tão atávico que mesmo os vocábulos mais básicos têm o privilégio (efêmero) de pertencer a esse círculo do vernáculo – e são chamados de oxítonos e paroxítonos. Não é o cúmulo?

RESUMO

Estudo sobre o acento proparoxítono e o léxico proparoxítono no processo de aquisição do português como língua materna. Buscou-se verificar relações ontogênicas entre aquisição lexical e aquisição acentual. Para tanto, foram verificados: a) recursos e estratégias de simplificação fonológica; b) ocorrência de vocábulos proparoxítonos ao longo de diferentes faixas etárias; c) o percurso ontogênico do acento proparoxítono padrão e do léxico proparoxítono; d) a regularidade individual de crianças ao produzirem proparoxítonas lexicalmente e acentualmente; e) as correspondências entre evocação espontânea e evocação acentual padrão de vocábulos proparoxítonos. A pesquisa foi realizada a partir de 3 (três) *corpus* distintos, 2 (dois) deles extraídos de fala de crianças de 1;6 (um ano e seis meses) a 4;0 (quatro anos), estudadas longitudinalmente e transversalmente e 1 (um) extraído de relatos parentais disponibilizados em um formulário para esse fim. Na revisão da literatura, apresentam-se as teorizações e pesquisas gerais a respeito das proparoxítonas no português brasileiro: definição do objeto de estudo e os estudos que abordam diretamente ou indiretamente as proparoxítonas no português, em Teoria e Análise Linguística, na Linguística Histórica, em Dialectologia e Sociolinguística e na Psicolinguística. Na análise de dados, há 3 (três) recortes de análise: a análise do acento, na qual se descreve e interpreta os dados das crianças estudadas longitudinalmente; a análise do léxico, na qual se descreve e interpreta os dados dos 3 (três) *corpus*; e a análise da confluência entre o acento e o léxico, de modo a extrair as possíveis relações observáveis entre esses dois níveis linguísticos. A partir do *corpus* analisado, foi possível identificar uma relação observável entre aquisição do acento proparoxítono e aquisição do léxico proparoxítono, que se estabelece a partir dos 2;01 (dois anos e um mês); os dados evidenciam que uma maior produtividade do acento proparoxítono influencia a produção lexical proparoxítona, algo corroborado em outros estudos anteriores que estabelecem relações entre as aquisições fonológica e lexical.

Palavras-chave: aquisição da linguagem; português; fonética e fonologia ;léxico; acentos e acentuação.

ABSTRACT

Study about proparoxytonic stress and the proparoxytonic lexicon during the acquisition of Portuguese as maternal language. We sought to verify ontogenic relationships between lexical acquisition and accentual acquisition in proparoxytone words, to which was verified: a) phonological simplification recourses and strategies; b) occurrence of proparoxytonic words over different age groups; c) the ontogenic path of the standard proparoxytonic accent and the proparoxytonic lexicon; d) the individual regularity of children when producing proparoxytons lexically and accidentally; e) the correspondences between spontaneous evocation and standard accent evocation of proparoxytonic words. The research was carried out from 3 (three) distinct corpus; 2 (two) of them extracted from the speech of children from 1; 6 (one year and six months) to 4; 0 (four years), some studied longitudinally and others transversely; the 1 (one) corpus left was given by parental reports made available on a form for this purpose. In theoretical review section, there are the definition of the object of study (proparoxytone words) and studies directly or indirectly addressed to proparoxytones in Portuguese, at Theory and Linguistic Analysis, at Historical Linguistics, at Dialectology and Sociolinguistics and at Psycholinguistics. In data analysis, there are 3 (three) analysis sections: (i) the accent analysis, in which the data of the children studied longitudinally is described and interpreted; (ii) the lexical analysis, in which the 3 (three) corpus data is described and interpreted; (iii) the confluence accent-lexicon analysis, in order to extract the possible observable relations between these two linguistic levels. From these collected data, it is possible to identify observable relationships between acquisition of proparoxytonic accent and proparoxytonic lexicon, which is established after 2;01 (two years and one month); the data show that a higher productivity of the proparoxytonic accent influences the proparoxytonic lexical production, something corroborated with other previous studies that establish relationships between phonological and lexical acquisitions.

Keywords: language acquisition; mother tongue; portuguese; phonetics and phonology; lexicon; stress.

RESUMEN

Estudio sobre el acento prosódico esdrújulo y el léxico esdrújulo en el proceso de adquisición del portugués como lengua materna. Buscó verificar las relaciones ontogénicas entre la adquisición léxica y la adquisición acentuada. Para ello, se verificó lo siguiente: a) recursos y estrategias de simplificación fonológica; b) aparición de palabras esdrújula en diferentes grupos de edad; c) la vía ontogénica del acento esdrújulo estándar y el léxico esdrújulo; d) la regularidad individual de los niños en la diferencia entre el porcentaje de producción del acento prosódico y de las palabras. e) las correspondencias entre la evocación espontánea y la evocación de acento estándar de palabras esdrújulas. La investigación se realizó a partir de 3 (tres) corpus distintos, 2 (dos) retirados de la oralidad de niños en edades desde 1;06 (un año y seis meses) hasta 4;00 (cuatro años), estudiados longitudinal y transversalmente, y 1 (uno) retirado de informes parentales puestos a disposición en un formulario para este propósito. En la revisión de la literatura, se presentan teorías e investigaciones generales sobre las esdrújulas en portugués brasileño: definición del objeto de estudio y estudios que abordan directa o indirectamente las esdrújulas en portugués: en Teoría y Análisis Lingüístico, en la Lingüística Histórica, en la Dialectología y la Sociolingüística, y en la Psicolingüística. En el análisis de datos, hay 3 (tres) secciones de análisis: el análisis de acento prosódico, en el que se describen e interpretan los datos de los niños estudiados longitudinalmente; el análisis del léxico, en el que se describen e interpretan los 3 (tres) datos del corpus; y el análisis de la confluencia entre el acento y el léxico, para extraer las posibles relaciones observables entre estos dos niveles lingüísticos. Del corpus analizado, fue posible identificar una relación observable entre la adquisición del acento prosódico esdrújulo y la adquisición del léxico esdrújulo, que se establece después de 2;01 (dos años y un mes). Los datos muestran que una mayor productividad del acento prosódico esdrújulo influye en la producción léxica esdrújula, algo corroborado con otros estudios previos que establecen relaciones entre adquisiciones fonológicas y léxicas.

Palabras clave: adquisición del lenguaje; portugués; fonética y fonología; léxico; acento prosódico.

SUMÁRIO

I. CONTEXTO E ESCOPO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
1.2 POTENCIAL DE IMPACTO	18
1.3 ESCOPO ESPECÍFICO DO ESTUDO	22

II. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 AS PROPAROXÍTONAS: O QUE SÃO E COMO VÊM SENDO ESTUDADAS	24
2.1.1 ABORDAGENS LINGÜÍSTICAS DIVERSAS	27
2.1.1.1 Teoria e Análise Linguística	28
2.1.1.2 Linguística Histórica	30
2.1.1.3 Dialectologia e Sociolinguística	32
2.1.1.4 Psicolinguística	35
2.1.1.4.1 Aquisição de língua materna	38
2.2 AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS: PROSPECÇÕES TEÓRICAS	48
2.2.1 FONOLOGIA NATURAL	48
2.2.2 MODELO DE CONTINUIDADE	51
2.2.3 GERATIVISMO E PÓS-GERATIVISMO	52
2.2.4 FONOLOGIA DE USO E TEORIA DOS EXEMPLARES	53
2.2.5 QUAL O MODELO MAIS ADEQUADO?	55
2.3 AQUISIÇÃO FONOLÓGICA E AQUISIÇÃO LEXICAL	58

III. METODOLOGIA

3.1 DEFINIÇÃO DOS MÉTODOS	63
3.2 COLETA DE RELATOS PARENTAIS	65
3.3 COLETA DE FALA DE CRIANÇAS	67
3.3.1 COLETA ANTERIOR	67
3.3.2 COLETA RECENTE	67
3.3.2.1 Os vocábulos estudados	68
3.3.2.2 O instrumento de coleta	69
3.3.2.3 A instituição	71
3.3.2.4 A coleta	72
3.3.2.5 Transcrições	73

IV. ANÁLISE DE DADOS

4.1 DADOS SOBRE O ACENTO	76
4.1.1 ESTUDOS ANTERIORES	76
4.1.2 COLETA RECENTE	81
4.1.2.1 Análise das Lg's	81
4.1.2.1.1 Lg01	81
4.1.2.1.2 Lg02	84
4.1.2.1.3 Lg03	86
4.1.2.1.4 Lg04	88
4.1.2.1.5 Lg05	91
4.1.2.1.6 Lg06	93

4.1.2.2 Tendências	95
4.1.3 CONCLUSÕES PRELIMINARES	98
4.2 DADOS SOBRE O LÉXICO	100
4.2.1 DADOS DE RELATOS PARENTAIS	100
4.2.1.1 Substantivos	103
4.2.1.2 Adjetivos	105
4.2.2 DADOS DE FALA DE CRIANÇAS	106
4.2.2.1 Dados da coleta anterior	107
4.2.2.2 Dados da coleta recente	109
4.2.2.2.1 Análise específica das Lg's	111
4.2.3 TENDÊNCIAS	115
4.2.3.1 Similaridades semânticas	117
4.2.3.2 Similaridades fonológicas	119
4.2.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES	121
4.3 CONFLUÊNCIAS ENTRE AS PRODUÇÕES ACENTUAL E LEXICAL	122
4.3.1 ANÁLISE GERAL	123
4.3.2 ANÁLISE DOS INDIVÍDUOS	126
4.3.2.1 Dados transversais	126
4.3.2.2 Dados longitudinais	128
4.3.3 ANÁLISE DOS VOCÁBULOS	129
4.3.3.1 Coleta anterior	129
4.3.3.2 Coleta recente	133
4.3.3.3 Contraste entre as duas coletas	136
4.3.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES	142

V. DISCUSSÕES E PROPOSIÇÕES

5.1 HIPÓTESES CONFIRMADAS, DESCONFIRMADAS E NOVAS HIPÓTESES	145
5.2 O QUE SE PODE DIZER SOBRE A AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS?	149
5.3 AS PROPAROXÍTONAS: UMA CATEGORIA LEXICAL?	152
5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	155

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS	158
--------------------	------------

APÊNDICE

A – Transcrições dos dados da coleta recente
B – Transcrições dos dados da coleta anterior
C – Protocolo Palavras Proparoquítonas (PPPr)
D – Respostas ao PPPr para Substantivos e Adjetivos
E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da coleta recente

I

CONTEXTO E ESCOPO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta tese é a continuação de um trabalho de pesquisa que iniciei em 2010, e que já teve dois momentos de culminação: primeiramente, um trabalho de conclusão de curso da graduação (VARGENS, 2012) e, posteriormente, uma dissertação de mestrado (VARGENS, 2016), ambos sobre aquisição de proparoxítonas.

O tema das proparoxítonas emergiu das discussões a respeito do lugar dessas palavras e desse padrão acentual no português. Em geral, a literatura tende a tratá-las como palavras que fogem à regra de acentuação, pressuposto que reverbera de maneira pouco sólida nos cursos de graduação, onde é possível ouvir em aulas a afirmação, pouco fundamentada e não sistematizada, de que o português é uma língua eminentemente de paroxítonas e que as proparoxítonas são excepcionais. Essa afirmação, procedente ou não, deveria ser mais baseada em dados de pesquisa do que ela vem sendo atualmente nas salas de aula, onde ainda é muito fruto de intuições sobre a língua e de postulações difusas. Isso também se dá pelas poucas pesquisas que se desenvolveram sobre o tema; embora elas tenham aumentado muito nos últimos anos, a longa tradição de pesquisas sobre o português deu pouca importância ao acento de palavra, e menos ainda às palavras proparoxítonas.

Embora haja pouca tradição de pesquisa e coleta de dados – novamente, cresceu e há bem mais, desde os últimos 15 anos –, muito se diz a respeito: que a entrada de palavras proparoxítonas no português foi tardia, que elas são pouco usuais, que são minoria, numericamente, que tendem mais a modificações; detalharei todas essas questões mais adiante, no Capítulo II. Tais questões têm o potencial de despertar mais curiosidade de pesquisa, e o fato de as proparoxítonas serem taxadas como excepcionais é exatamente o que as torna um acontecimento mais curioso durante a aquisição da linguagem. Afinal, se o acento proparoxítono é uma exceção, como essa exceção se comporta quando a criança está ainda adquirindo sua língua materna? E mais: quando a criança passa a produzir essas palavras e esse acento?

Em 2010, iniciei uma pesquisa sobre o assunto. Ao mesmo tempo em que analisei alguns dados já coletados e transcritos, tentei uma coleta de dados em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) do município de Salvador, Bahia. A pesquisa nesse CMEI fracassou, especialmente por minha inexperiência como pesquisador; os dados coletados me pareceram poucos e de pouca relevância; porém, a experiência não; esta, teve a importante função de solidificar minha formação profissional; além disso, nessa tentativa, também tive a oportunidade de ministrar um minicurso aos profissionais desse CMEI – algo sobre o que voltarei a mencionar na próxima seção. Já os dados que já estavam coletados e transcritos, eram os dados do Programa de Estudos Sobre Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna (PROAEP); eram 6 palavras proparoxítonas que

serviram de insumo para a produção do trabalho de conclusão de curso, referido, aqui, no primeiro parágrafo. Essa análise inicial proporcionou respostas parciais a algumas questões de pesquisa, como:

- Como é a realização de proparoxítonas durante a aquisição do português?
- Qual a faixa etária propícia à maior produção do acento padrão proparoxítono?
- Quais as diferenças de produção padrão por crianças de faixas etárias distintas?
- Quais as diferenças na produção padrão entre vocábulos distintos

Tais perguntas puderam encontrar respostas relativas ao *corpus* da pesquisa que realizei na época. Porém, o *corpus* era ainda muito curto e pouco variável, além de fonologicamente limitado – tratarei melhor sobre os achados dessa pesquisa no Capítulo II – e, embora fossem parcialmente satisfatórios, muitas questões de pesquisa remanesciam. Foi assim que iniciei uma nova pesquisa, dessa vez, bem sucedida, na Creche da Universidade Federal da Bahia, com um *corpus* mais amplo, mais variado fonologicamente, e que permitiu ratificar as respostas às perguntas anteriores e responder a outras, como:

- Qual a interferência de diversos contextos fonológicos sobre a produção das proparoxítonas durante a aquisição da linguagem?
- Como é a realização das proparoxítonas nos estágios mais iniciais?

Essas duas outras perguntas, que antes transpassavam os limites do *corpus*, poderiam ser melhor esclarecidas a partir daquele momento. Para tanto, utilizei não apenas dados da coleta que realizei, como dados de pesquisas anteriores, que estavam disponíveis em diversos outros trabalhos. A partir desse trabalho meta-analítico, foi possível elucidar com muito mais segurança questões sobre as proparoxítonas na aquisição da linguagem, o que serviu de insumo para estabelecer algo sobre processos fonológicos e ontogênese do padrão proparoxítono em português, culminando na mencionada dissertação (VARGENS, 2016). Tratarei mais detalhadamente sobre esses achados nos capítulos II e IV.

Obviamente, nem tudo o que se poderia elucidar sobre o assunto estava respondido na dissertação, assim como não estará nesta tese. Pelo contrário, a pesquisa gerou novas curiosidades; uma delas, embrionária até a escrita da dissertação, é sobre o papel e o lugar do léxico em todo esse processo. Em Vargens (2016), o próprio método de coleta de dados obteve resultados próprios a respeito da evocação espontânea ou não dos vocábulos alvo: crianças mais velhas foram bem sucedidas em reconhecer figuras enquanto as mais novas evocaram os vocábulos alvo mais por repetição, fato que me suscitou uma nova curiosidade. Em paralelo, emanam as discussões a respeito da frequência de ocorrência de vocábulos proparoxítonos e a própria postulação de alguns pesquisadores de que vocábulos proparoxítonos não compõem o léxico geral e, também, o próprio

léxico infantil – afirmação esta que, até o momento, é intuitiva e não baseada em dados. Com base em tudo isso, surge o questionamento: existe relação entre a aquisição do acento e a aquisição do léxico? É sobre essa questão que me debruço nesta tese.

Esta tese divide-se em 5 (cinco) capítulos:

I. CONTEXTO E ESCOPO

II. REVISÃO DA LITERATURA

III. METODOLOGIA

IV. ANÁLISE DE DADOS

V. DISCUSSÕES E PROPOSIÇÕES

No capítulo I, este que se apresenta, faço um preâmbulo para contextualizar este trabalho na macro-pesquisa – que contempla este trabalho e tudo o que foi pesquisado anteriormente – e situar o leitor quanto às expectativas possíveis para esta tese.

No capítulo II, abordarei o que foi encontrado na literatura que tem algum parentesco com a pesquisa realizada. Meu propósito é identificar o que já temos de estudos realizados por outros pesquisadores até aqui. A revisão da literatura se divide em três seções. Na primeira, apontarei o que já se pesquisou e/ou teorizou sobre as proparoxítonas no português. Na segunda seção, abordarei brevemente as perspectivas teóricas em aquisição fonológica que potencialmente se aplicam ao que já se tinha de informações elucidadas sobre a aquisição de proparoxítonas, além de esclarecer as possíveis orientações teóricas desta tese. Na terceira seção, revisarei o que já se estudou e discutiu sobre as relações entre aquisição fonológica e aquisição lexical.

No capítulo III, tratarei mais detalhadamente sobre a coleta de dados realizada. Iniciarei classificando a pesquisa dentro de um trabalho em aquisição da linguagem, descreverei brevemente os métodos de coleta de dados, distinguindo três coletas de dados distintas: relatos parentais e testagem com crianças (esta, em duas coletas distintas). Sobre a testagem com crianças, apresentarei os vocábulos escolhidos e os critérios de escolha desses vocábulos, além do instrumento de coleta utilizado e, em seguida, exponho como foi realizada a coleta e o modelo de análise a ser empregado.

No capítulo IV, descreverei e interpretarei minuciosamente os dados, sempre expondo, ao final de cada seção, os resultados obtidos. O capítulo em questão está dividido em três seções. Na primeira, analisarei especificamente os dados referentes ao acento proparoxítono, confrontando esses dados com as médias de dados de estudos anteriores, conforme descritos em Vargens (2016); o foco nessa primeira seção será os dados de uma das coletas. Na segunda seção, analisarei os dados específicos sobre a produção lexical, expondo, então, os dados das três coletas; a análise será desenvolvida a partir da natureza da produtibilidade dos vocábulos,

classificando-os quanto a presença maior ou menor, crescimento, decréscimo ou manutenção, ao longo das faixas etárias. Na terceira seção, utilizarei os dados das duas coletas desenvolvidas por testagem com crianças, para analisar a confluência entre dados do léxico e dados do acento, fazendo a análise do todo, e, também fazendo a análise por criança e por vocábulo. Ao final, exporei as evidências favoráveis e desfavoráveis a uma relação acento-léxico na aquisição da linguagem.

No capítulo V, encaminharei propostas com caráter teórico e prático, com base nos resultados obtidos. O capítulo em questão está dividido em quatro seções. Na primeira, proporei novas pesquisas, experimentais, que confirmem os postulados estabelecidos na tese. Na segunda seção, identificarei, com base nos resultados desta tese e dos estudos já realizados, quais alegações sobre a aquisição de proparoxítonas são ou não plausíveis. Na terceira seção, proporei um olhar teórico sobre as proparoxítonas no contexto da relação fonologia-léxico. Na última seção, encerrarei a escrita com reflexões sobre os estudos globais sobre as proparoxítonas, identificando as contribuições deste trabalho e indicando trabalhos a serem realizados na Linguística como um todo.

Ao final, encontra-se o Apêndice, onde exponho as produções das crianças estudadas, além de documentos importantes que contextualizam a pesquisa realizada.

1.2 POTENCIAL DE IMPACTO

Durante a primeira experiência de pesquisa de campo, mencionada na seção anterior, tive a oportunidade de conversar com as professoras do CMEI sobre seus conhecimentos a respeito do tema geral da aquisição da linguagem, e, com isso, percebi que havia muito conhecimento prático, embora uma ausência de sistematização desses conhecimentos.

Entre essas ausências sistemáticas, destaco duas:

- A ausência de distinção entre o que são fatores sociolinguísticos do que são fatores psicolinguísticos; para elas, “a criança fala errado” é um bordão que diz respeito a toda e qualquer situação.
- A ausência de distinção entre o que são “erros” comuns a que idades e a perspectiva de que esses “erros” diminuam ou sumam com o tempo.

Curiosamente, as professoras, de modo geral, sabem que toda criança “fala errado”, mas não costumam identificar o que é o “errado” típico da criança, que será superado pela maturação, e o que é parte do contexto social em que a criança vive, que naturalmente influencia a fala da criança.

Ao desenvolver pesquisas nesse CMEI, finalizei as atividades com um minicurso sobre o assunto, na esperança de identificar das professoras a relevância de estudos sobre o tema da aquisição da linguagem para as suas práticas profissionais. O minicurso em questão abriu um longo leque de possibilidades de discussão sobre uma série de questões, das quais destaco, aqui, uma, em específico: o relato de uma das professoras a respeito de uma cena que ela teria presenciado, anos antes, em sua vida profissional.

O relato da professora dizia respeito à atitude que uma colega teria tido diante de uma dessas crianças que “falava errado”. Segundo o relato, a criança pedia água enquanto a colega em questão segurava o copo e se recusava a entregar a água porque a criança pronunciava ABA. A colega em questão teria condicionado a entrega da água à pronúncia correta e inteira da palavra pela criança. A professora que me relatou esse caso desaprovou a atitude da colega, mas, surpreendentemente, queria uma opinião minha a respeito.

Sob uma ótica dos estudos globais sobre a infância e especialmente sobre a Educação Infantil, é notório que a colega em questão agiu na contramão dos estudos e das discussões contemporâneas. Não é papel da creche ou da pré-escola fazer uma criança falar “corretamente”, e sim se apropriar da linguagem em suas máximas potencialidades, como preveem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (BRASIL, 2013) e a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2018), havendo,

inclusive, um eixo curricular chamado *Escuta, fala, pensamento e imaginação*, que especifica essa função.

Minha resposta, no momento, foi como linguista em formação, na seguinte linha de raciocínio: para além dessa ação inapropriada da colega, é ineficaz e sem sentido tentar forçar uma criança a pronunciar ÁGUA dentro de todo o padrão fonológico alvo, especialmente se for uma criança muito nova. Pronunciar ABA é um fenômeno muito comum na primeira infância e já relatado em diversos estudos; a criança produzirá a forma alvo quando tiver maturidade psicomotora e linguística para tanto – o que pode ser estimulado de diversas formas, mas jamais forçado; afinal, nenhum adulto, mesmo entre os menos escolarizados, pronuncia ABA; trata-se de uma pronúncia eminentemente infantil.

É aqui que chego a um ponto importante para ser abordado, antes de entrar na especificidade da tese: por que estudar aquisição de proparoxítonas? A(s) resposta(s) a essa pergunta é derivada de uma resposta à outra pergunta: por que pesquisar? É algo que diz respeito ao próprio papel do mundo acadêmico, para o qual há investimentos múltiplos – cada vez menos, nos últimos 4 anos – que envolvem bolsas, financiamentos para viagens, auxílios para monografias, teses e dissertações. O primeiro – ou, na verdade, o mais importante, em minha concepção – é social: a universidade produz conhecimento útil para a sociedade, essa mesma que a sustenta indiretamente com os financiamentos que mencionei. O segundo é filosófico: a elucidação de nossa realidade concreta nos fornece uma importante ferramenta que usamos em nossas vidas sem sequer notar; as sociedades progridem a partir do conhecimento. O terceiro é pessoal: tenho muitas curiosidades sobre o mundo e, no caso em questão, uma imensa identificação com as áreas em que atuo, o que me motiva a querer pesquisar e tudo o que isso envolve: conhecer mais, analisar dados, apresentar resultados, tudo isso é fonte de realização pessoal e profissional.

Sobre o último ponto, não há muito sobre o que discorrer. A curiosidade pelas proparoxítonas, de modo pessoal, não tem uma explicação clara; é eminentemente individual. O primeiro e, parcialmente, o segundo ponto dizem respeito ao que, nos projetos de pesquisa, intitulamos **impactos**. Esta tese, em específico, tem potencial de impacto, em três áreas e uma delas é a Educação Infantil, afinal, é nessa área que estão atuando os principais profissionais que lidam com crianças em fase de aquisição da linguagem. Nesse contexto, talvez à colega relatada no que narrei anteriormente tenha faltado conhecimento. Além do próprio conhecimento sobre as concepções atuais de criança, infância, sobre os direitos das crianças e o papel das creches e pré-escolas, o conhecimento linguístico, sobre os processos fonológicos e o desenvolvimento da linguagem na criança.

Relatos como o que recebi, da colega que buscava forçar uma fala “correta” a uma criança, são reveladores de muitos impasses que possivelmente a Educação no país enfrenta, entre eles, a formação de seus profissionais. Como tem sido a formação desses profissionais que atuam na Educação Infantil? Estão sendo suficientemente formados para atuar corretamente? A expectativa é que este trabalho e toda a pesquisa que desenvolvo, mesmos sendo pesquisa de base, tenha um impacto sobre esses profissionais, incluindo em sua formação. Aqui, me expresso como alguém que acredita profundamente no papel da Educação para a construção de uma sociedade com mais qualidade.

Além do impacto na Educação Infantil, o trabalho desta tese também poderá ter impacto na área de Saúde e, especialmente, na Fonoaudiologia, por também elucidar conhecimentos que poderão servir de base para novos diagnósticos e prognósticos diversos de linguagem. A relação da Linguística – e, especialmente, da Psicolinguística – com a Fonoaudiologia é mais usual e conhecida, uma vez que a Linguística faz parte do próprio currículo de formação de fonoaudiólogos; na própria Fonoaudiologia, há um eixo de atuação sobre linguagem. É do conhecimento da aquisição típica que se consegue obter informações que permitem melhor identificar as atipicidades.

Não vislumbro, no entanto, qualquer impacto direto, mas impactos indiretos, estando este estudo contextualizado no campo amplo de aquisição da linguagem. Os estudos em aquisição da linguagem e linguagem infantil revelam quais são os limites etários das crianças em relação à sua linguagem, o que pode ser útil para a abordagem da primeira infância, tanto do ponto de vista de como os adultos se comunicam com as crianças, quanto do ponto de vista das expectativas e métodos da forma como esses adultos lidam com essas crianças: o que esperam (ou exigem, como no caso relatado) da linguagem da criança, o que esperam que a criança aprenda ou adquira, como agir diante da linguagem da criança e do comumente chamado de “falar errado”.

Nesse contexto, o estudo sobre as proparoxítonas pode revelar importantes informações. Por exemplo: quando uma criança evoca PINCE por PRÍNCIPE, ou MACA por MÁQUINA, ela está lançando mão de recursos e estratégias eminentemente infantis e que, assim como ABA para ÁGUA, também será superado com a maturidade linguística, o que não necessariamente ocorre com AVLE por ÁRVORE, em que a produção pode ser permanente. Nesse caso, há de se saber até que idade a criança produz AVLE, se em algum momento ela passa a produzir ARVRE, identificando se essa não é a forma oriunda de seu ambiente de escuta mais típico. As pesquisas atuais em Dialetologia e Sociolinguística (que abordarei no capítulo II) mostram que a redução de proparoxítonas está relacionada ao contexto fonológico dos vocábulos, havendo contextos mais propícios, como o de ÁRVORE, e menos propícios, como o de PRÍNCIPE e MÁQUINA. Identificar, por exemplo, um caso de

transtorno fonológico – caso clínico em que a criança se prolonga aplicando processos fonológicos depois dos 5 anos de idade –, tendo essa evocação como exemplo, amostragem ou modelo, vai exigir do profissional de saúde conhecer de qual ambiente sociolinguístico a criança é oriunda para que se saiba se essa – assim como outras, de outras naturezas fonológica – evocação é, de fato, um fenômeno aquisicional não superado ou o *input* que a criança sempre recebeu. O mesmo vale para os profissionais de educação, que terão uma informação capaz de orientar melhor uma prática pedagógica sem expectativas incólumes.

Por fim, para além dos impactos já mencionados, vislumbro também um impacto, esse mais direto, na própria Linguística, área em que se centra esses estudos. Este estudo acrescentará novas informações aos estudos em Aquisição da Linguagem e aos estudos sobre Fonética & Fonologia e sobre o Léxico da Língua Portuguesa. Estudos específicos sobre proparoxítonas no português são poucos na literatura, só havendo 3 (três) sobre aquisição da linguagem: Ferreira-Gonçalves (2010), Vargens (2012) e Vargens (2016), sendo que nenhum deles abordou o léxico. Diante de toda a discussão sobre o lugar – de exceção ou não – das proparoxítonas no português (ARAÚJO et al, 2007), esses estudos e esta tese já acrescentam dados sobre a aquisição da linguagem a essas discussões, acréscimo para se somar aos que já existem na perspectiva histórica, na perspectiva da frequência dessas palavras na língua e na perspectiva dialetológica e sociolinguística.

1.3 ESCOPO ESPECÍFICO DO ESTUDO

Este estudo centra-se na seguinte pergunta: há relação observável entre aquisição acentual padrão e aquisição lexical, no caso das proparoxítonas? Se sim, que pistas essa relação deixa ao pesquisador? A hipótese que levanto é que sim, há uma relação observável entre os dois níveis de aquisição, e que as pistas que elas deixam são:

- O crescimento percentual ao longo das faixas etárias, nos dois níveis, é proporcional.
- Há regularidade da diferença percentual de produções do acento e do léxico nas diferentes crianças.
- Há uma grande taxa de correspondência entre evocação espontânea e evocação acentual padrão em um mesmo vocábulo, assim como de evocação não espontânea e evocação não proparoxítona.

Se os três pontos acima não se demonstrarem na pesquisa, a hipótese de correlação léxico e acento na aquisição de proparoxítonas estará descartada. A verificação dessa hipótese prescinde dos seguintes passos:

- ✓ Delimitar as faixas etárias propícias à maior evocação espontânea de vocábulos proparoxítonos.
- ✓ Delimitar as diferenças de evocação espontânea entre as faixas etárias.
- ✓ Identificar regularidade ou não do percentual de evocações proparoxítonas e evocações espontâneas em uma mesma criança.
- ✓ Identificar a regularidade ou não da co-ocorrência de evocação proparoxítona padrão e evocação espontânea, no mesmo vocábulo alvo.
- ✓ Identificar uma tendência ontogênica proporcional ou não da aquisição do acento proparoxítono e da aquisição do léxico proparoxítono.

A pesquisa vincula-se ao Programa de estudos sobre a Aquisição e o Ensino do Português como Língua Materna (PROAEP), sediado no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, desde 1987, que vem produzindo estudos sobre a aquisição fonológica e lexical e a aprendizagem da escrita de crianças adquirindo o português brasileiro em condições típicas e atípicas (com desvio), bem como sobre a aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

II

REVISÃO DA LITERATURA

2.1 AS PROPÁROXÍTONAS: O QUE SÃO E COMO VÊM SENDO ESTUDADAS

A definição de propároxítonas está associada à diferenciação que se faz, em Linguística, entre segmento e suprasegmento. Ambos são objetos de estudo da Fonologia, parte da Linguística que dedica-se ao estudo concretização típica das línguas; nas línguas orais, essa concretização se dá por sonoridade, fonação. No contexto das línguas orais, o segmento é qualquer unidade sonora extraída de uma cadeia de fala. Essas unidades são produzidas no aparelho fonador com uma dada fonação, e são chamadas de fones em suas realizações concretas, físicas e fisiológicas, e de fonemas nas relações de oposição, variação ou combinação que constituem entre elas. Na cadeia de fala, essas unidades agrupam e são emitidas integradamente; quando dois ou mais delas se integram a um som nuclear, é forma-se/é emitida uma sílaba. Há, também, outros elementos sonoros para além dessas unidades, como o tempo de execução, a intensidade com que essas unidades são produzidas, a melodia que se forma a partir da sequência dessas unidades; temos, assim, o suprasegmento: elemento que pode tornar uma unidade sonora (ou uma sequência de várias delas) mais duradoura, intensa, ascendente ou descendente.

Aprosódia é a parte de uma língua onde se identificam os suprasegmentos. Nas palavras de Matsuoka (2006, p. 5): “[a prosódia é o] agrupamento e relativa proeminência dos elementos que compõem o sinal de fala”. Entonação, ritmo, intensidade e duração são exemplos de objetos de estudo dentro da prosódia de uma língua. A prosódia pode ser estudada em palavras e também em sentenças e enunciados. Quando se estuda a unidade lexical, os elementos de prosódia estudados são o tom, a duração e o acento. (Cf. CAVALIERE, 2005; SILVA, 2011; CRISTÓFARO-SILVA, 2014; BISOL, 2014)

Há línguas em que o tom e a duração são distintivos, o que não ocorrem no português. No português, o único elemento prosódico que distintivo é o **acento**, se primário. O que o acento faz é destacar uma sílaba – a depender da abordagem, pode-se dizer também que é a vogal da sílaba em questão –, deixando-a mais audível/observável que as demais.

Câmara Jr (1970, p. 53), define o acento como “uma maior força expiratória, ou intensidade de emissão, da vogal de uma sílaba em contraste com as demais vogais silábicas”. Já Cristófaros-Silva (2011, p. 45) define acento como “proeminência de uma vogal em relação às demais vogais do enunciado”. Tradicionalmente, essa definição não se restringe à vogal, mas à sílaba como um todo. Para Ladefoged (1993, p. 249), o acento é um traço suprasegmental dos enunciados, que se aplica não a vogais e consoantes individualmente, mas a sílabas inteiras; assim, “uma sílaba acentuada é pronunciada com uma quantidade maior de energia do que uma sílaba não acentuada”¹.

¹Trecho original: *A stressed syllable is pronounced with greater amount of energy than an unstressed syllable.*

Já Cavaliere (2005, p. 133), conceitua acento da seguinte maneira “[o acento é] a maior intensidade expiratória (que pode ser acompanhada de leve mudança de tom) que caracteriza a emissão de uma sílaba em face das que lhe são contíguas numa dada cadeia sonora”. Essas definições deixam evidente que o acento é sempre relativo, identificado pelo linguista ao comparar as sílabas de uma palavra ou de uma frase.

Existem acentos distintos em um vocábulo ou em uma frase, algo observado por Collischonn (2014) e Cristófar-Silva (2014), que diferenciam o acento primário do acento secundário. O acento primário é o que se destaca em um vocábulo; tomemos como exemplo o vocábulo MAÇÃ. A sílaba ÇÃ é mais proeminente do que a sílaba MA, por isso, ela é chamada de sílaba tônica. A vogal da sílaba tônica é chamada de vogal tônica. O acento secundário recai sobre uma outra sílaba, destacando-a frente a todas as demais, exceto a tônica. Este, é mais nítido em casos de derivação: em MAQUININHA, por exemplo, o acento primário está em NI, acento que é próprio do morfema – INHO; já o acento secundário, encontra-se em MA, sílaba em que o acento era primário no vocábulo original, MÁQUINA, e remanesceu na forma derivada.

Em português, o acento primário é o único elemento prosódico distintivo. Temos exemplos de distinção, exclusivamente pelo acento primário, em CONTEM (verbo CONTAR) e CONTÉM (verbo CONTER); SABIA (verbo SABER) e SABIÁ (substantivo); MÚSICA (substantivo) e MUSICA (verbo MUSICAR). Devido a essa característica distintiva, alguns autores, como Collischonn (2014), considerem o acento também como um fonema na língua.

O acento também pode ser um elemento promotor de variação; nesse caso, podem variar a localização do acento na palavra ou formato prosódico-lexical da palavra. Quanto à localização do acento, a variação é fruto do processo fonológico conhecido como hiperbibasmo; temos um clássico exemplo nas variantes MONÓLITO e MONOLITO (CAVALIERE, 2005); nesse caso, da primeira para a segunda variante, o acento se desloca de uma sílaba para a outra. Quanto ao formato prosódico-lexical, a variação se dá em casos como CÓCEGAS e COSCA (ARAÚJO et al, 2007), em que, da primeira para a segunda variante, o acento se mantém na mesma vogal, mas a quantidade de postônicas diminui por supressão de segmentos.

Os vocábulos em português recebem três classificações quanto à localização acento:

- **Oxítonas:** o acento recai na última sílaba. Exemplos: SOFÁ, ENTENDER, TALVEZ.
- **Paroxítonas:** o acento recai na penúltima sílaba. Exemplos: CORDA, ENTENDIA, PORTANTO.
- **Proparoxítonas:** o acento recai na antepenúltima sílaba, como mostrarei nos exemplos mais adiante.

Para além desses três tipos acentuais, é possível identificar, no português, a realização de um acento preproparoxítono, na pré-antepenúltima sílaba. Segundo Lee (2007), ele se deve “à estrutura silábica do português. Ele viola a restrição de janela trissilábica e implica na interação entre o acento e a estrutura silábica” (LEE, 2007 p. 122, nota de rodapé). Lee fornece exemplifica com os vocábulos *TÉCNICO* e *RÍTMICO*, que, foneticamente, se realizam como *TÉ[ki]NICO* e *RÍT[i]MICO*. Nesses casos, a presença de uma consoante oclusiva na margem final da sílaba, algo não previsto na fonotática do português brasileiro, impulsiona o aparecimento de uma vogal de ligação que ressilabifica a referida consoante, formando, assim, uma nova sílaba. Viaro e Guimarães-Filho (2007, p. 29) também identificam esse fenômeno e afirmam que “palavras como *rítmico* podem [...] ter acento tônico na pré-antepenúltima sílaba. Este caso, longe de ser excepcional, ocorre em 653 palavras [do Dicionário Houaiss].” Gomes (2012) exemplifica o acento preproparoxítono com formas ênclises que se adjuntam a conjugações verbais de natureza proparoxítona, como “falávamos-te” (GOMES, 2012, p. 28, nota de rodapé). O acento preproparoxítono não faz parte do padrão convencionalizado para a descrição da língua portuguesa, embora possa ocorrer na fala. É algo similar ao que ocorre com a variante *VRIDO*: não é convencionalizado na descrição do português o encontro consonantal *VR* em posição inicial absoluta, porque ele não é padrão, mas essa estrutura pode ser encontrada efetivamente na fala (TEIXEIRA, 2010). O acento preproparoxítono geralmente é ignorado na literatura, com algumas poucas exceções, como o próprio Lee (2007), Ferreira-Gonçalves (2010) e Gomes (2012).

Já o acento proparoxítono, objeto de estudo desta tese, mesmo sendo considerado como marcado, excepcional ou de baixa frequência – o que abordarei mais adiante –, faz parte da descrição do português e, como tal, pode ser encontrado em diversas configurações lexicais. A partir de um levantamento que fiz no Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (PRIBERAM, 2015) e no Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MICHAELIS, 2015) e do censo demográfico de nomes próprios brasileiros (IBGE, 2016), podemos identificar algumas classes de palavras com exemplos típicos de padrão proparoxítono, tais como:

- Formas verbais de Pretérito Imperfeito, conjugados em quarta pessoa, como *AMÁVAMOS*, *PERDÍAMOS*, *PARTÍAMOS*, no Modo Indicativo; ou *AMÁSSEMOS*, *PERDÊSSEMOS*, *PARTÍSSEMOS*, no Modo Subjuntivo.
- Formas superlativas formadas com os sufixos *–ÍSSIMO* e *–ÉRRIMO*, como *QUERIDÍSSIMO* e *PAUPÉRRIMO*.
- Adjetivos formados com o sufixo átono *–ICO*, como *BÍBLICO*, *CLÁSSICO*, *PRÁTICO*.
- Numerais ordinais formados com o sufixo *–ÉCIMO* (ou alomorfes), como *SÉTIMO*, *DÉCIMO*, *VIGÉSIMO*, *MILÉSIMO*.

- Ênclises construídas a partir de formas verbais originalmente paroxítonas, como SABE-SE, DISSERAM-LHE, ATENHO-ME, PERDENRAM-NO.
- Alguns dos antropônimos formados pelos sufixos –SON e –TON, como ÁLISSON e ÉVERTON.
- Topônimos formados com o sufixo –POLIS, como EUNÁPOLIS, PETRÓPOLIS, FLORIANÓPOLIS.
- Itens lexicais de origem latina, originalmente no diminutivo, como MATRÍCULA ou VENTRÍCULO.
- Antropônimos diversos como ÍCARO, JÉSSICA, PÂMELA, PÉRICLES.
- Adjetivos diversos como ÚMIDO, MÚLTIPLO, ÓTIMO, PÉSSIMO.
- Substantivos diversos como ÁRVORE, ESTÔMAGO, HIPOPÓTAMO, MÁQUINA, PARALELEPÍPEDO, TÁTICA, TÍMPANO, entre muitos outros.

Com isso, podemos dizer que as proparoxítonas estão bem distribuídas pela língua, estando presentes em constituições lexicais diversas. Ainda assim, minoritárias e pouco frequentes em vários estudos, como exponho logo a seguir.

2.1.1 ABORDAGENS LINGÜÍSTICAS DIVERSAS

Ainda são poucos os trabalhos destinados aos estudos das proparoxítonas no português. Nos últimos 20 (vinte) anos, houve um crescente interesse por esse tema nos estudos em Dialetoologia e Sociolinguística. Fora desse campo de estudos, os trabalhos são, ainda, muito incipientes e as proparoxítonas têm sido tratadas não tão detidamente, mas como um pequeno aspecto entre muitos outros na prosódia como um todo.

Isso se explica, talvez, pelo próprio interesse relativamente recente pelos estudos do acento e dos elementos fonológicos suprasegmentais. A tradição estruturalista deixou como herança um estudo em Fonética e Fonologia dedicado exclusivamente aos segmentos, de modo que apenas com o advento dos modelos fonológicos não lineares, o acento se tornou objeto de estudo com amplo interesse.

Contudo, o interesse pelos elementos de prosódia das línguas, como intensidade, entonação, duração, etc. vêm crescendo na academia, de maneira que já é possível depreender alguns trabalhos e alguns interessantes achados sobre as proparoxítonas, em diversas subáreas da linguística: trabalhos sobre a variação espacial, a variação genérica, e de diferentes classes sociais, trabalhos sobre teoria e análise linguística, sobre a história do português, sobre consciência fonológica, sobre aquisição da escrita, além da própria pesquisa que venho desenvolvendo sobre aquisição de língua materna. Exporei esses trabalhos e seus achados a partir de agora.

2.1.1.1 Teoria e Análise Linguística

A maioria das abordagens fonológicas dão às proparoxítonas um caráter de desvio no padrão acentual do português: a proparoxítona, segundo essas abordagens, é um formato acentual excepcional, enquanto o formato preferencial é o paroxítono. Essa visão está bem representada nas palavras de Collischonn (2014, p. 140): “Podemos considerar que o acento proparoxítono é marcado, no sentido de que é o menos usual. É um acento especial, contrário à tendência geral de acentuar a penúltima sílaba”.

Essa ideia de acento marcado expressa pela autora é oriunda dos modelos fonológicos não lineares e teve sua origem na Fonologia Gerativa. O elemento marcado é aquele que, na teorização da estrutura linguística, se apresenta como uma exceção à regra ou como uma raridade (SILVA, 2011). Esses modelos estipulam a existência de regras de localização do acento nos vocábulos, em que, no caso do português, a regra será acento primário na penúltima sílaba, ou na última, se nesta houver coda, ditongo ou nasalidade. Assim, os vocábulos em português serão oxítonos se terminarem em sílaba pesada ou paroxítonos se terminarem em sílaba leve. Qualquer acento primário que burle essa regra é denominado acento marcado. (LEE, 1994; FERREIRA-GONÇALVES, 2010). Um argumento comumente utilizado em favor de tal postulado é que ele geralmente encontra correspondência nas regras ortográficas:

- SOFÁ, ABARÁ, BEBÊ (oxítonas cuja sílaba final é leve)
- MÁRTIR, VÍRUS, FÁCIL (paroxítonas com sílaba final pesada)
- TÍTULO, PRÓSTATA, TENTÁCULO (proparoxítonas)

Nas análises dos autores que seguem esses modelos, além do acento marcado, a proparoxítona tem, também, uma sílaba extramétrica: uma sílaba não contemplada pela regra de acentuação. A extrametricalidade é o traço não analisável, invisível à aplicação da regra, de determinadas estruturas fonológicas, quando estas não são previstas na teoria. No caso das proparoxítonas, a regra não se aplica graças à dinâmica teórica de divisão em um binário de sílabas. As descrições desses modelos geralmente analisam as palavras por pés. Os pés (chamados pés métricos ou pés linguísticos) são fragmentos de palavras ou frases compostos por duas sílabas, sendo uma fraca e a outra forte; quando a primeira sílaba do pé é a mais forte, o pé é denominado troqueu. Quando a segunda sílaba é a mais forte, o pé é denominado iambo. Para os modelos não lineares, tudo que ultrapassa a distribuição por pés é impassível de análise; no caso das proparoxítonas, a última sílaba é o exemplo do que ultrapassa o pé, uma vez que a regra não prevê uma sílaba forte seguida de duas sílabas fracas; sendo esse o caso, as formas proparoxítonas são classificadas troqueus e a última sílaba é descartada das análises, recebendo, assim, a designação de

sílaba extramétrica. (Cf. BISOL, 2005, p.154-156; CAGLIARI, 2002, p.118-123). Nas palavras de Cristófar-Silva (2011, p. 106):

Em português, a maioria das palavras é paroxítona, formando um pé métrico do tipo forte-fraco (s w). Já as palavras proparoxítonas representam um problema para a análise métrica do português, por apresentarem uma sílaba forte seguida de duas sílabas fracas: (s w w). Contudo, se assumirmos que em palavras proparoxítonas a sílaba final é extramétrica, ou seja, invisível ao algoritmo de atribuição acentual, teremos uma sequência acentual do tipo (s w), que é equivalente para as palavras paroxítonas. Assim, numa palavra como *cálice*, a sílaba final *ce* é invisível à atribuição do acento, i.e., *ce* é extramétrica, e as sílabas (*cá li*) tem atribuição de acento como (s w) [...]

Uma abordagem muito comum sobre o caráter excepcional ou não das proparoxítonas foca na frequência de ocorrência desses vocábulos. Estudos que contabilizam essa frequência apontam as proparoxítonas como os itens lexicais menos frequentes. Cintra (1997 apud BAIA, 2008c), estudando textos literários, contabilizou 4% de vocábulos proparoxítonos – taxa superior apenas a preproparoxítonos e dissílabos átonos. Albano (2001 apud BAIA, 2008c) também chega a resultados similares ao estudar dicionários. Amaral (2002, p. 99) afirma que “das classes acentuais da língua portuguesa, as proparoxítonas constituem a menor e a mais especial. Na primeira edição do Dicionário Aurélio, entre 120.000 verbetes aproximadamente, apenas cerca de 8520 são proparoxítonas.”

Um outro estudo também de dicionário, dessa vez do Dicionário Houaiss, foi desenvolvido por Viaro e Guimarães-Filho (2007). Eles selecionaram um *corpus* de 150.875 (cento e cinquenta mil, oitocentos e setenta e cinco) palavras para contabilizar a quantidade de sílabas, a localização do acento e os tipos silábicos do conjunto de verbetes. Porém, os resultados mostraram as proparoxítonas compondo aproximadamente 12% do *corpus*, sendo mais numerosas na medida em que o número de sílabas aumenta; a partir de 5 (cinco) sílabas, o percentual de proparoxítonas ultrapassa 20% e passa a ser maior – a partir de 6 (seis) sílabas, significativamente maior – que o de oxítonas. Eles concluem que “a proparoxítona, caso tido como excepcional no português, muitas vezes não tem porcentagens tão desprezíveis como se pensa.” (VIARO e GUIMARÃES-FILHO, 2007, p. 29)

Um fenômeno frequente nas proparoxítonas que costuma ser evocado em favor do caráter desviante desse padrão acentual é a redução, apontado na literatura como algo que já havia no latim –alguns exemplos de vocábulos que eram proparoxítonos no latim e se tornaram paroxítonos no português são CALIDUM>CALDO, VIRIDEM>VERDE, DOMINUM>DONO, MASCULUM>MACHO (ARAÚJO et al, 2007) –, redução esta que se mantém até os dias atuais na linguagem popular. Collischonn (2014, p. 140) afirma que “uma evidência do caráter não nativo destas palavras é o fato de que há uma

tendência a regularizar o acento para a posição paroxítona, através do apagamento da penúltima sílaba.”

Contrariamente, Araújo et al. (2007) afirmam que as proparoxítonas não são excepcionais e pertencem ao sistema acentual do português tanto quanto as oxítonas e paroxítonas. Para os autores, a redução não torna as proparoxítonas do português excepcionais, já que ela só é realmente possível em vocábulos com estruturas silábicas flexíveis, em que há possibilidade de ressilabificação de uma consoante. Vocábulos como MÉDICO, BÊBADO, RÁPIDO, PÊNALTI ou ÉPOCA – que não são passíveis de formar um novo encontro consonantal – não reduzem e mantêm-se proparoxítonos; conforme os autores, alguns passam por um processo de síncope que acaba reconstituindo o formato proparoxítono, como BÊBADO > *BÊBDO > BÊBIDO. Além disso, o fenômeno inverso também ocorre: alguns vocábulos originalmente paroxítonos podem se tornar proparoxítonos, como é o caso de RIT[i]MO, ABRUP[i]TO, PA[ki]TO.

Quanto à frequência de ocorrência, Araújo et al (2007) investigam a frequência de palavras no Google, utilizando uma quantidade equilibrada de palavras entre quatro tipos prosódicos: oxítonas, paroxítonas, proparoxítonas e vocábulos monossilábicos. Segundo essa pesquisa, a frequência de ocorrência de proparoxítonas é, de fato, inferior, mas eles explicam isso com o fato de que a extensão da maior parte dos vocábulos não propicia o acento proparoxítono, visto que, para que haja um acento proparoxítono, a forma lexical deve ter mais de duas sílabas.

Araújo et al. (2007, p. 59) concluem que a desqualificação das proparoxítonas para o sistema acentual do português é um equívoco teórico e, portanto, “as análises deveriam considerá-las como parte do sistema”.

2.1.1.2 Linguística Histórica

Um constante argumento em prol da excepcionalidade das proparoxítonas no português remete à aparição delas durante a constituição histórica do português. Segundo alguns autores, os vocábulos proparoxítonos entraram no português tardiamente, após a Renascença, por eruditismo. Segundo Castro (2008, p.114), por exemplo, “[...] o processo de redução de proparoxítonas verificado na história do português [...] continua, todavia, ativo na nossa linguagem popular, agindo sobre as proparoxítonas que entraram tardiamente em nosso léxico.” Collischonn (2014) também se vale dessa perspectiva histórica:

O grupo das proparoxítonas é o menor em português. Este grupo é constituído principalmente por empréstimos do latim e do grego, os quais entraram na língua a partir da Renascença, com o ressurgimento do interesse, por parte dos escritores, artistas e estudiosos em geral pelo período clássico. (COLLISCHONN, 2014, p. 143)

No entanto, só alguns poucos trabalhos se desenvolveram a esse respeito, destacadamente o de Massini-Cagliari (2014), ancorado no gerativismo e na fonologia métrica. Massini-Cagliari estuda a o acento lexical em língua portuguesa em três momentos históricos: o do latim (clássico e vulgar), o do português arcaico e o do português contemporâneo (brasileiro e europeu). A esse respeito, ela afirma que

[...] deve ter ocorrido uma importante de origem rítmica, na passagem do latim clássico ao Português Arcaico e, deste, ao atual, que afetou a regra de atribuição de acento às palavras, gerando ora só paroxítonas e proparoxítonas, depois só oxítonas e paroxítonas e, posteriormente, os três tipos. (MASSINI-CAGLIARI, 2014, p. 557)

Segundo Massini-Cagliari, o galego-português já apresentava um quadro de paroxítonas e oxítonas, "encontrados geralmente em textos em prosa, restringiam-se principalmente a empréstimos e termos técnicos" (MASSINI-CAGLIARI, 2014, p. 556)

Em consonância, Quendau (2014) afirma que as línguas tendem à simplificação, muitas vezes gerando uma complexificação em outro nível. Segundo Quendau (2014), os padrões de acento se alteraram do latim ao português da seguinte forma:

latim clássico (paroxítonas e proparoxítonas) > *latim vulgar* (paroxítonas) > *português arcaico* (oxítonas e paroxítonas) > *português moderno* (oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas)

Quendau defende que essa passagem é produto de uma simplificação natural das línguas, mas que se complexifica na medida em que o acento proparoxítono retorna à língua como um acento marcado.

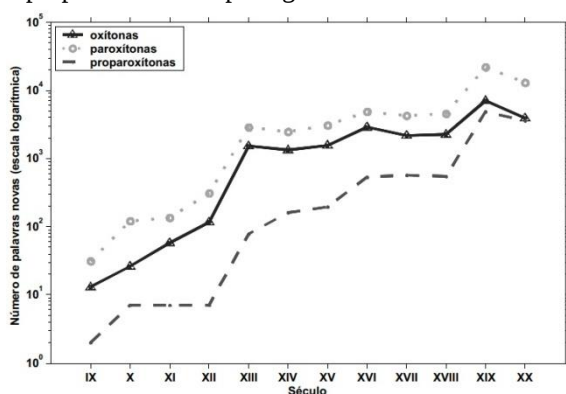
Contrariamente, Araújo et al. (2007) alegam que não há evidências de que as proparoxítonas tenham surgido depois das paroxítonas e oxítonas no português. Segundo os autores:

Se a hipótese da entrada na língua no século XVI justifica a excepcionalidade das proparoxítonas (posteriores às mudanças fonológicas que alteram a posição do acento na palavra), dois fatos estatísticos são esperados: primeiro, a data média da primeira documentação na língua para palavras proparoxítonas deverá ser maior do que para palavras não-proparoxítonas; e, em segundo lugar, a distribuição empírica das palavras com acento na antepenúltima deverá apresentar uma transição evidente ou um pico no século XVI, que corresponde à data da suposta introdução da maioria dessas palavras. (ARAÚJO et. al., 2007, p. 51)

A fim de verificar o postulado na citação acima, Araújo et al (2009) estudaram verbetes presentes no Dicionário Houaiss, com entrada na língua nos séculos IX a XX. Os resultados foram expostos em três gráficos, que reproduzo abaixo:

Gráfico 1

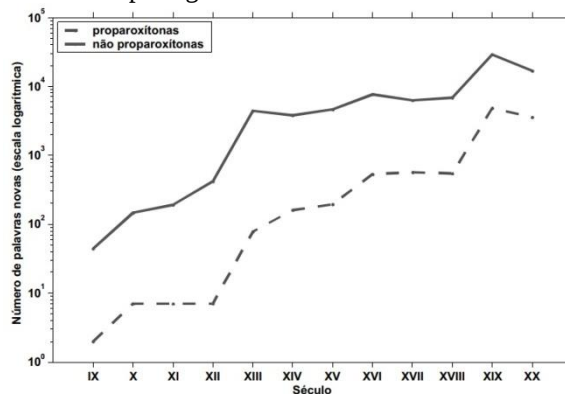
Entrada de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas no português do século IX ao XX



Fonte: Araújo et al. (2007, p. 52)

Gráfico 2

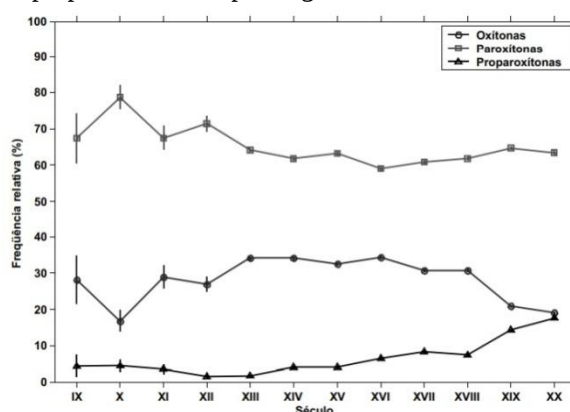
Entrada de proparoxítonas e não proparoxítonas no português do século IX ao XX



Fonte: Araújo et al. (2007, p. 52)

Gráfico 3

Frequência relativa de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas no português do século IX ao XX



Fonte: Araújo et al. (2007, p. 53)

Os gráficos mostram que, embora com uma taxa menor que as paroxítonas –, a tendência de crescimento das proparoxítonas é similar à das não proparoxítonas, com desenhos e contornos parecido nos gráficos 1 e 2. No Gráfico 3, a frequência de proparoxítonas começa a se aproximar à de oxítonas a partir do século XVI e ambas já se equiparam no século XX. Com esses gráficos, Araújo et al. (2007) constataram que proparoxítonas, paroxítonas e oxítonas entraram de forma regular em todos os séculos; além disso, a entrada de proparoxítonas foi crescente ao longo desses séculos.

2.1.1.3 Dialetolegia e Sociolinguística

Embora não seja propriamente um sociolinguista, o primeiro teórico a mencionar as proparoxítonas por uma perspectiva sociolinguística é Câmara Jr. (1979, p. 65), segundo o qual “[...] a língua padrão do Brasil se diferencia da língua popular pela manutenção dos proparoxítonos,

que esta tende a reduzir a paroxítonos pela supressão de um segmento postônico [...]”. Embora Câmara Jr. (1979) não tenha desenvolvido nenhuma pesquisa de campo que validasse essa afirmação, a redução de proparoxítonas nas normas populares é um consenso entre muitos teóricos e pode ser confirmada em pesquisas posteriores, que se desenvolveram ao longo do século XXI. Em consonância, Castro (2008, p. 114), afirma que

o processo de redução de proparoxítonas verificado na história do português (e que foi a deriva natural da língua) continua, todavia, ativo na nossa linguagem popular, agindo sobre as proparoxítonas que entraram tardiamente em nosso léxico, como atestam diversos autores que se dedicaram ao estudo de variedades regionais do português popular

Couto (2006, p.86) acrescenta que há realizações reduzidas de proparoxítonas em algumas variedades rurais que reforçam a excepcionalidade – repugnância, em suas palavras –, como TÉ[n]CO e TE[nk] (TÉCNICO), HELICÓP[Ø] (HELICÓPTERO) e ANÁ[ps] (ANÁPOLIS). Segundo ele:

De modo aparentemente surpreendente, essas formas apresentam padrões silábicos mais complexos do que a forma não alterada, uma vez que contêm na coda consoantes oclusivas, e até grupos consonantais. Ao que tudo indica, a língua popular assumiu esse ônus a fim de evitar proparoxítonas.

Para confirmar esses postulados, ao longo dos últimos dezoito anos, houve um aumento crescente dos trabalhos em Dialectologia e Sociolinguística sobre a vogal postônica não final – vogal típica das proparoxítonas. Esses trabalhos confirmam a redução de proparoxítonas como uma marca do português popular, tanto nas áreas urbanas, como nas áreas rurais. Abaixo, um quadro que demonstra estudos específicos sobre as proparoxítonas em diferentes localidades do Brasil:

Tabela 1

Quadro de trabalhos dialetológicos e sociolinguísticos sobre proparoxítonas

Trabalho	Localidade estudada
Aragão (2000)	Fortaleza (CE)
Amaral (2001; 2002)	São José do Norte (RS)
Silva (2006)	Sapé (PB)
Castro (2008)	PR (Atlas Linguístico)
Lima (2008)	Rio Verde e Santa Helena (GO)
França (2009)	Jauru (RO)
Silva Filho (2010)	Jaboatão (PE)
Carvalho (2010)	Dourados (MS)
Guimarães e Araújo (2012)	PB (Atlas Linguístico)
Santana e Bezerra (2013)	MA (Atlas Linguístico)
Araújo e Almeida (2014)	PB (Atlas Linguístico)
Araújo e Lopes (2014)	PA (Atlas Linguístico)
Araújo, Almeida e Santos (2014)	BA (Atlas Linguístico)
Brito et al. (2014)	Amargosa (BA)
Chaves (2015)	PR, RS, SC

Conforme constam nesses trabalhos, a produção padrão das proparoxítonas é inversamente proporcional ao grau de escolaridade do falante: quanto menos escolarizado é o falante, maior sua tendência a reduzir proparoxítonas, tornando-as paroxítonas. Outros dois fatores analisados foram a idade e o sexo/gênero. Quanto ao primeiro mencionado, observou-se que a tendência para a redução aumenta na medida em que o falante estudado é mais velho. Quanto ao segundo, observou-se que a tendência para a redução é maior entre homens do que entre mulheres. O fator sexo/gênero, no entanto, teve, segundo esses estudos, pouca influência; o fato idade influenciou um pouco mais, mas o fator preponderante foi, efetivamente, a escolaridade do falante.

A explicação não se esgota nos fatores sociais. O contexto fonológico, nesses trabalhos, também é considerado o contexto fonológico precedente (ou seja, a consoante que precede a vogal postônica não final) e o contexto fonológico seguinte (ou seja, a consoante que sucede a vogal postônica não-final). Sobre o primeiro fator, constatou-se que as consoantes oclusivas ou fricativas labiodentais antes da vogal postônica não-final facilitam a redução. Quanto ao segundo fato, constatou-se que as consoantes líquidas o fazem. Amaral (2002), ademais desses dois fatores, considera um fator facilitador a possibilidade de ressilabificação de /s/ em posição inicial interna, em palavras como *CÓCCEGAS*, que pode ser produzida como *COṢCA*. Nesses casos, para o autor, a fricativa no contexto fonológico precedente e a oclusiva no contexto fonológico seguinte também são consideradas.

Esses trabalhos abordem os contextos fonológicos precedente e seguinte de maneira isolada, sem considerar a confluência de ambos; em geral, a análise apenas cataloga as consoantes encontradas em cada um desses fatores. Mas, em uma análise mais minuciosa, podemos observar que essas posições (precedente ou sucedente) não atuam isoladamente, mas sempre em conjunto. Em outras palavras, a redução de proparoxítonas a paroxítonas na fala adulta não é mais frequente ou menos frequente se temos apenas oclusivas e labiodentais na cabeça da postônica não final, ou apenas a líquida na cabeça da postônica final; assim é que em vocábulos como *MÁQUINA*, por exemplo, a redução não é produtiva, ainda que seja uma palavra com uma consoante oclusiva no contexto precedente. O contexto fonológico, aqui, é a natureza das consoantes precedente e sucedente, ambas juntas, quando há possibilidade de formarem um encontro consonantal previsto na fonotática do português, como em *ÁRVORE* > *ARVRE*.

Além desses trabalhos sobre redução do vocábulo, síncope da vogal postônica não final, há ainda o trabalho de Ribeiro (2007), segundo o qual a posição postônica não final propicia o alteamento da vogal nas camadas populares. Ribeiro (2007) estudou o português popular de Belo Horizonte e concluiu que a posição postônica não final propicia a evocação *CÓRR[i]GO*, *BRÓC[u]LIS* ou *FÔL[i]GO*.

A respeito das proparoxítonas em outros espaços lusófonos, o único trabalho disponível é o de Gomes (2012). Gomes desenvolveu uma pesquisa de campo para análise variacionista e acústica, formatando, posteriormente, mapas linguísticos a respeito da produção de proparoxítonas no português europeu e no português brasileiro. Seus achados mostram que a síncope da vogal postônica é mais frequente em Portugal do que no Brasil, o que, segundo a autora, se justifica pelo fato de o português europeu ter um caráter fonologicamente mais inovador que o brasileiro, este tendo um padrão de variação relativamente não mutável. O achado mais interessante de Gomes (2012) é que, distintamente dos trabalhos mencionados anteriormente, a síncope não se mostrou, em Portugal, uma marca exclusivamente das normas populares, mas algo recorrente também na fala de falantes escolarizados.

2.1.1.4 Psicolinguística

Quanto ao tema das proparoxítonas, na Psicolinguística também há ainda poucos e incipientes trabalhos a respeito. Dos poucos trabalhos que existem, a maioria versa sobre o acento, de forma geral, mas de onde já se pode extrair algo sobre as proparoxítonas. A respeito do acento de palavras, existem alguns trabalhos sobre consciência fonológica, sobre aquisição da escrita e alguns poucos sobre aquisição de língua materna – sobre o que tratarei mais detidamente adiante.

Sobre a compreensão, Consoni (2006) desenvolveu uma pesquisa buscando identificar o acento de palavra como um recurso para que itens lexicais sejam reconhecidos pelos falantes da língua. Consoni parte do pressuposto de que a língua possui um amplo leque de recursos que promovem a compreensão, de modo que quando um deles falha, outros compensam. Sob a hipótese de que o acento de palavra é um desses recursos, ela investigou o reconhecimento de vocábulos por falantes do português com escolaridade superior, e com idades de 20 (vinte) a 40 (quarenta) anos, moradores de São Paulo. Os vocábulos, a maioria trissílabos e alguns poucos tetrassílabos, foram inseridos em uma frase e com sua última sílaba omitida (no caso de trissílabos) ou as duas últimas (no caso de tetrassílabos). Como resultado, o reconhecimento do vocábulo foi percentualmente maior quando o acento não é omitido no áudio.

Nos dados de Consoni (2006), as proparoxítonas se destacaram, obtendo uma taxa percentual média de reconhecimento de 92,4%; maior que as paroxítonas, que obtiveram percentual médio de 75,9% entre os trissílabos (ou seja, os que foram ouvidos com a sílaba tônica, conforme a metodologia); já em relação às oxítonas, como tiveram sempre a sílaba tônica omitida, não há como promover essa comparação. Os vocábulos proparoxítonos presentes no *corpus* de Consoni (2006) foram AFÔNICO, ÁFONO, ÁRABE, ARÁBICO, ÁTOMO, CÁBULO, CÔMPUTO, DÍVIDA, ÊXITO, FÁBRICA, HÁBITO, ÍNDICO, ÍNTIMO, JÚBILO, LÍQUIDA, MÁQUINA, MÁSCARA, PÁGINA, PÁTINA, PRÁTICA, SÚPLICA,

TRÁFICO e VÁLIDO. A maioria desses vocábulos obteve percentual de reconhecimento acima de 90% sendo que ficaram abaixo apenas ARÁBICO, com 88%, SÚPLICA, com 75% e LÍQUIDA, com 71%. Segundo a autora, esse destaque ocorreu porque quando o vocábulo "não é previsível, paroxítono, ele deve apresentar marcas mais robustas. Em uma situação de fala em que o ouvinte não perceba essas marcas na cadeia da fala, tenderá sempre ao julgamento em favorecimento do padrão não-marcado" (CONSONI, 2006, p. 45)

Sobre as proparoxítonas na consciência fonológica, temos alguns dados a respeito do português europeu, a partir de pesquisas desenvolvidas na Universidade de Lisboa; nessas pesquisas, em geral sobre sílabas, estruturas silábicas e fonológico-lexicais, o acento tem sido abordado como uma variável que influencia no desenvolvimento da consciência desses constituintes fonológicos, especialmente no que se refere à segmentação das sílabas. A esse respeito, Vigário e Falé (1993 apud ANTUNES, 2013) e Duarte (2000 apud ANTUNES, 2013) afirmam que o acento proparoxítono influencia para um menor reconhecimento da segmentação silábica, se comparado às trissílabas paroxítonas.

Na mesma linha, Afonso (2015) estuda a segmentação dos constituintes fonológicos em tarefas de consciência fonológica para crianças de pré-escola e do 1º ao 4º ano do Ensino Básico, em Portugal. Ela estuda a consciência da sílaba, dos constituintes silábicos, dos segmentos e da palavra. O acento, nesse trabalho, foi uma variável para os possíveis diferentes resultados, critério para a seleção linguística. A respeito das proparoxítonas, Afonso (2015, p. 119) atenta para o seguinte:

Nos estudos realizados no âmbito da consciência fonológica, foi já descrito para o português europeu que as palavras paroxítonas são mais fáceis de segmentar do que as palavras proparoxítonas; no entanto, ainda são poucos os estudos que testam esta variável linguística.

Mas, em desacordo com as postulações que a precederam, no seu estudo, Afonso (2015) observou que os sujeitos envolvidos não demonstraram dificuldades significativas de segmentação silábica em palavras trissílabas; nesse contexto, as proparoxítonas mostraram-se ligeiramente mais complexas, com diferenças de, em média, 5% nas crianças da pré-escola, 8% nas do 1º ano e 1% nas demais.

Vicente (2009) chegou aos mesmos achados ao estudar a aquisição do português como segunda língua no contexto escolar de Moçambique. Ele estudou 10 (dez) palavras trissílabas, sendo 5 (cinco) paroxítonas e 5 (cinco) proparoxítonas, através também de tarefas de consciência fonológica. Nesse caso, as proparoxítonas obtiveram uma taxa ainda maior de erros de segmentação silábica, com diferença de 48% em relação às paroxítonas.

Sobre aquisição da leitura e da escrita, a discussão gira em torno da influência da posição do acento para os processos fonológicos da linguagem escrita. A discussão sobre as proparoxítonas, nesse caso, retoma questões como a frequência de uso, quantidade de palavras e excepcionalidade. As conclusões são norteadas pela seguinte questão: o caráter minoritário do acento proparoxítono em português influencia no processamento padrão da leitura e da escrita dessas palavras? Destaco, aqui, os trabalhos de Ney (2012) e Moreira (2017).

Ney (2012) estudou a aquisição da acentuação gráfica a partir de textos espontâneos de crianças em séries iniciais, com a discussão de que relação a acentuação gráfica estabelece com o conhecimento que a criança tem da prosódia da língua. Nos dados analisados por Ney (2012), monossílabos tônicos e oxítonas foram mais propensos ao uso correto do acento gráfico, enquanto as proparoxítonas foram mais propensas ao erro de escrita, destacadamente omissão, com 72% de erros. Para Ney (2012, p. 73), esse resultado se explica pelo caráter excepcional das proparoxítonas no português. Em suas palavras:

Esse dado chama a atenção pelo fato de que, do ponto de vista da ortografia, o esperado seria o contrário, tendo em vista que as palavras proparoxítonas são *todas* acentuadas graficamente, o que poderia caracterizar uma regra ortográfica de fácil aprendizagem e utilização pelas crianças. Todavia, do ponto de vista da fonologia, é possível interpretar esses erros como estando relacionados à presença do acento antepenúltimo, o qual, como apontado por diversos autores, é considerado excepcional no português.

Já em relação à aquisição da leitura, Moreira (2017) chega a estatísticas diferentes. Moreira (2017) desenvolveu sua pesquisa em escolas públicas localizadas no município de Salvador, Bahia; a coleta se baseou em sessões de leitura, com o objetivo de identificar e descrever o papel da sílaba na aquisição e processamento da leitura. A respeito da influência da posição do acento, a taxa de erros na leitura do acento foi menor entre as paroxítonas e maior entre as oxítonas. As diferenças giraram, em média, em 5%, na seguinte ordem: paroxítonas, proparoxítonas, oxítonas. Ela oferece como hipótese de explicação a presença do acento gráfico como estratégia de leitura e o fato de que, sendo menos frequentes, as proparoxítonas se apresentam como principais candidatos lexicais a partir da primeira sílaba – a pesquisa não contou com proparoxítonas polissílabas. Moreira (2017, p. 153) conclui que “a presença do acento gráfico exerceu um papel de variável interveniente nos resultados” e que “a frequência de ocorrência de um padrão silábico numa dada língua pode ser uma variável, mas não suficiente, para estabelecer uma correlação positiva com a aquisição da leitura”.

Quanto à aquisição de língua materna, por ser o tema central desta tese, será abordada em uma subseção específica, logo a seguir.

2.1.1.4.1 Aquisição de língua materna

Goodluck (1992, p. 31) questiona sobre como as crianças se saem aprendendo o sistema acentual de suas línguas. Ela mesma responde a esse questionamento, da seguinte maneira:

É notável que, mesmo numa língua como o inglês, com um sistema acentual complexo, as crianças não parecem incorrer em erros de acento na fala espontânea. Muitos estudos defendem a ideia de que os sistemas acentuais são facilmente dominados.²

Para Goodluck (1992), o mais provável é que as alterações nos formatos acentuais que ocorrem durante aquisição da linguagem pela criança esteja mais relacionadas a estruturas silábicas do que ao acento em si. Essa postulação é corroborada em trabalhos sobre aquisição do acento em português, como se segue adiante.

O desenvolvimento das pesquisas em aquisição acentual deve muito da base teórica aos modelos fonológicos não lineares; emergiram com o trabalho de Allen e Hawking (1978 apud VIHMAN, 1996), que levantaram a hipótese de que o formato prosódico natural das crianças é o troqueu (dissílabo paroxítono) e, com isso, desencadearam diversas pesquisas a esse respeito. Antes desses modelos, o estudo sobre a aquisição fonológica foi tradicionalmente farto em tentar explicar a estrutura segmental, como nas teorias estruturalista, molde/conteúdo ou auto-organizacional, e, mais recentemente nos modelos biológicos e cognitivos. (TEIXEIRA, 2012). O estudo do acento, no entanto, foi deixado à margem pelos modelos tradicionais, e só veio à tona a partir dos modelos gerativistas e pós-gerativistas.

Mas, para alguns autores, ainda há muitos desafios nesse campo de estudo. Segundo Vihman (1996, p. 199):

Uma dificuldade específica dos estudos sobre a aquisição do acento pelas crianças é a interação entre a variabilidade de produção da criança e a falta de controle sobre os vários parâmetros fonéticos que se combinam para fornecer a percepção da ‘sílabas tônica’ de um lado, e, de outro, a relativa confiabilidade do pesquisador em tentar transcrever o acento na fala infantil³

Em relação à compreensão lexical de proparoxítonas por crianças em fase de aquisição, não há trabalhos a respeito. Há, no entanto, um conjunto de dados relativamente observáveis coletados e disponibilizados em Silva (2003), que, embora sejam ainda poucos, podem figurar para uma análise

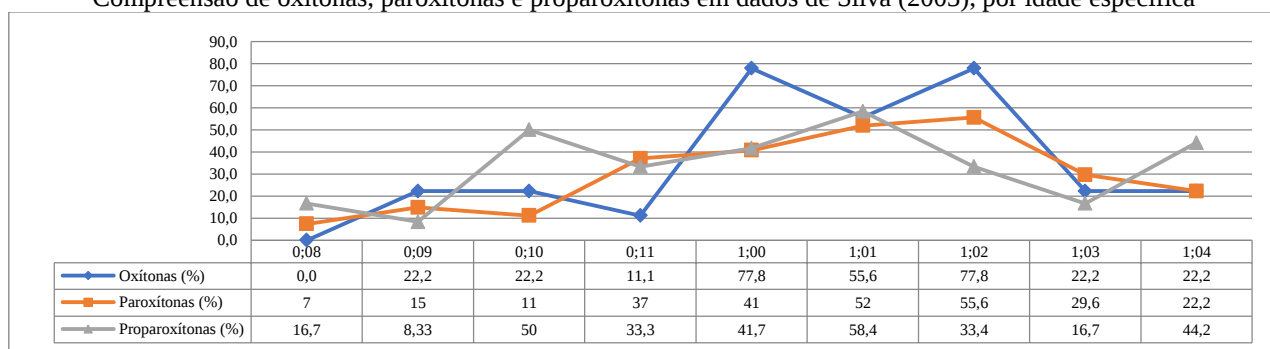
²Trechooriginal: *It is notable that even in a language such as English, which has a complex stress system, children do not seem to make many errors in stress in their spontaneous speech. Several studies support the idea that stress systems are quite easily mastered.*

³Trechooriginal: *One of the specific difficulties associated with the study of children's acquisition of stress is the interaction between child variability and lack of control over the several phonetic parameters which combine to give the percept "stressed syllable", one the one hand, and the relative (um)reliability of investigator attempts to transcribe the stress in child words, on the other.*

inicial e se extrair alguns indícios sobre a compreensão de proparoxítonas em idade tenra. Silva (2003) obteve dados de relatos parentais a partir da aplicação do CDI McArthur Bates com crianças de 0;08 (oito meses) a 1;04 (um ano e quatro) meses, havendo um total de 3 (três) crianças em cada mês de idade. O objetivo foi fazer um estudo piloto da maior ou menor incidência de determinadas categorias semânticas nas idades específicas. Como não foi o seu tema de estudo, houve pouca variabilidade de padrões acentuais; ainda assim, compuseram o *corpus* 4 (quatro) proparoxítonas que podem ser comparadas com oxítonas e paroxítonas dos mesmos campos semânticos e com o mesmo número de sílabas. Fazendo essa comparação, temos o seguinte:

Gráfico 4

Compreensão de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas em dados de Silva (2003), por idade específica



Dentro do referido recorte, as oxítonas que compuseram o *corpus* foram AVIÃO, CAMINHÃO e COBERTOR; as paroxítonas foram BALANÇO, DINHEIRO, ESCOLA, ESTRELA, PISCINA, RETRATO, TESOURA, TOALHA e VASSOURA; as proparoxítonas foram ÁRVORE, ÓCULO, ÔNIBUS e XÍCARA. Ressalte-se que esses vocábulos foram relatados apenas como compreensão, ou seja, a criança entende, mas não fala essas palavras ainda.

Como se vê no gráfico, as taxas de um mês para o outro são muito oscilantes, oscilando também qual padrão acentual é majoritário ou minoritário; é notável, no entanto, que as diferenças entre os padrões são pouco significativas, havendo apenas 3 (três) grandes picos de diferenciação: aos 0;10 (dez meses), em que as proparoxítonas alcançam taxa de 50% de compreensão, e ao 1;00 (um ano) e aos 1;02 (um ano e dois meses), em que as oxítonas alcançam taxa de 77,8% de compreensão.

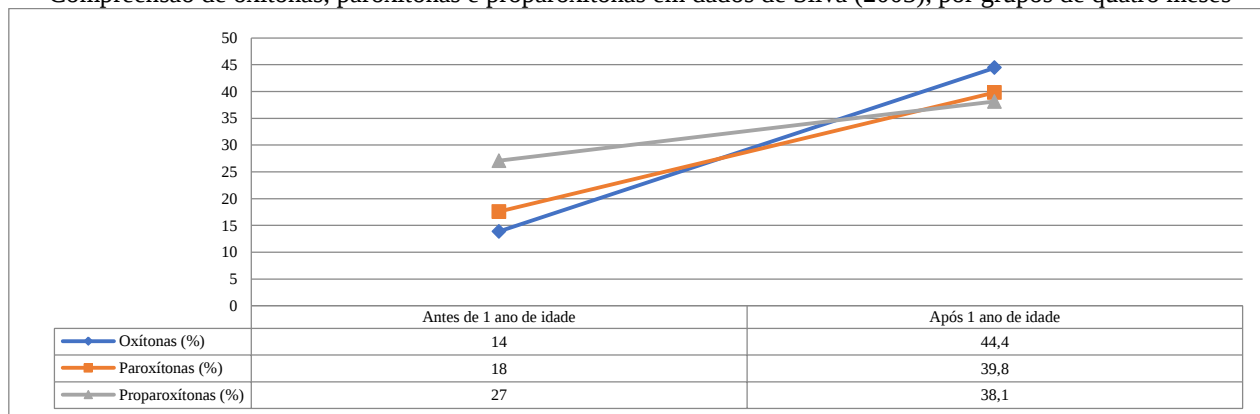
Mas é possível, também, dividir essas idades em grupos etários. Dividindo em antes e depois de 1 (um) ano de idade, temos 2 (dois) grupos etários consecutivos:

- a) De 0;08 (oito meses) a 0;11 (onze meses)
- b) De 1;01 (um ano e um mês) a 1;04 (um ano e quatro meses)

Fazendo esse agrupamento, temos o seguinte:

Gráfico 5

Compreensão de oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas em dados de Silva (2003), por grupos de quatro meses



Analisando este gráfico, observa-se um crescimento percentual da taxa de compreensão nos três tipos acentuais. As oxítonas obtiveram o crescimento mais exponencial, passando de minoritárias a majoritárias. As proparoxítonas, pelo contrário, passaram de majoritárias a minoritárias. Destaque-se que, no primeiro grupo, a distância entre os três tipos é maior, e, no segundo grupo, a distância é bem menor. Esses dados apontam para um indício de que, havendo o mesmo número de sílaba e dentro dos mesmos contextos semânticos, as proparoxítonas se equilibram com as oxítonas e paroxítonas quanto à compreensão por crianças muito novas; obviamente, esse é apenas o primeiro indício, que deverá ser investigado mais a fundo para que se possa afirmar isso, de fato.

Quanto à produção, o primeiro trabalho que abordou os padrões acentuais na aquisição do português brasileiro foi o de Rapp (1994). Seu trabalho se deu com as seguintes características:

- Natureza metodológica: transversal, fala espontânea controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)
- Número de sujeitos estudados: 8 (oito)
- Idade dos sujeitos estudados: 1;06 a 2;00 (anos;meses)
- Fonte dos dados: obtidos diretamente pela pesquisadora em Salvador, Bahia, Brasil

Rapp (1994) inseriu novos dados com novas perspectivas para a Fonologia Natural (ver seção 2.2) , e inseriu, pela primeira vez, a diferença entre a coalescência intersilábica e a coalescência intrasilábica. No trabalho de Rapp (1994), dos vocábulos alvo, 54,7% das realizações foram dissílabas, e 54,7% das realizações foram paroxítonas, constatando, assim:

o padrão prosódico-lexical preferencial, na faixa etária investigada, é o dissilábico paroxítono, impulsionando, desta forma, nesta direção, as simplificações de ordem prosódico-lexical encontradas nos enunciados infantis investigados, ainda que para isto seja necessária a complexificação da estrutura silábica [...] (RAPP, 1994, p. 162)

Em seguida, veio o estudo de Santos (2001), este, especificamente sobre a aquisição do acento primário no português, com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros e na Fonologia Não-Linear, no contexto do Gerativismo e Pós-Gerativismo (ver seção 2.2). Seu trabalho se deu com as seguintes características:

- Natureza metodológica: longitudinal, fala espontânea não-controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)
- Número de sujeitos estudados: 2 (dois)
- Idade dos sujeitos estudados: 0;11 a 3;00 (anos;meses) e 1;02 a 3;04 (anos;meses)
- Fonte dos dados: banco de dados do projeto de pesquisa

Segundo Santos (2001, p. 273), os dados confirmam que quase não existem casos em que o acento se desloca para outra sílaba. Ela também conclui que o peso das sílabas não interfere nos processos de formato acentual e que regras da formação de padrões acentuais no português – sensibilidade ao peso silábico, borda à esquerda, constituintes binários, influência morfológica para os verbos – se aplicam cedo às crianças estudadas – a menor idade encontrada pela autora para aplicação dessas regras foi 1;4 (um ano e quatro meses).

Bonilha (2005) lança mão da proposição teórica denominada Teoria da Otimidade Conexionista. Ela assume que a entrada fonológica (input) aciona conexões neuronais e que essas conexões são formalizadas por meio de restrições. Através dessa proposição, Bonilha (2005) estuda a aquisição de vogais, consoantes, sílabas e do acento por uma criança específica, denominada G. Em relação ao acento, na análise da autora, os dados da criança confirmam o seguinte:

- O acento não marcado (ver subseção 2.1.1 deste capítulo) surge primeiro e é menos vulnerável a processos fonológicos
- Processos fonológicos no acento são típicos da natureza de acento marcado.
- Iambos e troqueus são as primeiras formas e surgem cedo na linguagem infantil.

Segundo Bonilha (2005, p. 365), “a análise dos dados de G. parece confirmar a não marcação das paroxítonas e oxítonas com sílaba final leve, e das oxítonas com sílaba final pesada. Já as proparoxítonas e paroxítonas pesadas são consideradas marcadas.”.

Baia (2008a; 2008b; 2008c) com base na Teoria dos Princípios e Parâmetros, contexto do Gerativismo e Pós-Gerativismo (ver seção 2.2 deste capítulo), desenvolveu seus estudos em busca de um padrão universal de formato prosódico binário (iambo ou troqueu). Segundo a autora, na literatura sobre a prosódia inicial nas línguas germânicas e no português europeu há uma tendência ao troqueu que pode levar ao engano, pois os pesquisadores podem deduzir que a paroxítona é o padrão prosódico preferencial também na aquisição do português brasileiro. Segundo ela, as pesquisas não apontam essa tendência e

Ademais, curiosamente, o PB [português brasileiro] além de apresentar resultados que não vão bem ao encontro dos estudos realizados em outras línguas, apresenta uma discrepância interna nos estudos que adota diferentes metodologias: enquanto o experimental afirma uma tendência prosódica, o observacional defende outra. (BAIA, 2008b, p.8)

Para a autora, a tendência ao dissílabo paroxítono demonstrada no estudo de Rapp (1994) se deve ao fato de que não haviam sido considerados verbos e o que chama de vocábulos do léxico particular – produções da criança que a autora interpreta como itens lexicais criados pela criança para nomear algo – e, também, por não haver um equilíbrio entre os vocábulos de formatos prosódicos diferentes, ou seja, o número de dissílabos paroxítonos foi maior porque havia um número maior de vocábulos com esse padrão.

Baia (2008a; 2008b) testou 3 (três) hipóteses em relação à tendência para o dissílabo paroxítono: exclusão do léxico particular, exclusão de verbos e método transversal e experimental de estudo. Em 2008a, considerando exclusivamente uma única coleta realizada, ela conclui que “os resultados não apontam uma tendência ou existência de um modelo prosódico default” (BAIA, 2008a, p.34). Em 2008b (p. 24), considerando outras duas coletas, ela conclui que “os iambos diminuem se o léxico particular e os verbos forem excluídos dos dados” e que “há uma tendência geral para um formato iâmbico inicial, que não é forte”

Posteriormente, Baia (2008c) levantou a hipótese de que a escolha por um modelo de estudo pode determinar a tendência dos dados: enquanto os estudos experimentais resultarão em uma tendência trocaica, estudos naturalísticos resultarão em uma tendência iâmbica. Para investigar sua hipótese sobre a influência do método, a autora faz uma análise comparativa entre dados extraídos de naturezas metodológicas diferentes (DEX e DES, conforme descreveu a própria autora):

I. DEX

- Natureza metodológica: transversal, fala espontânea controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)
- Número de sujeitos estudados: 42 (quarenta e dois)
- Idade dos sujeitos estudados: 1;05 a 3;00 (anos;meses)
- Fonte dos dados: obtidos diretamente pela pesquisadora

I. DES

- Natureza metodológica: longitudinal, fala espontânea não-controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)
- Número de sujeitos estudados: 1 (um)
- Idade do sujeito estudados: 1;05 a 3;00 (anos;meses)
- Fonte dos dados: banco de dados de um projeto de pesquisa anterior

Ela conclui que a metodologia exerce influência nos resultados de uma pesquisa sobre o formato prosódico infantil inicial, e sugere que a aquisição de outras línguas – inglês, holandês, alemão, sesoto, quiche, hebraico, francês, espanhol, catalão e português europeu – que também tiveram o troqueu como resultado tiveram também essa influência da metodologia.

Santos (2007), também buscou o padrão prosódico inicial a partir da identificação de um possível padrão universal na aquisição do acento. Ela comparou os dados de sua pesquisa anterior (SANTOS, 2001) com dados de aquisição do holandês e concluiu que, enquanto, no holandês, há uma tendência ao dissílabo paroxítono (troqueu), no português, há uma tendência ao dissílabo oxítono (iambo). Assim, para Santos (2007, p. 57) “os dados apresentam que uma teoria que assuma o pé iâmbico dá mais conta dos dados de aquisição [do português brasileiro]”, e, ainda,

a proposta de universalidade de um arcabouço trocaico também não se sustenta. Embora sirva para explicar os dados de línguas germânicas, é desconfirmada quando se olha para os dados do português brasileiro. Propomos, alternativamente, que não haja uma marcação inicial (trocaica ou iâmbica). Esta marcação é feita bem inicialmente pelas crianças, quando expostas à língua que estão adquirindo.

Payão e Costa (2016) também desenvolveram um estudo longitudinal. Ancorados na Teoria Minimalista, desenvolveram um trabalho com as seguintes características:

- Natureza metodológica: longitudinal, fala espontânea não-controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)
- Número de sujeitos estudados: 2 (dois)
- Idade dos sujeitos estudados: 1;00 a 1;09 (anos;meses) e 1;06 a 2;01 (anos;meses)
- Fonte dos dados: obtidos diretamente pelas pesquisadoras

A hipótese investigada por Payão e Costa (2016) foi que a gramática inicial da criança constrói as bases do acento, inicialmente, partindo do acento do enunciado para o acento de palavra e, mais tarde, do acento de palavra para o acento de enunciado. Conforme as autoras, os dados analisados corroboraram essa hipótese, de modo que “a identificação do acento, ainda que no nível da frase, prepara a criança para perceber diferenciações na sequência da fala do input num refinamento crescente.” (PAYÃO; COSTA, 2016, p. 439). A respeito do padrão inicial, os sujeitos estudados por Payão e Costa (2016) apontaram para um padrão troqueu (dissílabo paroxítono). Cabe ressaltar, no entanto, que, se tratando de 2 (duas) crianças apenas, seria prematuro tomar esses dados como conclusivos sobre esse tema.

Já no português europeu, Correia (2009), buscando também buscava também identificar qual o formato prosódico inicial das crianças, desenvolveu um trabalho com as seguintes características:

- Natureza metodológica: longitudinal, fala espontânea não-controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)

- Número de sujeitos estudados: 5 (cinco)
- Idade dos sujeitos estudados: 0;11 e 1;00 a 1;10 e 2;07 (anos;meses)
- Fonte dos dados: obtidos diretamente pela pesquisadora

As crianças estudadas por Correia (2009) estão identificadas com Clara, Inês, Joana, João e Luma. Correia (2009) conclui que o padrão aquisicional inicial foi o troqueu; além disso, ela também ressalta que no português brasileiro também é o troqueu e que a tendência ao iambo observadas em trabalhos como o de Santos (2007) e Baia (2008) devem-se à reduplicação de sílaba produzida na fala típica de crianças muito novas, de modo que, quando a reduplicação não ocorre, o padrão mais recorrente é o troqueu.

Todas essas pesquisas chegaram a diferentes conclusões sobre o formato acentual inicial do português brasileiro na linguagem infantil: Rapp (1994), Correia (2009) e Payão e Costa (2016) apontam para o paroxítono, enquanto Baia (2008c) e Santos (2007) para o oxítono; Bonilha (2005), para ambos. Em relação às proparoxítonas, conforme todos constataram, é o último padrão acentual desenvolvido. Com exceção de Payão e Costa (2016), há uma breve abordagem ou uma disponibilização de dados sobre o acento proparoxítono em todos eles, sobre o que discorro a seguir.

Em Rapp (1994), as proparoxítonas foram o alvo mais vulnerável ao processo de elisão de sílaba, especialmente pela coalescência intersilábica. Como diz a autora:

O padrão paroxítono alvo [...] foi o padrão que permitiu a ocorrência do maior número de enunciados dentro do padrão prosódico-lexical alvo e o padrão proparoxítono alvo, o menor. (RAPP, 1994, p. 160, grifo meu)

Curiosamente, o padrão proparoxítono alvo, em relação ao oxítono alvo, provocou menos enunciados com ET [elisão total], principalmente, quando se observam os enunciados do GL [grupo lexical] dos trissílabos, mas suscitou um elevado número de enunciados com EP [elisão parcial], surgindo, assim, o fenômeno característico desse padrão prosódico, a coalescência intersilábica, podendo ele também ocorrer em enunciados referentes aos outros dois padrões prosódicos, porém, em menor escala. (RAPP, 1994, p. 161)

Rapp (1994) estudou 10 (dez) vocábulos proparoxítonos, a saber: ABÓBORA, ÁRVORE, HELICÓPTERO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÉDICO, ÓCULOS, ÔNIBUS, PRÍNCIPE e VELOCÍPEDE. Do total de produções de 9 (nove)⁴ desses vocábulos, 19,48% foram dentro do padrão acentual; ou seja, acento proparoxítono foi, de fato, improdutivo na faixa etária estudada que ela estudou.– 1;06 (um ano e seis meses) a 2;00 (dois anos).

Já Santos (2001) afirma que, sendo as palavras proparoxítonas pouco frequentes mesmo na fala adulta, não serão, portanto, lexicalmente produtivas na fala infantil. Em seu trabalho, foi

⁴Pelas razões explicitadas anteriormente, a respeito do acento preproparoxítono, excluí dessa análise o vocábulo HELICÓPTERO.

possível identificar formas proparoxítonas aos 2;02 (dois anos e dois meses) em um sujeito analisado e aos 2;03 (dois anos e três meses) em outro sujeito. Sendo uma eliciação de fala espontânea não controlada (ver Capítulo III, seção 3.1), é fato que as proparoxítonas acabariam sendo pouco produtivas. Ainda assim, ela consegue descrever a redução de alguns vocábulos e conclui que “T. [um dos sujeitos] ainda reduz essas palavras para formas paroxítonas ou oxítonas até o final do período analisado [aos 3;0]. R. [sujeito analisado] reduz menos as palavras proparoxítonas, mas essa estratégia pode ser encontrada até 2;6 em seus enunciados. A partir de então, essa estratégia de redução desaparece.” (SANTOS, 2001, p. 185-187)

Baia (2008c), em DEX (ver descrição anterior) estudou 6 (seis) proparoxítonas: ÁRVORE, FÓSFORO, LÂMPADA, MÁGICO, ÓCULOS e ÔNIBUS. Ela identificou a predominância de redução SWW > SW (de trissílabo proparoxítono a dissílabo paroxítono) como um fenômeno muito recorrente na produção desses vocábulos. Não tirou muitas conclusões a respeito, visto que seu objetivo era investigar a influência da natureza metodológica sobre o resultado iambo ou troqueu.

Já em Correia (2009), a produção de itens proparoxítonos foi mais volumosa. Porém, como ela não disponibiliza todos os dados, não é possível fazer uma verificação mais minuciosa. Nos dados de Correia (2009), as idades para a primeira evocação proparoxítona variam em até 7 (sete) meses, mas as idades para a maior produção são mais próximas, com variações de até 3 (três) meses de diferença. A maior produção acentual parece vir depois da primeira, mas não é a última, de modo que há uma certa oscilação entre os percentuais de evocação proparoxítona.

As produções das crianças estudadas por Correia (2009) estão demonstradas na tabela a seguir:

Tabela 2
Produção de proparoxítonas em Correia (2009)

	Primeira produção lexical		Primeira produção acentual		Maior produção lexical		Maior produção acentual	
	Idade	Qt. itens	Idade	Qt. e %	Idade	Qt. itens	Idade	Qt. e %
Inês	1;02	7	2;00	2/7 (28,5%)	1;06	21	2;03	6/9 (66,7%)
Joana	1;10	3	2;06*	1/14 (8,3%)*	2;06	12	2;06*	1/14 (8,3%)*
João	1;03	5	1;11	3/15 (20%)	1;11	15	2;06	1/3 (33,3%)
Luma	1;05	1	2;05*	2/2 (100%)*	1;08	4	2;05*	2/2 (100%)*

*única produção em todo o corpus de Correia (2009)

Qt.: quantidade

Note-se que a criança Clara não consta na tabela acima. Isso porque não apresentou nenhuma produção proparoxítona, nem lexical e nem acentual; a própria produção de itens trissílabos de Clara – e Correia (2009) só estudou vocábulos de até 3 (três) sílabas – é baixíssima, sendo a primeira aos 1;02 (um ano e dois meses).

A análise de Correia (2009) aponta para uma produção monossílaba de vocábulos proparoxítonos nas idades mais remotas e dissílaba paroxítona a partir de então. Observando cada criança, tem-se o seguinte:

- Inês: evocação exclusivamente monossílaba até 1;08, passando a ser exclusivamente dissílaba paroxítona a partir dos 2;01.
- Joana: evocação exclusivamente monossílaba até os 2;00 e aos 2;06, e igual à evocação dissílaba paroxítona aos 2;02 e 2;04.
- João: evocação majoritariamente monossílaba aos 1;03 e 1;06, e dissílaba paroxítona ou igual a partir dos 1;08
- Luma: evocação exclusivamente monossílaba até os 1;11, passando a se alternar com a dissílaba paroxítona a partir de então.

Correia (2009, p. 231) conclui que “o alvo /SWW/ foi, entre os trissílabos, o adquire mais tarde. Nos primeiros momentos, foram produzidos como [S] pelas crianças (exceto Clara, que não produziu nenhuma palavra de padrão /SWW/). Depois, foram produzidas como [SW].”⁵

O primeiro trabalho a abordar especificamente a aquisição de proparoxítonas no português brasileiro foi o de Ferreira-Gonçalves (2010). Antes, havia os trabalhos mencionados anteriormente nesta subseção, sobre a aquisição do acento, dos quais algo pode se extrair sobre proparoxítonas. Ferreira-Gonçalves (2010) aborda a aquisição do acento marcado (ver subseção 2.1.1 deste capítulo), tomando como suporte a Teoria da Otimalidade Conexionista, contexto do Gerativismo e Pós-Grativismo (ver seção 2.2 deste capítulo). Seu estudo se dá com as seguintes características:

- Natureza metodológica: longitudinal, fala espontânea não-controlada (ver Capítulo III, seção 3.1)
- Número de sujeitos estudados: 1 (um)
- Idades do sujeito estudado: 1;17;15 a 3;09;13 (anos;meses;dias)
- Fonte dos dados: banco de dados de um projeto de pesquisa anterior

Do sujeito estudado, Ferreira-Gonçalves (2010) obteve o registro de 15 (quinze) vocábulos proparoxítonos, a saber: ABÓBORA, ÁRVORE, ESPETÁCULO, LÂMPADA, MÁQUINA, MÉDICO, MÚSICA, ÓCULOS, PÁGINA, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, RÁPIDO e XÍCARA. Observando as produções desses vocábulos pela criança, a autora afirma que, enquanto o acento não marcado ocorre muito cedo, o não marcado é tardio. O acento proparoxítono ocorre pela primeira vez aos 2;10 (dois anos e dez meses). Ela explica esse surgimento tardio com as seguintes palavras: “A aquisição tardia do acento proparoxítono pode ser explicitada pelo fato de a criança ainda não aplicar à extrametricidade,

⁵Trecho original: *Target /SWW/ were the trisyllabic forms later acquired. In the early moments of selection, they were produced as [S] by all children (except Clara, who did not select any /SWW/ word). Later, they were produced as [SW].*

incorrendo no apagamento da sílaba final com a manutenção do pé troqueu” (FERREIRA-GONÇALVES, 2010, p. 8;10). A partir de aí, “a variação é constatada em palavras que sofrem truncamento na fala do adulto como abóbora e xícara, o que é facilmente explicado pelas diferenças acerca dos inputs recebidos e, conseqüentemente, das formas alvo a serem atingidas” (FERREIRA-GONÇALVES, 2010, p.11).

Em Vargens (2012), foram estudados 6 (seis) vocábulos, a saber: ÁRVORE, FÓSFORO, MÁQUINA, ÓCULOS, ÔNIBUS e XÍCARA. O *corpus* foi retirado dos dados do Programa de Estudos sobre Aquisição e Ensino do Português como Língua Materna (PROAEP), coletados na aplicação do Exame Fonético-Fonológico ERT, pela Universidade Federal da Bahia. Desses dados, foram analisadas as produções de crianças da Classe A – filhos de pai e/ou mãe com nível superior de escolaridade – em contraste com as da Classe C – filhos de pai e/ou mãe com, no máximo, nível fundamental. Foram, ao todo, 144 (cento e quarenta e quatro) crianças de 2;1 (dois anos e um mês) a 9;0 (nove anos), distribuídas em 9 (nove) faixas etárias, de acordo com o próprio PROAEP. A análise dos dados em Vargens (2012) demonstrou que, enquanto, na classe A, o padrão proparoquítono era paulatinamente adquirido, demonstrando um aumento no número de produções padrão, na classe C, as produções padrão e não padrão coexistiram equilibradamente ao longo das faixas etárias. A explicação para esse fenômeno foi que, nas crianças desse grupo social, o modelo adulto de palavras como ÁRVORE, FÓSFORO, XÍCARA e ÓCULOS é paroxítono, como se pode observar nas pesquisas em Dialetologia e Sociolinguística citadas anteriormente (ver subseção 2.1.1.3 deste capítulo)

Um ponto importante detectado em Vargens (2012) foi que a produção não padrão – geralmente paroxítona – das proparoquítonas teve uma taxa de ocorrência de maneira diferente para os vocábulos MÁQUINA e ÔNIBUS em relação aos demais. O que esses dois vocábulos têm em comum é a impossibilidade de formação de um encontro consonantal a partir das consoantes que os compõem. Esse fator pareceu ser decisivo para que o formato acentual padrão desses vocábulos atingisse o modelo padrão adulto mais precocemente que em outros, o que foi levado adiante em Vargens (2016).

Em Vargens (2016), os vocábulos alvo foram selecionados buscando dar conta dos contextos fonológicos variáveis que pudessem influenciar em resultados distintos: tamanho do vocábulo (trissílabo ou polissílabo), possibilidade ou não de ressilabificação da consoante que encabeça a última sílaba, e peso da sílaba tônica. Dando conta desses três contextos e de vocábulos utilizados por pesquisadores precedentes, os vocábulos estudados foram ABÓBORA, ÁRVORE, BINÓCULO, CÂMERA, EXÉRCITO, FÓSFORO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÁGICO, MÁQUINA, MÉDICO, MÔNICA, NÚMERO, ÓCULOS, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO, VELOCÍPEDE e XÍCARA.

Em Vargens (2016), propus, no contexto da Fonologia Natural, um processo fonológico específico de simplificação do acento proparoquítono, que se aplica mais, ou menos, a depender da idade, do ritmo aquisicional da criança, sendo inversamente proporcional em ambos os casos, e do contexto fonológico dos vocábulos, sendo mais recorrente em vocábulos trissílabos do que em polissílabos e mais recorrente em vocábulos com estrutura silábica flexível do que em estruturas silábicas rígidas. Abordarei mais detalhadamente alguns aspectos dos processos fonológicos e do acento resultante no capítulo IV.

A partir de todos esses achados, juntamente com os dados de pesquisas anteriores e externas à minha, já foi possível postular o seguinte caminho para a aquisição do acento lexical proparoquítono:

- De 1;6 (um ano e seis meses) a 2;0 (dois anos), as produções proparoquítonas são raras.
- De 2;1 (dois anos e um mês) a 3;0 (três anos), as produções proparoquítonas ocorrem em aproximadamente 50%; a natureza da estrutura silábica (mais rígida ou mais flexível) dos vocábulos exerce influência fundamental nesses resultados.
- De 3;1 (três anos e um mês) em diante, a produção proparoquítona passa a ser majoritária.

Abordarei mais detalhadamente esses achados no capítulo IV. Por ora, passemos para a próxima seção, em que apresento desenvolvimento algumas elocubrações sobre perspectivas teóricas quanto à aquisição de proparoquítonas.

2.2 AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS: PROSPECÇÕES TEÓRICAS

Até aqui, temos alguns resultados sobre o desenvolvimento do padrão proparoxítono, explicitado em Vargens (2016) e mencionado na subseção 2.1.1.4.1 deste capítulo. Mas, como explicar esses resultados? Por que o acento proparoxítono é raro nas crianças falantes do português até os 2;00 (dois anos)? Certamente, a pesquisa desenvolvida não foi ao ponto de explicações tão minuciosas, e, na verdade, chegar a essas explicações não é tão simples. Por ora, podemos dizer que algumas coisas podem ser explicadas por algum modelo teórico sobre aquisição da linguagem. Porém, encontrar um modelo teórico que dê conta da aquisição de proparoxítonas também não é uma tarefa simples; em parte, pelo que disse anteriormente sobre o pouco e recente interesse pelos estudos sobre o acento em português: é um campo ainda pouco explorado se comparado a outros, e os trabalhos que se dedicam à aquisição dos padrões acentuais ainda são divulgados de maneira bastante tímida. As primeiras teorias sobre o desenvolvimento fonológico são completamente inaplicáveis a um estudo sobre a aquisição de proparoxítonas; isso porque, ancoradas na herança estruturalista, elas se preocuparam de maneira tal com a segmentação e a aquisição de traços que os elementos suprasegmentais viram-se sem papel. Em virtude disso, farei, nas próximas páginas, um apanhado de quatro perspectivas teóricas sobre aquisição fonológica e seus possíveis olhares para o que temos de dados até então; a saber: Fonologia Natural; Modelo de Continuidade; Gerativismo e Pós-Gerativismo; Fonologia de Uso e Teoria dos Exemplares.

Essas perspectivas teóricas serão aqui apontadas a partir da seguinte questão: por que as crianças tendem a não produzir as proparoxítonas até os 2 anos de idade e passam a produzi-las normalmente após os 3 anos? O que buscarei, aqui, é identificar como cada perspectiva explicaria esse fato, de maneira conjectural apenas. Conjectural porque não existem trabalhos produzidos sobre modelos teóricos, relacionando-os às proparoxítonas, com exceção do de Ferreira-Gonçalves (2010), bem demarcado teoricamente; logo, o que coloco a seguir não são considerações fatídicas sobre a questão teórica e o objeto de estudo, mas, na maioria dos casos, **suposições** de como cada uma das perspectivas olharia para o objeto. Ao final, teço algumas considerações e explico a orientação teórica desta tese.

2.2.1 FONOLOGIA NATURAL

Uma teoria para aquisição fonológica que se destacou a partir da segunda metade do século XX foi a Fonologia Natural, preconizada inicialmente por Stampe (1969 apud TEIXEIRA, 2012a) e desenvolvida posteriormente por ele e por outros pesquisadores. A Fonologia Natural prevê que determinados elementos fonológicos são mais complexos que outros, o que faz com que, durante a

fase de aquisição, a criança simplifique esses elementos, lançando mão dos chamados processos de simplificação fonológica, ou processos fonológicos. Esses elementos podem ser vogais, consoantes, semivogais, posições silábicas, posições em palavras e, no caso que discuto aqui, acento de palavra.

A concepção de processos fonológicos é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho em Fonologia Natural. Porém, ela não tem tantos consensos internos como pode ser comum em outras teorias. A concepção de processos fonológicos é diversa, a depender dos autores. Para Stampe e Donegan (2009), os processos fonológicos são operações mentais que ocorrem em tempo real. Para eles, os processos são universais, o que implica que a complexidade dos elementos fonológicos é inata e independente da língua em aquisição e da criança. Teixeira (1988) concebe os processos como mecanismos descritivos que servem para elaborar interpretações do processamento da criança, mas que não devem ser tomadas como realidades psicológicas. Para Grunwell (apud PEPE, 1993), a criança desempenha papel fundamental na aquisição da linguagem e na aplicação dos processos, bem como a interação com o adulto e o ambiente exerce importante influência. Já para Ingram (1989b), a individualidade da criança deve ser considerada, havendo um padrão de fala que permite ao linguista estabelecer estágios, mas, a partir desses estágios, deve-se investigar características específicas.

Para a Fonologia Natural, a produção de proparoxítona rara nos estágios iniciais poder ser interpretada por duas vias:

(a) O acento proparoxítono é um elemento que reforça a complexidade de outros elementos, como sílabas fracas.

(b) O próprio acento proparoxítono é, em si, um elemento complexo.

O postulado (b) foi o que propus em Vargens (2016): a posição do acento na antepenúltima sílaba complexifica os vocábulos, que carecem de uma simplificação específica. Na perspectiva de Stampe e Donegan (2009), essa complexidade seria inerente ao acento proparoxítono, em qualquer língua; nessa mesma perspectiva, a simplificação seria a mesma em todas as línguas que têm vocábulos proparoxítonos. Na perspectiva de Ingram (1989b), essa complexidade seria um padrão não-generalizado, de modo que pode se aplicar à maioria das crianças, mas não a todas. Ingram (1989b) provavelmente consideraria alguns fenômenos, como a ampliação do vocábulo, que forma um acento preproparoxítono – o que explicarei melhor no capítulo IV, seção 4.1.1 – como uma especificidade inerente ao processo, mas algo eminentemente característico às crianças que produzem tais fenômenos.

A Fonologia Natural, nesse caso, extrapolaria, inclusive, os limites da aquisição da linguagem e explicaria não apenas a simplificação na aquisição, mas também a redução de proparoxítonas na fala adulta, constatada na vasta literatura em Dialeto e Sociolinguística (ver

subseção 2.1.1.3 deste capítulo), concebendo-os também como processos de simplificação. Em Vargens (2012), faço um contraste entre os mecanismos de redução de proparoxítonas na fala adulta e na fala infantil, concluindo que esses mecanismos são muito similares em ambos os casos.

2.2.2 MODELO DE CONTINUIDADE

O Modelo de Continuidade foi proposto inicialmente por Locke (1983 apud TEIXEIRA, 2012; SILVEIRA, 2006). Segundo esse modelo, três componentes são importantes para o desenvolvimento fonológico: o fisiológico, o cognitivo e o perceptual.

O mecanismo fisiológico diz respeito à condição biológica, orgânica, em que se situa o ser humano em fase de aquisição. Nesse sentido, a aquisição dos sons da língua depende de uma certa maturidade do aparelho fonador da criança, que se desenvolve na medida em que o organismo da criança cresce até próximo a uma forma adulta (TEIXEIRA, 2012). Em outras palavras, a produção específica da infância ocorre por impedimentos do sistema psicomotor. Para inserir as proparoxítonas nesses modelos, é necessário pensar na condição psicomotora da tonicidade.

Em relação à motricidade, a tonicidade se encontra teorizada por Ladefoged (1993). A sílaba tônica é aquela em que o falante desprende maior energia muscular de produção, porque há um volume maior de ar expelido pelos pulmões e, logo, maior contração dos músculos torácicos, havendo, assim, maior sonoridade no som produzido. Aqui, a proparoxítona se explicaria como um momento em que a saída do ar ocorre antes de uma sequência maior de sons a serem produzidos posteriormente, o que representa maior desprendimento muscular de produção. A partir dessa questão, a explicação para a rara realização da proparoxítona até os dois anos de idade é que ela exige manobras da sequência de articuladores relacionada à respiração que a criança ainda é incapaz de promover ou promove com dificuldade. A partir dos dois anos, a criança começa a controlar melhor os mecanismos que precedem sua fala e, conseqüentemente, a produzir vocábulos com prosódia dentro do padrão adulto.

Já os componentes cognitivo e perceptual entrariam como explicações para casos de exceção – crianças que produzem o acento proparoxítono antes dos dois anos e aquelas que ainda têm dificuldade com o acento proparoxítono mesmo depois de três anos. Esses mecanismos seriam ativados pela fonologia da língua através do ambiente de escuta – e conseqüente percepção – da criança (TEIXEIRA, 2012). Em outras palavras, a aquisição da proparoxítona seria uma conseqüência do grau de convivência da criança com essas palavras e com esse padrão acentual. Nesse sentido, contribuem para uma explicação cognitiva os trabalhos de Cintra, Albano e Consoni (1997; 2001; 2006 apud BAIA, 2008), segundo os quais o número de proparoxítonas é menor em português, em relação às oxítonas e paroxítonas. Dessa forma, a criança é pouco exposta

ao acento, o que a faz construir esse padrão acentual em sua mente de forma mais demorada do que os outros dois.

Em suma, para o Modelo de Continuidade, a aquisição de proparoxítonas dar-se-ia por uma combinação de maturação cognitiva com maturação orgânica. As crianças não teriam maturação orgânica para produção de proparoxítonas, por exigir mais esforço físico do que elas estariam acostumadas. Por outro lado, a maior exposição ao acento estimularia esse esforço, de modo que a organicidade seria desenvolvida pela prática. Como a exposição e o seu consequente uso são baixos, o mecanismo orgânico ficaria atrofiado até que se desenvolvesse o suficiente na medida do crescimento da criança.

2.2.3 GERATIVISMO E PÓS-GERATIVISMO

O inatismo em linguística foi cunhado originalmente por Chomsky (1959 apud SCARPA, 2004), uma resenha ao trabalho de Skinner. A teoria inatista defende que a linguagem nasce com o próprio indivíduo, herdada biologicamente. Os aspectos linguísticos partem da existência de uma gramática universal, que rege todas as línguas e que vem preenchida por princípios (o que existe em todas as línguas) e programada para marcar parâmetros (o que é específico de cada língua) pré-estabelecidos. A essa perspectiva denomina-se Gerativismo (XAVIER e MORATO, 2014). Já o Pós-Gerativismo é composto por um conjunto de teorias que não necessariamente se ancoram nessas bases, mas que derivaram do gerativismo, mantendo especialmente o pressuposto de que a linguagem é não-linear e se lineariza no momento da fala (RODRIGUES, 2014). Em Fonologia, surgiram modelos não lineares específicos como Fonologia Autossegmental e a Geometria de Traços (GOMES, 2000).

Os modelos teóricos pioneiros em destacar as questões suprasegmentais foram os gerativistas e pós-gerativistas, que derivaram ou foram influenciados pela obra inicial de Chomsky e Halle (1968 apud TEIXEIRA, 2012a). Nas palavras de Teixeira (2012a, p. 11), “esses modelos conseguem [...] abarcar efeitos fonológicos da sílaba e da palavra [...] além de tratar fenômenos previamente não tratados de forma detalhada – como a estrutura interna das sílabas”. Talvez devido a esse olhar pioneiro, uma grande gama de trabalhos sobre a aquisição da prosódia no português tem se direcionado numa perspectiva inatista, e filiam-se a essas perspectivas todos que fazem pesquisa sobre esse tema – Ferreira-Gonçalves (2010, p. 61) cita uma série de pesquisadoras que já se dedicaram a esse campo de estudos sobre a unidade silábica:

Dentre as unidades prosódicas do português brasileiro, a sílaba é, com certeza, aquela que maior atenção recebeu dos pesquisadores da área de aquisição da fonologia nas últimas três décadas, em trabalhos específicos que focalizaram seus constituintes – Mezzomo (1999,

2004), Bonilha (2000), Ribas (2002, 2006), Lamprecht et. al (2004), entre outros -, voltados tanto para a aquisição normal como com desvios, ou como parte integrante de pesquisas relacionadas à aquisição segmental e a outras unidades fonológicas - Lamprecht (1986; 1990), Hernandorena (1990), Miranda (1996), Rangel (1998), Bonilha (2004), Lamprecht et. al (2004), entre outros. É, portanto, exaustiva, no que concerne a teses, dissertações e artigos científicos, a bibliografia acerca da aquisição dessa unidade prosódica.

Em termos de análise estrutural fonológica, o Gerativismo e o Pós-Gerativismo mantiveram muitas similaridades, destacadamente a ideia de itens fonologicamente marcados e de elementos extramétricos (ver subseção 2.1.1.1 deste capítulo). Quanto à aquisição fonológica, a orientação é geralmente inatista: a linguagem é herdada biologicamente por meio do genoma humano e os elementos que constituem a base da linguagem humana nascem com o indivíduo, necessitando de um mínimo estímulo externo para serem acionados.

Para a Teoria dos Princípios e Parâmetros, as proparoxítonas seriam estabelecidas durante a aquisição da linguagem, num esquema de sim e não, conforme os parâmetros da língua; em línguas como o português, o parâmetro de acento proparoxítono marcado é o sim, em línguas como o francês, o parâmetro será não. A explicação para a produção não padrão nos estágios iniciais seria que o padrão acentual será o mesmo em todas as línguas. Para o Pós-Gerativismo, mais especificamente, o caráter de marcação do acento proparoxítono exerce um papel fundamental no aparecimento tardio desse acento em relação aos outros dois, algo explicitado em Ferreira-Gonçalves (2010), em que o acento marcado é identificado mais tardiamente que o não marcado.

2.2.4 FONOLOGIA DE USO E TEORIA DOS EXEMPLARES

A Teoria dos Exemplares é um modelo teórico ancorado nas abordagens baseadas no uso da língua – também chamadas de *Fonologia de Uso*, quando há um recorte nesse nível –, abordagens que se desenvolveram mais a partir de Bybee (2003). Com uma base eminentemente cognitivista, essas abordagens pressupõem que a aquisição da língua se dá pelo “entricheiramento”, definido por Behrens (2009, p. 384) como um fenômeno cognitivo em que “a exposição repetida de uma unidade deixa traços de memória que se estabilizam quando essa unidade se repete frequentemente”; assim, as estruturas linguísticas – ou parte delas – são aprendidas a partir do uso da língua, por meio de “poderosas habilidades de generalização”, em que a mente reconhece similaridades e dissimilaridades. Desse modo, para a Fonologia de Uso, a análise da estrutura (fonológica, no caso) deve estar inteiramente implicada em seu uso.

A Fonologia de Uso parte dos seguintes paradigmas de análise:

- Pouca ou nenhuma distinção entre análise fonética e análise fonológica – isso porque as abordagens baseadas no uso se propõem mais holísticas (TOMASELLO, 2000).

- Os dados linguísticos devem estar atrelados aos dados de frequência de ocorrência.

Importante destacar que essa perspectiva não nega o caráter biologicamente herdado na linguagem, entrando em consonância, nesse ponto, com o gerativismo e o pós-gerativismo, mas se compreende que o inato não é suficiente para explicar a aquisição da linguagem. Assim, a linguagem é também herdada biologicamente, não somente. Behrens (2009) afirma que deve haver um componente genético mobilizando a aquisição da linguagem, já que todas as crianças aprendem uma língua; porém, o foco é nos traços específicos de línguas, que, nessa perspectiva teórica, constituem-se por generalizações.

Para a Teoria dos Exemplares, a palavra é considerada como *locus* da categorização e os elementos fonológicos são constituídos a partir de modelos lexicais – chamados exemplares –, de modo que o constante acesso a esses modelos estabilizam a fonologia da língua; como diz Bybee (2003, p. 15), “crianças aprendem sequências fonológicas como partes de palavras, nunca independentemente das palavras.”⁶ Sobre isso, explicam Guimarães e Cristófar-Silva (2011, p. 5):

para a Fonologia de Uso e para a Teoria de Exemplares, a palavra é uma importante unidade de aquisição fonológica e de gerenciamento do conhecimento linguístico em geral. Nestes modelos a palavra é o *locus* representacional e as unidades menores como a sílaba e os segmentos emergem a partir das relações entre os itens lexicais que são experienciados pelos falantes. Obviamente, os falantes podem abstrair e generalizar as rotinas motoras automatizadas para novos contextos. Estes aspectos que oferecem expansão lexical e a construção do conhecimento linguístico em geral.

Além disso, essa teoria também sustenta que a frequência de uso desempenha um papel fundamental no mapeamento fonológico; com isso, “a memória de propriedades fonéticas é associada a itens léxicos individuais” (CRISTÓFARO-SILVA, 2002, p. 210).

A aquisição, então, se dá num esquema de exposição a um modelo, categorização desse modelo, uso do mesmo e, com isso, a estabilização dos traços fonético-fonológicos da língua pela criança. Nessa perspectiva, as proparoxítonas não ocorrem antes dos 2;00 (dois anos), porque o uso desse acento seria baixo na língua, já na fala adulta e mais ainda na fala infantil, o que faria com que os exemplares apresentados à criança não fossem suficientes para que a criança mapeie essa característica de acento. Tal postulado tem como melhores evidências os resultados de trabalhos sobre frequência de uso de proparoxítonas na fala adulta (ver seção 2.1.1.1 deste capítulo); nesse contexto, as proparoxítonas só podem ser possíveis na linguagem infantil depois que as paroxítonas o forem, visto que esse é o padrão prosódico-lexical mais frequente.

⁶Trecho original: *Children learn phonological sequences as parts of words, never independently of words.*

2.2.5 QUAL O MODELO MAIS ADEQUADO?

Visto que os trabalhos sobre esse tema são, ainda, lacunares – embora cada vez menos –, o que busquei fazer, acima, foi identificar o olhar que cada teoria lançaria sobre o objeto de pesquisa. Mas, para confirmar os pressupostos dessas teorias, seriam necessários estudos aprofundados sobre elementos adjacentes à produção das proparoxítonas.

Para um estudo do modelo da continuidade, por exemplo, seria necessário gravar as produções e analisá-las acusticamente, além de estudar todo o aparelho fonador infantil e também adulto durante a produção de um vocábulo proparoxítono. Para a Teoria dos Exemplos e os modelos baseados no uso, seria necessário observar as reações da criança a estímulos padrão e não padrão; observar a consciência do acento por parte da criança, através de testes de reconhecimento dos vocábulos padrão e não padrão.

As perspectivas gerativista e pós-gerativista acabam ganhando destaque, porque a maior parte das pesquisas já selecionam uma delas previamente; ainda não surgiram muitas propostas alternativas. Para confirmar o postulado dos princípios e parâmetros, é necessário um conhecimento amplo da situação da aquisição das proparoxítonas em diversas outras línguas faladas pelo mundo, em diferentes culturas, em diferentes troncos linguísticos, com metodologia controlada e que permita um contraste. Já a marcação do acento necessita de uma pesquisa de consciência fonológica, similar à desenvolvida por Consoni (2006), porém, aplicada a crianças – algo que talvez não seja metodologicamente possível e, nesse caso, a explicação por item de marcação de acento mantém-se como uma explicação conjectural.

Para caminhar para uma resposta, alguns pedaços separados dessa peça precisam se juntar. Temos, já, dados sobre as proparoxítonas na fala da criança que está adquirindo o português como língua materna. Temos, também, dados sociolinguísticos, sobre as proparoxítonas na fala adulta. Temos, já, dados numéricos, sobre a frequência de ocorrência dos vocábulos proparoxítonos. Conectar esses dados e contrastá-los é fundamental para verificar se há ou não, e em que grau, influência do contexto social e cultural do léxico na aquisição das proparoxítonas. Mas é fundamental que a criança em si seja estudada.

Além de conectar esses dados, será de muito valor uma coleta de dados para que crianças demonstrem quais palavras proparoxítonas lhes são familiares. Também será de muita valia verificar se a criança tem uma real dificuldade com a produção do acento proparoxítono ou se a não produção é apenas uma tendência estatística, além de se investigar o que fomenta as paroxítonizações (a estrutura silábica, recuperabilidade do vocábulo-alvo, maior convivência com

um padrão e não com outro); tudo isso nos ajudará a compreender melhor se os fenômenos de mudança acentual de proparoxítonas na fala infantil é intrinsecamente linguístico ou se têm ligações externas.

Em suma, estudar as proparoxítonas em um ou outro modelo requereria o desenvolvimento específico de metodologias próprias para esses modelos, o que excede os limites deste trabalho e da própria instituição que o sedia. De outra forma, qualquer resultado produziria apenas ilações.

Para além disso, os eixos teóricos poderiam dialogar mais. Sustento que na Linguística é equivocado tomar um ou outro eixo teórico como o único possível e adequado para explicar um fenômeno. Mais apropriado é considerar que cada perspectiva teórica explica algo em parte e pode ser complementada por outra, e, assim, chegar ao momento de se construir um modelo teórico multifatorial. A Sociolinguística avançou bastante nesse ponto, com a chamada Teoria da Variação (SILVA, 2011), que explica os fenômenos de variação, manutenção ou não do padrão, tanto com contextos sociais – avaliação social de uma determinada variante, necessidade de inserção no mercado de trabalho, identificação cultural, entre outras – quanto com o contexto linguístico – localização do fonema na palavra, na sílaba, fonemas vizinhos, etc. Já em Psicolinguística e aquisição da linguagem, se, por um lado, cada eixo teórico está trabalhando sozinho, com pouco ou nenhum diálogo com os demais, por outro, temos praticado a “política da boa vizinhança”, respeitando as escolhas teóricas de cada um e sem empreender debates mesmo entre as teorias que diverjam. Convergências, no entanto, temos poucas.

Nesta tese, atendo-me mais aos dados que às teorias, de modo que os dados foram analisados para, só então, com os resultados, observar qual perspectiva teórica mais contemplam esses resultados. Pode-se dizer que é um trabalho em *Linguagem Infantil*, na perspectiva de Ingram (1989b), o qual faz uma distinção entre:

a) Aquisição da Linguagem

b) Linguagem Infantil

Em (a), o foco é na teoria e os dados são seus desdobramentos. Já em (b), o foco é nos dados, buscando, com base nestes, estabelecer estágios de aquisição, e tendo a teoria um papel norteador, mas sem protagonizar o estudo. Assim, na perspectiva de Ingram (1989b), esta tese é um trabalho em *Linguagem Infantil*. Está norteado pela Fonologia Natural para as análises dos processos fonológicos (ver Capítulo IV, seção 4.1), por ser esta a teoria mais aprofundada sobre essas análises. Para a relação entre as aquisições do acento e do léxico, a Fonologia de Uso é a que abre mais espaço para que se constitua essa relação; por isso, norteará algumas conclusões e a formulação de hipóteses futuras, como se verá no Capítulo V.

No entanto, mesmo estas teorias estarão sempre limitadas aos dados, e com a ressalva de que a abordagem, aqui, não pressupõe representações mentais como fato comprovado. Assim, não serão utilizados termos como “operações mentais”, “tempo real”, “entricheiramento”, “traços de memória” ou outros que pressupõem ter havido alguma elucidação psíquica dos fenômenos de aquisição. Os fenômenos serão vistos como conjecturas que se podem fazer, buscando, como diz Teixeira (1988) “interpretações linguísticas com as quais o analista tenta capturar o processamento que subjaz à fala da criança”.

2.3 AQUISIÇÃO FONOLÓGICA E AQUISIÇÃO LEXICAL

Correlações entre aquisição fonológica e aquisição lexical é um tema relativamente recente, ainda com poucos trabalhos desenvolvidos, como já atestaram Storkel e Morisette (2002, p. 24):

Para adquirir sua língua materna, a criança precisa fazer duas coisas: aprender as palavras da língua e extrair as características fonológicas relevantes dessas palavras. Na maioria dos trabalhos, a aquisição de palavras e sons foi investigada de forma independente. Isto é, algumas linhas de investigação concentram-se exclusivamente em como as palavras da linguagem são adquiridas, enquanto outras linhas de pesquisa examinam como os sons da linguagem emergem. A influência mútua do desenvolvimento lexical e fonológico é uma área que tem recebido atenção limitada.⁷

Storkel e Morisette (2002) afirmam que o processamento de palavras sofre influência significativa da vizinhança fonológica, da frequência de ocorrência e da probabilidade fonotática. A partir daí, as relações entre aquisição fonológica e aquisição lexical podem ser estabelecidas. Ao estudarem crianças que já adquiriram em torno de 50 (cinquenta) palavras, aplicando o modelo cognitivo, as autoras constatarem que uma representação lexical ativada contribui para a ativação de outras representações lexicais que sejam fonologicamente similares; assim, em inglês, a aquisição do item lexical SIT (sentar) facilita a de outro como HIT ou SPIT (bater e cuspir, respectivamente).

Posteriormente, Storkel (2008, p. 1) estuda a correlação entre aquisição fonológica, lexical e semântica, sob o pressuposto de que “o aprendizado de palavras consiste em criar novas representações lexicais e semânticas, interligadas, e integradas com representações fonológicas, lexicais e semânticas preexistentes.”. A partir da base de dados e de análise anteriores do CDI MacArthur Bates para o inglês, ela observa a variabilidade fonológica dos vocábulos, o tamanho do vocábulo, a frequência de ocorrência e a variabilidade semântica. Ela conclui que tanto a representação fonológica quanto a semântica influenciam em novas representações lexicais, mas sem correção fonologia-semântica.

Teixeira e Davis (2002) também estabelecem um vínculo entre a aquisição nos dois níveis. Ao estudar os padrões de fala de duas criança no período de 1;0 (um ano) a 3;0 (três anos), elas constatarem que a produção das consoantes coronais e dorsais ocorre de maneira precoce nas crianças falantes de português, em comparação com crianças aprendendo inglês; cogitou-se a possibilidade de essas consoantes estarem mais presentes no ambiente de escuta, o que se confirmou após observação da ocorrência de consoantes em português, em que as velares demonstraram uma taxa

⁷Trecho original: *To acquire the native language, a child must do two things: Learn the words of the language and extract the relevant phonological characteristics of those words. For the most part, the acquisition of words and sounds has been investigated independently. That is, some lines of investigation concentrate exclusively on how the words of the language are acquired whereas other lines of research examine how the sounds of the language emerge. The mutual influence of lexical and phonological development is an area that has received only limited attention.*

de frequência alta nas bases de dados de fala adulta investigadas, o Dicionário Aurélio (base escrita) e o Projeto NURC – Norma Urbana Culta (base oral). A hipótese foi confirmada por meio de análise dos itens do CDI MacArthur Bates para o português brasileiro, em que os itens adquiridos em que constam essas consoantes tiveram uma taxa alta entre crianças com as idades estudadas. Elas concluem que

Até mesmo nas formas lexicais mais iniciais, as evidências sobre os efeitos perceptuais do sistema de sons circundante fazem-se presentes no desenvolvimento e devem ser levadas em conta para o entendimento global da natureza da aquisição inicial do sistema de sons pela crianças (TEIXEIRA; DAVIS, 2002)

Stoel-Gammon (2011), fazendo uma revisão de diversos dados, oriundos de diferentes estudos, também identifica uma relação entre os níveis fonológico e lexical na aquisição. Analisando os dados, ela descreve o modo como essa relação se dá em 4 (quatro) postulados:

- I. A aquisição lexical é influenciada pelas vocalizações pré-linguísticas das crianças.
- II. O desenvolvimento lexical inicial é influenciado pela fonologia do léxico adulto e pela produção fonológica da criança.
- III. Os desenvolvimentos lexical e fonológico tendem a ser proporcionais.
- IV. Representações fonológicas subjacentes mudam na medida em que o vocabulário cresce.

Segundo a autora, há três pontos em que o inventário lexical adulto nos faz entender o desenvolvimento lexical e fonológico das crianças: frequência das palavras, dos fonemas e da sequência de fonemas na fala adulta; similaridades fonológicas entre as palavras; e idade de aquisição das palavras. Ela conclui:

Em conjunto, os estudos sugerem que, desde o nascimento até os 2;06 anos de idade, o sistema fonológico em desenvolvimento afeta a aquisição lexical em maior grau do que os fatores lexicais afetam o desenvolvimento fonológico. A forma das vocalizações pré-linguísticas de uma criança molda as trocas vocais e verbais com os cuidadores; a produção infantil está ligada à contribuição do adulto que, por sua vez, fornece à criança uma base para identificar palavras, estabelecer representações fonológicas e criar vínculos auditivo-articulatórios. De acordo com essa abordagem, a criança é um aprendiz ativo dentro do processo de desenvolvimento (STOEL-GAMMON, 2011, p. 27)⁸

⁸Trecho original: *Although both the child-centered investigations and adult-based studies discussed above focus on the relationship between lexical and phonological development, they have used different methodologies, different datasets and different underlying frameworks. The child-centered studies in the first part of this article have mainly focused on the earliest phases of language acquisition and have stressed the foundational role of prelinguistic development in early lexical and phonological development. Taken together, the studies suggest that, from birth to age 2;6, the developing phonological system affects lexical acquisition to a greater degree than lexical factors affect phonological development. The form of an infant's prelinguistic vocalizations shapes the vocal and verbal exchanges with caretakers; infant output is linked to adult input that, in turn, provides the infant with a basis for identifying words, establishing URs and creating auditory-articulatory links. According to this approach, the child is an active learner within the developmental process*

Porém, ela chama atenção para o fato de que é necessário considerar também outros fatores, como a influência da fase da pré-fala, a interação social (especialmente em se tratando do léxico inicial) e as diferenças individuais, fatores muitas vezes ignorados pelos autores.

Posteriormente, Sosa e Stoel-Gammon (2012) estudam transversalmente 15 (quinze) crianças com idades de 2;00 a 2;05, visando identificar a influência da frequência de ocorrência dos vocábulos, da densidade fonológica da vizinhança, da idade de aquisição e o contexto fonológico na produção lexical das crianças. Para tanto, foram acionados pais ou tutores para preenchimento do CDI McArthur Bates para o inglês. Foram selecionadas 30 (trinta) vocábulos monossílabos do inglês, contendo margens iniciais e finais preenchidas, tanto com 1 (uma) consoante como com 2 (duas). Como conclusão, Sosa e Stoel-Gammon (2012) apontam que seus estudos corroboram o seguinte:

- A variabilidade de contextos fonológicos é uma característica comum do desenvolvimento fonológico típico (no caso de monossílabos, para o estudo em questão).
- Na medida em que um vocábulo é produzido, outros fonologicamente semelhantes são ativados, de modo que a produção de um facilita a produção dos demais.
- O tamanho do vocabulário prediz melhor o conhecimento fonológico em vários níveis de representação do que a idade cronológica da criança.

Mais recentemente, no Brasil, os estudos mais sistemáticos sobre essa correlação vêm sendo desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Maria. Wiethan e Mota (2014, p. 520) justificam seu estudo informando que, dos poucos trabalhos que existem a respeito da relação entre aquisição fonológica e lexical, todos estão centrados na aquisição atípica, em casos de patologia, mas que, como elas afirmam, “para que se possa compreender por que determinado aspecto não corresponde ao que é esperado para a língua, é necessário que haja o conhecimento do que é típico”. Elas fazem um estudo piloto em uma criança filha de pai com ensino médio completo e mãe com ensino superior em andamento, no período de 1;5 (um ano e cinco meses) a 2;0 (dois anos) de idade. A respeito do desenvolvimento fonológico e lexical, Wiethan e Mota (2014, p. 525) constataram que “tanto a fonologia quanto o léxico tiveram a tendência de melhorar com o aumento da idade”. Contrastivamente, elas constataam:

ao adquirir uma língua o sujeito se depara com duas forças distintas: as coerções impostas pelo sistema linguístico e sua liberdade relativa em servir-se dos elementos da língua. O domínio fonológico é estanque, pois o indivíduo tem de lidar com um conjunto de sons pré-estabelecido pela língua, tanto que seu desenvolvimento está completo em torno dos cinco anos de idade. Já no domínio lexical, esta liberdade será mais livremente exercida, pois o ser humano pode adquirir palavras novas diariamente até o fim da vida (WIETHAN; MOTA, 2014, p. 525)

Já em um estudo transversal, Wiethan, Nóro e Mota (2014, p. 261), partindo do pressuposto de que “a aquisição lexical exige o estabelecimento de uma correspondência entre a forma fonológica de uma palavra e sua representação semântica”, estudam 18 crianças de 1;0 (um ano) a 1;11 (um ano e onze meses) de idade. Elas constatam que o percentual de itens lexicais e de fonemas cresceram, mantendo-se com pouca diferença, de forma que “ambos os domínios fonológico e lexical, evoluíram concomitantemente em termos numéricos” (p. 263). A partir desses dados, elas concluem que “os domínios fonológico e lexical ocorrem como um crescente e se influenciam mutuamente” (p. 263)

Em todos esses estudos, é nítido que a frequência de ocorrência desempenha um papel fundamental na aquisição fonológica. Ou seja, quanto mais a criança não só está exposta a itens lexicais com determinadas características fonológicas, mas, também, evoca esses itens, mais ela estará apta a produzir os elementos fonológicos, sendo que, no caso de Teixeira e Davis (2002), desembocará numa aquisição prematura de traços fonético-fonológicos em português que, em outras línguas, aparecem na fala da criança mais tardiamente. Na maioria desses trabalhos, foi identificada uma interinfluência fonologia-léxico; então, não só os itens lexicais acionam a aquisição fonológica como a produção fonológica desemboca na ampliação do vocabulário.

Até aqui, os padrões acentuais não têm despertado o olhar desses estudos, de forma que não há dados, ainda, sobre a correlação entre aquisição do acento e aquisição do léxico. Há o trabalho de Stoel-Gammon (2011), que identifica, no contexto de seu Postulado II, que, nas primeiras palavras, há uma forte tendência para a localização uniforme do acento (primeira sílaba) e do número de sílabas (três). Esses padrões que, segundo a autora, são altamente frequentes, fornecem um modelo geral para as formas-alvo do léxico inicial do inglês americano. No entanto, a influência do léxico de um dado padrão acentual em sua produção padrão ou vice-versa ainda não foi estudada. No Capítulo IV, apresentarei os dados que mostram que há essa correlação e que pistas elas deixam para que o pesquisador a observe.

III

METODOLOGIA

3.1 DEFINIÇÃO DOS MÉTODOS

No bojo de classificações das pesquisas em aquisição da linguagem (INGRAM, 1989b), esta pesquisa se caracteriza como uma pesquisa mista, de caráter tanto **longitudinal** quanto **transversal**. A pesquisa longitudinal se caracteriza por apanhar e registrar o desenvolvimento linguístico da criança ao longo do seu crescimento, fazendo um contraste de cada criança pesquisada em diferentes faixas etárias. A pesquisa transversal se caracteriza pela análise de crianças diferentes, delimitando-se as faixas etárias distintas em cada criança. A pesquisa transversal sempre pressupõe mais de um sujeito a ser estudado; esses sujeitos podem ser de uma mesma faixa etária, quando o pesquisador busca um padrão de produção para essa faixa etária específica, ou de faixas etárias distintas, quando o pesquisador vai em busca de estágios ou de alguma progressão aparente. Para o estudo transversal, o estudo de um único momento de cada criança estudada pode ser suficiente. Já para o estudo longitudinal, é possível que um único sujeito seja o suficiente para os propósitos da pesquisa, mas, por outro lado, pressupõe que cada sujeito seja estudado em diversos momentos do seu desenvolvimento.

Além de longitudinal e transversal, a coleta realizada na Creche da UFBA foi um estudo experimental, através da eliciação da fala espontânea controlada (evocação espontânea) ou da fala não espontânea (imitação, repetição) (TEIXEIRA, 1998), em que os dados são extraídos da criança através da apresentação de um estímulo; nesse tipo de estudo, o objeto é escolhido previamente e o método é desenvolvido para estimular a criança a produzir os dados que façam parte do objeto de pesquisa escolhido. Esse tipo de estudo se diferencia do estudo naturalístico, em que os dados são produzidos pela criança espontaneamente e de maneira não controlada, ou seja, sem um estímulo direcionado a um objeto de estudo; nesse outro tipo, o objeto de estudo pode ser escolhido a partir dos dados disponíveis.

Dos trabalhos citados no Capítulo II sobre aquisição do acento, Santos (2001) e Ferreira-Gonçalves (2010) são oriundos de pesquisas longitudinais e naturalísticas. Já Rapp (1994) e Vargens (2012; 2016) são oriundos de pesquisas transversais e experimentais. Baia (2008c) apresenta resultados de uma pesquisa tanto transversal quanto longitudinal, e tanto naturalística quanto experimental; isso porque seu propósito foi investigar a hipótese de diferentes resultados para diferentes métodos.

Para além dessas classificações, este estudo se baseia em dados extraídos de 3 (três) coletas distintas: 1 (uma) coleta de **relatos parentais** e 2 (duas) coletas de **fala de crianças**. A coleta de relatos parentais é um método cujos dados são extraídos não diretamente pelo pesquisador, mas pela avaliação da linguagem da criança feita por seus cuidadores. Por se tratar de um método muito

indireto, esse tipo de coleta está sujeita a muitas distorções promovidas por fatores como a memória, indisponibilidade para colaboração e viés parental. Por isso, uma coleta como essa requer um controle mais rígido, limitando os tipos de informação que podem ser fornecidas, e necessita de um número maior de crianças estudadas, constituindo um *corpus* robusto o suficiente para ter o poder estatístico capaz de corrigir essas distorções.

A coleta de fala de crianças é a testagem direta, com estímulos, conforme mencionei mais acima. Houve 2 (duas) coletas desse tipo, que serão o insumo para a análise do léxico e para a análise do contraste entre produção lexical e produção acentual. Uma dessas coletas, passarei a chamar, daqui em diante, de **coleta anterior**; trata-se da coleta que foi realizada durante minha pesquisa de mestrado, um estudo eminentemente transversal, cujos dados recupero no presente trabalho. A outra, que chamo, aqui, de **coleta recente**, foi realizada durante a pesquisa de doutorado, e foi eminentemente longitudinal, havendo, pontualmente, alguns dados transversais.

3.2 COLETA DE RELATOS PARENTAIS

A coleta de relatos parentais busca criar uma base de dados sobre a aquisição de itens lexicais proparoquítonos. A metodologia empregada para essa coleta foi uma adaptação da metodologia dos CDIsMcArthur Bates. Nos protocolos deste CDI, uma lista de palavras (e/ou sentenças e/ou gestos) é disponibilizada para os pais ou cuidadores da criança, de modo que estes indicam, nesta lista, quais itens já foram adquiridos pela criança.

Para a pesquisa sobre proparoquítonas, foi criado um protocolo específico, que chamarei, daqui por diante, de **Protocolo Palavras Proparoquítonas (PPPr)**. O referido protocolo consiste em um formulário no Google Forms, e disponibilizado para os pais das crianças, para preenchimento on-line. O formulário divide-se em 8 (oito) seções:

1. Uma seção inicial em que o informante é esclarecido sobre a pesquisa, informa seu nome completo e CPF, e preenche o Termo de Consentimento.
2. DADOS SOBRE OS PAIS, de onde se extrai a idade, escolaridade e origem geográfica dos pais.
3. DADOS SOBRE A CRIANÇA, de onde se extrai idade, sexo/gênero, informações geográficas e de convívio da criança.
4. NOMES PRÓPRIOS, de onde se extrai que antropônimos e topônimos fazem parte do inventário lexical da criança. No caso dos antropônimos, pergunta-se quais fazem parte do convívio e quais a criança efetivamente chama pelo nome.
5. VOCABULÁRIO: SUBSTANTIVOS e ADJETIVOS, de onde se extrai que palavras fazem parte do inventário lexical comum da criança; neste caso, pergunta-se, na lista, em cada palavra, se a criança compreende e se a criança efetivamente diz a palavra. No final, pergunta-se como o informante sabe quando uma criança compreende uma palavra quando ainda não fala.
6. Uma seção final agradecendo a colaboração, na qual o informante pode fazer qualquer comentário relacionado à pesquisa.

Na seção 5, a lista de palavras é acompanhada de 3 (três) opções, das quais o informante deve escolher 1 (uma) que explicita a compreensão e/ou produção da criança:

- Entende, mas não fala
- Entende e fala
- Não entende e não fala

Para fins de análise e também comparação entre acento e léxico, os dados desse relato foram também divididos nas mesmas três faixas etárias que os dados sobre aquisição do acento. Para os

fins dessa tese, a análise dos nomes próprios tem pouca relevância; portanto, eles serão, aqui, desconsiderados. Mas poderão servir como base de dados de outros tipos de análise futura.

Houve, ao todo, 12 (doze) respostas, sendo 4 (quatro) em cada faixa etária. A maioria das crianças relatadas foram do gênero masculino e residentes no município de Salvador (BA), havendo algumas poucas do gênero feminino e algumas poucas de outros municípios. A seguir, exponho um quadro com as crianças relatadas, seu local, gênero e idade:

Tabela 3
Quadro de informações sobre os relatos parentais

Faixa etária	Criança relatada	Gên.	Município de residência	Idade
Fx1	R01	M	Salvador (BA)	1;11
	R02	M	Salvador (BA)	1;10
	R03	M	Joinville (SC)	1;08
	R04	M	Salvador (BA)	1;10
Fx2	R05	M	Salvador (BA)	2;09
	R06	M	S. Bonfim (BA)	2;01
	R07	M	A. Formosas (MG)	2;05
	R08	F	Jequié (BA)	2;07
Fx3	R09	F	Salvador (BA)	3;01
	R10	F	Salvador (BA)	3;01
	R11	M	Salvador (BA)	3;09
	R12	M	S. Bonfim (BA)	3;11

Devido à curta amostragem e à pouca variabilidade obtida nas respostas para esse formulário, eles não servirão de base para qualquer conclusão. Como disse antes, são dados sujeitos a distorções. Portanto, será uma análise piloto que será ratificada ou não pelos dados das falas de crianças das coletas, parte que relatarei logo a seguir. O formulário continuará aberto para fomentar mais acréscimo de dados e para que haja, futuramente, uma base de dados ampla que possibilite uma abordagem mais precisa.

A base do formulário em questão encontra-se integralmente no apêndice, assim como as respostas para o PPPr nas seções de Adjetivos e de Substantivos.

3.3 COLETA DE FALA DE CRIANÇAS

3.3.1 COLETA ANTERIOR

A metodologia empregada na coleta anterior, assim como os seus dados, estão disponíveis em Vargens (2016); a metodologia no segundo capítulo, e a descrição e transcrição dos dados, no apêndice. Mas, para todos os efeitos, a metodologia empregada nas duas coletas foi a mesma: evocação por estímulos visuais. A instituição em que a coleta foi feita também é a mesma: a Creche da Universidade Federal da Bahia. O que muda são os vocábulos estudados; na coleta anterior, a quantidade de vocábulos foi maior e os vocábulos estudados variaram menos quanto ao número de sílabas; agora, houve uma redução na quantidade de vocábulos estudados para uma maior variabilidade e equanimidade de contextos fonológicos, como mencionarei mais a seguir. Os dados da coleta anterior constam no apêndice desta tese. Ao longo da análise de dados, as crianças testadas nesta coleta serão identificadas como **Cr**, sendo acrescido, um número cardinal identificadorem cada uma.

3.3.2 COLETA RECENTE

A metodologia empregada para a coleta de dados diretamente com as crianças foi uma adaptação da metodologia empregada no exame Fonético-Fonológico ERT (TEIXEIRA et al., 1991), a mesma empregada em Vargens (2016). Esse exame constou de coleta de dados a partir de estímulos visuais: a criança vê uma figura e diz o que aquela figura é, o que ocorre por três tentativas. Na primeira tentativa, a criança vê a figura, diz espontaneamente o que é, ou lhe é solicitado que diga. Na segunda tentativa, o vocábulo alvo é reproduzido de forma a tentar ensiná-lo à criança: “Eu acho que isso é um/uma _____. E você, acha o quê?”. Na terceira tentativa, encerra-se a amostragem de figuras e passa-se a um jogo de repetir palavras: “E _____, você sabe falar? Sabe? Fala aí pra eu ver.” A primeira tentativa se enquadra no que Teixeira (1998) classifica como eliciação da fala espontânea controlada; as duas últimas, enquadram-se na eliciação da fala não espontânea, através da repetição indireta, ou seja, o inquiridor diz a palavra e solicita que a criança repita, mas havendo um turno de fala entre a produção do inquiridor e a produção da criança.

Como foi verificado em Vargens (2016), a produção espontânea ou por repetição está relacionada à faixa etária da criança. Crianças mais novas tendem a produzir mais repetição do que crianças mais velhas. Foi a partir dessa constatação que incluí na pesquisa o estudo sobre o léxico proparoxítono.

As figuras foram organizadas em um caderno, o qual a criança podia manusear a gosto. Para que o processo não se tornasse oneroso para a criança, as figuras foram ordenadas de forma que os alvos familiares às crianças (como ÓCULOS e ÁRVORE, por exemplo) se revezassem com os não tão familiares (como BINÓCULO e RELÂMPAGO); além disso, os cadernos também contiveram figuras que não fazem parte do *corpus*, como figuras da Galinha Pintadinha, PatatiPatatá, bichos e pipoca, por exemplo; o objetivo é que o caderno de figuras despertasse mais o interesse da criança. Para reforçar a ideia ou o conceito do vocábulo alvo, foi usada, para alguns vocábulos, mais de uma figura, como mostrarei mais adiante.

3.3.2.1 Os vocábulos estudados

Foram selecionados, para a coleta na Creche, 12 (doze) vocábulos de padrão proparoxítono. Os critérios para a escolha desses vocábulos foram estarem presentes em dados de pesquisa anterior – Rapp (1994), Baia (2008c), Ferreira-Gonçalves (2010), Vargens (2012) e Vargens (2016) – e variabilidade dos seguintes contextos fonológicos:

- Extensão do vocábulo: se trissílabo ou polissílabo.
- Rigidez da estrutura silábica: se a redução pode formar um encontro consonantal com a coalescência entre as sílabas postônicas.

A seguir, exponho, em um quadro, todos os vocábulos escolhidos para a coleta na Creche, informando de que dados anteriores cada um faz parte e qual o seu contexto fonológico.

Tabela 4
Vocábulos alvo nos diferentes trabalhos e por contexto fonológico

	Dados anteriores					Contexto fonológico	
	Rapp (1994)	Baia (2008c)	F-Gonç. (2010)	Vargens (2012)	Vargens (2016)	Vocábulo	Redução
ABÓBORA	x		x		x	() trissílabo (x) polissílabo	(x) forma EC () não forma EC
ÁRVORE	x	x	x	x	x	(x) trissílabo () polissílabo	(x) forma EC () não forma EC
BINÓCULO					x	() trissílabo (x) polissílabo	(x) forma EC () não forma EC
EXÉRCITO					x	() trissílabo (x) polissílabo	() forma EC (x) não forma EC
HIPOPÓTAMO	x				x	() trissílabo (x) polissílabo	() forma EC (x) não forma EC
MÁQUINA			x	x	x	(x) trissílabo () polissílabo	() forma EC (x) não forma EC
MÉDICO	x		x		x	(x) trissílabo () polissílabo	() forma EC (x) não forma EC
ÓCULOS	x	x	x	x	x	(x) trissílabo () polissílabo	(x) forma EC () não forma EC
ÔNIBUS	x	x	x	x	x	(x) trissílabo () polissílabo	() forma EC (x) não forma EC

RELÂMPAGO						() trissílabo (x) polissílabo	() forma EC (x) não forma EC
TRIÂNGULO					x	() trissílabo (x) polissílabo	(x) forma EC () não forma EC
XÍCARA			x	x	x	(x) trissílabo () polissílabo	(x) forma EC () não forma EC

EC: encontro consonantal

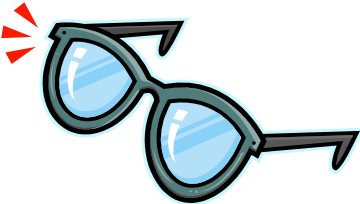
O vocábulo RELÂMPAGO foi incluído para que houvesse equilíbrio do número de vocábulos polissílabos com e sem formação de encontros consonantais, de forma que, assim, há 3 (três) vocábulos para cada um dos seguintes contextos:

- Trissílabos com possibilidade de formação de EC
- Trissílabos sem possibilidade de formação de EC
- Polissílabos com possibilidade de formação de EC
- Polissílabos sem possibilidade de formação de EC

3.3.2.2 O instrumento de coleta

Foram testadas, ao todo, 24 (vinte e quatro) figuras, para representar os 12 (doze) vocábulos, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1
Instrumento de coleta de dados

 ÁRVORE (Figura 1)	 ÓCULOS (Figura 2)	 XÍCARA (Figura 3)
 MÁQUINA (Figura 4)	 MÁQUINA (Figura 5)	 MÁQUINA (Figura 6)



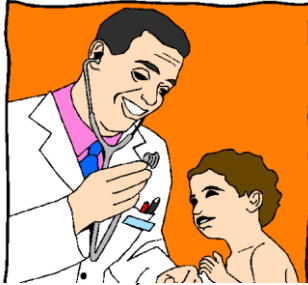
MÁQUINA
(Figura 7)



ABÓBORA
(Figura 8)



ABÓBORA
(Figura 9)



MÉDICO
(Figura 10)



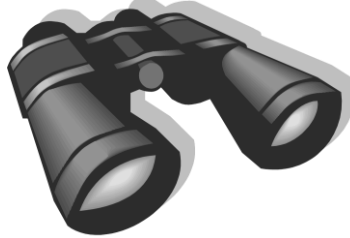
MÉDICO
(Figura 11)



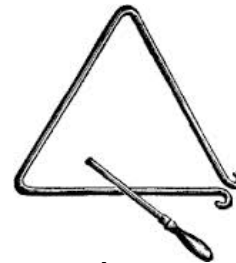
ÔNIBUS
(Figura 12)



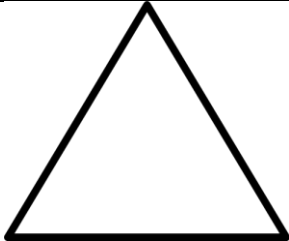
BINÓCULO
(Figura 13)



BINÓCULO
(Figura 14)



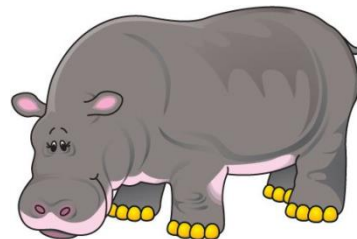
TRIÂNGULO
(Figura 15)



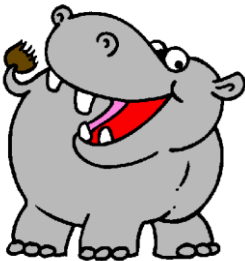
TRIÂNGULO
(Figura 16)



EXÉRCITO
(Figura 17)



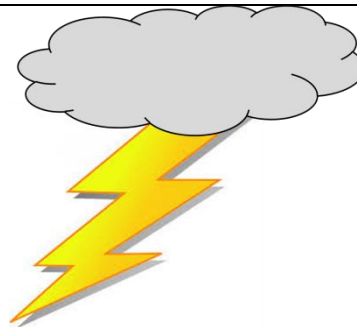
HIPOPÓTAMO
(Figura 18)



HIPOPÓTAMO
(Figura 19)



HIPOPÓTAMO
(Figura 20)



RELÂMPAGO
(Figura 21)



Como dito anteriormente, as figuras do quadro acima foram impressas e encadernadas. As figuras 1, 2, 3, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13 e 14 foram extraídas do arquivo público do Microsoft Office, a partir do programa Microsoft Power Point. Esse mesmo programa foi utilizado para construir a figura 16. As demais estavam disponíveis na rede, em endereços diversos, extraídas a partir do buscador Google Imagens (<http://images.google.com>). Com exceção das figuras de 21 a 24, relativas a RELÂMPAGO, todas as demais foram utilizadas na coleta anterior (VARGENS, 2016).

3.3.2.3 A instituição

A Creche da Universidade Federal da Bahia (UFBA) está vinculada à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil e Ações Afirmativas, um órgão da universidade que têm como função garantir a permanência dos alunos na universidade, buscando conciliar a realidade dos alunos com a rotina universitária. A Pró-Reitoria lida com alunos de diversas realidades: alunos com necessidades educacionais específicas, negros, indígenas, alunos oriundos de comunidades populares, entre outros. A creche, como parte desse órgão, abriga crianças que, em sua maioria, são filhos de estudantes da universidade; há também os que são filhos de servidores.

Escolhi a Creche da UFBA por dois motivos: pela praticidade do vínculo institucional e, também, considerando que as crianças – filhas de pai e/ou mãe que está na universidade – fazem parte de um estrato sociolinguístico que não tende à redução de proparoxítonas, conforme nos dizem as próprias pesquisas anteriores em Sociolinguística (ver capítulo II, seção 2.1.1.3). Isso foi bem observado em Vargens (2012), em que a divergência entre as classes A (filhos de pais com alta escolaridade) e C (filhos de pais sem ou com baixa escolaridade) se explicitou pela inobservância de um processo aquisicional das proparoxítonas na classe C: os gráficos mostraram movimentos ascendentes e descendentes, sem nenhuma interferência de faixa etária. Isso porque, no meio social em que essas crianças vivem, o modelo adulto de muitas proparoxítonas é, na verdade, paroxítono.

3.3.2.4 A coleta

Coletar dados linguísticos de crianças em fase de aquisição é uma tarefa complexa. Exige, além de uma relativa vocação do pesquisador para lidar com as crianças, relações necessárias que se estabeleçam entre ele, o alvo da pesquisa e a instituição, além de autorização dos pais. Para realizar essa pesquisa, houve, em cada grupo, um momento inicial de participação nas atividades da creche, dentro do planejamento. Cabe salientar que, diferentemente da coleta anterior, esta coleta sofreu mais percalços, que tornaramo *corpus* bem reduzido: pais que não autorizaram a pesquisa, crianças indispostas para participar, além de paralisações e feriados que caíam nos dias de coleta.

O primeiro passo foi a chegada à instituição, que requereu autorização da coordenadora geral, uma conversa inicial com um conjunto de professoras e, posteriormente, com uma servidora que intermediava o diálogo com a direção e com as professoras. Após o primeiro contato, nos semestres seguintes, a coleta de dados se deu mediante confirmação com essa servidora. A instituição foi bastante receptiva à atividade de pesquisa e a professora com quem conversei, e que me forneceu as informações necessárias sobre os melhores horários e sobre algumas crianças, colaborou bastante para o desenvolvimento da coleta.

As idas à creche ocorriam nas quartas e sextas, de 14:50 a 16:20, conforme rotina da própria creche. As atividades se concentravam principalmente na Brinquedoteca, espaço onde, como o nome remete, as crianças têm uma grande gama de brinquedos para utilização, em um determinado horário do dia, e durante aproximadamente 20 minutos. Por vezes, a atividade da pesquisa ocorria também no parquinho e no saguão.

A atividade de pesquisa se inicia sempre com um momento de convivência com as crianças. Diferentemente de como foi feito na pesquisa anterior, esse momento de convivência não foi por grupo, no espaço de dias especificados para fazer a coleta com as crianças daquele grupo; a convivência era feita com os três grupos no mesmo dia, a partir do horário em que aquele grupo se encontrava no espaço chamado de brinquedoteca. A coleta também seguiu esse padrão.

O ideal é que a testagem ocorra individualmente, sem a presença de outras crianças, e em um ambiente silencioso, mas isso não foi possível devido ao excesso de timidez das crianças autorizadas pelos pais. A maioria das testagens foi feita dentro da sala. Essa situação garante a participação da criança, porém, dois problemas precisam ser resolvidos: a) as outras crianças também se interessam e constantemente atrapalham porque também querem ver as figuras e gravar, por vezes, dizendo o nome da figura antes; b) a gravação fica ruidosa, o que dificulta o reconhecimento dos segmentos na hora de fazer a transcrição, mas não o reconhecimento das

sílabas e do acento, o que interessa para este trabalho. Neste caso, a solução é manter o gravador o mais próximo possível da criança em testagem, de forma a poder identificar sua voz e sua produção.

A coleta de dados foi feita em cinco semestres letivos, de acordo com a semestralização da Universidade: 2016.1, 2016.2, 2017.1, 2017.2 e 2018.1. A pesquisa foi feita com o total de 10 (dez) crianças. A creche divide suas crianças em dois grupos: o Grupo 1 (que, à época da coleta de dados, abrigava crianças de 1;2 a 2;2), o Grupo 2 (de 2;5 a 3;2) e o Grupo 3 (3;2 a 4;0). Na contabilização dos dados, as crianças passarão a ser numeradas de acordo com o grupo em que estiveram, a faixa etária classificada no momento da primeira coleta e a ordem alfabética do total de crianças.

Uma das crianças, a Lg02, não foi testada na creche, mas em sua residência. Na primeira testagem, pelo próprio pesquisador, com os mesmos mecanismos de coleta descritos anteriormente. Na segunda, testada pela mãe da criança, orientada por mim.

As crianças serão, aqui, identificadas pelas iniciais **Lg** (as longitudinalmente estudadas) e **Tr** (as transversalmente estudadas), sendo essas iniciais acrescidas de um número cardinal identificador. Abaixo, uma lista das crianças e as idades em que ocorreu a testagem:

Tabela 5

Lista de crianças estudadas na coleta recente e suas respectivas idades

	1;10	1;11	2;00	2;01	2;01	2;03	2;04	2;05	2;06	2;07	2;08	2;09	2;10	2;11	3;00	
Lg01	X	X						X								
Lg02	X						X									
Lg03		X					X	X								
Lg04						X						X				
Lg05							X								X	
Tr01			X													
Tr02											X					
Tr03														X		
Tr04														X		
	3;01	3;02	3;03	3;04	3;05	3;06	3;07	3;08	3;09	3;10	3;11	4;00	4;01	4;02	4;03	4;04
Lg06	X								X							X
Tr05								X								
Tr06		X														
Tr07											X					

3.3.2.5 Transcrições

Para descrever os dados da coleta recente, expus esses dados em quadros, sendo que cada criança estudada longitudinalmente (Lg's) disporá de um quadro específico, dividido entre as coletas diferentes e as crianças estudadas transversalmente (Tr's) estarão identificadas em um quadro por faixa etária. Nesses quadros, as colunas discriminam a idade da coleta, a tentativa em

que a produção foi realizada (T), a transcrição fonética de cada produção (Tr), a identificação do tipo acentual produzido (Ac) e a identificação do recurso e estratégia de cada produção (R-E). As linhas discriminam os vocábulos, identificados através de uma transcrição fonológica que representa a forma alvo.

As transcrições fonéticas foram feitas utilizando o Alfabeto Fonético Internacional. As fonológicas também, exceto para os itens com neutralização fonêmica, conforme descrição da fonologia do português (CAVALIERE, 2005); nesses casos, foram utilizados arquifonemas. A seguir, um quadro representativo das transcrições fonológicas:

Tabela 6
Quadro de vocábulos e transcrições fonológicas

Vocábulo	Forma alvo
ÁRVORE	/ˈaR.vO.rI/
ÓCULOS	/ˈɔ.ku.lUS/
XÍCARA	/ˈʃi.ka.ra/
MÁQUINA	/ˈma.ki.na/
ABÓBORA	/ˈa.ˈbɔ.bO.ra/
MÉDICO	/ˈmɛ.di.kU/
ÔNIBUS	/ˈo.ni.bUS/
BINÓCULO	/biˈnɔ.ku.lU/
TRIÂNGULO	/tri.ˈã.gu.lU/
EXÉRCITO	/E.ˈzɛR.si.tU/
HIPOPÓTAMO	/i.pO.ˈpɔ.ta.mU/
RELÂMPAGO	/rE.ˈlã.pa.gU/

Os referidos quadros encontram-se no Apêndice desta tese.

IV

ANÁLISE DE DADOS

4.1 DADOS SOBRE O ACENTO

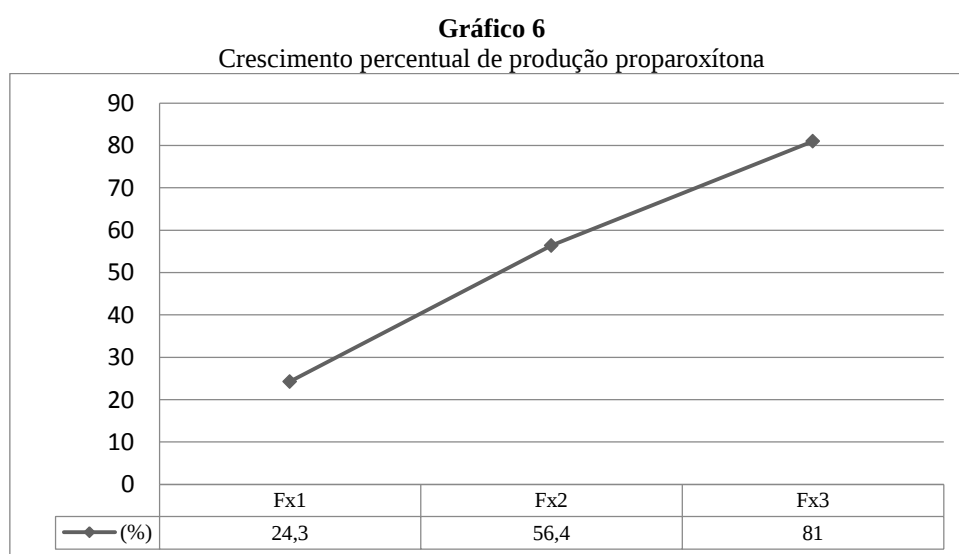
4.1.1 ESTUDOS ANTERIORES

Estudos anteriores desenvolvidos sobre o papel do acento na aquisição do português brasileiro (ver capítulo II, subseção 2.1.1.4.1) obtiveram um conjunto de dados suficientes para que se pudesse levantar um perfil de desenvolvimento do acento proparoxítono, o que levantei em Vargens (2016). Congregando dados de pesquisa já analisados anteriormente em Vargens (2012), e os disponíveis em Rapp (1994), Baia (2008c) e Ferreira-Gonçalves (2010), propus a descrição de um processo de simplificação fonológica específico para proparoxítonas, em que a produção dos vocábulos desse padrão, na fala da criança, atingisse um outro formato prosódico-lexical específico.

Com a análise desses dados, foi possível identificar esse processo e descrevê-lo, de modo a identificar fatores que influenciam a maior ou menor incidência desse processo, os quais foram:

- Idade da criança
- Ritmo aquisicional da criança
- Extensão do vocábulo
- Estrutura silábica postônica do vocábulo

A idade e o ritmo aquisicional são, certamente, os dois fatores que mais influenciam, pois foi possível identificar um progresso percentual ao se calcular uma média de produção de proparoxítonas como proparoxítonas nos diversos dados, conforme resultados dos diversos trabalhos. Abaixo, exponho um gráfico que representa essa média:



Como se pode observar no gráfico, há um progresso de percentual de produção perceptível, e as crianças podem ser distribuídas em três faixas etárias:

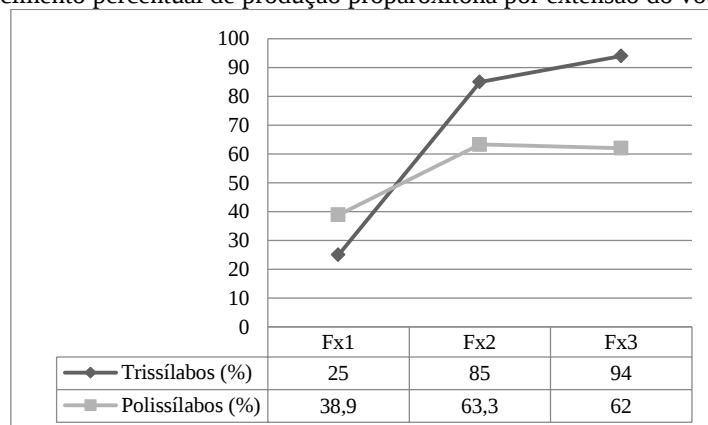
- Faixa 1 (Fx1): até 2;00 (dois anos)
- Faixa 2 (Fx2): De 2;01 (dois anos e um mês) a 3;00 (três anos)
- Faixa 3 (Fx3): A partir de 3;01 (três anos e um mês)

Na Faixa 1, a produção proparoquítona é rara. Na Faixa 2, a produção é equilibrada e na Faixa 3, a produção é majoritária. Algumas crianças podem ter a produção mais acima ou mais abaixo da média de sua faixa etária, de modo que uma criança com idade da Faixa 1 pode ter uma produção típica da Faixa 2 e vice-versa. O mesmo vale para crianças da Faixa 2 em relação à Faixa 3. Aqui, estou me referindo ao ritmo aquisicional, um importante vetor que demarca a individualidade de cada criança.

A faixa etária e o ritmo aquisicional são os fatores mais influentes para a simplificação ou não do acento proparoquítono. Depois desses, os outros dois fatores que se explicitou nos estudos foram a extensão do vocábulo e a estrutura silábica postônica, que, inclusive, exercem uma influência ainda maior na segunda faixa etária, em que são parcialmente responsáveis pelo equilíbrio de produção acentual.

Quanto à extensão do vocábulo, o verificado foi que vocábulos polissílabos tendem a simplificar mais que os trissílabos. Abaixo, exponho um gráfico que representa o percentual de produção acentual proparoquítona ao longo das três faixas etárias entre esses dois tipos de extensão:

Gráfico 7
Crescimento percentual de produção proparoquítona por extensão do vocábulo



Quanto à estrutura silábica postônica, existem os vocábulos de estrutura postônica que, chamarei aqui, de **estrutura silábica rígida** e **estrutura silábica flexível**; a estrutura silábica flexível é aquela em que a fonotática da língua portuguesa permite a formação de um encontro consonantal com a junção das duas últimas sílabas. Essa possibilidade se dá pelo tipo de consoante que compõe as duas cabeças das duas últimas sílabas postônicas, que podem se juntar formando um encontro consonantal, conforme o seguinte esquema (C = consoante; V = vogal):

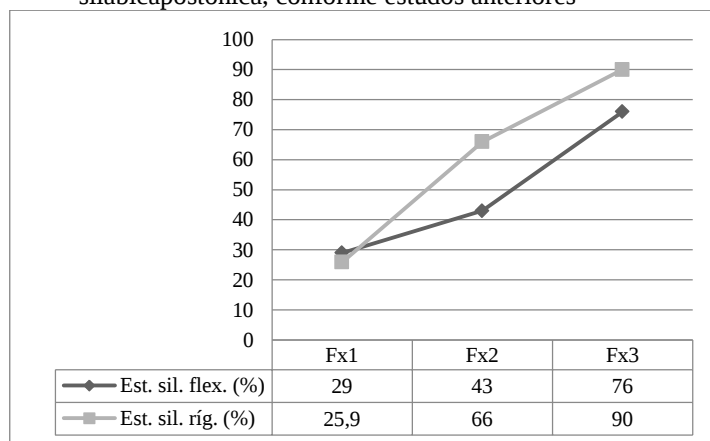
$$-C^1V^1-C^2V^2>-C^1C^2V^2$$

Essa redução é algo que ocorre ainda na fala adulta, quando, por exemplo, *ÁRVORE* é produzida como *ARVRE*; mas não é algo que pode ocorrer com qualquer vocábulo. Em *MÁQUINA*, por exemplo, não há ou não é produtiva a forma *MAQNA*; essa coalescência só se dá num contexto em que C^1 é uma oclusiva ou fricativa labiodental e C^2 é uma líquida, já que os encontros consonantais possíveis no português brasileiro são /pr/, /pl/, /br/, /bl/, /kr/, /kl/, /gr/, /gl/, /tr/, /tl/, /dr/, /dl/, /fr/, /fl/, /vr/ e /vl/ (TEIXEIRA, 2009). Assim, vocábulos como *ÁRVORE* possuem estrutura silábica flexível enquanto vocábulos como *MÁQUINA* possuem estrutura silábica rígida.

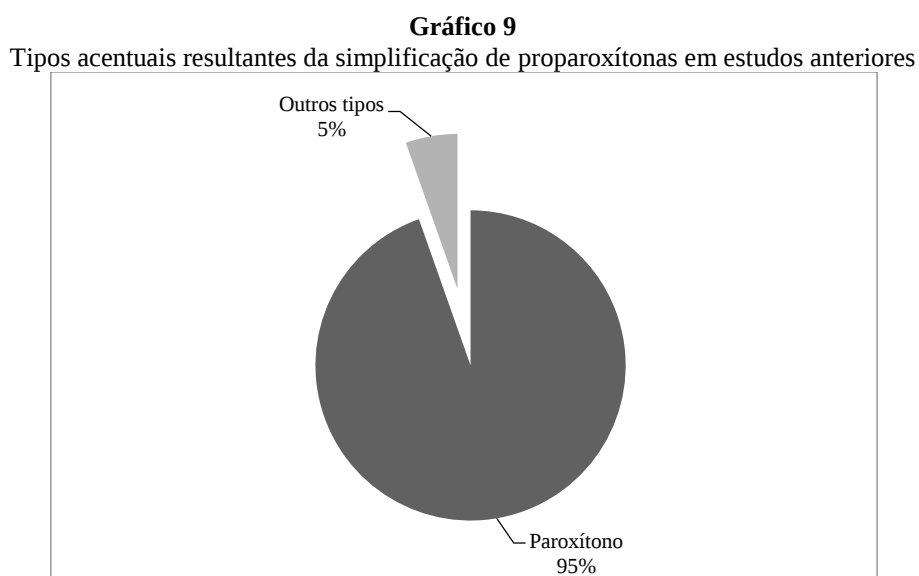
O fenômeno de fusão de duas sílabas em uma só, em aquisição da linguagem, denomina-se **coalescência intersilábica**. O conceito de coalescência foi cunhado inicialmente por Teixeira (1988), como a junção de dois itens silábicos em um só. Posteriormente, Rapp (1994) introduziu a diferença entre coalescência intersilábica (fusão de duas sílabas) e coalescência intrassilábica (fusão de traços de dois segmentos numa mesma sílaba). Importante salientar que, durante a aquisição da linguagem pela criança, ocorre essa coalescência mesmo que a fonotática da língua não seja propícia a uma ressilabificação da C^2 , mas, salvo em raros casos, sem ressilabificações. O que diferencia é o percentual de ocorrências proparoخítonas e não proparoخítonas nos vocábulos que possuem ou não uma ou outra estrutura postônica. Ademais, os de estrutura rígida têm esse fenômeno superado bem mais cedo enquanto os de estrutura flexível resistem sendo simplificados por mais tempo. Abaixo, exponho um gráfico da produção acentual proparoخítônica ao longo das três faixas etárias entre grupos de vocábulos com essas duas estruturas silábicas:

Gráfico 8

Crescimento percentual de produção proparoخítônica por estrutura silábica postônica, conforme estudos anteriores



Além da influência desses fatores, foi possível, também, identificar o tipo acentual resultante da simplificação, assim como os mecanismos de simplificação. Quanto aos tipos acentuais, o tipo mais produtivo, que ocorre em quase todas as simplificações, é o paroxítono. Os outros tipos são monossílabos, oxítonos e preproparoxítonos (quando o acento recai sobre a pré-antepenúltima sílaba, ver capítulo II, seção 2.1); são ocasionais e, em geral, estão associados a um mecanismo específico – oxítonos são gerados por elisão total da última sílaba, monossílabos, das duas últimas sílabas e preproparoxítonos de ampliação; abordarei esses mecanismos logo adiante. A seguir, exponho um gráfico que contabiliza o percentual de produção paroxítona:



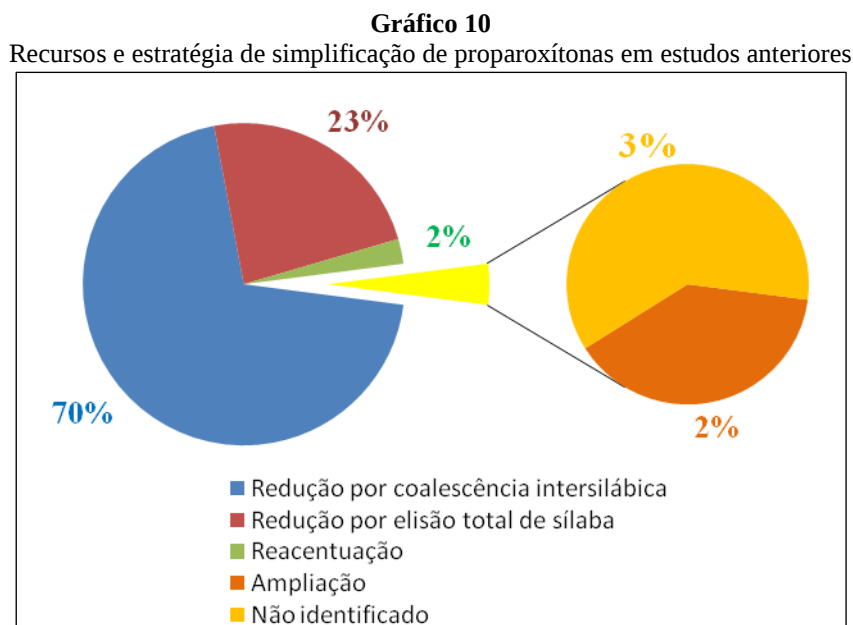
Apesar de bastante ocasionais, a existência de outros tipos acentuais não pode ser ignorada ou tratada como desimportante pelo pesquisador, visto que eles ocorrem em estudos distintos. É mais seguro, então, abordá-los como raridades; embora possíveis e previstas, têm possibilidades bem baixas de ocorrência.

Quanto aos mecanismos de simplificação, pude estabelecer o que já se conhecia na literatura como **estratégia** (TEIXEIRA, 2012) de simplificação fonológica e o que denominei, em Vargens (2016), de **recurso**; o recurso é o que se observa a partir do olhar panorâmico do vocábulo como um todo enquanto as estratégias são identificadas ao se olhar o interior das sílabas do alvo e da evocação. Em um quadro, temos o seguinte:

Tabela 7
Processo, estratégias e recursos de simplificação de proparoxítonas

Processo	Recurso	Estratégia
Simplificação de proparoxítona (desproparoxitonização)	Redução do vocábulo	Colaescêncaintersilábica
		Elisão total de sílaba
	Reacentuação do vocábulo	
	Ampliação do vocábulo	Silabificação
		Reduplicação de sílaba

O conjunto de dados mostrou que a redução é o recurso típico, tendo taxas bem maiores quando se dá por coalescência intersilábica, sendo a reacentuação e a ampliação ocasionais, como pode ser observado no gráfico a seguir:



Assim como com os tipos acentuais resultantes, a ampliação e a reacentuação também são ocasionais, mas também não podem ser ignoradas ou tratadas como desimportantes, pois também ocorrem em estudos distintos. Assim como os tipos acentuais resultantes, é mais seguro abordá-las como raridades possíveis e previstas, mas com baixas possibilidades de ocorrência.

Em resumo, até aqui, os dados de estudos anteriores (RAPP, 1994; BAIA, 2008c; FERREIRA-GONÇALVES, 2010; VARGENS, 2012; VARGENS, 2016) permitem afirmar o seguinte sobre a simplificação de proparoxítonas:

- Vocábulo polissílabos são mais vulneráveis à simplificação que trissílabos.
- Vocábulo com estrutura silábica postônica flexível são mais vulneráveis à simplificação que vocábulo com estrutura silábica postônica rígida.
- Paroxítono é o tipo acentual resultante típico quando ocorre simplificação.
- Coalescência intersilábica é a estratégia típica de simplificação.
- Crianças até 2 (dois) anos são pouco produtivas quanto ao acento proparoxítono enquanto crianças a partir de 3 (três) anos e 1 (um) mês são muito produtivas.

4.1.2 COLETA RECENTE

A seguir, abordarei os resultados da coleta recente que realizei na Creche da UFBA. Essa coleta traz dois fatores inéditos para análise: a junção entre extensão do vocábulo e o tipo de estrutura silábica postônica, e a possibilidade de observar a produção de uma mesma criança em 2 (dois) ou 3 (três) idades distintas, dentro da mesma faixa etária ou em faixas etárias diferentes. Os mesmos podem ser utilizados para retificar (ou não) os itens que foram topicalizados no parágrafo anterior.

4.1.2.1 Análise das Lg's

Ao analisar as Lg's, considero acima da média ou abaixo da média, de maneira significativa, as produções nos seguintes termos: em um cálculo em que a diferença da produção percentual da criança seja maior que a metade da diferença para a faixa anterior ou posterior.

Tabela 8
Quadro de parâmetro de análise da produção acentual das Lg's

	Diferença para Fx anterior	Diferença para próxima Fx	Produção abaixo da média significativa	Produção acima da média significativa
Fx1	-	24,6%	-	Dif. p/ média da Fx2: > 16,05%
Fx2	24,6%	32,1%	Dif. p/ média da Fx1: < 16,05%	Dif. p/ média da Fx3: > 12,3%
Fx3	32,1%	-	Dif. p/ média da Fx2: < 12,3%	-

Já em relação aos outros pontos de análise, os recursos e estratégias típicos, a influência da extensão do vocábulo e da estrutura silábica postônica, e o tipo acentual resultante, esses serão considerados pela sua tipicidade apenas: se o que é mais típico obtiver percentuais maiores, então a Lg em questão corrobora os estudos anteriores.

4.1.2.1.1 Lg01

A seguir, exponho um quadro contabilizando as produções de Lg01:

Tabela 9
% de produção acentual de Lg01 (acento)

Lg01	1;10	Exemplo	1;11	Exemplo	2;05	Exemplo
Produção acentual						
PR	0 (0%)	-	1/11 (9,1%)	/tri. 'ã.gu.lU/ ['lẽ.gu.lu]	12/16 (75%)	/'ɔ.ku.lUS/ ['ɔ.ku.lu]
PA	12/13 (92%)	/a. 'bɔ.bO.ra/ ['bɔ.bɐ]	10/11 (90,9%)	/'ʃi.ka.ra/ ['i.kɐ]	4/16 (25%)	/'mɛ.di.kU/ ['mɛ.tu]
OX	1/13 (8%)	/'ma.ki.na/ [aj. 'ta]	0 (0%)	-	0 (0%)	-
PP	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
MO	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
Recurso e estratégia						
RC	10/13 (77%)	-	10/10 (100%)	/a. 'bɔ.bO.ra/ [a. 'bɔ.bɐ]	4/4 (100%)	/a. 'bɔ.bO.ra/ [a. 'bɔ.bɐ]
RE	2/13 (15,4%)	/i.pO.pɔ. 'ta.mU/ [bɔ. 'bɔ.da]	0 (0%)	-	0 (0%)	-
AM	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
RA	1/13 (7,7%)	/'ma.ki.na/ [aj. 'ta]	0 (0%)	-	0 (0%)	-

PR: produção proparoxítona PA: produção paroxítona OX: produção oxítona PP: produção preproparoxítona MO: produção monossílaba
RC: redução por coalescência RE: redução por elisão AM: ampliação RA: reacentuação

Analisando o quadro, temos, tanto aos 1;10 quanto aos 1;11, produções majoritariamente não padrão, e simplificações que majoritariamente são redução por coalescência intersilábica. Não houve nenhum caso de reacentuação ou de ampliação. Não houve um avanço significativo em relação à produção padrão dos 1;10 para 1;11. Já aos 2;5, as produções são majoritariamente proparoxítonas, e a simplificação se dá exclusivamente com redução por coalescência. Houve um avanço de 65,91% quanto à produção proparoxítona.

Comparando Lg01 com dados de estudos anteriores, temos o seguinte quanto à produção geral no formato padrão proparoxítono:

Tabela 10
% de produção proparoxítona por faixa etária

	Fx1	Fx2	Fx3
Lg01	0 9,1	75	-
Est. ant.	24,3	56,4	81

Como se vê, a produção de Lg01 está abaixo da média na primeira faixa etária, com diferenças entre 24,3% e 15,21%. Já na Fx2, a produção de Lg01 está acima da média, com diferença de 18,6%. Aos 2;5, Lg01 já se aproxima mais da terceira faixa etária, com uma diferença de 6%. Esses dados evidenciam um desenvolvimento lento do formato acentual padrão na primeira faixa etária, mas acelerado de uma faixa etária para a outra, visto que, em um espaço de tempo de 8 (oito) meses, Lg01 passou de muito abaixo da média para muito acima.

Analisando a distribuição da produção padrão a partir do contexto fonológico, é notável que houve uma produção padrão parca na primeira faixa etária, não havendo nenhuma produção proparoxítona aos 1;10 e uma única aos 1;11 (em /tri.'ã.gu.IU/). Aos 2;5, os alvos simplificados foram /a.'bɔ.bO.ra/, /'o.ni.bUS/, /'mɛ.di.ku/ e /tri.'ã.gu.IU/, sendo que esses dois últimos contaram com dupla produção, sendo uma proparoxítona. Assim, quanto ao contexto fonológico, temos a seguinte distribuição:

Tabela 11
% de produção proparoxítona por contexto fonológico e por faixa etária

Lg01		Fx1	Fx2	Fx3
<i>Trissílabos</i>	Lg01	0 0	71,4	-
	Est. ant.	25	85	94
<i>Polissílabos</i>	Lg01	0 16,6	77,8	-
	Est. ant.	38,9	63,3	62
<i>Est. sil. flex.</i>	Lg01	0 16,6	75	-
	Est. ant.	29	43	76
<i>Est. sil. ríg.</i>	Lg01	0 0	75	-
	Est. ant.	25,9	66	90

A tabela evidencia que, nos dados de Lg01, o contexto fonológico não exerceu qualquer influência na produção proparoxítona.

Quanto aos recursos e estratégias, prevaleceu, nas três idades da testagem, a redução por coalescência intersilábica, havendo apenas uma pequena taxa de 15,4% das simplificações em que ocorreu redução por elisão total de sílaba, não havendo nenhum caso de ampliação ou de reacentuação; desse modo, ocorre um distanciamento em relação aos estudos anteriores quanto à porcentagem, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 12
% de simplificação por estratégia e recurso

	RC	RE	RA	AM	Ind.
Lg01	92,2	5	0	2,5	-
Est. ant.	70	23,4	2,5	1,6	2,5

RC: redução por coalescência RE: redução por elisão RA: reacentuação AM: ampliação

Quanto ao tipo acentual resultante da simplificação, houve apenas 1 (uma) produção oxítona, na primeira testagem, sendo todas as demais produções paroxítonas, seguindo a tendência geral ao resultado paroxítono, como demonstrado na tabela a seguir:

Tabela 13
% de tipos acentual resultantes

	Paroxítono	Outros tipos
Lg01	97,3	2,7
Est. ant.	94,6	5,4

O que se pode dizer sobre Lg01 é que seus dados seguem as tendências gerais de estudos anteriores quanto ao tipo acentual resultante, quanto aos processos e estratégias de simplificação de proparoxítonas, mas se distancia da média quanto à produção padrão geral e quanto à produção padrão nos contextos fonológicos específicos. Lg01 demonstra um ritmo aquisicional bastante acelerado, uma vez que de uma produção bem abaixo da média na primeira faixa etária, em um espaço de 4 (quatro) meses, salta para uma produção que já se aproxima da terceira faixa etária, mesmo estando ainda bem distante da idade propícia.

4.1.2.1.2 Lg02

A seguir, exponho um quadro contabilizando as produções de Lg02:

Tabela 14
% de produção acentual de Lg02 (acento)

Lg02	1;10	Exemplo	2;04	Exemplo
Produção acentual				
PR	1/15 (6,7%)	/rE.'lã.pa.gU/ [ɛ.'lẽ.po.po]	0 (0%)	-
PA	13/15 (86,6%)	/'aR.vO.rI/ ['fwa.vi]	13/13 (100%)	/'ɔ.ku.lUS/ ['lɔ.ku]
OX	1/15 (6,6%)	/i.pO.'pɔ.ta.mU/ [i.tɔ.'tɔ]	0 (0%)	-
PP	0 (0%)	-	0 (0%)	-
MO	0 (0%)	-	0 (0%)	-
Recurso e estratégia				
RC	6/14 (42,8%)	/'aR.vO.rI/ ['fwa.vi]	9/13 (69,2%)	/a.'bɔ.bO.ra/ [a.'bɔ.bɐ]
RE	7/14 (50%)	/E.'zɛR.sɪ.tU/ [ɛ.'zɛ.tu]	4/13 (30,8%)	/'mɛ.di.ku/ ['mɛ.ku]
AM	0 (0%)	-	0 (0%)	-
RA	1/14 (7,14%)	/a.'bɔ.bO.ra/ [bɔ.'bɔ.dɐ]	0 (0%)	-

PR: produção proparoxítona PA: produção paroxítona OX: produção oxítona PP: produção preproparoxítona
MO: produção monossílaba RC: redução por coalescência RE: redução por elisão AM: ampliação RA: reacentuação

Analisando o quadro, temos, ao 1;10, produções majoritariamente não padrão, 1 (uma) produção proparoxítona (padrão). As simplificações a 1;10 são majoritariamente redução por coalescência intersilábica, havendo uma taxa significativa de reduções por elisão total de sílaba, não havendo outras estratégias/recursos.

Aos 2;04, as evocações são majoritariamente paroxítonas e a simplificação são exclusivamente redução, sendo majoritariamente por coalescência, e havendo 2 (duas) produções

com elisão total de sílaba. Da primeira para a segunda coleta, havendo 6 (seis) meses de distância, não houve nenhum avanço quanto à produção proparoخítونا padrão, de modo que os dados evidenciam um ritmo aquisicional extremamente lento.

Comparando Lg02 com dados de estudos anteriores, temos o seguinte quanto à produção geral no formato padrão proparoخítونا:

Tabela 15
% de produção proparoخítونا por faixa etária

	Fx1	Fx2	Fx3
Lg02	6,7	0	-
Est. ant.	24,3	56,4	81

Como se vê, a produção de Lg02 mantém-se sempre muito abaixo da média, com diferença de 42,36% na primeira faixa etária e de 56,4% na segunda. Por correspondência, Lg02 também divergiu da média de estudos anteriores quanto à relação da simplificação com o contexto fonológico. Sua única produção proparoخítونا foi no alvo /rE. 'lã.pa.gU/, um vocábulo polissílabo, o que dificultaria a produção proparoخítونا, mas com estrutura silábica rígida, o que propicia a produção proparoخítونا. Numa tabela, temos o seguinte:

Tabela 16
% de produção proparoخítونا por contexto fonológico e por faixa etária

Lg02		Fx1	Fx2	Fx3
<i>Trissílabos</i>	Lg02	0	0	-
	Est. ant.	25	85	94
<i>Polissílabos</i>	Lg02	1 produção	0	-
	Est. ant.	38,9	63,3	62
<i>Est. sil. flex.</i>	Lg02	0	0	-
	Est. ant.	29	43	76
<i>Est. si. ríg.</i>	Lg02	1 produção	0	-
	Est. ant.	25,9	66	90

Quanto aos recursos e estratégias, prevaleceu, nas duas idades da testagem, a redução por coalescência intersilábica, havendo, porém, uma pequena taxa das simplificações em que ocorreu redução por elisão total de sílaba, sendo bem mais significativa na primeira coleta, em que há um equilíbrio entre a redução por elisão total de sílaba e a redução por coalescência intersilábica. Porém, em uma análise geral, os dados não divergem dos dados de estudos anteriores, estando levemente acima da média, como se pode ver na tabela a seguir:

Tabela 17
% de simplificação por estratégia e recurso

	RC	RE	RA	AM	Ind.
Lg02	67,4	29,2	3,4	0	-
Est. ant.	70	23,4	2,5	1,6	2,5

RC: redução por coalescência RE: redução por elisão RA: reacentuação AM: ampliação

Quanto ao tipo acentual resultante da simplificação, houve um apenas 1 (uma) produção oxítônica, na primeira testagem, sendo todas as demais produções paroxítonas, de modo que os dados de Lg02 corroboram a tendência geral de produção paroxítona.

Tabela 18
% de tipos prosódicos resultantes

	Paroxítono	Outros tipos
Lg02	96,5	3,6
Est. ant.	94,6	5,4

O que se pode dizer sobre os dados de Lg02 é que seguem as tendências gerais quanto ao tipo acentual resultante e quanto aos processos e estratégias de simplificação de proparoxítonas, mas se distancia da média quanto à produção padrão.

4.1.2.1.3 Lg03

A seguir, exponho um quadro contabilizando as produções de Lg03:

Tabela 19
% de produção acentual de Lg03 (acento)

Lg03	1;11	Exemplo	2;04	Exemplo	2;05	Exemplo
Produção acentual						
PR	2/18 (11,1%)	/bi.'nɔ.ku.lU/ ['nɔ.ku.lu]	7/10 (70%)	/'aR.vO.rI/ ['a.vi.e]	4/10 (40%)	/'ɔ.ku.lUS/ ['ɔ.ku.luʃ]
PA	13/18 (72,2%)	/tri.'ã.gu.lU/ ['ẽ.gu]	3/10 (30%)	/'ma.ki.na/ ['ka.mɛ]	6/10 (60%)	/'o.ni.bUS/ ['õ.niʃ]
OX	2/18 (11,1%)	/a.'bɔ.bO.ra/ [bɔ.'bɔ]	0 (0%)	-	0 (0%)	-
PP	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
MO	1/18 (5,5%)	/'ma.ki.na/ ['pa]	0 (0%)	-	0 (0%)	-
Recurso e estratégia						
RC	5/16 (31,2%)	/'o.ni.bUS/ ['õ.niʃ]	2/3 (66,7%)	/tri.ã.gu.lu/ [i.'nẽ.gu]	5/6 (83,3%)	/'aR.vO.rI/ ['a.vi]
RE	11/16 (68,7%)	/E.'zɛR.si.tU/ [ɛ'dɛ.tu]	1/3 (33,3%)	/'mɛ.di.ku/ ['mɛ.ku]	1/6 (16,6%)	/i.pO.'pɔ.ta.mU/ [pɔ.'pɔ.ʃi]
AM	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
RA	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-

PR: produção proparoxítona PA: produção paroxítona OX: produção oxítônica PP: produção preproparoxítona MO: produção monossílaba RC: redução por coalescência RE: redução por elisão AM: ampliação RA: reacentuação

Registre-se que as produções da primeira idade (1;11) ocorreram em duas testagens, que ocorreram com diferença de 15 (quinze) dias. Como essa distância de tempo não demonstrou nenhuma diferença na produção, manteve ambas como parte da primeira idade de testagem. No Apêndice, as evocações que ocorreram 15 (quinze) dias depois encontram-se demarcadas com um asterisco.

Analisando o quadro, temos, aos 1;11, produções majoritariamente não padrão, havendo 2 (duas) evocações proparoxítonas. As simplificações são majoritariamente redução por elisão de sílaba. Aos 2;4, as produções são majoritariamente proparoxítonas, havendo 3 evocações não padrão. As 3 evocações não padrão deram-se por redução por coalescência intersilábica. Em comparação à idade anterior, com 5 (cinco) meses de distância, a produção padrão aumentou 58,9%, um aumento bastante significativo, mas que reduz na idade seguinte. Aos 2;5, há um equilíbrio técnico entre produção padrão (proparoxítona) e não padrão, com leve tendência para a simplificação. Quanto à simplificação, predomina a redução por coalescência intersilábica. A produção padrão diminuiu quanto à coleta anterior, mas manteve a taxa maior que a primeira testagem.

Comparando Lg03 com dados de estudos anteriores, temos o seguinte quanto à produção geral no formato padrão proparoxítono:

Tabela 20
% de produção proparoxítona por faixa etária

	<u>Fx1</u>	<u>Fx2</u>	<u>Fx3</u>
Lg03	11,1	70 40	-
Est. ant.	24,3	56,4	81

Como se vê, a produção de Lg03 está abaixo da média na primeira faixa etária, com diferença de 24,3% e 15,21%. Já na Faixa 2, a produção de Lg03 está muito acima da média, com diferença de 13,19%. Já na segunda faixa etária, curiosamente, Lg03 se aproxima já da média para a terceira faixa aos 2;4, ficando acima da média com 13,6% de diferença, mas recua 1 (um) mês depois, mantendo-se levemente abaixo da média, com diferença de 16,4%.

Quanto ao contexto fonológico, as diferenças com estudos anteriores podem ser observadas na tabela a seguir:

Tabela 21
% de produção proparoxítona por contexto fonológico e por faixa etária

Lg03		Fx1	Fx2	Fx3
<i>Trissílabos</i>	Lg03	0	66,7 40	-
	Est. ant.	25	85	94
<i>Polissílabos</i>	Lg03	20	75 40	-
	Est. ant.	38,9	63,3	62

<i>Est. sil. flex.</i>	Lg03	25	80 33,3	-
	Est. ant.	29	43	76
<i>Est. sil. ríg.</i>	Lg03	0	60 50	-
	Est. ant.	25,9	66	90

Como mostra a tabela, os dados de Lg03 corroboram os dados de estudos anteriores, uma vez que vocábulos trissílabos e vocábulos com estrutura silábica rígida, em ambos os casos, ocorre um avanço maior para a produção padrão do que vocábulos polissílabos e com estrutura silábica flexível – destaque-se que, nesses dois últimos, na primeira faixa etária, não houve nenhuma produção proparoxítona.

Quanto aos recursos e estratégias, prevaleceu, na primeira idade da testagem, a redução por elisão total de sílaba, enquanto nas duas idades seguintes, correspondentes à segunda faixa etária, prevaleceu a redução por coalescência intersilábica. Porém, em uma análise geral, os dados não divergem muito dos dados de estudos anteriores, destacando-se apenas a inexistência de casos de reacentuação e ampliação, como se pode verificar na tabela a seguir:

Tabela 22
% de simplificação por estratégia e recurso

	RC	RE	RA	AM	Ind.
Lg03	71,5	28,5	0	0	-
Est. ant.	70	23,4	2,5	1,6	2,5

RC: redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Quanto ao tipo acentual resultante da simplificação, predomina a produção paroxítona, houve apenas 2 (duas) produções oxítonas aos 1;11.

Tabela 23
% de tipos prosódicos resultantes

	Paroxítono	Outros tipos
Lg03	93,7	6,3
Est. ant.	94,6	5,4

O que se pode dizer sobre os dados de Lg03 é que seguem as tendências gerais quanto ao tipo acentual resultante, quanto aos recursos e estratégias de simplificação e quanto à influência do contexto fonológico para a simplificação, mas se distancia da média quanto ao desenvolvimento da produção padrão geral.

4.1.2.1.4 Lg04

A seguir, exponho um quadro contabilizando as produções de Lg04:

Tabela 24
% de produção acentual de Lg04 (acento)

Lg04	2;03	Exemplo	2;09	Exemplo
Produção acentual				
PR	2/7 (28,6%)	/ˈaR.vO.rɪ/ [ˈa.vo.i]	9/24 (37,5%)	/ˈaR.vO.rɪ/ [ˈa.vo.i]
PA	5/7 (71,4%)	/ˈmɛ.di.ku/ [ˈmɛ.ko]	12/24 (50%)	/ˈɔ.ku.lUS/ [ˈɔ.kuʃ]
OX	0 (0%)	-	0 (0%)	-
PP	0 (0%)	-	1/24 (4,1%)	/rE.ˈlã.pa.gU/ [ẽ.pu.ˈxẽ.pa.de.o]
MO	0 (0%)	-	0 (0%)	-
Recurso e estratégia				
RC	5/5 (100%)	/a.ˈbɔ.bO.ra/ [a.ˈbo.bɐ]	11/12 (91,6%)	/a.ˈbɔ.bO.ra/ [ˈbo.bɐ]
RE	0 (0%)	-	0 (0%)	-
AM	0 (0%)	-	1/12 (8,3%)	/rE.ˈlã.pa.gU/ [ẽ.pu.ˈxẽ.pa.de.o]
RA	0 (0%)	-	0 (0%)	-

PR: produção proparoxítona **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PP:** produção preproparoxítona
MO: produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão
AM: ampliação **RA:** reacentuação

Analisando o quadro, temos, aos 2;03, produções majoritariamente não padrão, e as simplificações são exclusivamente redução por coalescência intersilábica, havendo apenas 2(duas) produções proparoxítonas. Não houve nenhum caso de elisão total de sílaba, de reacentuação ou de ampliação. Já aos 2;09, houve um crescimento pouco significativo da produção proparoxítona e nenhuma mudança significativa quanto aos recursos e estratégias. Aos 2;09, temos uma leve maioria de produção não padrão, com diferença de 12,5%. As simplificações são majoritariamente redução por coalescência, havendo 1 (um) único caso de ampliação.

Comparando Lg04 com dados de estudos anteriores, temos o seguinte quanto à produção geral no formato padrão proparoxítono:

Tabela 25
% de produção proparoxítona por faixa etária

	Fx1	Fx2	Fx3
Lg04	-	28,6 37,5	-
Est. ant.	24,3	56,4	81

Como se vê, a produção de Lg04 está muito abaixo da média, com diferença de 27,83% aos 2;3 e de 18,9% aos 2;9. Desse modo, aos 2;3, Lg04 tem uma produção ainda correspondente à primeira faixa etária, com diferença de 4,27%. Aos 2;4 a diferença para a primeira faixa etária é de 13,2%. Mesmo com um ritmo aquisicional aparentemente lento, é possível observar, como indício, que há um crescimento gradual do acento proparoxítono, em curso, já que houve um aumento de 8,93% nas produções proparoxítonas, num período de seis meses.

Por correspondência, no contexto fonológico, as diferenças com estudos anteriores também ficam abaixo da média, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 26
% de produção proparoxítona por contexto fonológico e por faixa etária

Lg04		Fx1	Fx2	Fx3
<i>Trissílabos</i>	Lg04	-	25 41,7	-
	Est. ant.	25	85	94
<i>Polissílabos</i>	Lg04	-	33 33	-
	Est. ant.	38,9	63,3	62
<i>Est. sil. flex.</i>	Lg04	-	25 27	-
	Est. ant.	29	43	76
<i>Est. si. ríg.</i>	Lg04	-	33,3 46,2	-
	Est. ant.	25,9	66	90

Ainda que abaixo da média em relação à porcentagem de produções proparoxítonas, os dados corroboram os estudos anteriores a respeito da influência do contexto fonológico, visto que as taxas, embora muito menores em comparação aos estudos anteriores, são maiores nos contextos não propícios à simplificação (vocábulos trissílabos e com estrutura silábica rígida), nos quais se nota, também, um crescimento da taxa de produção proparoxítona de uma idade para a outra, enquanto os contextos propícios à simplificação (vocábulos polissílabos e com estrutura silábica flexível), nota-se uma estagnação.

Quanto aos recursos e estratégias, prevaleceu a redução por coalescência intersilábica, tendo esta quase exclusividade nas simplificações e ficando muito acima da média em relação aos estudos anteriores, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 27
% de simplificação por estratégia e recurso

	RC	RE	RA	AM	Ind.
Lg04	95,8	0	0	4,2	-
Est. ant.	70	23,4	2,5	1,6	2,5

RC: redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Quanto ao tipo acentual resultante da simplificação, predomina a produção paroxítona, havendo 1 (um) único caso de produção preproparoxítona, estando os dados sincronizados com os de estudos anteriores, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 28
% de tipos prosódicos resultantes

	Paroxítono	Outros tipos
Lg04	96,7	3,3
Est. ant.	94,6	5,4

Assim, os dados de Lg04 seguem as tendências gerais dos estudos anteriores quanto ao tipo acentual resultante típico, aos recursos e estratégias de simplificação típicos e quanto à influência do contexto fonológico para a simplificação, mas se distancia da média quanto ao desenvolvimento da produção padrão geral.

4.1.2.1.5 Lg05

A seguir, exponho um quadro contabilizando as produções de Lg05:

Tabela 29
% de produção acentual de Lg05 (acento)

Lg05	2;04	Exemplo	3;00	Exemplo
Produção acentual				
PR	7/11 (63,6%)	/ˈmɛ.ði.ku/ [ˈmɛ.ʃi.ku]	14/15 (93,3%)	/tri.ˈã.gu.lU/ [ti.ˈẽ.gu.lu]
PA	4/11 (36,3%)	/ˈɔ.ku.lUS/ [ˈɔ.ku]	1/15 (6,6%)	/ˈma.ki.na/ [ˈmake]
OX	0 (0%)	-	0 (0%)	-
PP	0 (0%)	-	0 (0%)	-
MO	0 (0%)	-	0 (0%)	-
Recurso e estratégia				
RC	2/4 (50%)	/ˈo.ni.bUS/ [ˈa.tu]	1/1 (100%)	/ˈma.ki.na/ [ˈmake]
RE	2/4 (50%)	/E.ˈzɛR.si.tU/ [ɛ.ˈʒɛ.tu]	0 (0%)	-
AM	0 (0%)	-	0 (0%)	-
RA	0 (0%)	-	0 (0%)	-

PR: produção preproparoxítona **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PP:** produção preproparoxítona
MO: produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão
AM: ampliação **RA:** reacentuação

Analisando o quadro, temos, aos 2;04, uma leve maioria de produções padrão e simplificações exclusivamente por redução, havendo um equilíbrio entre coalescência intersilábica e

elisão total de sílaba. Não houve nenhum caso de reacentuação ou de ampliação. Aos 3;0, temos uma predominância de produção padrão, havendo apenas 1 (uma) única simplificação, que ocorreu com redução por coalescência.

Comparando Lg05 com dados de estudos anteriores, temos o seguinte quanto à produção geral no formato padrão proparoquítono:

Tabela 30
% de produção proparoquítona por faixa etária

	Fx1	Fx2	Fx3
Lg05	-	63,6 93,3	-
Est. ant.	24,3	56,4	81

Como se vê, a produção de Lg05 está acima da média, levemente aos 2;03, com diferença de 7,23%, e mais significativamente aos 3;00, com diferença de 36,9%. Desse modo, aos 3;0, Lg05 tem uma produção já correspondente à terceira faixa etária, com 12,33% acima da média também para a terceira faixa. Note-se que essa produção ocorre em 3;00, em apenas um mês de diferença do marco da terceira faixa, que é 3;1.

Quanto ao contexto fonológico, as diferenças com estudos anteriores podem ser observadas na tabela a seguir:

Tabela 31
% de produção proparoquítona por contexto fonológico e por faixa etária

Lg05		Fx1	Fx2	Fx3
<i>Trissílabos</i>	Lg05	-	50 83,3	-
	Est. ant.	25	85	94
<i>Polissílabos</i>	Lg05	-	60 56	-
	Est. ant.	38,9	63,3	62
<i>Est. sil. flex.</i>	Lg05	-	75 100	-
	Est. ant.	29	43	76
<i>Est. si. ríg.</i>	Lg05	-	40 28,6	-
	Est. ant.	25,9	66	90

Como mostra a tabela, os dados de Lg05 corroboram os dados de estudos anteriores, uma vez que vocábulos trissílabos e vocábulos com estrutura silábica rígida, em ambos os casos, ocorre um avanço maior para a produção padrão do que vocábulos polissílabos e com estrutura silábica flexível – destaque-se que, nesses dois últimos, na primeira faixa etária, não houve nenhuma produção proparoquítona.

Quanto aos recursos e estratégias, prevaleceu a redução por coalescência intersilábica, com taxas similares às dos estudos anteriores. Destaque-se que, na primeira faixa etária, houve equilíbrio

entre coalescência intersilábica e elisão total de sílabas. As taxas podem ser conferidas na tabela a seguir:

Tabela 32
% de simplificação por estratégia e recurso

	RC	RE	RA	AM	Ind.
Lg05	75	25	0	0	-
Est. ant.	70	23,4	2,5	1,6	2,5

RC: redução por coalescência RE: redução por elisão RA: reacentuação AM: ampliação

Quanto ao tipo acentual resultante da simplificação, a exclusividade da produção paroxítona coloca Lg05 levemente acima dos dados de estudos anteriores, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 33
% de tipos prosódicos resultantes

	Paroxítono	Outros tipos
Lg05	100	0
Est. ant.	94,6	5,4

Assim, os dados de Lg05 seguem as tendências de dados de estudos anteriores, em relação à produção proparoxítona, à influência do contexto fonológico para a simplificação, aos recursos e estratégias típicos e ao tipo prosódico resultante típico.

4.1.2.1.6 Lg06

A seguir, exponho um quadro contabilizando as produções de Lg06:

Tabela 34
% de produção acentual de Lg06 (acento)

Lg06	3;01	Exemplo	3;09	Exemplo	4;04	Exemplo
Produção acentual						
PR	8/12 (66,6%)	/ˈaR.vO.rI/ [ˈa.vu.li]	16/16 (100%)	/ˈaR.vO.rI/ [ˈa.vo.li]	13/16 (81,2%)	/ˈaR.vO.rI/ [ˈay.vɔ.ri]
PA	4/12 (33,3%)	/ˈma.ki.na/ [ˈma.kɐ]	0 (0%)	-	3/16 (18,7%)	/tri.ˈã.gu.IU/ [tri.ˈẽ.gul]
OX	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
PP	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
MO	0 (0%)	-	0 (0%)	-	0 (0%)	-
Recurso e estratégia						
RC	4/4 (100%)	/tri.ˈã.gu.IU/ [tri.ˈẽ.guw]	-	-	3/3 (100%)	/E.ˈzeR.si.tU/ [ɛ.ˈze.ksu]

RE	0 (0%)	-	-	-	0 (0%)	-
AM	0 (0%)	-	-	-	0 (0%)	-
RA	0 (0%)	-	-	-	0 (0%)	-

PR: produção proparoxítônica PA: produção paroxítônica OX: produção oxítônica PP: produção preproparoxítônica MO: produção monossílaba
RC: redução por coalescência RE: redução por elisão AM: ampliação RA: reacentuação

Analisando o quadro, temos, aos 3;01 e aos 4;04, predominância da produção proparoxítônica. Já aos 3;09, a produção foi exclusivamente proparoxítônica.

Comparando Lg06 com dados de estudos anteriores, temos o seguinte quanto à produção geral no formato padrão proparoxítônico:

Tabela 35
% de produção proparoxítônica por faixa etária

	Fx1	Fx2	Fx3
Lg06	-	-	66,6 100 81,2
Est. ant.	24,3	56,4	81

Como se vê, apesar de a produção aos 3;01 já ser majoritariamente proparoxítônica, ela ainda aproxima-se mais da segunda faixa etária, estando 10,2% acima da média, que da primeira estando 14,4% abaixo da média. Aos 3;09, ele se encontra bem acima da média, já que apresenta 100% de produção proparoxítônica e se encontra alinhado com a média aos 4;01, com uma diferença de apenas 0,2%.

O contexto fonológico não demonstra relevância para a produção padrão, visto que as taxas são muito similares entre os diferentes contextos, como se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 36
% de produção proparoxítônica por contexto fonológico e por faixa etária

Lg06		Fx1	Fx2	Fx3
<i>Trissílabos</i>	Lg06	-	-	66,7 100 75
	Est. ant.	25	85	94
<i>Polissílabos</i>	Lg06	-	-	67 100 75
	Est. ant.	38,9	63,3	62
<i>Est. sil. flex.</i>	Lg06	-	-	60 100 67
	Est. ant.	29	43	76
<i>Est. si. ríg.</i>	Lg06	-	-	71,4 100 85,7
	Est. ant.	25,9	66	90

Quanto aos recursos e estratégias, a simplificação exclusivamente por redução por coalescência intersilábica coloca Lg06 acima da média em relação aos estudos anteriores, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 37
% de simplificação por estratégia e recurso

	RC	RE	RA	AM	Ind.
Lg06	100	0	0	0	-
Est. ant.	70	23,4	2,5	1,6	2,5

RC: redução por coalescência RE: redução por elisão RA: reacentuação AM: ampliação

Quanto ao tipo acentual resultante da simplificação, a exclusividade da produção paroxítona coloca Lg06 levemente acima dos dados de estudos anteriores, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 38
% de tipos prosódicos resultantes

	Paroxítono	Outros tipos
Lg06	100	0
Est. ant.	94,6	5,4

Assim, os dados de Lg06 seguem as tendências de dados de estudos anteriores, em relação à produção proparoxítona por faixa etária e aos tipos acentuais típicos resultantes da simplificação. Não corrobora os estudos anteriores em relação à influência do contexto fonológico e corrobora parcialmente quanto aos recursos e estratégias típicos.

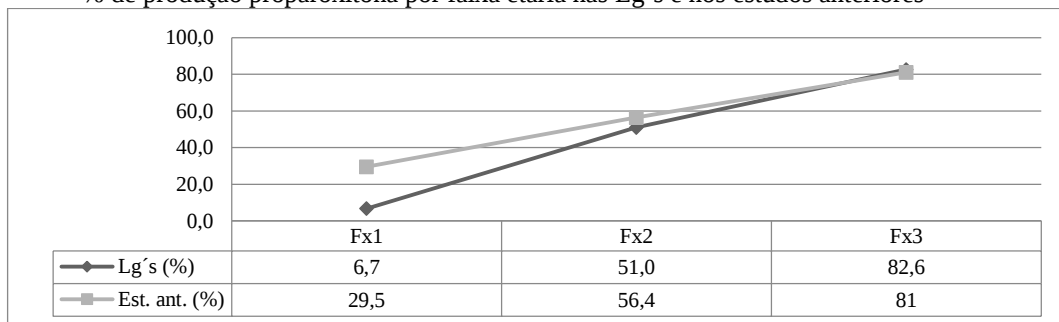
Note-se que a criança em questão já se encontra na terceira faixa etária, de modo que esta predominância já é a esperada. Ainda assim, destaca-se que há um intervalo de 9 (nove) meses entre a primeira e a segunda coleta, e de 7 (sete) meses entre a segunda e a terceira, sendo que há, no meio, uma produção em 100%.

4.1.2.2 Tendências

Os dados da coleta recente apresentaram duas tendências relevantes quanto à aquisição do acento padrão proparoxítono: a produção conforme ritmo aquisicional das Lg's e a influência dos contextos fonológicos, entrecruzados, na produção acentual proparoxítona. A tendência geral para a aquisição das Lg's é crescente, e corrobora os estudos anteriores, como pode ser observado no gráfico a seguir:

Gráfico 11

% de produção proparoxítona por faixa etária nas Lg's e nos estudos anteriores



O gráfico mostra que as Lg's estão, de modo geral, bem abaixo da média dos estudos anteriores na primeira faixa etária, mas se aproximam a partir da segunda. O crescimento percentual médio da primeira para a segunda faixa etária foi de 44,3% no total das Lg's e de 26,9% nos estudos anteriores. Já da segunda para a terceira faixa etária, o crescimento percentual médio foi de 31,6% nas Lg's e de 24,6% nos estudos anteriores. Assim, na média geral, os dados das Lg's corroboram os estudos anteriores. Individualmente, no entanto, nem sempre essa corroboração ocorre, como se pode observar na tabela abaixo:

Tabela 39

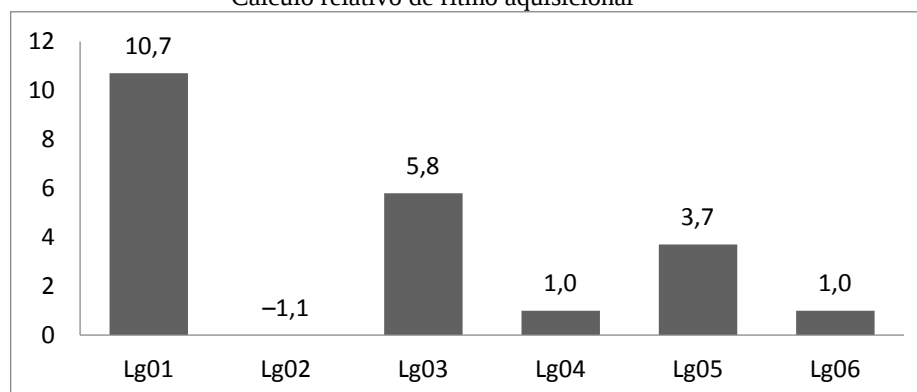
Corroboração ou não das Lg's quanto a estudos anteriores

	Lg01	Lg02	Lg03	Lg04	Lg05	Lg06
Produção proparoxítona típica por faixa etária	N	N	S	N	S	S
Produção proparoxítona típica por faixa etária e contexto fonológico	N	N	S	S	S	N
Estratégia e recurso de simplificação típicos	S	S	S	S	S	S
Tipo acentual típico como resultado da simplificação	S	S	S	S	S	S

S: Sim, corrobora os estudos anteriores N: Não corrobora os estudos anteriores

As diferenças nos casos de quem corrobora ou não, ou quem corrobora parcialmente, podem ser identificadas através do ritmo aquisicional de cada criança. Para equanimizar o ritmo aquisicional, fiz um cálculo que me dá quanto o acento proparoxítono avança percentualmente, em média, a cada mês. Para isso, tirei a diferença entre o percentual de produção proparoxítona na última e na primeira testagem de cada criança; em seguida, dividi essa diferença pela quantidade de meses que se passaram entre essas testagens. Abaixo, exponho um gráfico com o resultado desse cálculo:

Gráfico 12
Cálculo relativo de ritmo aquisicional

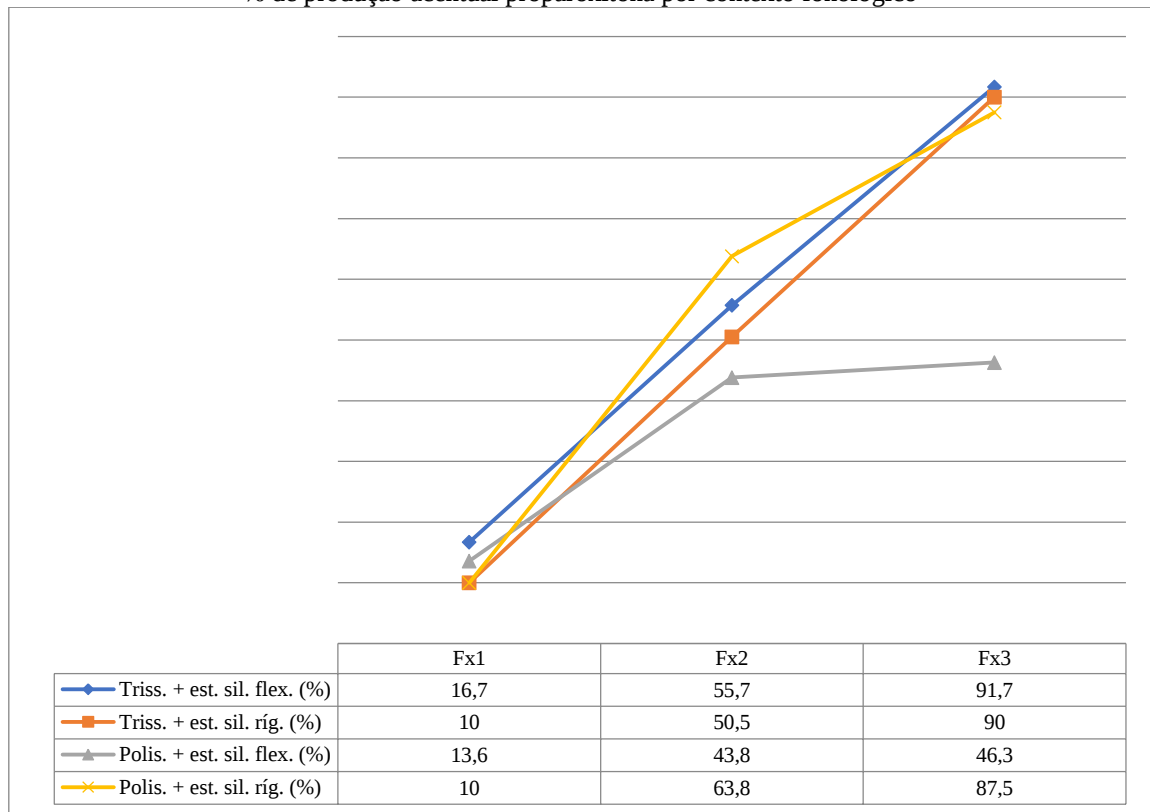


Observando o gráfico, é possível dizer que Lg01 apresenta um ritmo aquisicional mais acelerado enquanto Lg02 e Lg04 apresenta um ritmo aquisicional mais lento, sendo que a taxa de Lg02 é negativa. Lg03 e Lg05 apresentam um ritmo médio. Lg06 é um caso a ser considerado à parte, visto que, estando já na terceira faixa etária desde a primeira testagem, é de se esperar que o cálculo resulte em um número baixo, pois é a época em que o acento proparoxítono já é majoritário e possivelmente já começa a se estabilizar.

Comparando o Gráfico 12 com a Tabela 39, observa-se que as três crianças cujos dados não corroboraram os percentuais dos estudos anteriores são a que apresenta ritmo aquisicional acelerado (Lg01) e as que apresentam ritmo aquisicional lento (Lg02 e Lg04). O mesmo vale para os dois casos em que o contexto fonológico não demonstrou influenciar a produção acentual proparoxítona; com exceção, mais uma vez, de Lg06.

Quanto aos contextos fonológicos, na coleta recente, foi possível fazer algo ainda pouco produtivo nos estudos anteriores: confluir a estrutura silábica postônica com a extensão do vocábulo. Para tanto, utilizando os dados das Lg's e das Tr's, foi possível retirar uma média de produção, explicitada no gráfico a seguir:

Gráfico 13
% de produção acentual proparoxítona por contexto fonológico



Analisando o gráfico, temos o seguinte:

- Em todos os contextos fonológicos, ocorre crescimento percentual gradual.
- Os vocábulos trissílabos tem um crescimento mais exponencial que os polissílabos.
- Os polissílabos de estrutura silábica postônica flexível são os menos produtivos.
- Curiosamente, os trissílabos de estrutura silábica flexível se equilibram com os trissílabos de estrutura silábica rígida, com taxas levemente maiores, inclusive na segunda faixa etária.
- A diferença entre as quatro categorias é maior na segunda faixa etária que na primeira e na terceira, com exceção dos polissílabos de estrutura flexíveis, que ficaram muito abaixo da média na terceira faixa etária.

4.1.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Com os dados que temos, podemos concluir preliminarmente que:

- Os dados longitudinais mostraram que as fases nem sempre são progressivas, podendo haver regressões ocasionais. Isso é um traço do caráter não homeostático da aquisição

fonológica, em que um processo aparentemente já superado pode tornar a ocorrer em determinado momento.

- Houve ainda mais indícios de um quarto estágio de aquisição, observados pela produção de Lg06.
- O contexto fonológico se mostrou influente sobre a produção acentual proparoxítona ou não proparoxítona; a extensão do vocábulo foi um fator de maior influência

4.2 DADOS SOBRE O LÉXICO

Como dito no Capítulo III, a análise lexical que farei aqui será de dados obtidos em três coletas diferentes: a testagem com crianças (com duas coletas distintas) e a coleta de relatos parentais. Para a testagem, utilizarei tanto os dados coletados anteriormente quanto os dados obtidos na coleta recente. Quanto aos relatos parentais, como foi dito anteriormente, a amostragem é insuficiente para que se tirem conclusões precisas a respeito do tema, mas são suficientes para uma análise preliminar e, também, para um contraste com os dados de testagem com criança. Desse modo, a análise será exclusivamente sobre a produção da criança, não havendo nenhuma análise, aqui, sobre a compreensão.

Quanto à produção, os vocábulos estudados apresentaram padrões bem diferentes ao compará-la nas três faixas etárias. Isso permite uma classificação que distingue o grau de produtividade e de improdutividade desses vocábulos. Nos dados aqui obtidos, identifiquei 5 (cinco):

- **Vocábulo precoce (P):** vocábulo que apresenta um percentual muito acima da média, com 100% de produção na segunda e na terceira faixa etária.
- **Vocábulo gradativo (G):** vocábulo que apresenta um crescimento percentual gradual ao longo das faixas etária.
- **Vocábulo lento (L):** vocábulo cujo percentual estagna em duas faixas etárias consecutivas, sempre se mantendo abaixo de 50%.
- **Vocábulo oscilante (O):** vocábulo cujo percentual de produção oscila entre as faixas etárias, podendo ter aumento seguido de redução ou redução seguida de aumento.
- **Vocábulo improdutivo (I):** vocábulo com 0% de ocorrência nas três faixas etárias.

É importante frisar, aqui, que essa classificação é objeto de percentuais, levando em consideração um conjunto de crianças na faixa etária; a análise dos Lgs mostrará as tendências mais individuais.

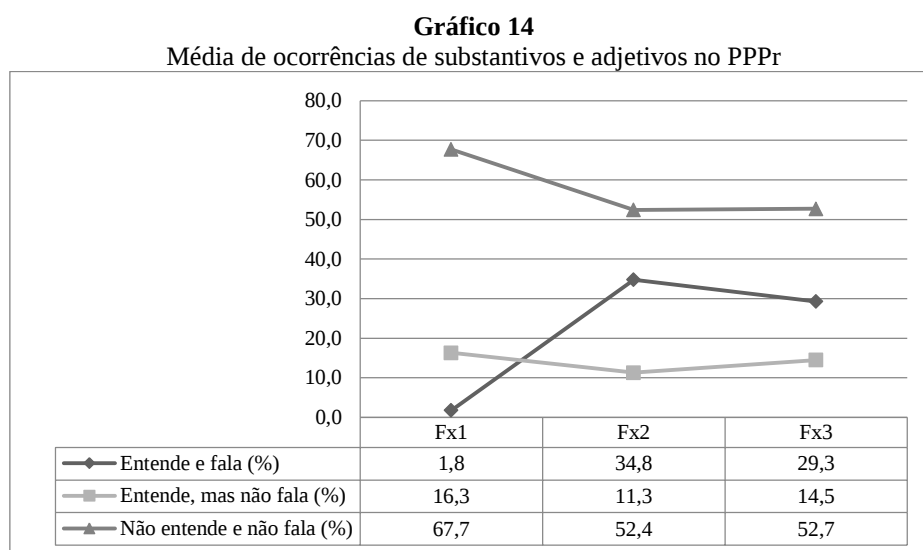
4.2.1 DADOS DE RELATOS PARENTAIS

A seguir, exponho um quadro com as ocorrências de substantivos comuns e adjetivos no PPPr:

Tabela 40
Quadro de ocorrências no Protocolo Palavras Proparoxítonas

	Entende, mas não fala						Entende e fala						Não entende e não fala					
	Quantidade			(%)			Quantidade			(%)			Quantidade			(%)		
	Fx1	Fx2	Fx3	Fx1	Fx2	Fx3	Fx1	Fx2	Fx3	Fx1	Fx2	Fx3	Fx1	Fx2	Fx3	Fx1	Fx2	Fx3
ANIMAIS																		
HIPOPÓTAMO	1	1	2	25	25	40	0	3	3	0	75	60	3	0	0	75	0	0
LIBÉLULA	0	1	0	0	25	0	0	1	0	0	25	0	3	2	5	75	50	100
PÁSSARO	3	0	0	75	0	0	0	4	5	0	100	100	1	0	0	25	0	0
TARÂNTULA	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	50	0	3	2	5	75	50	100
VEÍCULOS																		
ÔNIBUS	2	0	1	50	0	20	1	3	3	25	75	60	1	1	0	25	25	0
VELOCÍPEDE	0	2	2	0	50	40	0	0	0	0	0	0	3	2	3	75	50	60
COISAS DE CASA																		
FÓSFORO	1	1	1	25	25	20	0	2	3	0	50	60	3	1	1	75	25	20
LÂMPADA	2	1	2	50	25	40	0	3	3	0	75	60	2	0	0	50	0	0
MÁQUINA	0	2	1	0	50	20	0	2	4	0	50	80	4	0	0	100	0	0
XÍCARA	3	2	1	75	50	20	0	2	4	0	50	80	1	0	0	25	0	0
OBJETOS DIVERSOS																		
BINÓCULO	0	1	1	0	25	20	0	0	0	0	0	0	3	3	4	75	75	80
ÓCULOS	3	1	0	75	25	0	0	3	4	0	75	80	1	0	1	25	0	20
TRIÂNGULO (instrumento musical)	1	0	1	25	0	20	0	1	1	0	25	20	2	3	3	50	75	60
PESSOAS																		
BÊBADO / BÊBADA	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	3	4	4	75	100	80
CATÓLICO / CATÓLICA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	4	4	75	100	80
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	25	20	3	3	4	75	75	80
ESPÍRITA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	4	5	75	100	100
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	0	0	0	0	0	0	1	0	1	25	0	20	2	4	3	50	100	60
MÉDICO / MÉDICA	1	0	0	25	0	0	0	2	4	0	50	80	3	2	1	75	50	20
PRÍNCIPE	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	25	40	3	3	3	75	75	60
POLÍTICO / POLÍTICA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	4	5	75	100	100
SÍNDICO / SÍNDICA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	4	5	75	100	100
ALIMENTOS																		
ABÓBORA	1	0	2	25	0	40	0	3	2	0	75	40	3	1	1	75	25	20
PÊSSEGO	1	0	2	25	0	40	0	1	0	0	25	0	3	3	3	75	75	60
CORPO HUMANO																		
CÉREBRO	0	0	1	0	0	20	0	0	0	0	0	0	3	4	4	75	100	80
FÍGADO	0	0	1	0	0	20	0	0	0	0	0	0	3	4	4	75	100	80
ESTÔMAGO	0	0	1	0	0	20	0	1	0	0	25	0	3	3	4	75	75	80
MÚSCULO	0	1	0	0	25	0	0	0	0	0	0	0	3	3	5	75	75	100
ELEMENTOS DA NATUREZA																		
ÁRVORE	1	1	1	25	25	20	0	3	3	0	75	60	3	0	1	75	0	20
CÓRREGO	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	25	20	3	3	4	75	75	80
RELÂMPAGO	0	1	3	0	25	60	0	1	0	0	25	0	3	2	2	75	50	40
BRINCADEIRAS E ATIVIDADES																		
CÓCEGAS	1	1	1	25	25	20	0	2	1	0	50	20	3	1	3	75	25	60
MÁGICA	1	1	1	25	25	20		0	1	0	0	20	2	3	3	50	75	60
MÍMICA	0	0	1				1	0	2	25	0	40	2	4	2	50	100	40
OUTROS SUBSTANTIVOS																		
CÍRCULO	1	0	1	25	0	20	0	3	1	0	75	20	3	1	3	75	25	60
EXÉRCITO	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	1	1	75	25	20
MÚSICA	1	0	0	25	0	0	0	3	3	0	75	60	3	1	2	75	25	40
NÚMERO	1	0	0	25	0	0	0	3	2	0	75	40	3	1	3	75	25	60
SÁBADO	0	0	0	0	0	0	0	2	3	0	50	60	3	2	2	75	50	40
TRIÂNGULO (forma geométrica)	1	0	2	25	0	40	0	3	0	0	75	0	3	1	3	75	25	60
ZOOLOGICO	0	1	1	0	25	20	0	1	2	0	25	40	3	2	2	75	50	40
ADJETIVOS																		
ELÉTRICO / ELÉTRICA	0	2	3	0	50	60	0	0	0	0	0	0	4	2	2	100	50	40
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	4	5	100	100	100
ÓTIMO / ÓTIMA	1	2	1	25	50	20	0	0	1	0	0	20	3	2	3	75	50	60
PÁLIDO / PÁLIDA	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	4	5	100	100	100
PÉSSIMO / PÉSSIMA	0	0	1	0	0	20	0	0	0	0	0	0	4	4	4	100	100	80
PRÓXIMO / PRÓXIMA	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	25	20	4	3	4	100	75	80
PÚBLICO / PÚBLICA	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	4	4	3	100	100	60
RÁPIDO / RÁPIDA	1	0	2	25	0	40	0	2	2	0	50	40	3	2	1	75	50	20
TÍMIDO / TÍMIDA	0	1	0	0	25	0	0	0	1	0	0	20	4	3	4	100	75	80
ÚLTIMO / ÚLTIMA	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	20	4	4	4	100	100	80
ÚNICO / ÚNICA	0	1	1	0	25	20	0	0	0	0	0	0	4	3	4	100	75	80

Dividindo esses resultados por faixa etária, temos o seguinte:



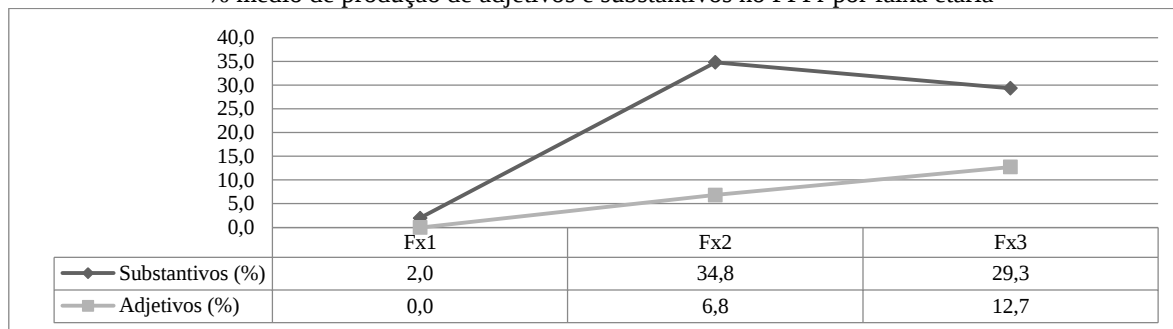
Como mostra o gráfico, a taxa de *Entende e fala* tem um crescimento percentual grande da primeira para a segunda faixa etária, e um leve decréscimo da segunda para a terceira. A taxa de *Entende, mas não fala* é maior que a de *Entende e fala* na primeira faixa etária, mas passa a ser menor na segunda e na terceira, mantendo-se a uma distância regular nessas duas últimas, fato que indica que a compreensão precede a produção do léxico, salvo em casos de repetição.

Também é importante destacar que ocorre um decréscimo significativo de *Não entende e não fala* da primeira para a segunda faixa etária, que faz um desenho inverso ao de *Entende e fala*, um indício de que há uma tendência ao crescimento do léxico proparoxítono entre essas duas faixas etárias. Da segunda para a terceira, ocorre um certo alinhamento entre *Entende e fala* e *Não entende e não fala*, de modo que, aparentemente, nesse período, a aquisição não é tão regular ou estável.

Para os limites dessa tese, detenho-me a analisar mais minuciosamente as taxas de *Entende e fala*, o que chamo, a partir de agora, de **produção** ou **produção lexical**. Devido aos limites desses dados, já mencionados no Capítulo III, seção 3.2, esse será o único item analisado aqui, que só terá valor se confirmado com os dados das coletas feitas diretamente com crianças. A seguir, exponho um gráfico representativo das taxas de produção no PPPr, comparando as produções entre adjetivos e substantivos:

Gráfico 15

% médio de produção de adjetivos e substantivos no PPPr por faixa etária



Como se vê, as duas classes iniciam mais próximas, e se distanciam a partir da segunda faixa etária, com diferença de 28% na segunda faixa etária e de 16,6% na terceira. A média de adjetivos mantém-se sempre abaixo da de substantivos, mas é gradativa; já a média de substantivos, embora acima da de adjetivos, é descontínua. Farei, agora, uma descrição e análise mais minuciosa dos resultados para cada uma dessas duas classes.

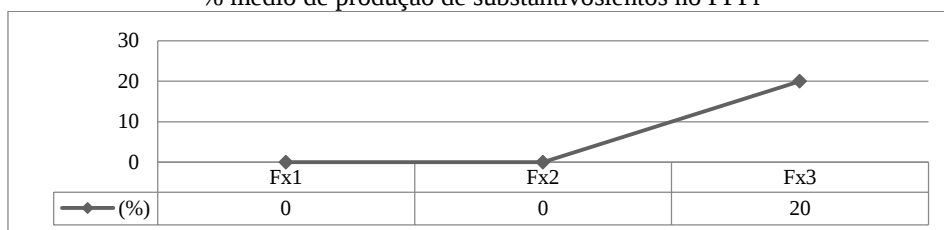
4.2.1.1 Substantivos

Observando a Tabela 40, temos, no conjunto de substantivos, a seguinte situação:

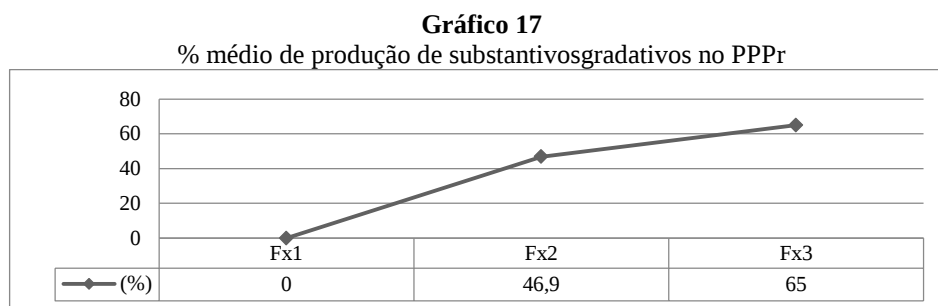
- **Vocábulo improdutivo:** BINÓCULO, CATÓLICO, CÉREBRO, ESPÍRITA, EXÉRCITO, FÍGADO, MÚSCULO, POLÍTICO, SÍNDICO e VELOCÍPEDE.
- **Vocábulo precoce:** PÁSSARO, unicamente; apesar de nenhuma ocorrência na primeira faixa etária, obtém 100% de ocorrência já na segunda faixa etária, mantendo-se assim na terceira.
- **Vocábulo lentos:** BÊBADO e MÁGICA, com 0% na primeira e na segunda faixa etária, e com 20% na terceira, como demonstrado no gráfico a seguir:

Gráfico 16

% médio de produção de substantivos lentos no PPPr

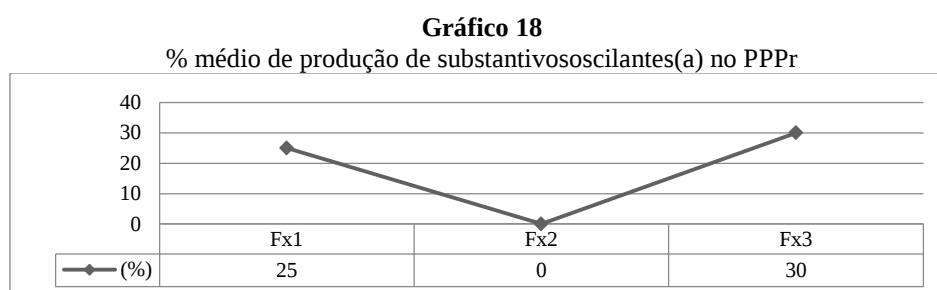


- Vocábulos gradativos: FÓSFORO, MÁQUINA, MÉDICO, ÓCULOS, PRÍNCIPE, SÁBADO, XÍCARA e ZOOLÓGICO, com crescimento médio de 46,9% da primeira para a segunda faixa etária e de 18,1% da segunda para a terceira, conforme demonstrado no gráfico abaixo:

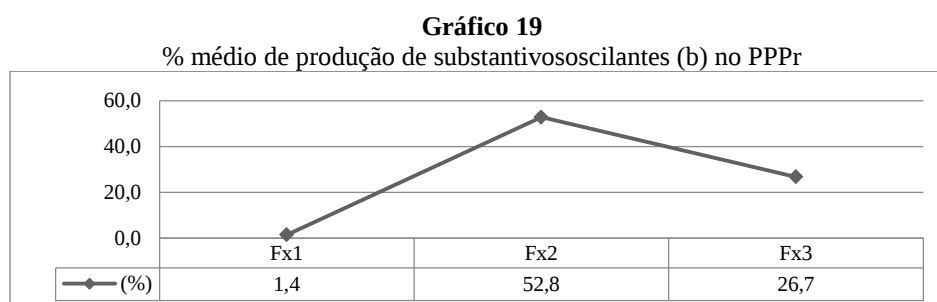


- Vocábulos oscilantes: ABÓBORA, ÁRVORE, CÍRCULO, CÓCEGAS, CÓRREGO, ESTÔMAGO, EVANGÉLICO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, LIBÉLULA, MÁGICO, MÍMICA, MÚSICA, NÚMERO, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, RELÂMPAGO, TARÂNTULA e TRIÂNGULO. No caso do PPPr, houve os dois tipos de oscilação:

- (a) Regressão seguida de crescimento, com ocorrência em MÁGICO e MÍMICA, obtendo a regressão a 0% na segunda faixa etária, conforme demonstrado no gráfico a seguir:



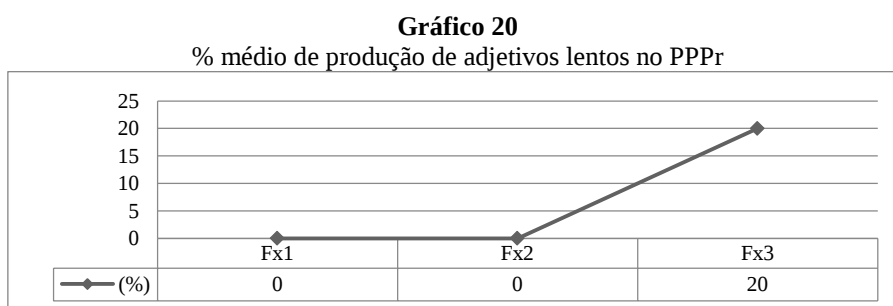
- (b) Crescimento seguido de regressão, com um crescimento médio de 51,4% da primeira para a segunda faixa etária, seguido de uma regressão média de 26,1% da segunda para a terceira, conforme demonstrado no gráfico a seguir:



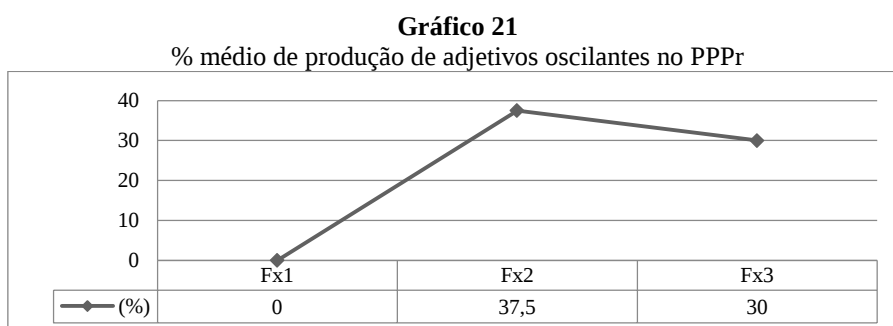
4.2.1.2 Adjetivos

Analisando a Tabela 40, temos, no conjunto de adjetivos, a seguinte situação:

- Vocábulos precoces: sem ocorrência
- Vocábulos gradativos: sem ocorrência
- Vocábulos improdutivos: ELÉTRICO, ESTÚPIDO, PÁLIDO, PÉSSIMO e ÚNICO.
- Vocábulos lentos: ÓTIMO, PÚBLICO, TÍMIDO e ÚLTIMO, com 0% na primeira e na segunda faixa etária, e com 20% na terceira, conforme gráfico abaixo:



- Vocábulos oscilantes: PRÓXIMO e RÁPIDO, com crescimento médio de 37,5% da primeira para a segunda faixa etária e regressão média de 7,5% da segunda para a terceira, conforme gráfico abaixo:



Embora o gráfico geral mostre essa classe mais exponencial que a dos substantivos, com um gráfico retilíneo e uma aquisição gradativa, a observação minuciosa dos dados mostrou o contrário: uma classe pouco produtiva, cujos vocábulos lentos competem com os improdutivos, e que deve

boa parte de seu crescimento retilíneo ao fato de só apresentar 2 (dois) vocábulos oscilantes. Já entre os substantivos, os oscilantes estiveram em maior quantidade e houve uma diferença pequena entre os improdutivos e os gradativos. Abaixo, um comparativo entre as duas classes:

Gráfico 22
% de tipo de produtividade entre os substantivos

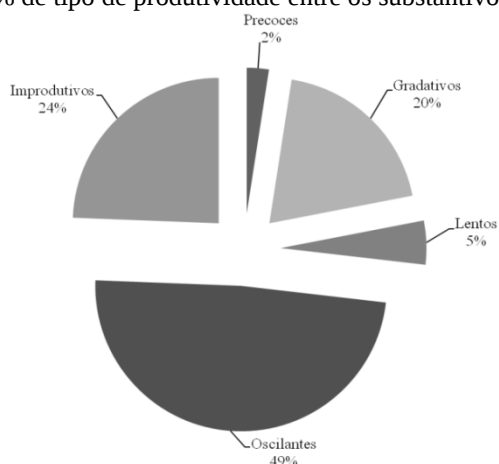
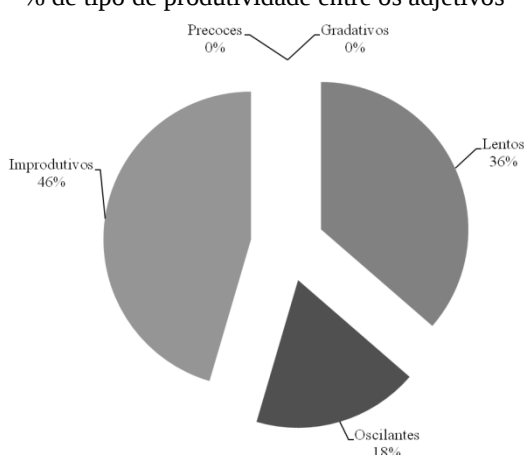


Gráfico 23
% de tipo de produtividade entre os adjetivos



Assim, os substantivos proparoxítonos se mostraram mais produtivos que os adjetivos, tanto por apresentarem taxas maiores quanto por terem uma maior proporção de vocábulos produtivos.

4.2.2 DADOS DE FALA DE CRIANÇAS

Descreverei os dados de testagem com crianças em dois quadros específicos, um para cada coleta realizada, a saber: Tabela 41 e Tabela 43. Cada quadro conta com a lista exata de coletas, informando as crianças testadas, suas respectivas idades; no caso da coleta anterior, as crianças serão divididas nas faixas etárias; no caso da coleta recente, entre os dados coletados longitudinalmente e transversalmente. A produção dos itens lexicais é identificada da seguinte maneira:

- Valor 0: vocábulos produzidos por repetição indireta.
- Valor 1: vocábulos produzidos por evocação espontânea.

As taxas de ocorrência foram estabelecidas através de um cálculo feito a partir desses dois valores. O valor 1 explicita o conhecimento do vocábulo e, portanto, a produção lexical. As taxas foram estabelecidas através do programa *Microsoft Excel*, com o lançamento de fórmulas específicas para calcular a média da produção dos vocábulos por faixa etária, da produção total de cada criança e do total de produções em cada faixa etária; a fórmula calcula essas médias e as multiplica por 100, formando, assim, os percentuais específicos.

4.2.1.1 Dados da coleta anterior

A seguir, exponho um quadro que quantifica a produção espontânea dos diversos vocábulos na coleta anterior:

Tabela 41
Quadro de ocorrência de vocábulos na coleta anterior

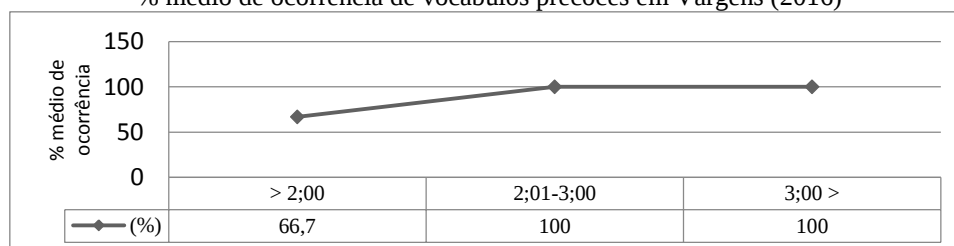
	Fx1					Fx2							Fx3											
	Cr01	Cr02	Cr03	(%)		Cr04	Cr05	Cr06	Cr07	Cr08	Cr09		(%)	Cr10	Cr11	Cr12	Cr13	Cr14	Cr15	Cr16		Cr17	Cr18	(%)
	(1;09)	(1;09)	(1;10)			(2;02)	(2;05)	(2;05)	(2;08)	(2;09)	(2;10)			(3;01)	(3;02)	(3;02)	(3;06)	(3;07)	(4;01)	(4;01)		(4;02)	(5;00)	
ÁRVORE	0	1	1	66,7	1	-	-	1	1	1	100	1	1	1	1	1	1	1	1	1	100			
MÚSICA	0	0	0	0	-	-	1	0	1	0	50	1	1	1	1	1	1	0	1	1	88,9			
MÉDICO	0	0	0	0	-	-	0	0	0	1	25	0	1	1	0	1	0	1	1	1	66,7			
MÔNICA	0	1	0	33,3	-	-	1	1	1	1	100	1	0	0	1	1	1	1	1	1	77,8			
HIPOPÓTAMO	1	0	0	33,3	1	-	1	1	1	1	100	1	1	1	1	0	1	1	1	1	88,9			
ABÓBORA	0	1	0	33,3	1	-	1	1	1	1	100	1	1	1	1	1	1	1	0	1	88,9			
LÂMPADA	0	1	0	33,3	-	-	0	0	0	0	0	0	0	0	-	-	1	1	0	1	42,9			
MÁQUINA	0	1	-	50	0	-	0	1	1	1	60	1	0	0	1	1	1	1	0	1	66,7			
PLÁSTICO	0	0	-	0,0	0	-	-	0	1	0	25	0	0	0	0	1	1	0	0		25			
ÓCULOS	0	1	1	66,7	1	-	-	1	1	1	100	1	1	1	1	1	1	1	1	1	100			
BINÓCULO	0	0	-	0	0	-	-	1	0	0	25	1	0	0	0	0	1	1	0	1	44,4			
CÂMERA	-	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	1	55,6			
EXÉRCITO	0	0	0	0	0	-	-	-	0	0	0	0	-	-	-	-	0	0	0	0	0			
TRIÂNGULO	0	0	0	0	1	-	-	0	1	0	50	1	0	0	0	0	0	1	0	1	33,3			
MÁGICO	0	-	0	0	-	-	-	-	0	0	0	-	0	0	-	1	1	0	-	0	33,3			
PRÍNCIPE	0	0	0	0	0	-	-	1	0	1	66,7	1	-	-	0	0	1	0	1	1	57,1			
XÍCARA	0	-	0	0	0	0	-	-	1	1	1	75	0	-	-	0	1	1	0	0	28,6			
ÔNIBUS	0	0	0	0	-	-	-	0	1	0	33,3	1	-	-	1	1	1	1	1	1	100			
FÓSFORO	0	0	0	0	-	-	-	0	0	0	0	0	-	-	0	0	1	1	0	0	28,6			
PÁSSARO	0	0	-	0	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	-	0	1	1	0	0	25			
VELOCÍPEDE	0	-	0	0	-	-	-	0	-	-	0	-	0	0	-	-	0	0	0	0	0			
PÊSSEGO	0	0	0	0	-	-	-	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0			
NÚMERO	0	0	0	0	0	-	-	1	1	0	66,7	1	0	0	0	0	1	1	0	1	44,4			
(%)	4,5	30	10,5	13,8	50	-	57,1	45,5	54,5	40	42,5	57,1	38,9	38,9	47,1	55	78,3	65,2	36,4	68,2	52			

Analisando o quadro, temos, na divisão dos vocábulos, a seguinte situação:

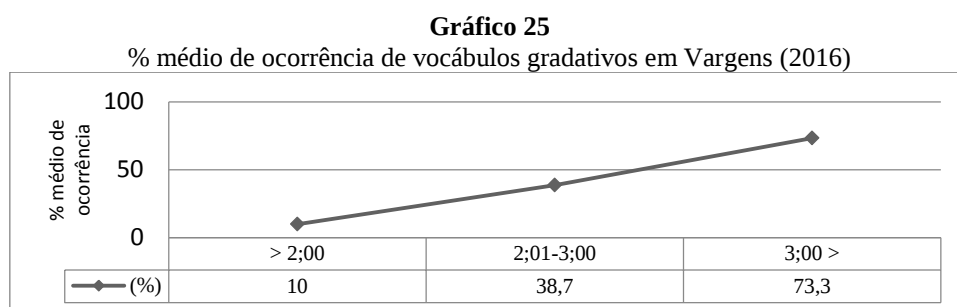
- Vocábulos improdutivos: EXÉRCITO, PÊSSEGO e VELOCÍPEDE.
- Vocábulos precoces: ÁRVORE e ÓCULOS, ambos com 66,7% de ocorrência na primeira faixa etária e com 100% de ocorrência nas demais, apresentando um crescimento de 33,3% da primeira para a segunda faixa etária, estabilizando-se e se mantendo-se da segunda para a terceira. A produção média pode ser observada no gráfico a seguir:

Gráfico 24

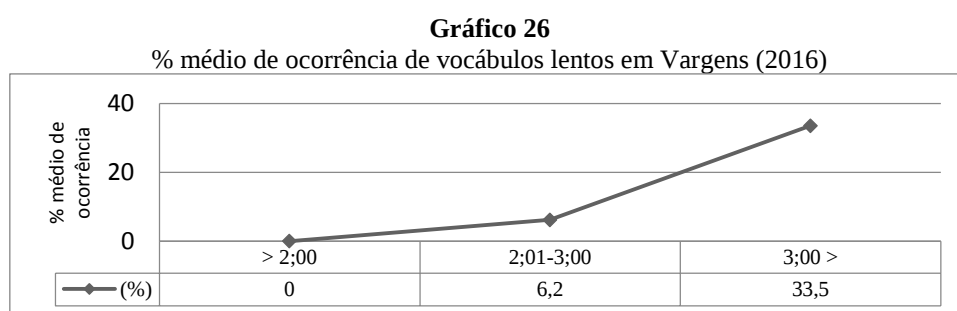
% médio de ocorrência de vocábulos precoces em Vargens (2016)



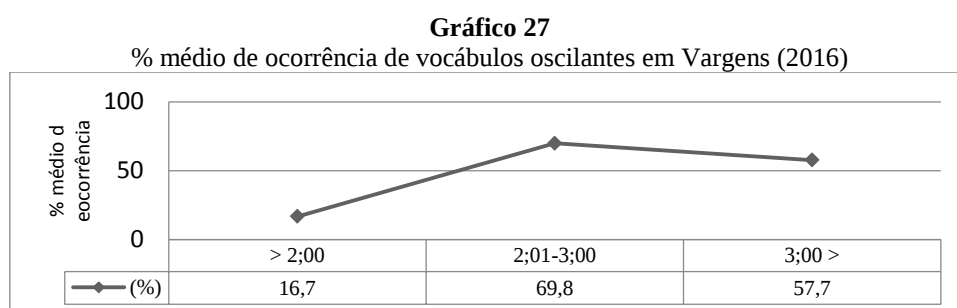
- **Vocábulos gradativos:** BINÓCULO, MÁQUINA, MÉDICO, MÚSICA e ÔNIBUS, com taxa de crescimento de 28,7% da primeira para a segunda faixa etária e de 34,6% da segunda para a terceira, como se pode observar no gráfico a seguir:



- **Vocábulos lentos:** CÂMERA, FÓSFORO, MÁGICO, PÁSSARO e PLÁSTICO, com um crescimento médio de 6,25% da primeira para a segunda faixa etária e 27,3% da segunda para a terceira, como demonstrado no gráfico a seguir:



- **Vocábulos oscilantes:** ABÓBORA, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÔNICA, NÚMERO, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO e XÍCARA, com um crescimento médio de 53,1% da primeira para a segunda faixa etária, e uma regressão média de 12,1% da segunda para a terceira, como se demonstra no gráfico abaixo. Destaque-se que nos dados da coleta anterior não houve oscilação de redução seguida de crescimento.



É importante ressaltar que, ao se traçar uma média, a tendência demonstrada pelo gráfico para o conjunto de vocábulos pode diferir do que cada vocábulo apresenta individualmente, de modo que

a classificação é prioritariamente por vocábulos e secundariamente geral. Os vocábulos lentos, por exemplo, ao se traçar uma média, em conjunto, apresentam crescimento percentual, ainda que menor do que os vocábulos gradativos.

É importante ressaltar, também, que, independentemente da classificação quanto ao crescimento da ocorrência, não houve nenhum vocábulo cuja taxa de ocorrência na terceira faixa etária foi inferior à da primeira, como se pode observar na tabela a seguir:

Tabela 42
% de ocorrência nas primeira e terceira faixas etárias

	Fx1	Fx3	Cresc.
Precoces	66,7	100	33,3
Gradativos	10	73,3	63,3
Oscilantes	16,7	57,7	41
Lentos	0	33,5	33,5
Improdutivos	0	0	0

De modo geral, com exceção dos vocábulos improdutivos, todos os demais apresentaram crescimento percentual da primeira para a terceira, o que aponta a segunda faixa etária como fator de descontinuidade.

4.2.1.2 Dados da coleta recente

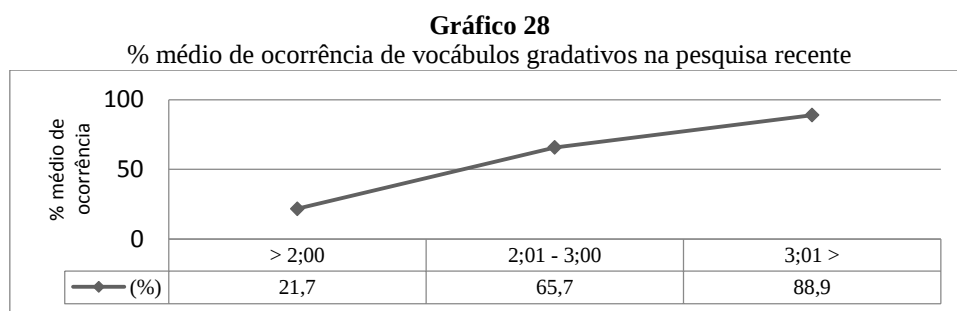
Tabela 43
Quadro de ocorrência de vocábulos na coleta recente

	LONGITUDINAL															TRANSVERSAL						
	Lg01 (1;10)	Lg01 (1;11)	Lg01 (2;05)	Lg02 (1;10)	Lg02 (2;04)	Lg03 (1;11)	Lg03 (2;04)	Lg03 (2;05)	Lg04 (2;03)	Lg04 (2;09)	Lg05 (2;04)	Lg05 (3;00)	Lg06 (3;01)	Lg06 (3;09)	Lg06 (4;04)	Tr01 (2;00)	Tr02 (2;08)	Tr03 (2;11)	Tr04 (2;11)	Tr05 (3;08)	Tr06 (3;00)	Tr07 (3;11)
ÁRVORE	0	-	-	0	-	-	0	1	1	1	-	0	1	1	1	0	-	1	1	1	-	-
ÓCULOS	1	1	1	-	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	-	1	1	1	1	1	1
XICARA	0	1	1	-	-	0	0	-	-	-	-	1	-	0	-	0	-	0	0	-	1	0
MÁQUINA	0	0	1	1	-	0	0	-	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	1
ABÓBORA	0	0	1	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	-	-	1	1	1
MÉDICO	0	0	1	1	1	-	0	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0	0	1	1	1
ÔNIBUS	0	1	1	0	1	1	-	1	-	1	0	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	-
BINÓCULO	1	1	0	0	0	0	-	0	0	-	0	0	0	1	1	0	0	-	0	0	-	0
TRIÂNGULO	0	1	1	0	0	1	0	1	-	1	1	1	0	1	1	0	1	1	0	0	-	1
EXÉRCITO	0	-	0	0	0	0	-	-	-	0	0	0	-	0	0	0	-	0	0	-	0	0
HIPOPÓTAMO	1	0	1	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	-	0	-	1	-
RELÂMPAGO	-	0	0	0	-	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0
Ocorrência (%)	27,3	50	72,7	30	50	40	11,1	66,7	57,1	80	40	66,7	70	75	81,8	0	66,67	44,44	30	55,6	77,8	55,6

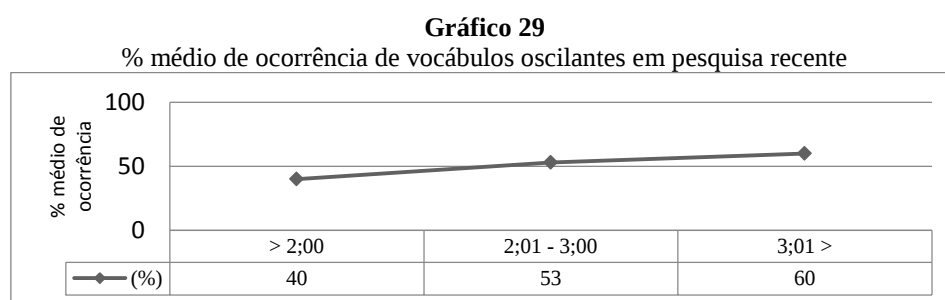
Analisando o quadro, temos, na divisão dos vocábulos, a seguinte situação:

- Vocábulos lentos: sem ocorrência.
- Vocábulos improdutivos: EXÉRCITO e RELÂMPAGO.
- Vocábulo precoce: ÓCULOS, unicamente, com 100% de ocorrência já na primeira faixa etária, e se mantendo assim na segunda e na terceira.

- Vocábulos gradativos: ÁRVORE, XÍCARA, MÁQUINA, ABÓBORA, MÉDICO e HIPOPÓTAMO, com taxa de crescimento de 44% da primeira para a segunda faixa etária e de 23,2% da segunda para a terceira, como se pode observar no gráfico a seguir:



- Vocábulos oscilantes: BINÓCULO, ÔNIBUS e TRIÂNGULO, com uma regressão média de 5% da primeira para a segunda faixa etária, e um crescimento médio de 15% da segunda para a terceira, como se demonstra no gráfico a seguir:



Ressalte-se, no caso dos oscilantes, que BINÓCULO teve a mesma taxa de ocorrência na terceira que na primeira, enquanto TRIÂNGULO obteve uma ocorrência 20% maior. Ressalte-se, também, que, ao analisar os Lg's, esses vocábulos apresentam os seguintes comportamentos:

Tabela 44
Quadro de ocorrência de vocábulos na coleta recente

	BINÓCULO	ÔNIBUS	TRIÂNGULO
Lg01	manutenção (1) e decréscimo	ascensão e manutenção (1)	ascensão e manutenção
Lg02	manutenção (0)	ascensão	manutenção (0)
Lg03	manutenção (0)	manutenção (1)	decréscimo e ascensão
Lg04	-	-	-
Lg05	manutenção (0)	ascensão	manutenção (1)
Lg06	ascensão e manutenção	manutenção (1)	ascensão e manutenção

Assim, os dados das Lg's apontam BINÓCULO como um vocábulo mais improdutivo, enquanto ÔNIBUS tende a ser mais gradativo. Já TRIÂNGULO, não se pode verificar alguma tendência.

4.2.1.2.1 Análise específica das Lg's

Em relação à produção individual, temos a seguinte situação:

a) Lg01:

- Aos 1;10: taxa de ocorrência parca, expressa em apenas 3 (três) vocábulos: ÓCULOS, BINÓCULO e HIPOPÓTAMO.
- Aos 1;11: aumento da taxa de ocorrência, com evocação espontânea em metade dos vocábulos produzidos.
- Aos 2;05: crescimento das taxas de ocorrência, de modo que já se mostra uma tendência para a evocação espontânea, que tem um percentual majoritário.
- Análise geral:
 - ✓ Curiosamente, o avanço percentual, de 22,7%, foi o mesmo da primeira para a segunda coleta (1 mês de diferença) e da segunda para a terceira coleta (6 meses de diferença), o que sugere que essa criança pode ter tido um insumo grande de novos itens lexicais durante a primeira faixa etária;
 - ✓ Dados indicam ritmo aquisicional acelerado para o léxico proparoxítono
 - ✓ Produção acima da média da faixa etária, conforme pode-se observar na tabela abaixo:

Tabela 45

	> 2;00	2;01–3;00	3;01 >
Lg01	27,3 50	72,7	-
média	29,5	53,2	69,3

b) Lg02:

- Aos 1;10: taxa de ocorrência parca, expressa em apenas 3 (três) vocábulos: MÁQUINA, MÉDICO e HIPOPÓTAMO.
- Aos 2;04: aumento da taxa de ocorrência, com evocação espontânea em metade dos vocábulos produzidos.
- Análise geral:
 - ✓ Avanço percentual de 20% entre a primeira e a segunda coleta (6 meses de diferença).
 - ✓ Produções por faixa etária em acordo com a média geral, sem diferenças significativas:

Tabela 46

	> 2;00	2;01–3;00	3;01 >
Lg02	30	50	-
média	29,5	53,2	69,3

c) **Lg03:**

- Aos 1;11: Produções majoritariamente não espontâneas na primeira testagem, e majoritariamente espontâneas na segunda. Juntando ambas, temos um equilíbrio entre produções espontâneas e não espontâneas, com uma leve tendência para a não espontânea. Destaca-se que demonstrou dificuldade para produzir os vocábulos HIPOPÓTAMO, TRIÂNGULO e MÉDICO, ainda que por repetição indireta.
- Aos 2;04: Redução da média de ocorrências quanto à coleta anterior, tendo sido produzido apenas 1 (um) vocábulo por evocação espontânea: ÓCULOS.
- Aos 2;05: Aumento da média de ocorrência, com diferença de 26,7% quanto à primeira coleta (diferença de 6 meses) e de 55,6% quanto à segunda coleta (diferença de 1 mês).
- Análise geral:
 - ✓ Regressão percentual entre a primeira e a segunda coleta (5 meses) de 28,9% a menos e avanço de 55,6% entre a segunda e a terceira (1 mês).
 - ✓ Média de ocorrência percentual em desacordo com a média, estando acima na primeira faixa etária, muito abaixo na segunda coleta e segunda faixa etária e acima na terceira coleta e segunda faixa etária. Valores na tabela a seguir:

Tabela 47

	> 2;00	2;01–3;00	3;01 >
Lg03	40	11,1 66,7	-
média	29,5	53,2	69,3

d) **Lg04**

- Aos 2;03: Equilíbrio técnico entre evocação espontânea e repetição indireta, sem diferença significativa.
- Aos 2;09: Produções majoritariamente espontâneas, com aumento significativo quanto à primeira coleta.
- Análise geral:
 - ✓ Aumento de 22,9% na média de ocorrência entre a primeira e a segunda coleta (6 meses de diferença).

- ✓ Enquanto a primeira coleta está em acordo com a média geral de ocorrência, a segunda coleta obteve ocorrência acima da média, tanto da faixa etária em questão quanto da faixa etária seguinte, conforme tabela a seguir:

Tabela 48

	> 2;00	2;01–3;00	3;01 >
Lg04	-	57,1 80	-
média	29,5	53,2	69,3

e) Lg05

- Aos 2;04: Leve tendência para produções não espontâneas.
- Aos 2;09: Aumento percentual quanto à coleta anterior, passando a ter produções majoritariamente espontâneas.
- Análise geral:
 - ✓ Aumento de 26,7% de ocorrência da primeira para a segunda coleta (8 meses de diferença).
 - ✓ Produções levemente abaixo da média na primeira coleta; na segunda coleta as produções seguem as tendências da faixa etária seguinte (diferença de 1 mês para o marco divisório). Tabela com porcentagens a seguir:

Tabela 49

	> 2;00	2;01–3;00	3;01 >
Lg05	-	40 66,7	-
média	29,5	53,2	69,3

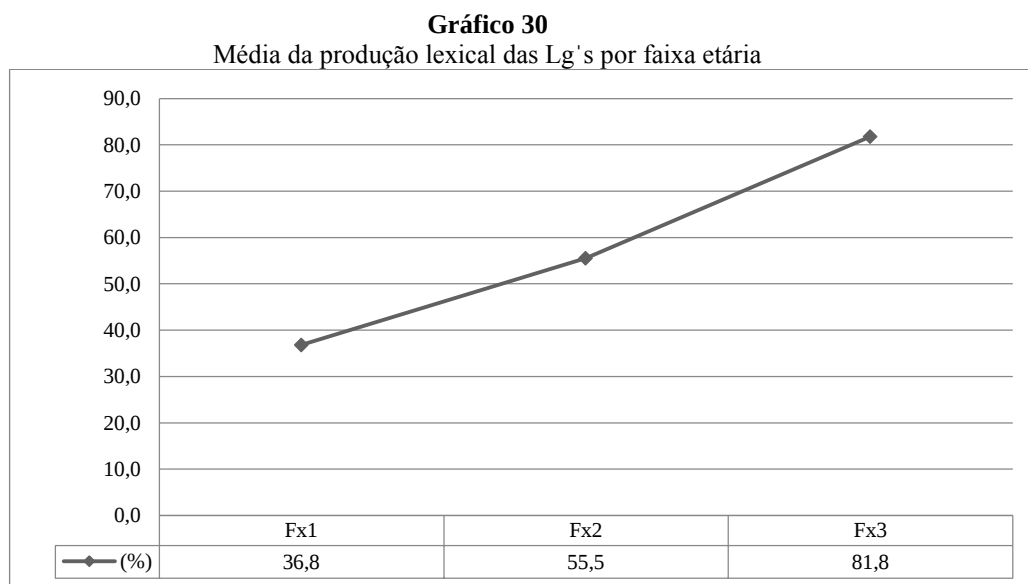
f) Lg06

- Aos 3;01: produções majoritariamente espontâneas.
- Aos 3;09: produções majoritariamente espontâneas, com leve aumento quanto à coleta anterior.
- Aos 4;04: produções majoritariamente espontâneas, com taxas significativas de ocorrência.
- Análise geral:
 - ✓ Aumento de 5% da primeira coleta para a segunda (8 meses de diferença) e de 6,8% da segunda para a terceira (7 meses de diferença).
 - ✓ Produções acima da média quanto à faixa etária; levemente na primeira e na segunda coleta, com diferença de 0,7% e 5,7%, respectivamente, e de 12,5% na terceira coleta. Percentuais expostos na tabela a seguir:

Tabela 50

	> 2;00	2;01–3;00	3;01 >
Lg06	-	-	70 75 81,8
média	29,5	53,2	69,3

A seguir, exponho um gráfico demonstrativo da média de produção das Lg's, por faixa etária:



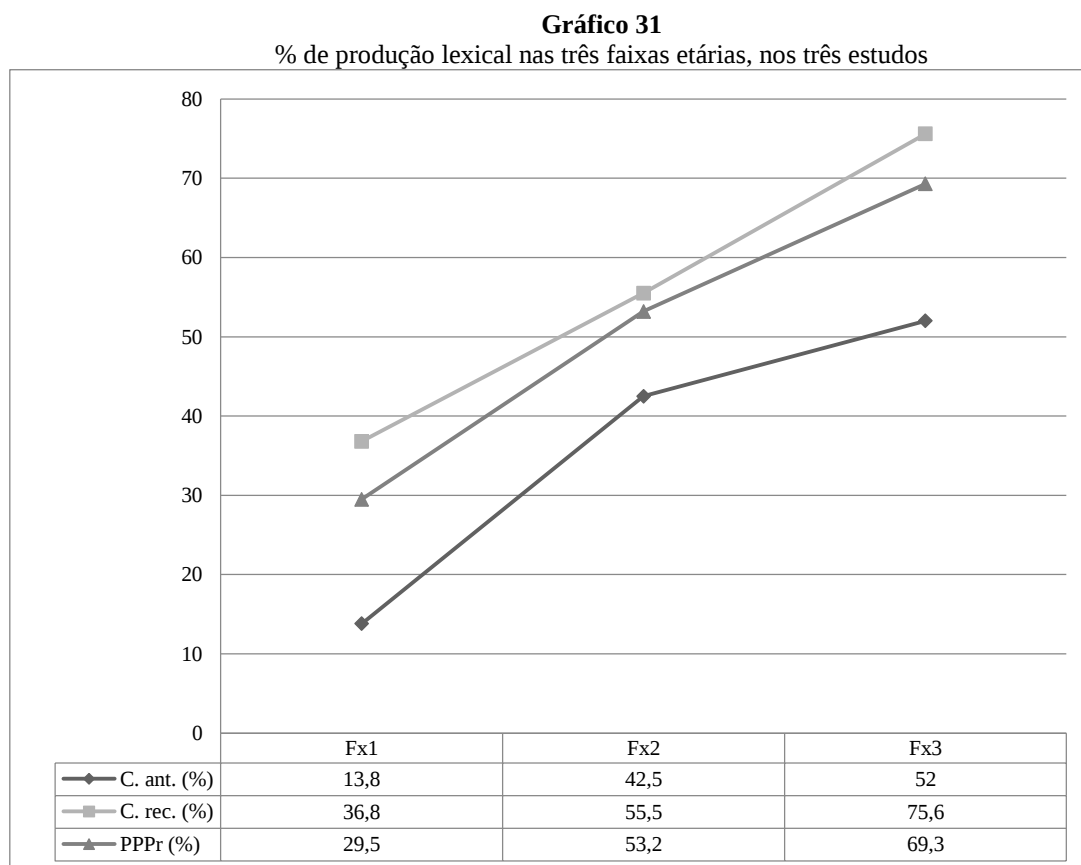
Analisando o gráfico e a descrição anterior, observa-se que as estatísticas mostram média de ocorrência crescente. Duas crianças apresentaram regressão percentual: Lg03, da primeira para a segunda coleta (6 meses de diferença e faixas etárias consecutivas), também da segunda para a terceira coleta (8 meses de diferença, mesma faixa etária). Mesmo nesses casos, a regressão percentual foi média, sendo que a regressão específica se deu em apenas 2 (dois) vocábulos para Lg03: HIPOPÓTAMO e TRIÂNGULO. Destaque-se que, na terceira coleta, a produção de Lg03 é maior que a da primeira, e que a média percentual em ambas é maior na terceira coleta que na primeira.

Em relação aos vocábulos, a tendência é para aumento ou manutenção de uma coleta para outra com a mesma criança, de modo que, além do caso de Lg03, houve apenas 1 (um) caso de regressão em HIPOPÓTAMO, em Lg01, da primeira para a segunda coleta (1 mês de diferença, mesma faixa etária).

Com isso, os dados aqui analisados apontam, ao contrário do que se pode dizer sobre a aquisição acentual, para um caráter mais homeostático e gradativo quanto à aquisição do léxico proparoxítono.

4.2.3TENDÊNCIAS

A seguir, exponho um gráfico comparativo do desenvolvimento da produção lexical nos três estudos anteriormente descritos:



O gráfico revela uma proximidade nos resultados de produção, sendo que a coleta anterior se mostra sempre mais distante percentualmente dos outros dois, com taxas de ocorrência lexical mais baixas.

Ao comparar as três coletas quanto ao tipo de produtividade dos vocábulos, temos que os vocábulos tendem a se fixar mais em uma determinada classificação. Isso se observa com a classificação coincidente em pelo menos 2 (duas) das coletas, em quase todos os vocábulos, com exceção de ÁRVORE, classificado distintamente em cada uma das coletas. Abaixo, exponho um quadro com a classificação nas três coletas:

Tabela 51
Tipos de produtividade lexical nos dados da coleta recente, da coleta anterior e do PPPr

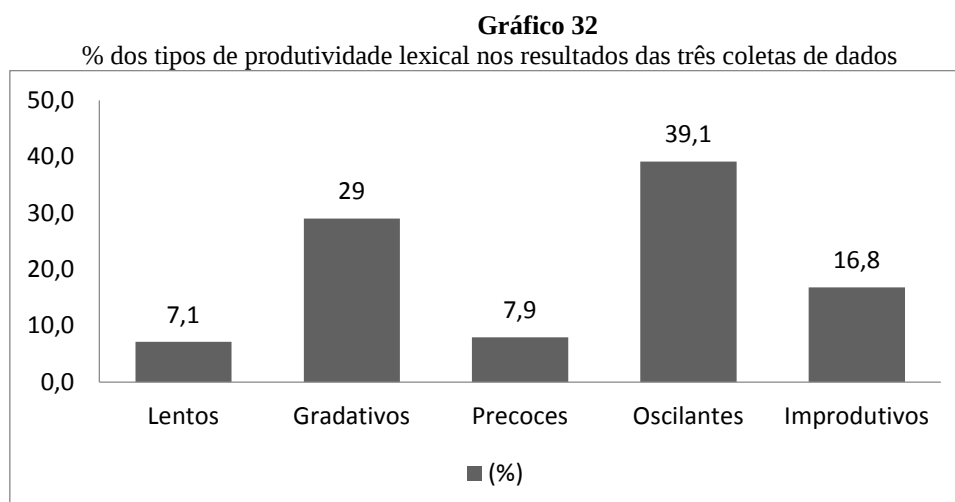
	C. ant.	C. rec.	PPPr
ABÓBORA	O	G	O
PÊSSEGO	I	-	O
HIPOPÓTAMO	O	G	O
PÁSSARO	L	-	P
EXÉRCITO	I	I	I
MÁGICO	L	-	L
MÉDICO	G	G	G
PRÍNCIPE	O	-	G
FÓSFORO	L	-	G
LÂMPADA	O	-	O
XÍCARA	O	G	G
MÁQUINA	G	G	G
ÁRVORE	P	G	O
RELÂMPAGO	-	I	O
ÔNIBUS	G	O	O
VELOCÍPEDE	I	-	I
ÓCULOS	P	P	G
MÚSICA	G	-	O
NÚMERO	O	-	O
TRIÂNGULO	O	O	O
BINÓCULO	G	O	I

P: Precoces **G:** Gradativos **I:** Improdutivos **O:** Oscilantes

Observando a ocorrência de cada um desses tipos em pelo menos duas das três coletas, é possível concluir o seguinte:

- Os vocábulos EXÉRCITO e VELOCÍPEDE demonstraram tendência a ser improdutivos.
- O vocábulo ÓCULOS demonstrou tendência ser precoce.
- Os vocábulos ABÓBORA, LÂMPADA, NÚMERO e TRIÂNGULO demonstraram tendência a ser oscilantes.
- O vocábulo MÁGICO demonstrou tendência a ser baixo.
- Os vocábulos MÁQUINA, MÉDICO e XÍCARA demonstrou tendência a ser gradativos.
- O vocábulo ÁRVORE foi o único que apresentou tipos distintos nas três coletas, tendo uma tendência maior para + produtividade (sendo precoce e gradativa na testagem com crianças e oscilante nos relatos parentais).

Ao se congregarem os dados dessas três coletas – apenas considerando vocábulos comuns a pelo menos 2 (duas) delas –, temos que os vocábulos proparoixítonos são majoritariamente oscilantes, como se pode observar no gráfico a seguir:



Observando o gráfico, temos os vocábulos oscilantes como o tipo mais recorrente; após estes, os gradativos e, em seguida, os improdutivos. Vocábulos precoces e lentos não são recorrentes, com taxas abaixo de 5%, e com distância média de 15,7% para os improdutivos, de 26,5% para os gradativos e de 37,2% para os oscilantes.

A seguir, abordarei o que esses vocábulos têm em comum entre si e se há alguma similaridade entre vocábulos do mesmo tipo de produtividade, semanticamente e fonologicamente.

4.2.3.1 Similaridades semânticas

Para verificar se há alguma relação observável entre o tipo de produtividade do vocábulo e o seu significado, faço, abaixo, uma distribuição de vocábulos que estiveram presentes em pelo menos 2 (duas) das coletas, conforme algumas similaridades semânticas:

- a. Alimentos: ABÓBORA e PÊSSEGO
- b. Animais: HIPOPÓTAMO e PÁSSARO
- c. Pessoas: EXÉRCITO, MÉDICO, MÁGICO e PRÍNCIPE
- d. Utensílios: FÓSFORO, LÂMPADA, MÁQUINA,
- e. Veículos: ÔNIBUS e VELOCÍPEDE
- f. Externos: ÁRVORE e RELÂMPAGO
- g. Outros, não agrupados: BINÓCULO, MÚSICA, NÚMERO, ÓCULOS e TRIÂNGULO.

Essa classificação foi baseada na divisão dos vocábulos no CDI MacArthur Bates (SILVA, 2003), Note-se que, como foram aproximadas similaridades semânticas, em sua maior parte de 2 (dois) vocábulos, o que se fará aqui servirá de amostragem indicial, mas não como ponto de partida

para qualquer conclusão. Exponho, a seguir, 6 (seis) gráficos representando similaridade semântica – produtividade lexical. As taxas levam em consideração a média de ocorrência das três coletas:

Gráfico 33: Tipos de prod. lexical no grupo de aprox. semântica *Alimentos*

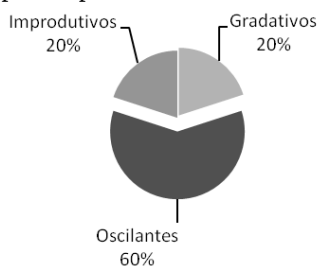


Gráfico 34: Tipos de prod. lexical no grupo de aprox. semântica *Animais*

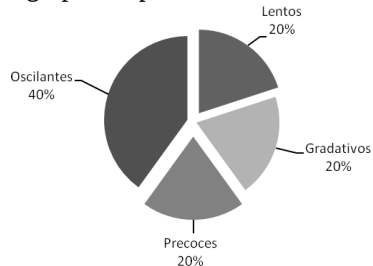


Gráfico 35: Tipos de prod. lexical no grupo de aprox. semântica *Pessoas*

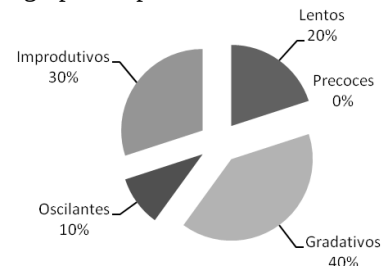


Gráfico 36: Tipos de prod. lexical no grupo de aprox. semântica *Utensílios*

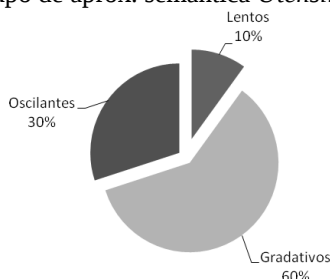


Gráfico 37: Tipos de prod. lexical no grupo de aprox. semântica *Veículos*

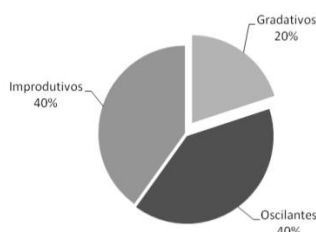


Gráfico 38: Tipos de prod. lexical no grupo de aprox. semântica *Externos*

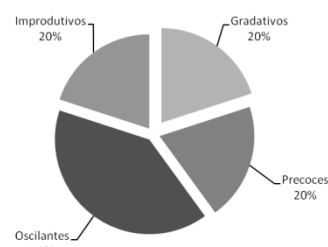
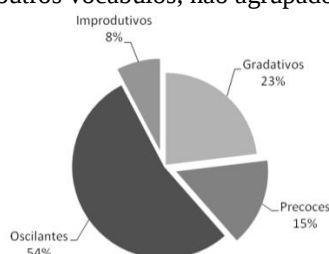


Gráfico 39: Tipos de prod. lexical em outros vocábulos, não agrupados



Como mostram os gráficos, os vocábulos oscilantes ocupam um espaço significativo, não só por obterem taxa geral maior que os outros, mas também por estarem presentes em todos os grupos de similaridade semântica, sendo que nenhum apresentou taxa de 0%. O grupo de similaridade semântica mais propício a esses vocábulos foi *Alimentos*, além dos sem similaridades semânticas, em que as taxas ultrapassaram 50%; em seguida, *Animais* e *Externos*, em que obtiveram taxa de 40%, sendo a maior taxa nesses dois grupos, e *Veículos*, também com 40%, mas concorrendo com os improdutivos.

Assim como os oscilantes, os vocábulos gradativos também foram recorrentes, presentes em todos os grupos de aproximação semântica. Porém, as taxas se mantiveram abaixo de 50% em quase todos, sendo que se destacaram apenas no grupo *Utensílios*, sendo o tipo mais recorrente, com taxa de 60%.

Já os vocábulos lentos e os precoces, como se observa nos gráficos, não são recorrentes. Os lentos só estiveram presentes em 3 (três) grupos: *Animais*, *Pessoas* e *Utensílios*, com taxas de 20%, nos dois primeiros e 10% no último. Os precoces só estão presentes em *Animais* e *Externos*, com taxa de 20% em ambos, além dos sem similaridade semântica, em que obtiveram taxa de 15%.

Assim como os lentos e os precoces, os vocábulos improdutivos foram pouco recorrentes, estando presentes nos grupos de aproximação semântica *Pessoas*, *Veículos* e *Externos*, além dos sem aproximação semântica. Esse tipo ficou relativamente distribuído entre os grupos, não sendo majoritário em nenhum deles, embora tenha se destacado mais em *Veículos*, em que concorreram com os oscilantes, com taxa de 40%.

Analisando as tendências de cada vocábulo, temos que os grupo de similaridade semântica mais lexicalmente produtivo foi *Utensílios* enquanto o menos produtivo foi *Veículos*. Porém, como dito anteriormente, há de se observar que, como essas similaridades semânticas agruparam apenas 2 (dois) vocábulos, seria precoce considerar esse resultado para além de uma explicitação de indícios de uma tendência.

4.2.3.2 Similaridades fonológicas

Para verificar se há alguma proximidade fonológica além do padrão proparoxítono, entre os vocábulos com o mesmo tipo de produtividade, considere os mesmos dois contextos fonológicos que influenciam a produção acentual: a extensão do vocábulo e a estrutura silábica postônica, sendo que esta última só pôde ser considerada nos vocábulos trissílabos.

Quanto à extensão, os dados indicam que vocábulos polissílabos tendem a ser oscilantes ou improdutivos, sendo que apenas HIPOPÓTAMO e ABÓBORA são gradativos, apenas na coleta recente, e BINÓCULO, na coleta anterior. Já os trissílabos, apresentam uma leve tendência a serem lentos, gradativos ou precoces, não sendo, no entanto, uma tendência mais fraca que a anterior, visto que alguns são oscilantes. O único improutivo foi PÊSSEGO, na coleta anterior. Em termos proporcionais, temos o seguinte:

Tabela 52
% de produtividade lexical nos dados da coleta recente, da coleta anterior e do PPPr, por extensão do vocábulo

	Vocábulos trissílabos		Vocábulos polissílabos	
	Qt.	(%)	(%)	Qt.
Lentos, gradativos e/ou precoces	22/34	64,7	15,8	3/19
Oscilantes e/ou improdutivos	12/34	35,3	84,2	16/19

Qt.: quantidade

É observável que, entre os trissílabos, a estrutura silábica também se relacionou com o tipo de produtividade observada:

Tabela 53

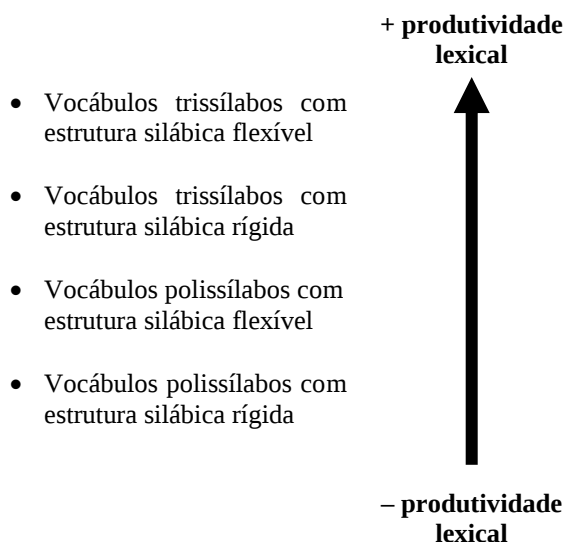
% de produtividade lexical nos dados da c. recente, da c. anterior e do PPPr, por estrutura silábica postônica dos trissílabos

	Estrutura silábica flexível		Estrutura silábica rígida	
	Qt.	(%)	(%)	Qt.
Lentos, gradativos e/ou precoces	9/11	81,8	56,5	13/23
Oscilantes e/ou improdutivos	2/11	18,2	43,5	10/23

Qt.: quantidade

Enquanto os vocábulos trissílabos de estrutura silábica flexível demonstraram uma tendência maior a serem do tipo baixo, gradativo e/ou precoce, os de estrutura silábica rígida dividiram-se de maneira mais equilibrada, demonstrando uma tendência maior da estrutura silábica rígida para a improdutividade do que da estrutura silábica flexível.

Um indício de que a estrutura silábica interfere não apenas na aquisição do acento proparoxítono, mas também na aquisição do léxico proparoxítono. Porém, a maior possibilidade de simplificação é inversamente proporcional à maior produtividade do vocábulo. Em uma gradação, temos a situação diagramada a seguir:



4.2.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Com os dados aqui analisados, é possível estabelecer, preliminarmente, o seguinte:

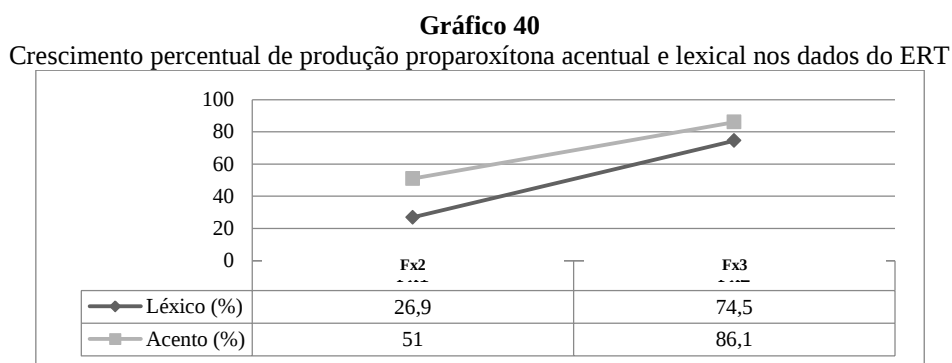
- A produção lexical proparoxítona foi crescente no conjunto de crianças.
- Em cada criança, a produção lexical proparoxítona foi também crescente, de modo que, uma vez produzido o vocábulo, ele passa a ser espontaneamente produtivo futuramente, sendo ocasionais os casos de um vocábulo não produzido após ter sido produzido antes.
- Vocábulos proparoxítonos foram tipicamente gradativos ou oscilantes; ou seja, os que integram o inventário lexical das crianças de acordo com a faixa etária e os que variam de criança para criança.
- Como indícios fracos, proparoxítonas que nomeiam objetos tenderam a ser mais lexicalmente produtivas enquanto proparoxítonas que nomeiam veículos tenderam a ser lexicalmente menos produtivas durante a aquisição da linguagem; é necessário pesquisas com *corpus* mais robustos para ratificar ou não esse dado.
- Mostraram-se evidências de uma relação entre o contexto fonológico e a produção lexical de palavras proparoxítonas; a evidência foi mais forte quanto à extensão do vocábulo, de modo que proparoxítonas trissílabas tenderam a ser mais evocadas pelas crianças em fase de aquisição do que proparoxítonas polissílabas.

4.3 CONFLUÊNCIA ENTRE AS PRODUÇÕES ACENTUAL E LEXICAL

Wiethan e Mota (2014), ao fazer uma análise piloto de um sujeito longitudinal, chegaram à conclusão de que os dados obtidos com esse sujeito são um indício de uma relação entre aquisição fonológica e aquisição lexical. Elas observam dois pontos sobre o contraste entre os níveis:

- (a) Tanto a fonologia quanto o léxico melhoram com o aumento da idade.
- (b) O domínio fonológico é estanque, enquanto o domínio lexical é mais livre.

Diante dessas observações, fiz, também, uma análise piloto sobre a relação entre léxico e acento nas palavras proparoxítonas, mas com dados transversais e com os diversos sujeitos que serviram de dados para o Exame Fonético-Fonológico ERT (TEIXEIRA et al., 1991; VARGENS, 2012). Comparando os dados de produção acentual padrão e de produção lexical, temos o resultado demonstrado no gráfico a seguir:



Como se pode observar no gráfico, tanto o ponto (a) quanto o ponto (b) em Wiethan e Mota (2014) são observáveis, pois as taxas de produção são maiores na terceira faixa etária que na primeira. Também ocorre um aumento maior do léxico do que do acento, ocasionando uma leve similaridade entre os dois níveis na terceira faixa etária, de modo que a diferença entre os dois níveis, na segunda, é de 24%, enquanto na terceira é de 12%, caindo, assim, pela metade. O progresso percentual foi de 47,6% na produção lexical e de 35,1% na produção acentual, de modo que a diferença entre os dois progressos percentuais é de 12,5%.

O desenho do gráfico mostra um acompanhamento entre os dois níveis, mas, também, uma leve similaridade na terceira faixa etária. Como essa terceira faixa, nos dados do ERT, segue até os 9;00 (nove anos), o que tende a aumentar a produção lexical sempre com a presença cada vez maior de novos vocábulos no inventário, é possível dizer que os dados do ERT também levam a um indício favorável a uma relação entre a aquisição fonológica (acentual, no caso) e a aquisição do léxico quanto às proparoxítonas. No entanto, como a quantidade e a variabilidade de vocábulos desses dados são limitadas para uma análise mais precisa, só uma análise de um *corpus* maior e

mais variável poderá confirmar esse postulado. É do que tratarei a partir de agora, com os dados da coleta anterior e da coleta recente.

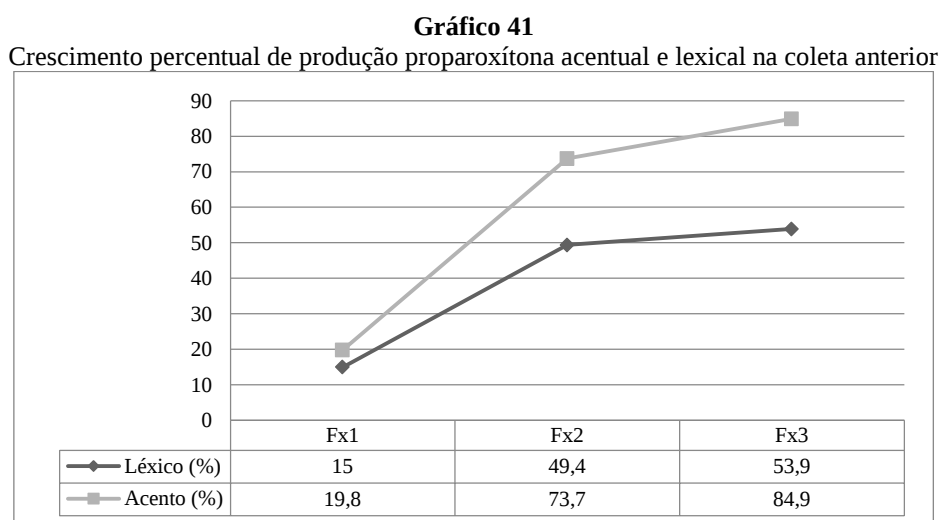
A análise que farei para tentar elucidar uma confluência do acento proparoxítono com o léxico proparoxítono na aquisição da linguagem levará em consideração três focos:

- A média ontogênica geral (análise geral).
- Os indivíduos estudados (análise dos indivíduos).
- Os vocábulos estudados (análise dos vocábulos).

A média ontogênica será um comparativo entre a produção acentual proparoxítona geral e a produção lexical proparoxítona geral, ao longo das três faixas etárias, com o objetivo de observar um possível acompanhamento dessas médias. No caso dos indivíduos, será observada a regularidade da correspondência entre a taxa de produção lexical e a taxa de produção acentual. No caso dos vocábulos, a correspondência entre produção espontânea (lexical) e a produção prosódica padrão dos vocábulos.

4.3.1 ANÁLISE GERAL

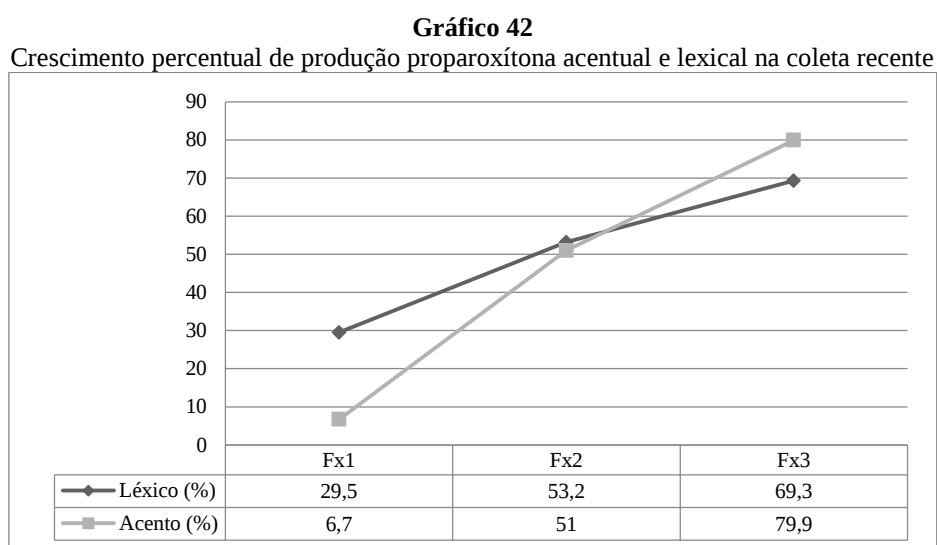
Exponho, a seguir, dois gráficos, representativos da produção do acento e do léxico proparoxítonos, na coleta anterior:



Observando o gráfico, nota-se que tanto o léxico quanto o acento são crescentes. A distância entre os dois níveis é de 4,8% na primeira faixa etária, de 24,3% na segunda faixa etária e de 31% na terceira, com a taxa do acento maior que a do léxico nas três faixas. Desse modo, a distância entre os níveis não é significativa na primeira faixa etária, mas se torna significativamente maior a partir da segunda.

O progresso percentual do léxico foi de 34,4% da primeira para segunda faixa etária, e de 4,5% da segunda para a terceira. Já o progresso percentual do acento foi de 53,9% da primeira para a segunda faixa etária, e de 11,2% da segunda para a terceira. A distância entre os progressos percentuais dos dois níveis foi de 19,5% da primeira para a segunda faixa etária e de 6,7% da segunda para a terceira. Desse modo, os dois progressos apontam para um acompanhamento do progresso percentual entre os dois níveis da segunda para a terceira faixa etária, algo mais claro e observável no desenho formado pelo gráfico.

Vejamos, agora, os dados da coleta recente:



Observando o gráfico, temos que tanto o léxico quanto o acento são crescentes. A distância entre eles é de 22,8% na primeira faixa etária, de 2,2% na segunda faixa etária e de 10,6% na terceira, sendo que a taxa do acento é menor que a do léxico na primeira e na segunda faixas etárias, e maior na terceira. Desse modo, a distância entre os níveis é muito significativa na primeira faixa etária, nada significativa na segunda e pouco significativa na terceira, havendo, aqui, uma descontinuidade entre o progresso dos dois níveis.

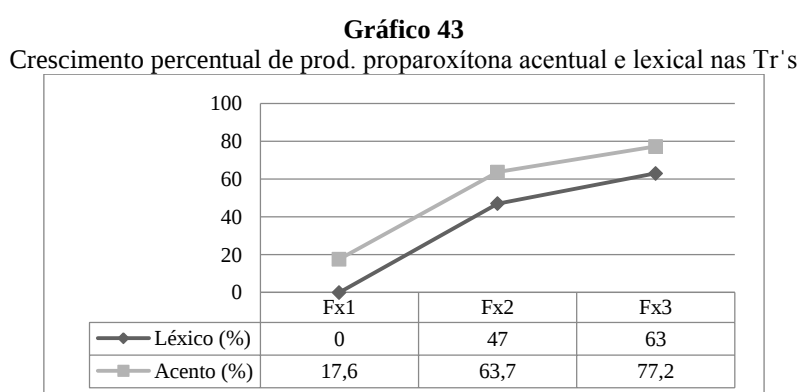
O progresso percentual do léxico foi de 37,2% da primeira para segunda faixa etária, e de 7,7% na segunda. Já o progresso percentual do acento foi de 47,1% da primeira para a segunda faixa etária, e de 13,1% da segunda para a terceira. A distância entre os progressos percentuais dos dois níveis foi de 9,9% da primeira para a segunda faixa etária e de 5,4% da segunda para a terceira.

Comparando o Gráfico 41 e o Gráfico 42, observam-se duas diferenças básicas entre os dados das duas coletas:

- Enquanto nos dados da coleta anterior, a média de produção acentual é maior que a lexical nas três faixas etárias, nos dados da coleta recente, a produção lexical é maior que a acentual na primeira e na segunda faixa etária.
- Enquanto o gráfico da coleta anterior demonstra um desenho similar entre os dois níveis estruturantes, sugerindo um acompanhamento, o gráfico da coleta recente desenha dois níveis estruturantes que caminham para um encontro percentual e, em seguida, para um distanciamento

Note-se que a diferença mais visível entre os dois gráficos está no percentual médio da primeira faixa etária, em que, na coleta recente, a produção proparoxítona acentual foi muito baixa, estando muito abaixo da média não só da coleta anterior, mas da média de dados dos estudos anteriores. Esse percentual baixo é observável tanto geral quanto individualmente, como se viu neste capítulo, na seção 4.1.

A diferença nos gráficos é resultado dos dados das Lg's; talvez a maior ou menor celeridade na aquisição acentual demonstrada por algumas Lg's explique essa diferença, visto que, ao se observar a produção geral apenas das Tr's, o resultado é mais próximo dos dados do Gráfico 41, como demonstrado no Gráfico 43, logo a seguir:



Faço, aqui, a ressalva de que há apenas 1 (uma) Tr estudada na primeira faixa etária; portanto, esse dado, aqui é muito mais ilustrativo e serve para que se observe única e exclusivamente a passagem para a segunda faixa. Em que pese essa questão, o gráfico mostra um acompanhamento entre os dois níveis, bem próximo do que se observa no Gráfico 41.

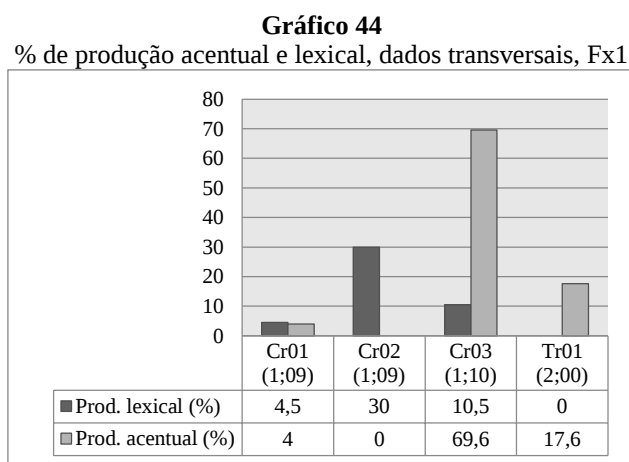
Com isso, salvo à discrepância mencionada nos parágrafos anteriores, é possível dizer que a média geral de produção nos dois níveis corrobora parcialmente a evidência de correlação entre a aquisição nos dois níveis. Para reforçar ou não essa correlação, analisarei, agora, os indivíduos e os vocábulos.

4.3.2 ANÁLISE DOS INDIVÍDUOS

Para análise dos indivíduos, a divisão que farei, aqui, não é das coletas, mas do tipo de dado: se longitudinal ou transversal. Para análise individual, as coletas das Cr's e Tr's serão analisadas conforme suas faixas etárias, em comparação com as crianças da mesma faixa; já as Lg's, serão analisadas individualmente, pois têm resultados a mostrar sobre a correlação acento-léxico ao longo das diferentes testagens.

4.3.2.1 Dados transversais

A seguir, exponho três gráficos, um para cada faixa etária, com as taxas de produção individual de cada criança que foi testada uma única vez, tanto na coleta anterior quanto na coleta recente. Os gráficos são comparativos da taxa de produção do acento proparoxítono com a do léxico proparoxítono em cada criança. A partir desses dados, farei uma análise sobre a produção individual dessas crianças.

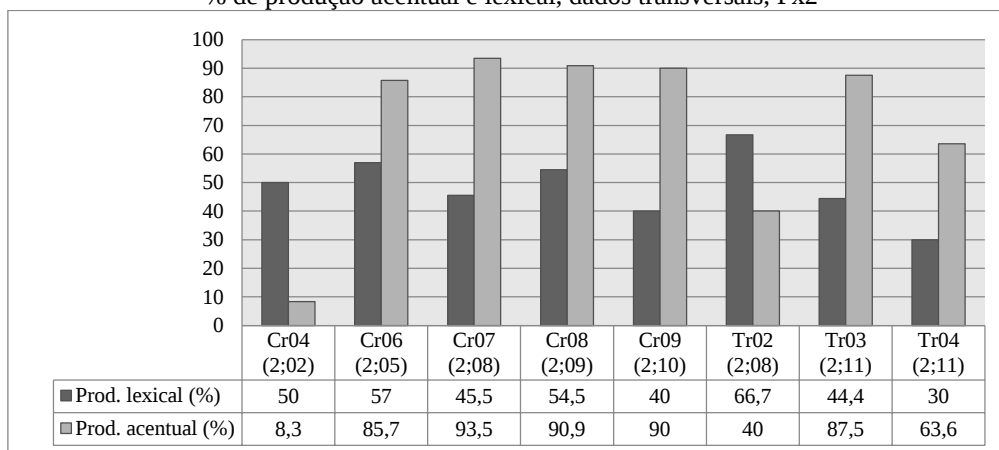


Analisando o gráfico, observa-se que não há qualquer correlação entre a produção acentual e a lexical, visto que as diferenças entre uma e outra são aleatórias e desproporcionais: enquanto Cr01 possui taxas próximas, com 0,5% de diferença, Cr02 possui uma taxa maior de produção lexical, e Cr03 e Tr01 apresentam taxas maiores de produção acentual, sendo que Cr03 tem uma taxa muito alta de produção acentual e alguma de lexical, enquanto Tr01 não apresenta nenhuma taxa de produção lexical e taxas acima de Cr01 e Cr02, só ficando abaixo de Cr03, de produção acentual.

Essa aleatoriedade e desproporcionalidade não se observa na segunda faixa etária, como demonstra o gráfico a seguir:

Gráfico 45

% de produção acentual e lexical, dados transversais, Fx2

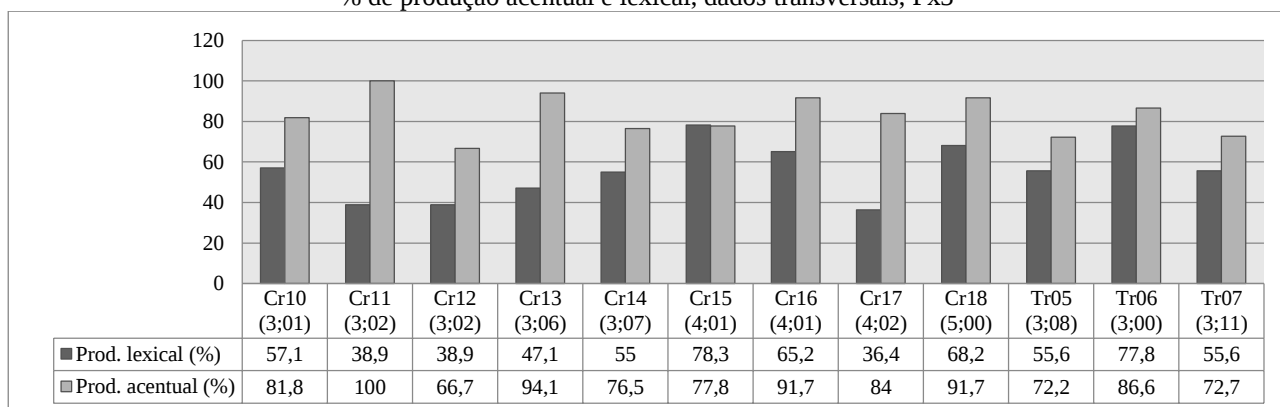


Na segunda faixa etária, observa-se uma regularidade maior. Com exceção de Cr04 e Tr02, as taxas de produção acentual são maiores que a de produção lexical. A diferença entre as produções varia de 28,7% a 50%, sendo, em média, de 40%. Não há nenhuma diferença observável entre as duas coletas.

Vejamos, agora, os dados da terceira faixa etária, cujos resultados exponho no gráfico a seguir:

Gráfico 46

% de produção acentual e lexical, dados transversais, Fx3

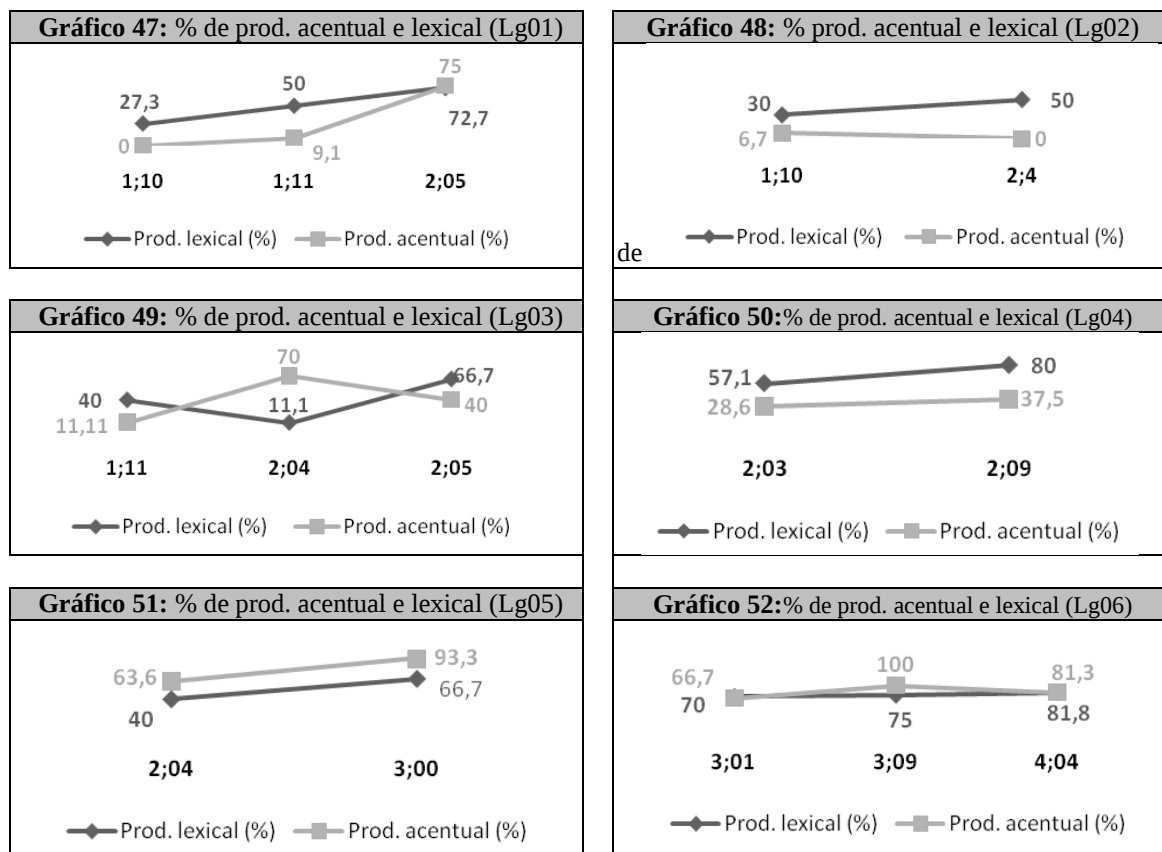


Na terceira faixa etária, a regularidade se mostra ainda maior; apenas Cr15 tem uma taxa de produção lexical maior que a acentual, com 0,5% de diferença. Fora Cr15, todas as outras crianças apresentam produção acentual maior que a produção lexical.

Há, ainda, uma diferença observável relacionada à coleta: as Cr's, em geral, apresentam diferenças de 23,5% a 47,6%, com média de 31,23%, sendo Cr11 a única exceção, com uma diferença bem acima dessa média, com mais de 60%. Já as Tr's apresentam diferenças bem mais baixas, variando de 8,8% a 17,1%, com média de 14,2%.

4.3.2.1 Dados longitudinais

A seguir, exponho 6 (seis) gráficos que explicitam a produção lexical e a produção acentual de cada Lg aqui estudada:



Analisando os gráficos, temos que a produção acentual está abaixo da produção lexical em quase todas as coletas, exceto

- Em Lg03, aos 2;04
- Em Lg05, nas duas testagens
- Em Lg06, aos 3;01 e aos 3;09

No caso de Lg03, a regressão na produção lexical gerou uma certa “distorção” no gráfico, de modo que o distanciamento entre as produções lexical e acentual fica bem maior, com vantagem para a produção acentual.

Os gráficos de Lg01, Lg02 e Lg03 demonstram distanciamento entre as produções, sem nenhuma regularidade observável. Já Lg04, Lg05 e Lg06 apresentam gráficos cujas duas produções são bastante similares, com uma leve distorção de Lg06, causada pela produção acentual em 100% e a regressão percentual, ambos aos 3;09.

O que Lg01, Lg02 e Lg03 têm em comum é que as três são crianças cuja coleta longitudinal passa da primeira para a segunda faixa etária, enquanto as outras Lg's são crianças exclusivamente da segunda e da terceira faixa etária. Ao se comparar esse contexto com o que foi apontado anteriormente, sobre as Tr's, o que se tem é uma evidência de que não houve nenhuma correspondência regular entre produção acentual e produção lexical na primeira faixa etária; houve, no entanto, uma correspondência e regularidade observável na segunda faixa etária e, maior, na terceira.

Com o exposto, salvo à discrepância dos dados de parte das Lg's, é possível dizer que a produção individual nos dois níveis corroboraram parcialmente a hipótese de correlação entre a aquisição nos dois níveis, de modo que ela é mais visível na segunda faixa etária.

4.3.3 ANÁLISE DOS VOCÁBULOS

A seguir, farei uma análise comparativa da produção lexical e da produção acentual tomando como centro de análise os vocábulos. Para tanto, observarei se há e em que grau alguma coincidência entre a produção espontânea dos vocábulos (léxico) e a produção prosódica padrão (acento). Nesse caso, são 4 (quatro) as possibilidades de correspondência entre léxico e acento:

- Correspondência A: evocação espontânea e proparoxítona
- Correspondência B: evocação não espontânea e proparoxítona
- Correspondência C: evocação não espontânea e não proparoxítona
- Correspondência D: evocação espontânea e não proparoxítona

Na medida em que as taxas de [A] se tornarem preponderantes, e superiores às de [B], e que as de [C] se tornam preponderantes às de [D], explicita-se a influência da produção lexical na produção acentual, nos vocábulos aqui estudados.

A partir daqui, recomendo ao leitor que memorize essas quatro correspondências, ou que mantenha este explicativo introdutório sempre à vista, para identificar e compreender qual correspondência acento-léxico cada letra representa neste texto. As quatro correspondências serão referidas sempre pelas letras; nos gráficos, nas tabelas e no texto corrido.

4.3.3.1 Coleta anterior

A seguir, exponho um quadro que explicita as produções das correspondências na coleta anterior:

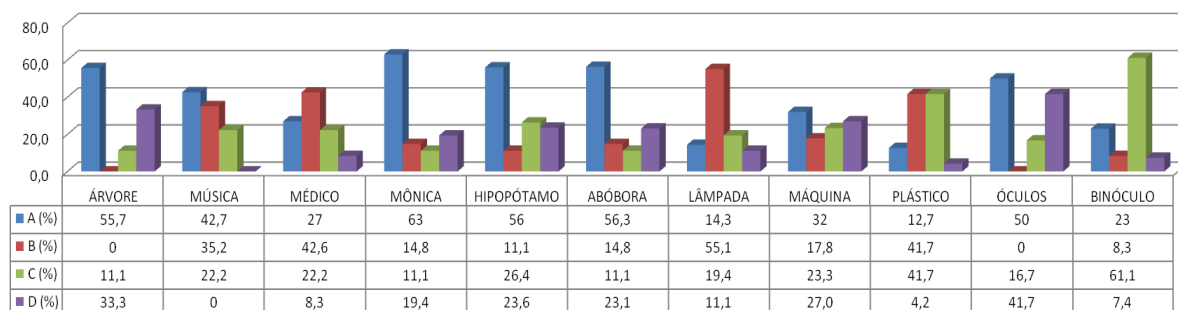
Tabela 53
Quadro de ocorrência de correspondências entre léxico e acento na coleta anterior

Quadro de correspondência de correspondências entre letras e acento na coluna anterior																																	
	Fx1								Fx2								Fx3																
	Cr01 (1:09)	Cr02 (1:09)	Cr03 (1:10)	A (%)	B (%)	C (%)	C (%)		Cr04 (2:02)	Cr06 (2:05)	Cr07 (2:08)	Cr08 (2:09)	Cr09 (2:10)	A (%)	B (%)	C (%)	C (%)		Cr10 (3:01)	Cr11 (3:02)	Cr12 (3:02)	Cr13 (3:06)	Cr14 (3:07)	Cr15 (4:01)	Cr16 (4:01)	Cr17 (4:02)	Cr18 (5:00)	A (%)	B (%)	C (%)	C (%)		
ÁRVORE	C	D	D	0	0	33	66,7		D	-	A	A	A	67	0	0	33,3	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	A	100	0	0	0
MÚSICA	C	C	B	0	33,3	66,7	0	-	A	B	A	B	B	A	50	50	0	0	A	B	A	A	A	A	B	A	A	A	78	22,2	0	0	
MÉDICO	C	C	B	0	33,3	66,7	0	-	D	B	B	B	A	25	50	0	25	B	B	A	B	A	B	A	A	A	A	A	56	44,4	0	0	
MÔNICA	C	D	B	0	33,3	33,3	33,3	-	A	A	A	A	A/D	100	0	0	25	A	A	B	A	A	A	A	A	A	A	A	89	11,1	0	0	
HIPOPÓTAMO	D	C	B/C	0	33,3	66,7	33,3	D	A	A	A	A	A	80	0	0	25	A	A		A	C	A	A	A	A	A/D	88	0	12,5	12,5		
ABÓBORA	C	D	B	0	33,3	33,3	33,3	D	A	A	A	A	A	80	0	0	25	A	A	A	A	A	A	A/D	A	B	A	A	89	11,1	0	11,1	
LÂMPADA	C	D	B	0	33,3	33,3	33,3	-	C	B	B	B	B	0	75	25	0	B	B	B	-	-	A	A	B	A	A	43	57,1	0	0		
MÁQUINA	C	D	-	0	0	50	50	C	D	B	A	A	A	40	20	20	20	A	B	B	A	A	A	A	B	D	56	33,3	0	11,1			
PLÁSTICO	C	C	-	0	0	100	0	C	-	B	A	B	A	25	50	25	0	B	B	B	B	A	D	B	B	-	13	75	0	12,5			
ÓCULOS	C	D	-	0	0	50	50	A/D	-	A	D	A	A	75	0	0	50	D	A		A	D	A	A	A	A	A	A	75	0	0	25	
BINÓCULO	C	C	-	0	0	100	0	C	-	A	C	B	B	25	25	50	0	A	A	C	C	A	D	D	C	A	A	44	0	33,3	22,2		
CÂMERA	-	C	B/C	0	50	100	0	C	-	B	B	B	B	0	75	25	0	B	-	A	B	-	A	A	B	A	A	57	42,9	0	0		
EXÉRCITO	C	C	B	0	33,3	66,7	0	-	-	B	B	B	-	0	100	0	0	C	-	-	-	-	B	B	C	B	B	0	60	40	0		
TRIÂNGULO	C	C	C	0	0	100	0	D	-	B	A	B	A	25	50	0	25	D	A	C	B	B/C	C	A	B	A	A	33	33,3	33,3	11,1		
MÁGICO	C	-	B	0	50	50	0	-	-	B	B	B	B	0	100	0	0	-	B	B	-	A	A	B	-	B	33	66,7	0	0	0		
PRÍNCIPE	C	C	B	0	33,3	66,7	0	-	-	A	A	A	A	100	0	0	0	A	B	-	B	-	A	B	A	A	A	57	42,9	0	0		
XÍCARA	C	-	B	0	50	50	0	C	-	A	A	A	A	75	0	25	0	B	B	-	B	D	A	B	B	B	B	13	75	0	12,5		
ÔNIBUS	B/C	C	B	0	66,7	66,7	0	-	-	B/C	A	-	50	50	50	0	0	A	B	-	A	A	A	A	A	A	A	88	12,5	0	0		
FÓSFORO	C	C	B	0	33,3	66,7	0	-	-	B	B	B	B	0	100	0	0	B	B	-	B	B	D	A	B	B	A	13	75	0	12,5		
PÁSSARO	C	C	-	0	0	100	0	-	-	B	B	B	B	0	100	0	0	B	B	C	-	B	A	A	C	B	B	25	50	25	0		
VELOCÍPEDE	-	-	B	0	100	0	0	-	-	C	-	-	-	0	0	100	0	-	B	C	-	-	B	C	C	B	B	0	50	50	0		
PÊSSEGO	C	C	C	0	0	100	0	-	-	B	B	C	C	0	66,7	33,3	0	C	B	B	-	-	B	B	B	B	B	0	85,7	14,3	0		
NÚMERO	C	C	C	0	0	100	0	-	-	A	A	B	B	67	33,3	0	0	A	-	B	B	-	A	A	B	A	A	57	42,9	0	0		
A (%)	0	0	0	0	0	0	0	10	57,1	39,1	54,5	42,1	40,56	47,6	35	31,3	47,1	62,5	65,2	60,9	36,4	63,6	49,96	37,01	8,856	5,867	0	0	0	0	0		
B (%)	4,8	0	77,8	27,53	0	0	56,5	36,4	52,6	29,1	33,3	65	43,8	47,1	18,8	17,4	30,4	45,5	31,8	37,01	8,856	5,867	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
C (%)	95,2	70	27,8	64,3	50	14,3	8,7	4,5	5,6	16,62	9,5	0	25	5,9	12,5	4,3	4,3	18,2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
D (%)	4,8	30	5,6	13,53	50	28,6	0	4,5	5,3	17,68	9,5	0	0	0	0	0	12,5	17,4	4,3	0	9,1	5,867	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	

A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

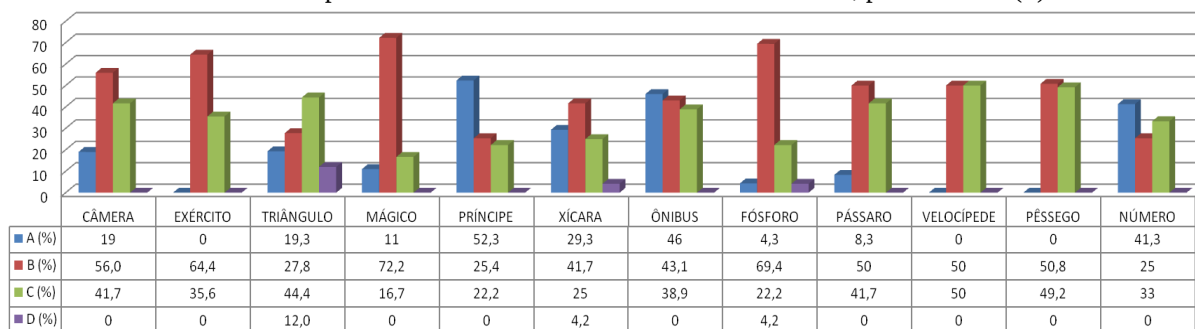
Analisando a produtividade de cada vocábulo, temos o seguinte:

Gráfico 54
Taxa de correspondência entre léxico e acento na coleta anterior, por vocábulo (i)



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Gráfico 55
Taxa de correspondência entre léxico e acento na coleta anterior, por vocábulo (ii)



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

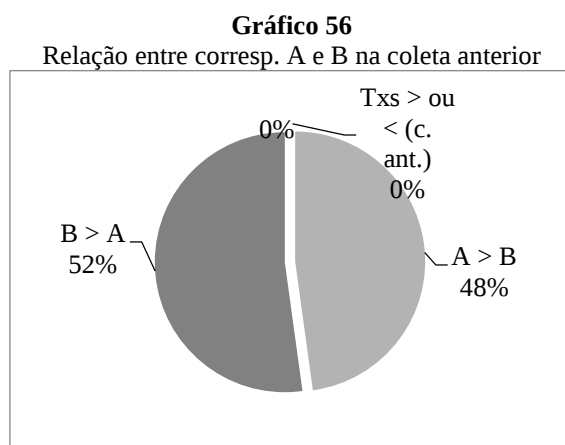
Como se pode observar nos dois gráficos:

- [A] é a primeira correspondência majoritária, sendo a de maior taxa nos vocábulos ÁRVORE, MÚSICA, MÔNICA, HIPOPÓTAMO, ABÓBORA, MÁQUINA, ÓCULOS, ÔNIBUS, PRÍNCIPE e NÚMERO. Ocupa o segundo lugar apenas em MÉDICO.
- [B] é muito recorrente, sendo a segunda recorrência majoritária, de maior taxa em LÂMPADA, CÂMERA, EXÉRCITO, MÁGICO, XÍCARA, FÓSFORO, PÁSSARO e PÊSSEGO, e estando igualada a [C] em PLÁSTICO e VELOCÍPEDE. Ocupa o segundo lugar em MÚSICA, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO e ÔNIBUS.
- [C] é a terceira correspondência majoritária, ocupando essa posição em BINÓCULO e dividindo a maior taxa com [B] em PLÁSTICO e VELOCÍPEDE.
- [D] não é majoritária em nenhum dos vocábulos. Ocupa o segundo lugar em ÁRVORE, MÔNICA, ABÓBORA, MÁQUINA e ÓCULOS

Ao observar as relações entre [A] e [B], temos o seguinte:

- Taxas de [A] maiores que de [B] em 11 (onze) vocábulos: ABÓBORA, ÁRVORE, BINÓCULO, HIPOPÓTAMO, MÁQUINA, MÔNICA, MÚSICA, NÚMERO, ÓCULOS, ÔNIBUS e PRÍNCIPE.
- Taxas de [B] maiores que de [A] em 12 (doze) vocábulos: CÂMERA, EXÉRCITO, FÓSFORO, LÂMPADA, MÁGICO, MÉDICO, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, TRIÂNGULO, VELOCÍPEDE e XÍCARA.

Em um gráfico, temos o seguinte:

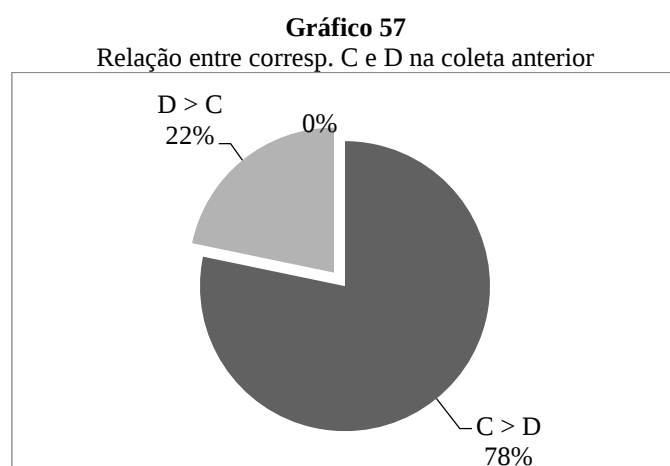


A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Já ao se observar as relações entre [C] e [D], temos o seguinte:

- Taxas de [C] maiores que de [D] em 18 (dezoito) vocábulos: BINÓCULO, CÂMERA, EXÉRCITO, FÓSFORO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÁGICO, MÉDICO, MÚSICA, NÚMERO, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO, VELOCÍPEDE e XÍCARA.
- Taxas de [D] maiores que de [C] em 5 (cinco) vocábulos: ABÓBORA, ÁRVORE, MÁQUINA, MÔNICA e ÓCULOS.

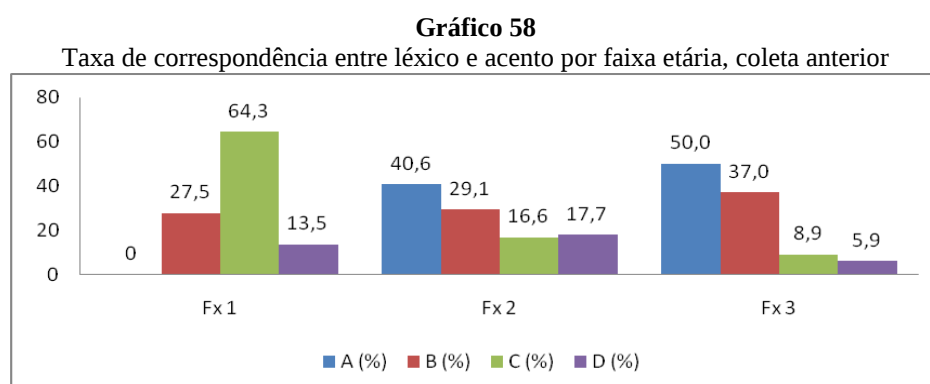
Em um gráfico, temos o seguinte:



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Como se vê, as taxas entre [A] e [B] se equilibram, enquanto as entre [C] e [D] não, de modo que [C] apresenta, em geral, taxas maiores que [D].

Agora, analisando o conjunto dos vocábulos por faixa etária, temos o seguinte:



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Analisando o gráfico, podemos observar que:

- [A] é a correspondência menos produtiva na primeira faixa etária, não havendo nenhuma ocorrência. Já na segunda e na terceira faixas etárias, é a correspondência mais produtiva, com diferença de 11,5% para a segunda mais produtiva, [B], na segunda faixa etária e de 13% na terceira.
- [B] é a segunda correspondência mais produtiva nas três faixas etárias, com diferença de 36,8% para a mais produtiva na primeira faixa etária, [C], e de 11,5% e de 13% da primeira colocada, [A], na segunda e na terceira.
- [C] é a mais produtiva na primeira faixa etária, com maioria absoluta e diferença de 36,8% para a segunda colocada, [B]. Na segunda faixa etária, é a menos produtiva, com uma leve diferença de 1,1% para [D]. Na terceira faixa etária, é mais produtiva que [D], com diferença de 3%.
- [D] é a correspondência menos produtiva na primeira e na terceira faixa etária, com diferença para a segunda menos produtiva – [B] na primeira e [D] na terceira – de 14% e 3%, respectivamente.
- Na segunda faixa etária, [A] tem a taxa geral maior que [B], com diferença de 11,5% enquanto [C] e [D] se equilibram, com diferença de 1,1%.

4.3.3.2 Coleta recente

A seguir, exponho um quadro que explicita as produções das correspondências na coleta anterior:

Tabela 55
Quadro de correspondência entre léxico e acento na coleta recente

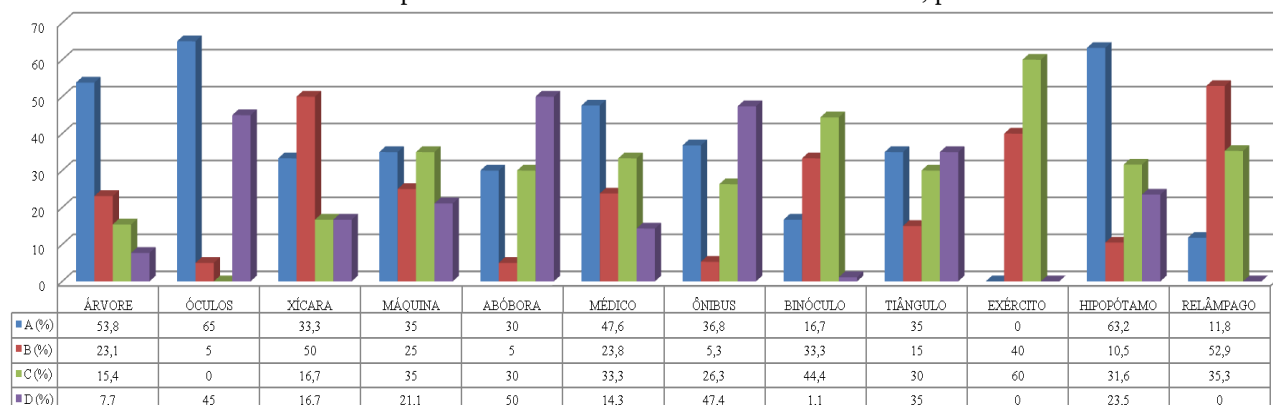
	Lg01 (1:10)	Lg01 (1:11)	Lg01 (2:05)	Lg02 (1:10)	Lg02 (2:04)	Lg03 (1:11)	Lg03 (2:04)	Lg03 (2:05)	Lg04 (2:03)	Lg04 (2:09)	Lg05 (2:04)	Lg05 (3:00)	Lg06 (3:01)	Lg06 (3:09)	Lg06 (4:04)	Tr01 (2:00)	Tr02 (2:08)	Tr03 (2:11)	Tr04 (2:11)	Tr05 (3:08)	Tr06 (3:00)	Tr07 (3:11)	A (%)	B (%)	C (%)	C (%)
ÁRVORE	C	-	-	C	-	-	B	-	A	A	-	B	A	A	A	B/C	-	A	D	A	-	-	53,8	23,1	15,4	7,7
ÓCULOS	D	D	A	-	D	D	A	A	D	A/D	D	A	A	A	A	-	D	A/D	A	A/B	A	A/D	65	5	0	45
XÍCARA	C	D	A/B	-	-	C/D	A	-	-	-	-	A	-	B	-	B	-	B	B	-	A	B	33,3	50	16,7	16,7
MAQUINA	C	C	A	C/D	-	C	C	-	C	D	B	D	D	A	A	C	A	B	B	A	A/B	A/B	35	25	35	21,1
ABÓBORA	C	C	A/C	C	D	B/D	A	D	D	D	A	A	D	A	A	C	D	-	-	D	D	C/D	30	5	30	50
MÉDICO	C	C	A/D	D	D	-	A/C	B	C	A/C	B	A	A	A	A	C	B	B	B	A/C	A	A	47,6	23,8	33,3	14,3
ÔNIBUS	C	D	D	C	D	D	-	D	-	D	C	A	A	A	A	B/C	D	A/D	A/D	C	A	-	36,8	5,3	26,3	47,4
BINÓCULO	D	D	A	C	C	B/C	-	B	C	-	B	B	B	A	A	C	C	-	C	C	-	B	16,7	33,3	44,4	1,1
TRIÂNGULO	C	B/D	A/D	C	C	D	C	D	-	D	A	A	C	A	B/D	C	D	A	B	A	-	A	35	15	30	35
EXÉRCITO	C	-	B	C	C	C	-	-	-	C	C	B	-	B	C	C	-	B	B	-	B	C	0	40	60	0
HIPOPÓTAMO	D	C	A	C/D	C	C/D	A	A/D	A	A/B	A/B	A	A	A	A	C	A	-	C	-	A	-	63,2	10,5	31,6	23,5
RELÂMPAGO	-	C	B	B	-	C	A	-	-	C	C	B	B	A	B	C	C	B	-	A	B	B	11,8	52,9	35,3	0
A (%)	0	0	72,7	0	0	0	66,7	28,6	28,6	40	30	58,3	50	75	72,7	0	22,2	44,4	20	66,7	66,7	44,4				
B (%)	0	10	27,3	10	0	20	11,1	28,6	0	10	40	33,3	20	25	18,2	27,3	11,1	55,6	50	11,1	33,3	44,4				
C (%)	72,7	50	9,1	80	50	60	33,3	0	42,9	33,3	30	0	10	0	9,1	81,8	22,2	0	20	33,3	0	22,2				
D (%)	27,3	50	27,3	30	50	60	0	57,1	28,6	44,4	11,1	8,3	20	0	9,1	0	44,4	22,2	20	11,1	11,1	25				

A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Analisando o quadro, temos a seguinte divisão das correspondências por vocábulo:

Gráfico 59

Taxa de correspondência entre léxico e acento na coleta recente, por vocábulo



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Como se pode observar no gráfico

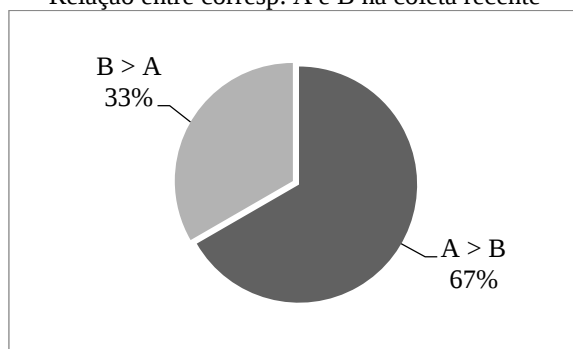
- [A] é a primeira correspondência majoritária, sendo a de maior taxa nos vocábulos ÁRVORE, ÓCULOS, MÉDICO e HIPOPÓTAMO, e se igualando a [C] em MÁQUINA e a [D] em TRIÂNGULO. Ocupa o segundo lugar apenas nos vocábulos XÍCARA e ÔNIBUS, e divide o segundo lugar com [C] em ABÓBORA.
- [B] obtém taxa majoritária em XÍCARA e RELÂMPAGO. É o segundo colocado em ÁRVORE, XÍCARA, BINÓCULO e EXÉRCITO. Ocupa o segundo lugar em ÁRVORE, BINÓCULO e EXÉRCITO.
- [C] obtém a maior taxa em BINÓCULO e EXÉRCITO, e divide a maior taxa com [A] em MÁQUINA e ABÓBORA. Ocupa o segundo lugar em MÉDICO e HIPOPÓTAMO, e divide o segundo lugar com [D] em XÍCARA e com [A] em ABÓBORA.
- [D] obtém taxa majoritária em ABÓBORA e ÔNIBUS. Ocupa o segundo lugar em ÓCULOS.

Ao observar as relações entre [A] e [B], temos o seguinte:

- Taxas de [A] maiores que de [B] em 8 (oito) vocábulos: ABÓBORA, ÁRVORE, HIPOPÓTAMO, MÁQUINA, MÉDICO, ÓCULOS, ÔNIBUS e TRIÂNGULO.
- Taxas de [B] maiores que de [A] em 4 (quatro) vocábulos: BINÓCULO, EXÉRCITO, RELÂMPAGO e XÍCARA.

Em um gráfico, temos o seguinte:

Gráfico 60
Relação entre corresp. A e B na coleta recente

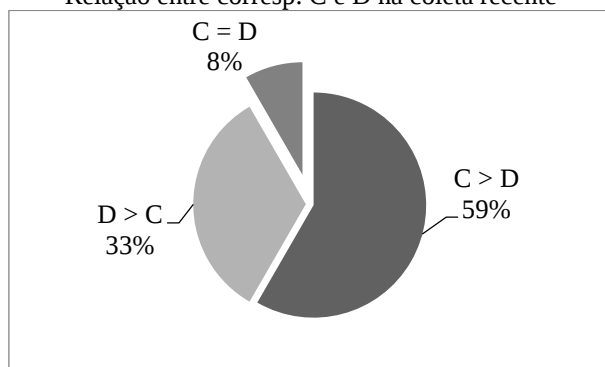


A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Já ao se observar as relações entre [C] e [D], temos o seguinte:

- Taxas de [C] maiores que de [D] em 7 (sete) vocábulos: ÁRVORE, BINÓCULO, EXÉRCITO, HIPOPÓTAMO, MÁQUINA, MÉDICO e RELÂMPAGO.
- Taxas de [D] maiores que de [C] em 4 (quatro) vocábulos: ABÓBORA, ÓCULOS, ÔNIBUS e TRIÂNGULO.
- Taxas iguais entre [C] e [D] em 1 (um) vocábulo: XÍCARA.

Gráfico 61
Relação entre corresp. C e D na coleta recente



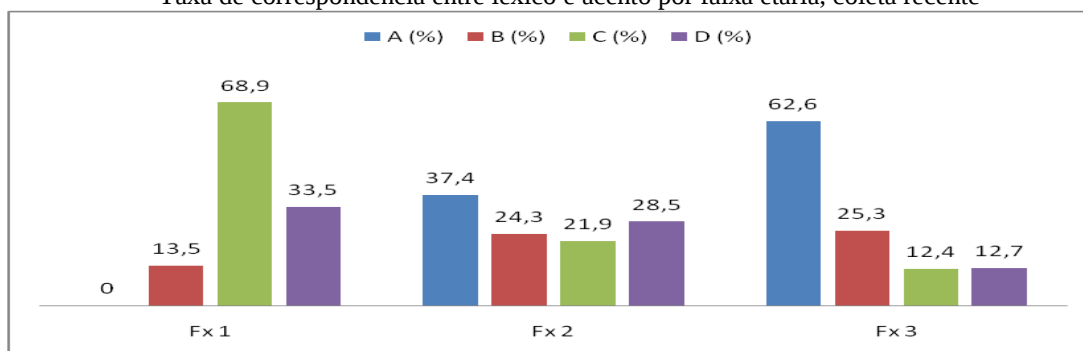
A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Como se vê, as correspondências [A] e [B] se equilibram, enquanto [C] e [D] não, de modo que [C] ocorre em mais vocábulos que [D].

Agora, analisando por faixa etária, temos o seguinte:

Gráfico 62

Taxa de correspondência entre léxico e acento por faixa etária, coleta recente



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Analisando o gráfico, temos a seguinte situação:

- [A] é a correspondência menos produtiva na primeira faixa etária, não havendo nenhuma ocorrência. Já na segunda e na terceira faixa etária, é a correspondência mais produtiva, alcançando maioria absoluta na terceira, com diferença para a segunda mais produtiva – [D] na segunda e [B] na terceira – de 8,9% e de 37,3%, respectivamente.
- [B] é a terceira correspondência mais produtiva na primeira faixa etária e a segunda mais produtiva na segunda e na terceira. Na primeira faixa etária, a diferença para a segunda colocada é de 20%. Na terceira e na quarta, a diferença para a primeira é de 13,1% e 37,3%, respectivamente.
- [C] é a mais produtiva na primeira faixa etária, com maioria absoluta e diferença de 35,4% para a segunda colocada, [D]. Na segunda faixa etária, é a menos produtiva, com uma leve diferença de 6,6% para a terceira colocada, [D]. Na terceira faixa etária, é também a menos produtiva, com uma leve diferença de 0,3% para [D], que é a terceira colocada.
- [D] é a segunda correspondência mais produtiva na primeira e na segunda faixa etária, com diferença para a primeira colocada de 35,4% e para a primeira colocada, [C], na primeira e de 8,9% na terceira, cuja primeira colocada é [A].

4.3.3.3 Contraste entre as duas coletas

A seguir, exponho um quadro comparativo entre as duas coletas quanto às correspondências léxico-acento:

Tabela 56
Comparativo de correspondência majoritária nas duas coletas

	Col. anterior		Col. recente			Col. anterior		Col. recente	
ABÓBORA	A	A>B	A>B	D	MÚSCA	A	A>B	-	-
		D>C	D > C				C>D	-	
ÁRVORE	A	A>B	A>B	A	NÚMERO	A	A>B	-	-
		D>C	C>D				C>D	-	
BINÓCULO	C	A>B	B>A	C	ÓCULOS	A	A>B	A>B	A
		C>D	C>D				D>C	D>C	
CÂMERA	A	A>B	-	-	ÔNIBUS	A	A>B	A>B	D
		C>D	-				C>D	D>C	
EXÉRCITO	B	B > A	B>A	C	PÁSSARO	B	B > A	-	-
		C>D	C>D				C>D	-	
FÓSFORO	B	B > A	-	-	PÊSSEGO	B	B > A	-	-
		C>D	-				C>D	-	
HIPOPÓTAMO	A	A>B	A>B	A	PLÁSTICO	B/C	B > A	-	-
		C>D	C>D				C>D	-	
LÂMPADA	B	B > A	-	-	RELÂMPAGO	-	-	B > A	B
		C>D	-				-	C>D	
MÁGICO	B	B > A	-	-	PRÍNCIPE	A	A>B	-	-
		C>D	-				C>D	-	
MÁQUINA	A	A>B	A>B	A/C	TRIÂNGULO	C	B>A	A>B	A/D
		D>C	C>D				C>D	D>C	
MÉDICO	B	B > A	A>B	A	VDELOCÍPEDE	B/C	B > A	-	-
		C>D	C>D				C>D	-	
MÔNICA	A	A>B	-	-	XÍCARA	B	B > A	B > A	B
		D>C	-				C>D	C=D	

A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

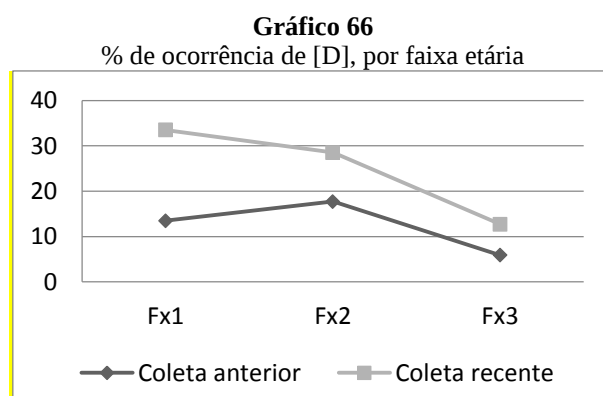
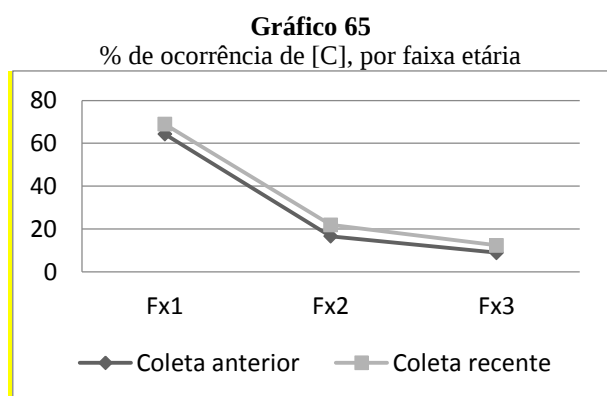
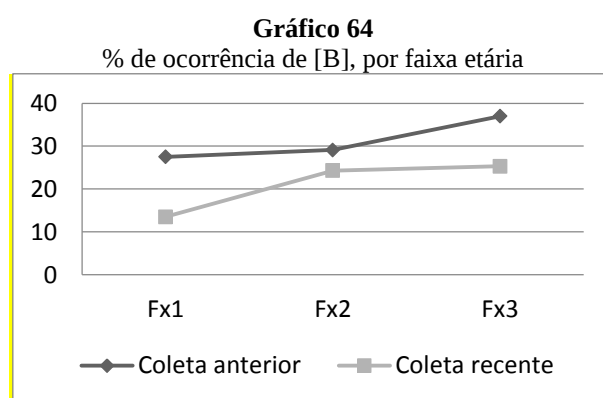
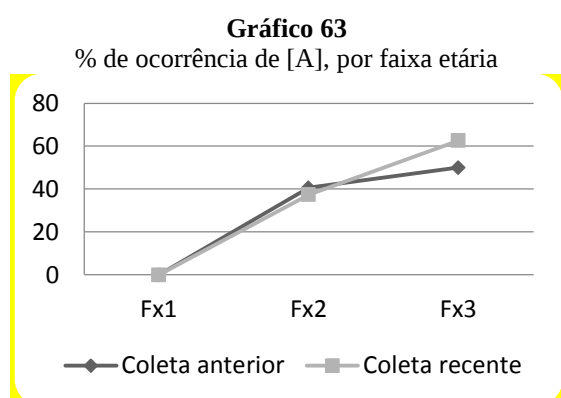
Como se vê, a coincidência foi de 54,4% entre os vocábulos das duas coletas. A relação do vocábulo coincidente com a correspondência é aleatória, quase sempre com a correspondência [A], mas com 1 (um) caso de [B] e outro de [C]. Ao se observar a relação de [C] com [D], a coincidência é próxima, de 54,5%. Já na relação entre [A] e [B], a coincidência foi maior, de 72,2%, de modo que apenas BINÓCULO, MÉDICO e TRIÂNGULO não coincidiram entre as duas coletas. Analisando por faixa etária, temos o seguinte:

Tabela 57
% de correspondências nas duas coletas

		Coleta anterior	Coleta recente
A	Fx1	0	0
	Fx2	40,6	37,4
	Fx3	50	62,6
B	Fx1	27,5	13,5
	Fx2	29,1	24,3
	Fx3	37	25,3
C	Fx1	64,3	68,9
	Fx2	16,6	21,9
	Fx3	8,9	12,4
D	Fx1	13,5	33,5
	Fx2	17,7	28,5
	Fx3	5,9	12,7

A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

Como se vê na tabela, não há uma similaridade significativa nem das faixas etárias, nem das correspondências entre si, ao se comparar os dados das duas coletas. Na segunda faixa etária, as taxas de [A] são maiores que as de [B] nas duas coletas; porém, a taxa de [C] foi menor que a de [D] na coleta anterior, mas maior na recente. Assim, as taxas entre as duas coletas são bem distintas. Porém, as tendências de cada taxa ao longo das faixas etárias se aproximam e se mostram significativas, como pode ser observado nos gráficos a seguir:



Como mostram os gráficos, as correspondências [A] e [B] são ascendentes nos dados das duas coletas, enquanto [C] e [D] tendem a ser decrescentes; além disso, os desenhos dos dois estudos são iguais em [C] e [D], enquanto [A] e [B] apresentam gráficos com duas tendências levemente destoantes. O dado apontado aqui é um indício de que as taxas dessas correspondências seguem a mesma tendência quanto ao seu decréscimo e tendências similares quanto à ascensão.

Ao se isolar os vocábulos, e comparar suas correspondências acento-léxico aos seus tipos de produtividade lexical, estabelecidos na seção 4.2 deste capítulo, parece haver uma coincidência entre tipos de produtividade e correspondência típicos, como se pode observar no quadro a seguir:

Tabela 58
Correspondência espontaneidade léxico-acento e produtividade lexical nas duas coletas

	Coleta anterior					Coleta recente				
	Tipo de prod. lexical	A	B	C	D	Tipo de prod. lexical	A	B	C	D
ABÓBORA	O	56,3	14,8	11,1	23,1	G	30	5	30	50
ÁRVORE	P	55,7	0	11,1	33,3	G	53,8	23,1	15,4	7,7
BINÓCULO	G	23	8,3	61,1	7,4	O	16,7	33,3	44,4	1,1
CÂMERA	L	19	56,0	41,7	0	-	-	-	-	-
EXÉRCITO	I	0	64,4	35,6	0	I	0	40	60	0
FÓSFORO	L	4,3	69,4	22,2	4,2	-	-	-	-	-
HIPOPÓTAMO	O	56	11,1	26,4	23,6	G	63,2	10,5	31,6	23,5
LÂMPADA	O	14,3	55,1	19,4	11,1	-	-	-	-	-
MÁGICO	L	11	72,2	16,7	0	-	-	-	-	-
MÁQUINA	G	32	17,8	23,3	27,0	G	35	25	35	21,1
MÉDICO	G	27	42,6	22,2	8,3	G	47,6	23,8	33,3	14,3
MÔNICA	O	63	14,8	11,1	19,4	-	-	-	-	-
MÚSCA	G	42,7	35,2	22,2	0	-	-	-	-	-
NÚMERO	O	41,3	25	33	0	-	-	-	-	-
ÓCULOS	P	50	0	16,7	41,7	P	65	5	0	45
ÔNIBUS	G	46	43,1	38,9	0	O	36,8	5,3	26,3	47,4
PÁSSARO	L	8,3	50	41,7	0	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	I	0	50,8	49,2	0	-	-	-	-	-
PLÁSTICO	L	12,7	41,7	41,7	4,2	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	O	52,3	25,4	22,2	0	-	-	-	-	-
RELÂMPAGO	-	-	-	-	-	-	11,8	52,9	35,3	0
TRIÂNGULO	O	19,3	27,8	44,4	12,0	O	35	15	30	35
VDELOCÍPEDE	I	0	50	50	0	-	-	-	-	-
XÍCARA	O	29,3	41,7	25	4,2	G	33,3	50	16,7	16,7

P: Precoces **G:** Gradativos **I:** Improdutivos **O:** Oscilantes

A: evocação espontânea e proparoxítônica **B:** evocação não espontânea e proparoxítônica **C:** evocação não espontânea e não proparoxítônica **D:** evocação espontânea e não proparoxítônica

Analisando o quadro, temos a seguinte situação:

- Vocábulos precoces: taxa de [A] com metade ou mais nos três casos; a segunda maior taxa é de [D], com mais de 30%.
- Vocábulos gradativos: Em geral, equilíbrio maior entre três correspondências; as maiores taxas são de [A], mas não sendo acima de 50%, exceto em ÁRVORE e HIPOPÓTAMO da coleta recente. A segunda maior taxa se equilibra entre [B] e [C].
- Vocábulos lentos: a maior taxa é sempre a de [B], com 50% ou mais na maioria dos casos; a segunda é sempre [C]; em PLÁSTICO, na coleta anterior, [B] e [C] têm a mesma taxa. Parece haver uma regularidade nas taxas de [C], com 3 (três) taxas de 41,7%.
- Vocábulos oscilantes: 7 (sete) casos em que a taxa maior é de [A], com uma leve tendência para taxas acima de 50%. Nos outros, um equilíbrio entre [B] e [C] como maior taxa, mas com tendência a estar sempre abaixo de 50%.

- Vocábulos improdutivos: como é de se prever, apresentam sempre taxa de 0% de [A] e [D], visto que são improdutivos justamente por nunca serem produzidos espontaneamente. Apresentam equilíbrio entre as correspondências [B] e [C], não demonstrando nenhuma tendência para uma ou outra produção.

Destaque-se que a correspondência majoritária coincide nos vocábulos que estão presentes nos dois estudos, com exceção de ÔNIBUS cuja correspondência majoritária é [A] na coleta anterior e [D] na coleta recente, e TRIÂNGULO, cuja correspondência majoritária é [C] na coleta anterior, e equilibram-se [A] e [D] na coleta recente. Comparativamente, temos o seguinte:

Tabela 67
Relação entre correspondências A-B e C-D nas duas coletas

	Número de ocorrências		A > B	B > A	C > D	D > C	C = D
P	3		3	0	0	3	0
G	10		9	1	7	2	1
L	5		0	5	5	0	0
O	11		7	4	4	7	0
I	4		0	4	4	0	0

P: Precoces **G**: Gradativos **I**: Improdutivos **O**: Oscilantes

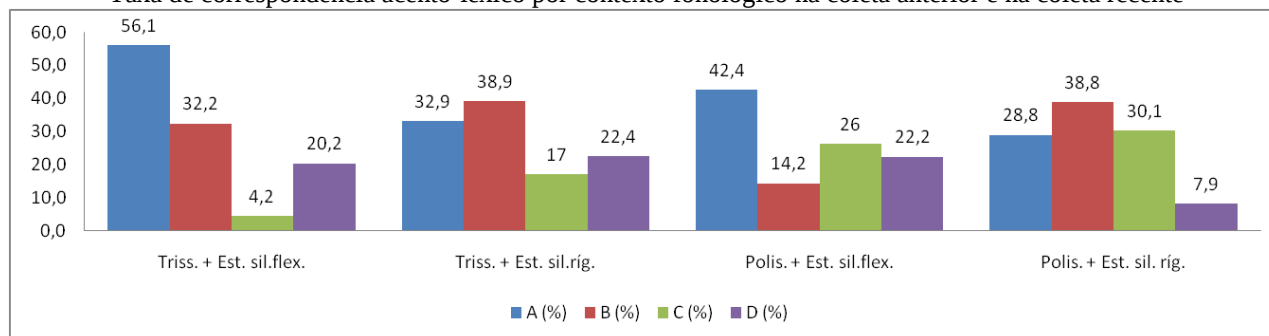
A: evocação espontânea e proparoxítona **B**: evocação não espontânea e proparoxítona **C**: evocação não espontânea e não proparoxítona **D**: evocação espontânea e não proparoxítona

Analisando o quadro, temos que os vocábulos precoces, os gradativos e os oscilantes tendem a ter taxas de [A] maiores que de [B], enquanto os improdutivos – como já é previsto – e os lentos tendem a ter taxas de [B] maiores que de [A]. Já em relação a [C] e [D], os vocábulos gradativos, lentos e improdutivos – este último, também já previsto – tendem a ter taxas de [C] maiores que de [D] enquanto os oscilantes tendem a ter taxas de [D] maiores que de [C]. Curiosamente, entre os precoces, os lentos e os oscilantes, as correlações são idênticas, variando apenas qual das correspondências é a maior.

Já em relação ao contexto fonológico dos vocábulos, temos o seguinte:

Gráfico 68

Taxa de correspondência acento-léxico por contexto fonológico na coleta anterior e na coleta recente



A: evocação espontânea e proparoxítona **B:** evocação não espontânea e proparoxítona **C:** evocação não espontânea e não proparoxítona **D:** evocação espontânea e não proparoxítona

A extensão do vocábulo não se mostra relevante para a correspondência, já que ambos, polissílabos e trissílabos, têm taxa majoritária de [A]. No entanto, a estrutura silábica se mostra bastante relevante; nesse caso, a estrutura silábica flexível obteve taxas de correspondência [A] superiores às outras correspondências. Já quando a estrutura silábica é rígida, a taxa de correspondência [B] supera a de correspondência [A].

Como vocábulos de estrutura silábica rígida tendem a se produzir dentro do padrão acentual alvo mais precocemente que os de estrutura silábica flexível, a taxa maior de produção acentual nesses vocábulos tende a ser maior quando a produção é não espontânea do que quando a produção é espontânea.

A análise das correspondências por faixa etária, apresenta as seguintes evidências favoráveis a uma correlação tendente entre acento e léxico:

- i. A maior ocorrência de [A] que de [B] entre os tipos de produtividade dos vocábulos, especialmente em vocábulos oscilantes, visto que são vocábulos com produtividade baixa.
- ii. As taxas de [A] maiores que de [B] entre vocábulos de estrutura silábica flexível, visto que esses são mais vulneráveis à simplificação.
- iii. Haver alguma taxa de [A] em todos os vocábulos, exceto os improdutivos.
- iv. A maior ocorrência de [C] que de [D], especialmente no caso dos lentos, em que se compensa as taxas de [B] serem maiores que as de [A].
- v. As taxas de [C] maiores que de [D] entre vocábulos polissílabos, visto que esses são mais vulneráveis à simplificação que os trissílabos.
- vi. Taxas de [A] maiores que de [B] nos vocábulos precoces, conforme pode ser observado na Tabela 67, visto que nestes a maior produtividade lexical tenderia a uma maior produtividade acentual também.
- vii. Taxas maiores de [A] na segunda faixa etária, nas duas coletas.

Porém, temos como evidências desfavoráveis à correlação o seguinte:

- viii. Taxas maiores de [A] entre trissílabos que entre polissílabos, pois sendo esses últimos os que mais simplificam, a produção lexical os estimularia mais; mas talvez isso se deva ao fato de que polissílabos também tendem a ser improdutivos.
- ix. Taxas maiores de [D] do que de [C] entre trissílabos de estrutura silábica flexível, pelos mesmos motivos expostos em *viii*.
- x. Equilíbrio entre as taxas de [B] e de [C] nos vocábulos improdutivos, de modo que as taxas de [C] deveriam ser maiores que a de [B] para indicar que vocábulos dessa categoria, uma vez que são lexicalmente improdutivos, deveriam ser acentualmente menos produtivos.
- xi. Taxa de 0% de [A] na primeira faixa etária ao mesmo tempo em que ocorre alguma porcentagem de [D], nas duas coletas (sendo que [D] foi a segunda correspondência majoritária na coleta recente), conforme gráficos 58 e 68, o que implica que houve uma produção lexical significativa nesta faixa etária, mas não houve produção acentual.

O que se observa no item *xi* acima coaduna com o que se observou também na análise geral e na análise dos vocábulos: a inexistência dessa relação observável na primeira faixa etária. No mais, as evidências de *i* a *vii*, que são as favoráveis, são sobre questões mais gerais, compõem a parte mais robusta dos dados e são mais numerosas que as de *viii* a *xi*, que são as desfavoráveis - numericamente, são 7 (sete) evidências favoráveis contra 4 (quatro) desfavoráveis. Desse modo, é possível dizer que as correspondências explicitaram uma relação entre a aquisição acentual e lexical, mas que se mostra com essa análise e, também, com as anteriores, que não é uma relação absoluta.

4.3.4 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Com os dados aqui analisados, é possível estabelecer, preliminarmente o seguinte:

- Tanto a produção lexical quanto a acentual foram crescentes ao longo das três faixas etárias.
- Houve uma relação observável entre a produção acentual proparoxítone e a produção lexical proparoxítone, porém, que só se estabelece a partir da segunda faixa etária.
- A partir da segunda faixa etária, a aquisição acentual e a aquisição lexical se acompanharam, de modo que os crescimentos percentuais são próximos.

- Houve indícios de que o ritmo aquisicional mais acelerado ou mais lento que o da média rompeu a relação entre as aquisições acentual e lexical. É preciso estudos específicos para confirmar esses indícios.
- A relação entre as duas aquisições se manifestou de maneira menos clara ao se analisar o conjunto dos dados por faixa etária, mas se explicitou mais ao se observar as crianças individualmente e os vocábulos. Assim, vocábulos que já integram o inventário lexical da criança apresentaram uma leve tendência a ser produzidos dentro do alvo acentual adulto.
- As evidências de que a produção acentual influencia a produção lexical foram maiores, visto que as taxas de acento são maiores que as do léxico, e as taxas de evocação não espontânea e proparoxítona são significativas.
- A evidência de que a produção lexical influencia a produção acentual foi menor, e mostrou-se pelas maiores taxas de evocação espontânea e proparoxítona, mas que provavelmente concorreu com outros fatores como o contexto fonológico, a idade e o ritmo aquisicional da criança.

V

DISCUSSÕES E PROPOSIÇÕES

5.1 HIPÓTESES CONFIRMADAS, DESCONFIRMADAS E NOVAS HIPÓTESES

Houve relação observável entre a aquisição do léxico proparoxítono e a aquisição do acento proparoxítono? Quanto à produção, sim. Como explicitado na análise de dados, essa relação se observou na similaridade e regularidade das duas produções, acentual e lexical, ao se observar o total de produções por faixa etária, ao se observar a produção de cada indivíduo e ao se observar a relação das evocações nos itens lexicais estudados. A hipótese estaria completamente descartada nos seguintes casos:

- Nenhuma regularidade observável no total de produções por faixa etária, com gráficos mostrando uma descontinuidade entre um e outro.
- Nenhuma regularidade observável entre os indivíduos, com distâncias muito destoantes entre si nos diferentes indivíduos.
- Nenhuma tendência observável entre as correspondências de evocação dos vocábulos.

Porém, a hipótese não foi confirmada por completo. Como foi notável na análise de dados, esses três pontos não foram identificados na primeira faixa etária, de modo que essa relação se estabeleceu apenas a partir da segunda faixa etária – ou, talvez, da passagem da primeira para a segunda.

Agora, uma vez elucidada essa relação, como ela se dá? A maior taxa geral de produção acentual que de produção lexical sugere que a produção acentual influenciou muito mais na produção lexical do que o contrário. Porém, a influência contrária não está descartada, uma vez que a regularidade das correspondências apontaram para essa influência; ela apenas não se explicitou muito. Então, o conhecimento do item lexical proparoxítono (explicitado pela evocação espontânea) influencia na evocação proparoxítona? Em alguns casos, sim. O mais coerente é afirmar que essa influência concorreu com outras: a idade, o ritmo aquisicional e o contexto fonológico dos vocábulos. Essa última ficou demonstrada com as maiores taxas de evocação espontânea e proparoxítona em vocábulo com estrutura silábica postônica flexível, mas não com a extensão do vocábulo, já que trissílabos apresentaram taxas de evocação espontânea e proparoxítonas menores que as de evocação não espontânea e proparoxítona. A idade também ficou demonstrada com a inexistência de qualquer relação observável na primeira faixa etária; o ritmo aquisicional deixou um indício no caso das 3 (três) Lg's com ritmo aquisicional mais lento ou acelerado, em que também não houve essa relação. Mas, na maioria dos dados analisados, a relação acento-léxico se revelou.

Para explicar a influência do acento sobre o léxico, levanto – e também nomeio – 2 (duas) novas hipóteses que deverão ser confirmadas em estudos futuros:

- (a) Hipótese da escuta

(b) Hipótese do treino

Na hipótese (a), o ambiente de escuta faz com que o maior contato auditivo com palavras proparoxítonas fortaleça o enraizamento desse modelo acentual no processamento fonológico e prosódico-lexical da criança; assim, quanto mais palavras proparoxítonas a criança escuta como modelo, mais esse acento se solidifica.

Já na hipótese (b), a criança “treina” o uso do acento proparoxítono na medida em que evoca lexicalmente mais palavras proparoxítonas. A constante desse uso fará com que se ative a representação desse modelo acentual no processamento fonológico e prosódico-lexical dessa criança.

Ambas hipóteses estão pressupostas por Bybee (2003, p. 66), segundo quem “a aquisição da fonologia ocorre por meio da aquisição gradativa de detalhes fonéticos cada vez mais precisos na produção das palavras e frases da língua. Os processos tornam-se automáticos porque são altamente praticados.”⁹

Para a influência do acento sobre o léxico, levanto, também, uma nova hipótese de explicação para esse fenômeno:

(c) Hipótese da preparação e solidificação

Nessa hipótese, a criança se prepara para produzir novos vocábulos proparoxítonos na medida em que o acento proparoxítono se solidifica no inventário fonológico e prosódico dessa criança. Quando a criança já evoca o acento proparoxítono, ela tem mais “segurança” para produzir outros vocábulos desse modelo, mesmo que eles ainda se simplifiquem. Um forte indício favorável a essa hipótese é o fato de que, como visto no capítulo IV, seção 4.2, vocábulos trissílabos tendem a ser mais lexicalmente produtivos do que polissílabos, sendo que polissílabos proparoxítonos são mais complexos; o indício, aqui, é o de que crianças produzem mais trissílabos proparoxítonos porque estão mais “seguras”, uma vez que esses vocábulos tendem a ter produção acentual alvo mais cedo.

Essa hipótese encontra eco em Bybee (2003, p. 15). Em suas palavras, “Rotinas articulatórias já dominadas são acionadas para a produção de novas palavras, levando a uma tendência das crianças a expandir seu vocabulário por meio da aquisição de palavras fonologicamente semelhantes às que já conhecem”¹⁰. A hipótese (c) também encontra eco no estudo de Stoel-Gammon (2011, p. 12), em seu Postulado III: “o desenvolvimento lexical inicial é influenciado pela forma fonológica do léxico adulto e pela produção fonológica da criança.” A influência da produção

⁹Trecho original: *The acquisition of phonology comes about through the gradual acquisition of more and more accurate phonetic detail in the production of the words and phrases of the language. Processes come to be automatic because they are highly practiced.*

¹⁰Trecho original: *Articulatory routines that are already mastered are called forth for the production of new words, leading to a tendency of children to expand their vocabulary by acquiring words that are phonologically similar to those they already know.*

fonológica – prosódica-lexical, no caso – da criança é o que parece ocorrer em palavras proparoxítonas.

Para testar essas três hipóteses, um novo estudo deve ser realizado. Esse, mais experimental e buscando separar três grupos de crianças longitudinalmente, de modo que em cada grupo se teste cada uma das três hipóteses. Ressalte-se que essas três hipóteses não são necessariamente conflitantes: as três possibilidades podem ocorrer e podem atuar concomitantemente. Assim, o isolamento de cada uma delas é apenas uma maneira de tentar identificar (i) se a hipótese em si está correta; e (ii) qual delas é mais preponderante na relação entre a aquisição do acento e do léxico. A pesquisa basear-se-ia na inserção artificial, nos três grupos, do acento proparoxítono na rotina da criança, desde muito cedo e de antes do aparecimento das primeiras palavras. Logo, seria uma pesquisa que ocorreria idealmente em residência. A aplicação do método seria diferente para cada um dos grupos, de modo que a inserção seria:

- Para a hipótese (a), a inserção de vocábulos proparoxítonos reais em atividades linguísticas que a criança realize: músicas, livros de histórias, contações de histórias, álbuns de figurinhas, brinquedos, etc, porém, sem atividades que estimulem a criança a produzir essas palavras, como pedir que ela cante a música, diga o nome das figurinhas nos álbuns, etc.
- Para a hipótese (b), também a inserção de vocábulos proparoxítonos reais, mas com estímulo contínuo à produção desses vocábulos
- Para a hipótese (c), a inserção de vocábulos reais e irreais, mas não com estímulo à produção como previsto na hipótese acima, e sim com produção via repetição, sem a presença dos elementos; aqui, ocorreria um certo estímulo à produção mais precoce do acento proparoxítono, de modo a verificar se a criança passa a produzir itens lexicais proparoxítonos mais precocemente também.

Obviamente, uma pesquisa desse tipo exige muito mais do que apenas a curiosidade do pesquisador. Exige que haja crianças, e que os pais ou tutores estejam dispostos a submetê-los a essa pesquisa, e a submeter-se eles próprios a deixar que o pesquisador faça alguma interferência na rotina da criança. Certamente, não será, também, uma pesquisa bem sucedida se feita isoladamente; essa pesquisa teria um grau de complexidade tal que necessitaria de toda uma equipe de trabalho para desenvolvê-la.

Talvez a exequibilidade venha a ser a de testar apenas 1 (uma) dessas hipóteses em 1 (um) indivíduo, o que não poderia ser utilizado como uma confirmação plena da hipótese, mas poderia servir como dado parcial, a ser congregado a outros dados futuros, na medida em que novas possibilidades de desenvolvimento da pesquisa surjam. Pode levar anos; às vezes as questões de

pesquisa levam mesmo anos para serem elucidadas. A comunidade científica precisa de paciência para elucidar fenômenos psicolinguísticos; a paciência é necessária para juntar os dados na medida em que eles surgem, por meio de meta-análise; é necessária, também, para não se precipitar em uma resposta parcial e tratá-la como resposta integral. O conhecimento caminha paulatinamente.

5.2 O QUE SE PODE DIZER SOBRE A AQUISIÇÃO DE PROPAROXÍTONAS?

Em Vargens (2016) foi possível estabelecer alguns pontos sobre a aquisição de proparoxítonas: uma ontogênese da evocação proparoxítona padrão, com três estágios específicos, faixa etária propícia à produtividade do acento, processo de simplificação fonológica e o que influencia a maior ou menor incidência desses processos. Na pesquisa atual, boa parte delas foi ratificada, mas a análise de algumas crianças, longitudinalmente, apresentaram resultados divergentes em relação a alguns desses pontos.

Entre os resultados divergentes, destaca-se a postulação dos estágios. Em especial, três crianças apresentaram produções divergentes de suas respectivas faixas etárias. Os estágios são os seguintes:

1. Até os 2;0 (dois anos)
2. De 2;1 (dois anos e um mês) a 3;0 (três anos)
3. A partir dos 3;1 (três anos e um mês)

No primeiro estágio, a evocação proparoxítona é minoritária. No segundo estágio, a evocação proparoxítona se equilibra com a simplificação de proparoxítona. No terceiro estágio, a evocação proparoxítona passa a ser majoritária. Há, ainda, a possibilidade, ainda não verificada, de um quarto estágio, quando a aquisição se completa; possivelmente se inicia aos 4 ou aos 5 anos de idade, sendo que esse estágio não foi objeto de estudo ainda. Assim, o segundo estágio é o mais propício ao surgimento do acento enquanto o terceiro é o mais propício à sedimentação.

As três crianças apresentaram produção mais condizente com o estágio anterior ou com o estágio seguinte à sua idade. Mas uma análise dessas crianças permitiu observar que os seus respectivos ritmos aquisicionais eram acelerados ou lentos, o que possivelmente gerou essa divergência – e possivelmente interferiu em outros fatores também, do que tratarei um pouco mais adiante. Uma criança com ritmo aquisicional mais acelerado pode apresentar produções que se aproximam do que é mais típico de crianças mais novas ou mais velhas, de modo que a sua idade cronológica a colocaria num estágio, mas seu ritmo aquisicional a coloca em outro.

Um ponto importante é que a passagem dos estágios se deu em todos os casos, de modo que uma criança em idade para estar em um determinado estágio não apresenta uma produção igual ou inferior à que apresentava no estágio anterior. O mesmo não vale para idades progressivas dentro do mesmo estágio; ou seja os dados longitudinais mostraram casos em que, dentro de um mesmo estágio, pode haver regressão e a mesma criança pode produzir menos o acento proparoxítono do que produzia antes. Ou seja, a aquisição do acento proparoxítono não é homeostática, algo que já foi observado na aquisição fonológica do português (TEIXEIRA, 2012a).

Houve, também, um resultado parcialmente divergente em relação ao contexto fonológico, ao se analisar a extensão do vocábulo e a estrutura silábica postônica. Os dados de estudos anteriores mostram que proparoxítonas com mais de três sílabas são mais vulneráveis à simplificação que palavras com três sílabas. E, também, palavras com estrutura silábica postônica flexível – ou seja, aquelas cuja fonotática da língua permitem formação de um encontro consonantal via coalescência intersilábica – são mais vulneráveis que as de estrutura silábica postônica rígida. O conjunto de crianças da coleta recente corrobora essa constatação. Porém, era de se esperar que, ao se cruzar esses dois contextos, teríamos uma produção padrão mais rápida e bem sedimentada em vocábulos trissílabos com estrutura silábica rígida. No entanto, isso não se demonstrou na análise da coleta recente, em que havia pouca diferença no crescimento percentual dos contextos fonológicos cruzados – exceto no caso de polissílabos com estrutura silábica rígida, que teve a mais baixa das produções.

O ponto em que os dados corroboraram os de estudos anteriores foi sobre a simplificação em si. Os estudos anteriores apontavam para uma tendência das crianças a reduzirem os vocábulos proparoxítonos, tornando-os, em sua maior parte, paroxítonos. Pode ocorrer também ampliação ou reacentuação do vocábulo, recursos raros, mas existentes. A simplificação também pode gerar monossílabos, oxítonos ou ainda preproparoxítonos, o que também é muito pouco frequente.

Assim, como pontos que influenciam a simplificação ou não de vocábulos, temos os seguintes:

- O contexto fonológico dos vocábulos.
- A idade e o ritmo aquisicional da criança.

Os dados indicam um novo elemento que também exerce essa influência, mas em caráter menor: o conhecimento do vocábulo. Isso porque, há uma leve tendência de crianças, a partir dos 2;01 (dois anos e um mês), produzirem vocábulos proparoxítonos dentro do padrão acentual quando já conhecem esse vocábulo, o que se verificou pela evocação espontânea. Esse fator, no entanto, é secundário quanto aos outros e exerce uma influência bem menor – é maior na terceira faixa etária. A evidência para isso ainda não é o suficiente para que se conclua, de fato, se não através de uma pesquisa específica.

Dentro da mesma divisão em faixas etárias, pode-se dizer algo, também, sobre a aquisição do léxico, mas com pouco potencial conclusivo. Com relação ao léxico, os dados demonstraram que palavras proparoxítonas fazem parte do léxico infantil, sendo sua produção bem pouco frequente na primeira faixa etária e mais frequente a partir da terceira. Um fator que propicia a produção é a extensão do vocábulo, de modo que as proparoxítonas trissílabas tenderam a ser mais frequentes

que as polissílabas na fala infantil. Há indícios de que a estrutura silábica também exerce alguma influência, mas as diferenças não são tão significativas quanto as da extensão do vocábulo.

Ainda sobre a questão do léxico, podemos traçar alguns paralelos com outros estudos sobre a relação entre aquisição lexical e aquisição fonológica, como se mostra na tabela a seguir:

Tabela 60
Comparativos entre os diferentes estudos

	Storkel e Morisette (2002)	Teixeira e Davis (2002)	Storkel (2008)	S.Gammon (2011)	Sosa e S.Gammon (2012)	Wiethan e Mota (2014)	Wiethan, Nóro e Mota (2014)
Tanto léxico quanto fonologia são crescentes.	X	X	X	X	X	X	X
Desenvolvimentos lexical e fonológico tendem a ser proporcionais.	X			X	X	X	X
Indivíduos tendem a ter taxas regulares de produção lexical e fonológica.	X		X	X		X	X
Conclusão de influência da fonologia na produção lexical.	X		X	X	X	X	X
Conclusão de influência do léxico na produção fonológica.		X		X	X	X	X

Aqui se desenha a situação da interinfluência fonologia e léxico na aquisição da linguagem. A tabela representa o que se observou nos dados desta tese, em relação às proparoxítonas. As linhas são os achados deste trabalho. As colunas, os diferentes trabalhos que traçaram uma relação entre aquisição fonológica e aquisição lexical. Como se vê, os cinco achados estão presentes na maioria dos trabalhos, e todos os trabalhos tiveram pelo menos 2 (dois) desses achados. Esses dois comparativos corroboram que uma relação léxico-fonologia se estabelece também quanto às proparoxítonas.

Porém, tudo o que se diz, aqui, é relativo exclusivamente à produção. Nada se pode dizer, por ora, sobre a compreensão dos vocábulos. Os dados de relatos parentais, única fonte que seria possível nessa pesquisa, são muito incipientes para isso. Isso suscita a necessidade de uma pesquisa específica sobre a compreensão, algo que será necessário para confirmar e sedimentar o que proponho na seção a seguir.

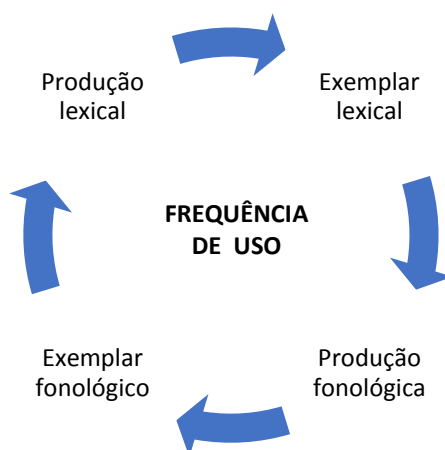
5.3 AS PROPAROXÍTONAS: UMA CATEGORIA LEXICAL?

As perspectivas teóricas mais recorrentes sobre aquisição lexical (SILVA, 2003) não contemplaria os dados aqui analisados, isso porque são perspectivas focadas em análise semântica e/ou pragmática. A aquisição do léxico, em qualquer dessas perspectivas, descreve-se como aquisição de categorias lexicais, descrita e explicada de maneira distinta em cada perspectiva. Não fizeram, no entanto, associação com a constituição fonológica. É possível, de fato, que sequer haja uma relação semântica/pragmática-fonologia; se há, ela é notadamente de difícil apreensão pelo pesquisador. Storkel (2008), por exemplo, não identificou essa relação, mesmo utilizando o CDI McArthur Bates, o que pressupõe um método baseado em categorias semânticas.

O fato é que, com muita ênfase dos modelos teóricos em semântica e pragmática, há uma lacuna sobre o potencial da fonologia da língua em influenciar a aquisição do léxico, mesmo que os poucos trabalhos que traçam essa relação elucidem tal conexão e que, inclusive, estabeleçam a aquisição do léxico como aquisição de não só categorias semânticas e pragmáticas, mas também fonológicas. Em outras palavras, a aquisição de categorias lexicais que se assemelhem por características fonológicas específicas.

Essa lacuna pode vir a ser preenchida pela Teoria dos Exemplos, segundo a qual a aquisição se dá pela exposição a modelos. O pressuposto de que as crianças produzem vocábulos na medida em que domina os elementos fonológicos da língua – pressuposto mencionado, aqui, no Capítulo II e na seção 5.1 deste capítulo – proposto por Bybee (2003) e ratificado em trabalhos posteriores, como o de Cristóvão-Silva (2002) – já desenha embrionariamente essa ideia. O mesmo se observa nos trabalhos sobre a relação fonologia-léxico na aquisição da linguagem (ver Capítulo II, seção 2.3). Apoiam-se no referido pressuposto os trabalhos de Storkel e Morissette (2002), de Wiethan e Mota (2014) e de Wiethan, Nóro e Mota (2014). Já os trabalhos de Teixeira e Davis (2002) e Sosa e Stoel-Gammon (2012), ao utilizarem os CDIs, instrumentos de estudos primordialmente lexicais-semânticos, como base para estudar fonologia, também abrem um espaço embrionário à ideia de categorias lexicais por similaridades fonológicas.

Na perspectiva de Teoria dos Exemplos, essas categorias seriam formadas e sedimentadas a partir de exemplos fonológicos. Como a teoria já prevê o inverso, produção fonológica por exemplos lexicais, a aquisição desses elementos, então, dar-se-ia em um esquema complexo em que a frequência de um influencia a do outro, como demonstro no diagrama a seguir:



Como é possível observar, esse diagrama não toma o item lexical ou fonológico como primário na aquisição, mas ambos sendo cíclicos, num *continuum* em que ambos crescem um em consequência do outro. Em outras palavras, a criança não produzirá muitas palavras de uma determinada categoria fonológica enquanto não dominar essa categoria, e não dominará essa categoria enquanto não produzir frequentemente esse mesmo elemento. O início desse *looping* é algo para ser estudado nas fases muito iniciais da fala da criança e requer, também, um estudo específico sobre a compreensão e sobre o ambiente de escuta da criança. No caso das proparoxítonas, um fator que influencia a produção do léxico é a estabilização do acento e o que influencia a estabilização do acento é a produção do léxico; assim, quanto mais acentos proparoxítonos a criança já é capaz de produzir, mais itens lexicais proparoxítonos ela estará apta a evocar espontaneamente e vice-versa.

Mas, como os dados desta tese sugerem e como concluiu Stoel-Gammon (2011), a influência da fonologia sobre o léxico parece ser maior que a do léxico sobre a fonologia. Esse fato somado ao pressuposto referido anteriormente, de que domínio de características fonológicas resulta em aumento da produção lexical, criam a plausibilidade necessária para estabelecer que características fonológicas podem gerar categorias lexicais. Isso não significa que toda e qualquer característica vai, de fato, fazê-lo; talvez algumas sim e outras não; é mais um caso que requer estudo específico; dessa vez, sobre cada característica, cada elemento. A esse respeito, temos indícios, a partir do trabalho de Guimarães e Cristófar-Silva (2011), de que fricativas alveolares possam formar categorias distintas, quando em posições silábicas distintas. Também temos indícios de que as consoantes dorsais, especialmente as oclusivas velares, que podem formar uma categoria especificamente no português, conforme dados analisados por Teixeira e Davis (2002).

Para os limites desta tese, proponho que um desses elementos seja o acento proparoxítono. Ao tomar a aquisição de categorias lexicais por similaridades fonológicas, temos, com os dados descritos nesta tese, um quadro em que o conjunto das proparoxítonas podem ser compreendidas,

em si, como uma categoria lexical específica que a criança sedimentará ao longo de seu desenvolvimento.

No entanto, a confirmação dessa proposição requer mais estudos. É preciso mais dados que revelem a compreensão das crianças, e um estudo com crianças, com elementos específicos que possam extrair informações de maneira mais experimental, como proponho na seção 5.1 deste capítulo. Por ora, o que se pode afirmar, apenas, é que houve evidências de uma relação observável entre aquisição fonológica e aquisição lexical quanto às proparoxítonas. Tudo o mais são perspectivas de pesquisa futura.

5.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aos poucos, com novos estudos, novas pesquisas, novas perspectivas, mais e mais vai sendo elucidado sobre a língua portuguesa. E muito já vem sendo elucidado até então sobre as proparoxítonas nessa língua. Durante a escrita de minha dissertação, tinha a ideia de que havia tantas lacunas que era um enorme desafio estudar esse tema, que tanta curiosidade pode despertar. Desde então e até este momento, não só novos trabalhos surgiram, novas pesquisas foram feitas, como trabalhos que antes estavam escondidos nas bibliotecas das universidades foram sendo disponibilizados *on-line*, para acesso geral da comunidade acadêmica. A ideia que tenho, agora, é de que o estudo sobre as proparoxítonas está começando a se desenvolver mais, e terá grandes perspectivas de pesquisa futura, nos diversos campos de estudo da Linguística.

O que fiz na Revisão da Literatura (especialmente na primeira seção) foi demonstrar a amplitude desses estudos. Os que são específicos sobre proparoxítonas, mas, também, os que são sobre o acento de maneira mais geral, mas que têm muitos pontos sobre proparoxítonas e, com eles, muito contribuem. Dentro dos limites de um trabalho de doutorado, foi possível oferecer uma boa parcela de contribuição para esses estudos, com um aspecto específico em que eles são, ainda, pouco abordados: a aquisição da linguagem pelas crianças. Resta à comunidade acadêmica aproveitar esses novos dados e construir algo sólido. Talvez ainda falte para a comunidade acadêmica uma compilação mais sólida desses estudos, que vá além dos limites de uma tese. Da comunidade acadêmica, talvez deva surgir um artigo de revisão ou até mesmo um livro sobre as proparoxítonas que reúna resultados de pesquisa em Dialetoлогия e Sociolinguística, Psicolinguística, Linguística Histórica, Linguística Educacional, Linguística Clínica, entre outros.

Um ponto importante a ser estudado seria, por exemplo, a frequência de uso sociolinguística e sua possível relação com a aquisição da linguagem. Como demonstrado nos trabalhos em Dialetoлогия e Sociolinguística (ver Capítulo II, seção 2.1.1.3), proparoxítonas são sujeitas a simplificação também no sistema fonológico adulto, de modo que, em alguns casos, é possível que o padrão proparoxítono sequer exista como modelo para as crianças. Isso foi tratado em Vargens (2012), com as análises dos dados da Classe C (filhos de pais não escolarizados ou pouco escolarizados), que não demonstraram nenhuma tendência ontogênica, com oscilações nos gráfiões de análise. Também foi abordado em Teixeira (2016), segundo a qual alguns processos de simplificação na fala infantil estão presentes também na fala adulta e são marcadores de estigmatização sociolinguística; entre eles, a redução de proparoxítonas. Nesse caso, os exemplares lexicais e fonológicos de palavras de padrão proparoxítono seriam, na verdade, exemplares paroxítonos e a criança inserida nesses ambientes, a princípio, não incluiria a aquisição de um

acento proparoxítono em seu inventário, pois ela não internaliza e, posteriormente, também não produz, o que não ouve. Esse possível ponto de interseção entre Sociolinguística e Psicolinguística requer um estudo especificamente desenhado em que fossem estudados mutuamente tanto os pais ou cuidadores das crianças quanto as próprias crianças; promissoramente, seria bem-sucedido se realizado em conjunto, sociolinguistas e psicolinguistas.

Mas, para além disso, ainda há lacunas para serem preenchidas por pesquisas não desenvolvidas ainda na própria Psicolinguística - na qual se centra esta tese. Como se manifesta o acento em palavras proparoxítonas em falantes com alguma patologia de linguagem: dislexia, afasia, ou mesmo patologias que afetam o funcionamento do aparelho fonador? Ainda não há pesquisas a respeito. Um estudo sobre o comportamento das proparoxítonas em casos de afasia exigiria, para que se tire conclusões abrangentes, dois ou três sujeitos de pesquisa e uma metodologia específica para extrair as palavras.

No caso de afasia, acrescenta-se que a pesquisa pode se direcionar no sentido de estimular uma interação com temas em que essas palavras venham a aparecer. A seleção de vocabulário deve ter um grau de rigor e familiaridade. É importante que haja familiaridade com o tema e com os vocábulos. Se partirmos do pressuposto de que o afásico volta a um estágio de aquisição da linguagem – algo abordado por alguns autores mencionados em Rapp (2003) –, também seria necessário uma variabilidade de contextos fonológicos nos vocábulos selecionados, para que os resultados possam ser explorados e permitam assegurar a relação afasia-aquisição.

Também não há trabalhos a respeito das proparoxítonas na aquisição do português como língua estrangeira ou segunda língua. Neste caso, seria especialmente interessante o contraste entre a aquisição de falantes de línguas em que palavras proparoxítonas fazem parte do sistema acentual, como alemão e espanhol, com falantes de línguas que não têm esse padrão acentual, como o francês, delimitando o processo fonológico e estratégias inerentes a esses aprendizes e em que nível de proficiência são superados. Isso pode ser uma pesquisa realizada por um professor-pesquisador, em sala de aula, ou por um pesquisador terceiro, a partir do banco de áudios dos exames de proficiência Celpe-Bras (Brasil) e Caple (Portugal).

Talvez, então, um pesquisador futuro, que pode ser eu ou outra pessoa, faça emergir esses temas, e acrescente novos constructos a esta pesquisa e às outras. Elementos para ser pesquisados não faltam.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- AFFONSO, E. Proparoxítonas. 2019. Disponível em: <<https://eduardoaffonso.com/2019/06/19/proparoxitonas/>>. Acesso em: fev. 2020.
- AFONSO, C. M. C. **Complexidade prosódica – tarefas de consciência fonológica em crianças do 1o. ciclo do ensino básico**. Orientadora: Maria João dos Res Freitas. 336f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.
- AMARAL, M. P. A faixa etária como variável na síncope das proparoxítonas. In: ENCONTRO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL – CELSUL, 4.,2000, Curitiba. **Anais [...]** Curitiba: UFPR, 2001. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/091.htm>. Acesso em: jun. 2015.
- AMARAL, M. P. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (Org.). **Fonologia e variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPURCS, 2002.
- ANTUNES, C. F. **Caracterização do nível de consciência fonológica em crianças de idade pré-escolar**: contributo para validação de um instrumento de avaliação. Orientadora: Ana Castro. 112f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Perturbações da Linguagem na Criança) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.
- ARAGÃO, M. S. S. As palavras proparoxítonas no falar de Fortaleza. **Acta Semiotica et Linguística**, São Paulo, v.8, p.61-88, 2000.
- ARAÚJO, A. A.; ALMEIDA, B. K. M. A síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico da Paraíba: um olhar variacionista. **Web-Revista Socioleto**, Campo Grande, v. 4, n. 12, maio 2014.
- ARAÚJO, A. A.; ALMEIDA, B. K. M.; SANTOS, L. A. P. F. A síncope das proparoxítonas no Atlas Prévio dos Falares Baianos: um olhar variacionista. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v.8, n. 11, 2014.
- ARAÚJO, A. A.; LOPES, G. H. V. A síncope das proparoxítonas no Atlas Linguístico do Pará. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 10, 2014.
- ARAÚJO, G. A.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O.; OLIVEIRA, L.; VIARO, M. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, G. A. (Org). **O acento em português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAIA, M. F. A. Estudo experimental sobre o formato prosódico inicial na aquisição do português brasileiro. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v.37, n.2, maio/ago. 2008a.
- BAIA, M. F. A. O formato prosódico inicial do português brasileiro: uma questão metodológica? **ReVEL**, [S.l.], v.6, n.11, ago 2008b.

BAIA, M. F. A. **O modelo prosódico inicial do português: uma questão de metodologia?** Orientadora: Raquel Santana Santos. 168f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008c.

BEHRENS, H. Usage-based and emergentist approaches to language acquisition. **Linguistics**, Jena, DE, v. 47, n. 2, 2009.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

BONILHA, G. F. **Aquisição fonológica do português brasileiro: uma abordagem conexionista da teoria da otimidade**. Orientadora: Profa. Dra. Leda Bisol. 389f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

BRITO, A. M. A.; SANTOS, E. S.; COSTA, G. B. Síncope das proparoxítonas em falantes do município de Amargosa\BA. In: Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 18., 2014, Rio de Janeiro. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. 8, p. 262-275

BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CAGLIARI, L. C. **Análise fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, M. P. **Estudo da síncope nas proparoxítonas no português falado em Dourados**. Orientadora: Elza Sabino da Silva Bueno. 71f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, Dourados, 2010.

CASTRO, V. S. A redução de proparoxítonas no português popular do Brasil: estudo com base em dados do Atlas Lingüístico do Paraná (ALPR). **Estudos lingüísticos**, São Paulo, v. 37, n. 2, maio/ago. 2008.

CAVALIERE, R. C. **Pontos essenciais em Fonética e Fonologia**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

CHAVES, R. M. As restrições silábicas e a síncope em proparoxítonas no Sul do Brasil. **Revista da ABRALIN**, v.14, n.1, p. 131-154, jan./jun. 2015.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, Leda. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014

CONSONI, F. **O acento lexical como pista para o reconhecimento de palavras: uma análise experimental em palavras segmentadas da língua portuguesa**. Orientador: Waldemar Ferreira Neto. 58f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORREIA, S. **The Acquisition of Primary Word Stress in European Portuguese**. Orientadora: Maria João Freitas. 483f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

COUTO, H. H. Prolegômenos ao estudo do acento em português. **Polifonia**, Cuiabá, v.12, n.2, 2006.

CRISTÓFARO-SILVA, T. Descartando fonemas: a representação mental na Fonologia de Uso. In: DA HORA, D.; COLLISCHONN, G. (Org.). **Teoria Linguística: Fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2002.

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011

CRISTÓFARO-SILVA, T. **Fonética e Fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2014.

CRISTÓFARO-SILVA, T.; GUIMARAES, D. O. A aquisição de africadas alveopalatais: contribuições teóricas e metodológicas. In: BONILHA, G. F.; PAULA, M. R. B.; SOARES, M. K. S. (Org.). **Estudos em Aquisição Fonológica**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária, 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305720453_A_aquisicao_de_africa_das_alveopalatais_contribuicoes_teoricas_e_metodologicas. Acesso em: jan. 2020.

DEL-RÉ, A. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In: DEL-RÉ, A. (Org.). **A aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

DONEGAN, P.; STAMPE, D. Hypotheses of Natural Phonology. **Poznań Studies in Contemporary Linguistics**, [S.l., n.45, v.1], 2009.

FERREIRA-GONÇALVES, G. Aquisição prosódica do português: o acento em suas formas marcadas. **ReVEL**, [S. l.], v.8, n.15, 2010.

FRANÇA, S. A. O apagamento da vogal postônica não-final por falantes de Jarú –Estado de Rondônia. **Acta Scientiarum. Language and Culture**, Maringá, v. 31, n. 2, p. 169-182, 2009

GOMES, D. K. **Síncope em proparoxítonas: estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu**. 274f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) –Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

GOMES, N. S. Da fonologia estrutural aos modelos não lineares. **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 16, 2000.

GOODLUCK, H. **Language acquisition: a linguistic introduction**. Oxford: Blackwell, 1992.

GUIMARÃES, T. A. A. S.; ARAÚJO, A. A. A situação dos estudos variacionistas sobre a síncope das proparoxítonas no português brasileiro. **Web-Revista Socioleto**, Campo Grande, v. 2, n. 2, set. 2012.

INGRAM, D. Aspects of phonological acquisition. In: INGRAM, D. **Phonological disability in children: studies in disorder of communication**. London, UK: Whurr Publishers Limited, 1989a.

INGRAM, D. **First language acquisition**: method, description and explanation. Cambridge: Cambridge University Press, 1989b.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Nomes no Brasil**. IBGE, 2016. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/censo2010/apps/nomes/#!/search>. Acesso em: nov. 2018.

KOCH, I. V.; CUNHA LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sócio-cognitivismo. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2007.

LADEFOGED, P. **A course in phonetics**. Orlando, EUA: Harcourt, Brace&Companhy, 1993.

LEE, S. H. A regra do acento do português: outra alternativa. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, dez. 1994.

LEE, S. H. O acento primário no português: uma análise unificada na Teoria da Otimalidade. In: ARAÚJO, G. A. (Org). **O acento em português**: abordagens fonológicas. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

LIMA, G. O. **O efeito da síncope nas proparoxítonas**: análise fonológica e variacionista com dados do Sudoeste Goiano. Orientador: José Sueli de Magalhães. 216f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo**: do ritmo poético ao linguístico: um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Tese (Doutorado em Linguística) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. O percurso histórico da acentuação em português através da análise do ritmo das cantigas de amigo. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, ano 5, n. 4, v. 2, p.5-33, jul./dez. 1996.

MASSINI-CAGLIARI, G. Três momentos da história da acentuação portuguesa. **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 4, n. 12, maio 2014.

MICHAELIS **Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**: Dicionário de Português Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>. Acesso em: jun. 2018

MOREIRA, C. M. **A sílaba na alfabetização de crianças e adultos**. Curitiba: Appris, 2017.

NEY, L. A. G. **Acentuação gráfica na escrita de crianças de séries iniciais**. Orientadora: Ana Ruth Moresco Miranda. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

PAYÃO, L. M. C.; COSTA, J. F. Preenchimento de unidades prosódicas na aquisição fonológica inicial do português brasileiro. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 51, n. 3, p. 433-441, jul.-set. 2016

PEPE, V. P. **Oclusivização, anteriorização e ensurdecimento na aquisição fonológica do português: processos sistêmicos ou assimilatórios?** Orientadora: Elizabeth Reis Teixeira. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1993.

PRIBERAM Informática, S.A. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**. Disponível em: www.priberam.pt/DLPO. Acesso em: jun. 2018

QUENDAU, L. R. Padrões acentuais do latim ao português: simplicidade e complexidade. **Organon**, Porto Alegre, v. 29, n. 56, 2014.

RAPP, C. **A elisão das sílabas fracas nos estágios iniciais da aquisição da fonologia do português**. Orientadora: Elizabeth Reis Teixeira. 181f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1994.

RAPP, C. **A palavra paralela: uma revisão do conceito de parafasia**. Orientadora: Ester Mirian Scarpa. 230f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

RIBEIRO, D. F. S. **Alçamento de vogais postônicas não finais no português de Belo Horizonte - Minas Gerais: uma abordagem difusionista**. Orientador: Marco Antônio de Oliveira. 275f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

RODRIGUES, E. S. Explorando o processamento linguístico: Psicolinguística e Teoria Linguística em diálogo. In: XAVIER, G. C.; HERMONT, A. B. **Gerativa: (inter)faces de uma teoria**. Florianópolis: Beconn, 2014.

SANTANA, A. P.; BEZERRA, J. R. M. Proparoxítonos e estratégias de redução com base no corpus do ALiMA. **Cad. Pesq.**, São Luís, v. 20, julho 2013. Número especial.

SANTOS, R. S. **A aquisição do acento primário no português brasileiro**. Orientadora: Ester Mirian Scarpa. 327f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

SANTOS, R. S. O acento e a aquisição da linguagem em português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. (Org). **O acento em português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2004.v. 2.

SILVA FILHO, E. B. **Uma descrição das proparoxítonas na variedade não-padrão de Jaboatão – PE**. Orientadora: Stella Telles. 114f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SILVA, A. P. **Supressão da vogal postônica não-final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências no falar sapeense**. Orientador: Dermeval da Hora. 139f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

SILVA, C. T. S. **Desenvolvimento lexical inicial dos 8 aos 16 meses de idade a partir do Inventário MacArthur de desenvolvimento comunicativo – Protocolo Palavras e Gestos**. Orientadora: Elizabeth Reis Teixeira. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2003.

SILVA, E. V. A pesquisa sociolinguística: a Teoria da Variação. **Revista da ABRAFIL**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 9, 2011.

SILVA, M. B. **Atlas Linguístico do Centro-Oeste Potiguar**. Orientadora: Maria do Socorro Silva Aragão. 329f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVEIRA, K. A. **Padrões segmentais, lexicais, silábicos, intra-silábicos e inter-silábicos em crianças falantes de PB**. Orientadora: Elizabeth Reis Teixeira. 161f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SOSA, A. V.; STOEL-GAMMON, C. Lexical and phonological effects in early word production. **Journal of Speech, Language and Hearing Research**, Chicago, v. 55, n. 2, abr. 2012, p. 596-608.

STOEL-GAMMON, C. Relationships between lexical and phonological development in young children. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 38, 2011, p. 1-34.

STORKEL, H. L. Developmental differences in the effects of phonological, lexical, and semantic variables on word learning by infants. **Journal of Child Language**, Cambridge, v. 36, n. 2, mar. 2008.

STORKEL, H. L.; MORISETTE, M. L. The lexicon and phonology: interactions in language acquisition. **Language, Speech and Hearing Services in Schools**, v. 33, jan. 2002.

TEIXEIRA, E. R. **Aquisição e desenvolvimento da linguagem**. Salvador: EDUFBA, 2012. No prelo.

TEIXEIRA, E. R. **Aspectos fono-articulatórios e fonológicos do português**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

TEIXEIRA, E. R. Palavra versus enunciado: a eliciação de dados em fonologias em desenvolvimento. **Estudos Lingüísticos e Literários**, v.21-22, p.59-68, 1998.

TEIXEIRA, E. R. Processos de simplificação fonológica como parâmetros maturacionais em português. **Cad.Est. Ling.**, Campinas, v. 14, [s. n.], jan./jun. 1988.

TEIXEIRA, E. R. **Trilhando os sons: da tipicidade à atipicidade**. 215f. Memorial Acadêmico (Processo de Progressão Funcional para Professor Titular). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2016.

TEIXEIRA, E. R. Um estudo sobre os processos de simplificação fonológica. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B.; CARDOSO, S. A. M. (Org.). **Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2009.

TEIXEIRA, E. R.; DAVIS, B. Padrões fonéticos e influência da língua ambiente na aquisição da fala de duas crianças falantes do Português Brasileiro. *In*: TEIXEIRA, E. R.; BRITO, C. M. C. **Aquisição e ensino-aprendizagem do Português**. Belém: EDUFPA, 2002.

TEIXEIRA, E. R.; DOURADO, L. B. S.; SILVA, M. M. E. O. O.; DOURADO, M. I. M.; QUEIROZ, R. C. R.; REIS, S. S. **A aquisição da fonologia por falantes do português**: a eliciação de amostras fonológicas [relatório de pesquisa]. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1991.

TOMASELLO, M. First steps toward a usage-based theory of language acquisition. **Cognitive Linguistics Journal**, v. 11, n. 1-2, 2000, p. 61–82

VARGENS, A. M. **Aquisição de proparoxítonas**: um estudo com base em dados do ERT. Orientadora: Claudia Tereza Sobrinho da Silva. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras Vernáculas) –Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

VARGENS, A. M. **Aquisição de proparoxítonas**: simplificação fonológica e ontogênese. Orientadora: Ellizabeth Reis Teixeira. 145f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

VIARO, M. E. V.; GUIMARÃES-FILHO, Z. O. Análise quantitativa da frequência dos fonemas e estruturas silábicas portuguesas. **Estudos Linguísticos**, Araraquara, v. XXXVI, n. 1, jan.-abr. 2007. p. 27-36

VICENTE, F. L. **Consciência fonológica no ensino básico em Moçambique**. Orientadora: Maria João Freitas. 119f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2009.

VIHMAN, M. M. **Phonological Developoment**: the origins of language in child. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1996.

WIETHAN, F. M.; MOTA, H. B. Inter-relações entre aquisição fonológica e lexical: um estudo longitudinal. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v.26, n. 3, set. 2014.

WIETHAN, F. M.; NÓRO, L. A.; MOTA, H. B. Aquisição fonológica e lexical inicial e suas inter-relações. **CoDAS**, São Paulo, v. 26, n. 4, 2014. MATSUOKA, A. **Os sons da fala na aquisição da linguagem**: a hipótese do Bootstrapping Fonológico. Gatilho, Juiz de Fora, v. 3, 2006.

XAVIER, G. C.; MORATO, R. A. Teoria Gerativa: uma introdução aos principais conceitos. *In*: XAVIER, G. C.; HERMONT, A. B. **Gerativa**:(inter)faces de uma teoria. Florianópolis: Beconn, 2014.

APÊNDICE

A – Transcrições dos dados da coleta recente

Transcrições de Lg01

Lg01	1;10				1;11				2;05			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/aR.vO.rI/	2	[a.bi]	PA	RC	-	-	-	-	-	-	-	-
/o.ku.IUS/	1	[o.tu]	PA	RC	1	[ko.ko]	PA	RC	1	[o.ku.lu]	PR	-
/fi.ka.ra/	2	[i.ke]	PA	RC	1	[i.ke]	PA	RC	1	[fi.ka.le]	PR	-
									1	[fi.ka.le]	PR	-
/ma.ki.na/	2	[aj.ta]	OX	RA	2	[me.ka]	PA	RC	1	[ma.ki.ne]	PR	-
		[aj.ta]	PA	RC								
/me.di.ku/	3	[e.kju]	PA	RC	3	[met.ku]	PA	RC	1	[me.tu]	PA	RC
									1	[me.dzi.ku]	PR	-
/o.ni.bUS/	2	[o.nju]	PA	RC	1	[o.dju]	PA	RC	1	[o.dzu]	PA	RC
/a.'bo.bo.ra/	2	[bo.be]	PA	RC	2	[a.'bo.be]	PA	RC	1	[a.'bo.bu.le]	PR	-
									1	[a.'bo.be]	PA	RC
/bi.'no.ku.IU/	1	[to.tu]	PA	RC	1	[to.tu]	PA	RC	2	[i.'no.ku.lu]	PR	-
/tri.'ã.gu.IU/	2	[e.gu]	PA	RC	1	[le.gu]	PA	RC	1	[ti.'e.gu.lu]	PR	-
					1	[le.gu.lu]	PR	-	1	[ti.'e.gu]	PA	RC
/E.'zeR.si.tU/	3	[e.tu]	PA	RC	-	-	-	-	3	[e.'dʒe.tʃi.ku]	PR	-
/i.pO.'po.ta.mu/	1	[bo.'bo.da]	PA	RE	2	[u.pi.'to.taw]	PA	RC	1	[po.'po.ta.mu]	PR	-
		[a.'bo.da]	PA	RE								
/rE.'la.pa.gU/	-	-	-	-	3	[i.'e.tu]	PA	RC	3	[e.'pe.ne.do]	PR	-
									3	[e.'e.pa.do]	PR	-

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Lg02

Lg02	1;10				2;4			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/'aR.vO.rI/	2	['fwa.vi]	PA	RC	-	-	-	-
		['ba.d̥i]	PA	RE				
/'ɔ.ku.IUS/	-	-	-	-	1	['lɔ.ku]	PA	RC
						['zɔ.ku]	PA	RC
/'ʃi.ka.ra/	-	-	-	-	-	-	-	-
/'ma.ki.na/	1	[a'ma.t̥ɐ]	PA	RE	-	-	-	-
	2	[a.'aj.wẽ]	PA	RC				
/'mɛ.di.ku/	1	['mɛ.kɐ]	PA	RC	1	['mɛ.ku]	PA	RE
/'o.ni.bUS/	2	[ɔ.'ɔ.tu]	PA	RC	1	['ð.su]	PA	RC
		[ka.'ð.gi]	PA	RE				
/a.'bɔ.bO.ra/	2	[bɔ.'bɔ.d̥ɐ]	PA	RA	1	[a.'bɔ.bɐ]	PA	RC
						[a.'blɔ.blɐ]	PA	RC
/bi.'nɔ.ku.IU/	2	[bɔ.'ɔ.tu]	PA	RC	2	[mi.'lo.gu]	PA	RC
		['bɔ.tu]	PA	RC		[mi.'lɔ.gu]	PA	RC
/tri.'ã.gu.IU/	2	[t̥ɐ.'ẽ.du]	PA	RE	2	[ti.'ẽ.gu]	PA	RC
						[tli.'ẽ.glu]	PA	RC
/E.'zɛR.si.tU/	2	[ɛ.'zɛ.tu]	PA	RE	2	[ɛ.'zɛ.tu]	PA	RE
/i.pO.'pɔ.ta.mu/	1	[i.tɔ.'tɔ]	OX	RE	2	[i.pɔ.'pɔ.t̥ɐ]	PA	RE
		[pɔ.'pɔ.kɐ]	PA	RE		[i.pɔ.'pɔ.pɐ]	PA	RE
/rE.'lã.pa.gU/	2	[ɛ.'lẽ.po.po]	PR	-	-	-	-	-

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Lg03

Lg03	1;11				2;04				2;05			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/ˈaR.vO.rɪ/	-	-	-	-	2	[ˈa.vi.e]	PR	-	1	[ˈa.vi]	PA	RC
/ˈɔ.ku.IUS/	1	*[ˈtɔ.tʰi]	PA	RE	1	[ˈɔ.ku.lu]	PR	-	1	[ˈgɔ.ku]	PA	RC
/ˈʃi.ka.ra/	2	[ˈʃi.ke]	PA	RE	3	[ˈsi.ka.a]	PR	-	-	-	-	-
	1	*[ˈʃi.ko]	PA	RE								
/ˈma.ki.na/	2	[ˈma.ka]	PA	RC	2	[ˈka.me]	PA	RC	-	-	-	-
	2	[ˈma.kʰi]	PA	RE								
	2	*[ˈpa]	MO	RE								
/ˈmɛ.di.ku/	-	-	-	-	2	[ˈmɛ.ku]	PA	RE	2	[ˈbe.si.ku]	PR	-
						[ˈmɛ.di.ku]	PR	-				
/ˈo.ni.bUS/	1	[ˈð.ni]	PA	RC	-	-	-	-	1	[ˈð.ni]	PA	RC
	1	*[ˈð.ɪ]	PA	RE								
/bi.ˈnɔ.ku.lU/	2	[ˈnɔ.ku.lu]	PR	-	-	-	-	-	2	[pi.ˈmɛ.ku.lu]	PR	-
	2	[ˈnɔ.ku]	PA	RE								
/tri.ˈã.gu.lU/	1	[ˈẽ.gu]	PA	RC	2	[i.ˈnẽ.gu]	PA	RC	1	[pi.ˈgẽ.rũ]	PA	RC
/a.ˈbɔ.bO.ra/	2	[a.ˈbɔ.bɔ.e]	PR	-	2	[ˈbɔ.bɔ.e]	PR	-	1	(uma) [ˈbɔle]	PA	RC
	1	*[bɔ.ˈbɔ]	OX	RE/RA*								
/E.ˈzɛR.si.tU/	2	[ɛˈdɛ.tu]	PA	RE	-	-	-	-	-	-	-	-
	3	*[a.ˈdɛ.tu]	PA	RE								
/i.pO.ˈpɔ.ta.mu/	1	[pɔ.ˈpa.pa]	PA	RE	2	[pɔ.ˈpɔ.tu.o]	PR	-	1	[pɔ.ˈpɔ.ʃi]	PA	RE
	3	*[pɔ.ˈpɔ.tu]	PA	RC						[pɔ.pɔ.ˈpɔ.tẽ.mu]	PR	-
/rE.ˈlã.pa.gU/	3	*[aˈpo]	OX	RC	2	[mẽ.ˈma.gu.gu]	PR	-	-	-	-	-

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

As produções da primeira idade (1;11) ocorreram em duas testagens, que ocorreram com diferença de 15 (quinze) dias. As transcrições que são precedidas com asterisco () são as que ocorreram na segunda testagem.

Transcrições de Lg04

Lg04	2;03				2;09			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/'aR.vO.rI/	1	['a.vo.i]	PR	-	1	['a.vo.ji]	PR	-
						['a.vo.i]	PR	-
/'ɔ.ku.lUS/	1	['ɔ.kus]	PA	RC	1	['ɔ.ku.lus]	PR	-
						['ɔ.ku]	PA	RC
						['ɔ.xu]	PA	RC
/'ʃi.ka.ra/	-	-	-	-	-	-	-	-
/'ma.ki.na/	2	['ba.ka]	PA	RC	1	['ma.ɐ]	PA	RC
						['ma.kɐ]	PA	RC
/'mɛ.di.ku/	2	['mɛ.ko]	PA	RC	1	['mɛ.ku]	PA	RC
						['mɛ.di.ku]	PR	-
						['mɛ.dʒi.ku]	PR	-
/'o.ni.bUS/	-	-	-	-	1	['õ.bus]	PA	RC
						['a.bus]	PA	RC
/a.'bɔ.bO.ra/	1	[a.'bo.bɐ]	PA	RC	1	['bɔ.ba]	PA	RC
						['bɔ.ba]	PA	RC
						['bɔ.bɐ]	PA	RC
						['bɔ.bɐ]	PA	RC
/bi.'nɔ.ku.lU/	2	['bo.ku]	PA	RC	-	-	-	-
/tri.'ã.gu.lU/	-	-	-	-	1	[ti.'ẽ.gu]	PA	RC
						[ti.'a.fiu]	PA	
/E.'zɛR.si.tU/	-	-	-	-	2	[a.ʎu.'zɛ.si]	PA	RC
/i.pO.'pɔ.ta.mu/	1	[pɔ.'pɔ.tẽ.mu]	PR	-	1	[ɛ.pɔ.'pɔ.da.i]	PR	-
						[pɔ.'pɔ.tẽ.mi]	PR	-
						[pɔ.'pɔ.tẽ.mu]	PR	-
						[i.pɔ.'pɔ.tẽ.mu]	PR	-
/rE.'lã.pa.gU/	-	-	-	-	2	[ẽ.pu.xẽ.pa.de.o]	PP	AM*

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítônica **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Lg05

Lg05	2;04				3;00			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/aR.vO.rI/	-	-	-	-	2	[a.vu.ri]	PR	-
/o.ku.IUS/	1	[o.ku]	PA	RC	1	[okulu]	PR	-
/fi.ka.ra/	-	-	-	-	1	[fi.kare]	PR	-
/ma.ki.na/	2	[ma.ki.ka]	PR	-	1	[make]	PA	RC
/me.di.ku/	2	[me.fi.ku]	PR	-	1	[me.fi.ku]	PR	-
/o.ni.bUS/	2	[a.tu]	PA	RC	1	[oni.bu]	PR	-
/a.'bo.bo.ra/	1	[a.'bo.bo.ra]	PR	-	1	[bo.bo.re]	PR	-
						[bo.bo.re]	PR	-
/bi.'no.ku.IU/	2	[bi.'no.hi.ku]	PR	-	2	[bi'no.ku.lu]	PR	-
/tri.'a.gu.IU/	1	[ti.'e.gu.o]	PR	-	1	[ti.'e.gu.lu]	PR	-
						[ti.'e.gu.lu]	PR	-
/i.pO.'po.ta.mu/	1	[po.'po.ta.mu]	PR	-	1	[po.'po.ta.mu]	PR	-
		[po.'po.te.mu]	PR	-				
/E.'zeR.si.tU/	2	[e.'ze.tu]	PA	RE	2	[t'e.ku.lu]	PR	-
						[d'e.fi.tu]	PR	-
/rE.'la.pa.gU/	2	[e'le.pa]	PA	RE	2	[xe.'le.pe.du]	PR	-

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Lg06

Lg06	3;01				3;09				4;04			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/aR.vO.rI/	1	['a.vu.li]	PR	-	1	['a.vo.li] ['a.vo.li]	PR PR	- -	1	['ax.vɔ.ri]	PR	-
/ 'ɔ.ku.IUS/	1	['ɔ.ku.luʃ]	PR	-	1	['ɔ.ku.luʃ]	PR	-	1	['ɔ.ku.lus]	PR	-
/ 'ʃi.ka.ra/	-	-	-	-	3	['ʃi.ke.la]	PR	-	-	-	-	-
/ 'ma.ki.na/	1	['ma.kɐ]	PA	RC	1	['ma.te.ki da. 'va]	PR	-	1	['ma.ni.kɐ]	PR	-
		['mah.klɐ]	PA	RC								
/ 'mɛ.di.ku/	1	['mɛ.dʒi.ku]	PR	-	1	['mɛ.dʒi.kɐ]	PR	-	1	['mɛ.dʒi.ku]	PR	-
										['mɛ.dʒi.ku]	PR	-
/ 'o.ni.bUS/	1	['ð.mu.lus]	PR	-	1	['ð.mu.mus]	PR	-	1	['ð.mu.nus]	PR	-
/a. 'bɔ.bO.ra/	1	[a. 'bɔ.bra]	PA	RC	1	['bɔ.bɔ.ri]	PR	-	1	['bɔ.bo.ra]	PR	-
						[a 'bɔ.bɔ.rɐ]	PR	-		['bɔ.bo.ra]	PR	-
/bi. 'nɔ.ku.IU/	2	[mi. 'nɔ.ku.ru]	PR	-	1	[mi. 'ɲɔ.ku.lu]	PR	-	1	[mi. 'ɲɔ.ku.lu]	PR	-
/tri. 'ã.gu.IU/	2	[tri. 'ẽ.guw]	PA	RC	1	[ti. 'ẽ.gu.lu]	PR	-	1	[tri. 'ẽ.gul]	PA	RC
										[tri. 'ɲẽ.gu.lu]	PR	-
/E. 'zɛR.si.tU/	-	-	-	-	3	[ɛ 'zɛh.ki.su]	PR	-	3	[ɛ. 'zɛ.ksu]	PA	RC
/i.pO. 'pɔ.ta.mu/	1	[i.pɔ. 'pɔ.ta.ma]	PR	-	1	[i.pɔ. 'pɔ.ta.mu]	PR	-	1	[i.pɔ. 'pɔ.tɐ.mu]	PR	-
						[i.pɔ. 'pɔ.ta.mu]	PR	-				
/rE. 'lã.pa.gU/	2	[i.pa. 'rẽ.ku.ru]	PR	-	3	[ɾɐ. 'lɐ.pa.gu]	PR	-	3	[ɛp. 'lɐ.pɐ.ku]	PR	-
		[i.pa. 'rẽ.gru.ru]	PR	-								
CÂMERA					1	['kɐ.me.rɐ]	PR	-	1	['kɐ.me.r.ɐ]	PR	-
FÓSFORO									3	['fɔs.fow]	PA	RC

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona
OX: produção oxítone **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Tr01

Tr's, Fx1	Tr01 2;00			
	T	Tr	Ac	R-E
/'aR.vO.rI/	2	['a.wa.kə]	PR	-
		['a.kə]	PA	RC
/'ɔ.ku.IUS/	-	-	-	-
/'ʃi.ka.ra/	2	[a.'ʃi.ka.kə]	PR	-
/'ma.ki.na/	3	[ẽ.'ma.ki]	PA	RE
/'mɛ.di.ku/	2	['mɛ.ku]	PA	RC
/'o.ni.bUS/	2	[ɔ.bi.zjɛ.'gũ.bɔ.tu]	PR	-
		[ɔb.'tju.tu]	PA	RC
/a.'bɔ.bO.ra/	2	[a.'bɔ.lɐ]	PA	RC
/bi.'nɔ.ku.IU/	2	[bi'mɔ.ku]	PA	RC
/tri.'ã.gu.IU/	2	[ʧi'ɔ.pu]	PA	RC
		[ʧi'ag.du]	PA	RC
		[ʧi.'ẽ.bo]	PA	RC
/E.'zɛR.si.tU/	2	[tʃɛ'ɖʒɛ.tʃi]	PA	RE
/i.pO.'pɔ.ta.mu/	2	[pi.'pɔ.kə]	PA	RE
/rE.'lã.pa.gU/	2	[ta.'a.pɐ]	PA	RE
		[pa.'la]	OX	RE
		[pa.'la.pa.'la]	OX	RE

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítônica **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Tr02, Tr03 e Tr04

Tr's, Fx2	Tr02(2;08)				Tr03(2;11)				Tr04 (2;11)			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/aR.vO.rI/	-	-	-	-	1	['a.vo.li] ['a.vo.li]	PR PR	- -	1	['a.vi]	PA	RC
/'o.ku.lUS/	1	['o.kus]	PA	RC	1	['o.li.kus] ['o.kus]	PR PA	- RC	1	['a.ku.lus]	PR	-
/ʃi.ka.ra/	-	-	-	-	3	['ʃi.ka.la]	PR	-	2	['ʃi.a.ɐ]	PR	-
/'ma.ki.na/	1	['ma.ki.ne] ['ma.ki.ne]	PR PR	- -	2	['ma.ki.ne] *['ma.ki.ne]	PR PR	- -	2	['ma.ki.ne]	PR	-
/'mɛ.di.ku/	3	['mɛ.dʒi.ku]	PR	-	3	['mɛ.dʒi.ko] ['mɛ.dʒi.ko] *['mɛ.dʒi.ko]	PR PR PR	- - -	2	['mɛ.ʃi.ku]	PR	-
/'o.ni.bUS/	1	['o.miʃ]	PA	RC	1	['o.biʃ] ['o.bi.sɪ] ['o.bis]	PA PR PA	RC - RC	1	['o.glu] ['o.gu.lu]	PA PR	RC -
/a.'bo.bO.ra/	1	[a'bo.bɐ]	PA	RC	-	-	-	-	-	-	-	-
/bi.'no.ku.lU/	2	[i.'m o.ko]	PA	RC	-	-	-	-	2	['njo.ku]	PA	RC
/tri.'ã.gu.lU/	1	[ti.'ẽ.gu]	PA	RC	1	[ti.'ẽ.gu.du]	PR	-	2	['o.kju.lu]	PR	-
/i.pO.'po.ta.mu/	1	[po.'po.tẽ.mu]	PR	-	-	-	-	-	2	[ẽ.po.'po.taw]	PA	RC
/E.'zɛR.si.tU/	-	-	-	-	3	['ʒɛ.ʃi.ko]	PR	-	2	['dɛ.si.ku]	PR	-
/rE.'lã.pa.gU/	3	['ap.no]	PA	RC	3	['lẽ.pa.dõm]	PR	-	-	-	-	-

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona
OX: produção oxítônica **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

Transcrições de Tr05, Tr06 e Tr07

Tr's, Fx3	Tr05(3;08)				Tr06 (3;02)				Tr07(3;11)			
	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E	T	Tr	Ac	R-E
/ 'aR.vO.rI/	1	['a.vu.li]	PR	-	-	-	-	-	-	-	-	-
/ 'ɔ.ku.IUS/	1	['ɔʃ.ku.luʃ]	PR	-	1	['ɔ.ku.lus]	PR	-	1	['ɔs.ko]	PA	RC
		['ɔʃ.ku.lu]	PR	-						['ɔs.ko.lo]	PR	-
										['ɔs.ko.lo]	PR	-
/ 'ʃi.ka.ra/	-	-			1	['si.ka.rɐ]	PR	-	3	['ʃi.ka.lɐ]	PR	-
										['ʃi.ka.rɐ]	PR	-
/ 'ma.ki.na/	1	['ma.nĩ.kɐ]	PR	-	1	['ma.ki.nɐ]	PR	-	1	['ma.da.kɐ]	PR	-
		['ma.nĩ.kɐ]	PR	-								
		['ma.nĩ.kɐ]	PR	-								
		['ma.li.ka]	PR	-								
/ 'mɛ.di.ku/	1	['mɛ.dʒju]	PR	-	1	['mɛ.dʒi.ku]	PR	-	1	['mɛ.dʒi.ku]	PR	-
		['mɛ.ʒiw]	PA	RC								
/ 'o.ni.bUS/	3	[i 'õm.dʒu]	PA	RC	1	['õ.dʒi.buʃ]	PR	-	-	-	-	-
/a.'bɔ.bO.ra/	1	[bɔ.a' bɔ.blɐ]	PA	RC	1	[a' bɔw. rɐ]	PA	RC	1	[a' blɔ.blɔ]	PA	RC
/bi.'nɔ.ku.IU/	2	[bi.' nɔ.klo]	PA	RC	-	-	-	-	3	[bi.' nɔ.ku.lu]	PR	-
/tri.'ã.gu.IU/	2	[tri.' ẽ.gu.lu]	PR	-	-	-	-	-	1	[tʃi.' ẽ.gu.lu]	PR	-
/i.pO.'pɔ.ta.mu/	-	-	-	-	1	[pɔ.' pɔ.ta.lu]	PR	-	-	-	-	-
/E.'zɛR.si.tU/	-	-	-	-	3	[i.' zɛ.si.tu]	PR	-	3	[ʃɛ.' si.ko]	PA	RA
/rE.'lã.pa.gU/	3	[ʃɛ.' lɛ.pa.do]	PR	-	3	[ʃɛ.' lɛ.ma.du]	PR	-	3	[ʃɛ.' lɛ.po.do]	PR	-
CÂMERA	2	['kɛ.ma.lɐ]	PR	-								
MÔNICA	2	['mõ.ni.ka]	PR	-								
CÍRCULO					3	['six.ku.lu]	PR	-				
ZOOLOGÍCO					3	[zɔ.' lɔj.kow]	PA	RC	3	[do.' lɔ.ʒi.ko]	PR	-
PARALELEPÍP EDO					3	[pa.pa.rɛ.li' pi.p i.tu]	PR	-	3	[pa.la.ʃɛ.la' pi.t o.do]	PR	-
FÓSFORO									3	['fɔs.fi.lo]	PR	-

T: tentativa **Tr:** transcrição fonética **Ac:** acentuação da produção **R-E:** processo fonológico (recurso-estratégia) **PA:** produção paroxítona **OX:** produção oxítona **PR:** produção proparoxítona **PP:** produção preproparoxítona **MO:** Produção monossílaba **RC:** redução por coalescência **RE:** redução por elisão **RA:** reacentuação **AM:** ampliação

B - Transcrição dos dados da coleta anterior

Fonte: Vargens (2016, Apêndice)

Criança 01 (f)

G1 – 1;9

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'asi		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	'butɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÉDICO	'pɛdʒi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (finais)
MÔNICA	'pojte		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔ	x			OXÍTONO	WS	Elisão (finais)
ABÓBORA	'bɔbɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
LÂMPADA	'padʒi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)
	'apɐ				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÁQUINA	'pajte		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	'pajtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÓCULOS	'ɔjtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	'tɔtu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
CÂMERA	-	-	-	-	-	-	-
EXÉRCITO	ɛ'zesu			x	PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
TRIÂNGULO	'ajfo			x	PAROXÍTONO	SW	Indeterminada
MÁGICO	'paʒi			x	PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
	'pasu				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PRÍNCIPE	'pit'i			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
XÍCARA	'iʃɐ			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÔNIBUS	'etʃiku			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'etʃu				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
	'ɛʃu				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
FÓSFORO	'ɔsju			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PÁSSARO	'boitʃu			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PÊSSEGO	'petu			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'mujdu			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência

Criança 02 (m)

G1 – 1;9

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'abi	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	'butɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÉDICO	'mɛt̚u		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÔNICA	'mõjtɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	i'potu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
ABÓBORA	'bɔbɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
LÂMPADA	'ẽpɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÁQUINA	'matɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
	'batɐ				PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
PLÁSTICO	'patu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÓCULOS	'ɔtu	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	'dotu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
CÂMERA	'potɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)
EXÉRCITO	'dɛt̚u			x	PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
TRIÂNGULO	'ẽdu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'bipi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
XÍCARA	-	-	-	-	-	-	-
ÔNIBUS	'o:le		x		PAROXÍTONO	SW	Indeterminada
FÓSFORO	'tɔtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PÁSSARO	'patu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	Coalescência
PÊSSEGO	'petu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'molo		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)

Criança 03 (f)
G1 – 1;10

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avri	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	'mutʃikɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mēniku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'muʃikɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtu		x		PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
	pɔ'pɔtow				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
	'pɔtodo				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'pɔdulu				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ABÓBORA	ta'bɔboɾɐ		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'ēpida		x		PROPÁROXÍTONO	SW	-
MÁQUINA	-	-	-	-	-	-	-
PLÁSTICO	-	-	-	-	-	-	-
ÓCULOS	'ɔkuʃu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	-	-	-	-	-	-	-
CÂMERA	'kēmɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
	'kēmerɐ				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	'besitu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
TRIÂNGULO	tʃi'lɛ̃gu			x	PAROXÍTONO	SWS	Coalescência
MÁGICO	'paʃiku			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'bibifi			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikraɾɐ			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'dɔbiʃu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'pɔkolu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	-				-	-	-
VELOCÍPEDE	'be:bid'i			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÊSSEGO	'peʃko			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'me:bru			x	PAROXÍTONO	SW	Elisão (tônica)

Criança 04 (f)

G1 – 2;2

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'abi	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
MÚSICA	-	-	-	-	-	-	-
MÉDICO	-	-	-	-	-	-	-
MÔNICA	-	-	-	-	-	-	-
HIPOPÓTAMO	ta'totu	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
ABÓBORA	'bɔbɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
LÂMPADA	-	-	-	-	-	-	-
MÁQUINA	'pake		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	'pasu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÓCULOS	'ɔkuu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'ɔkus				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	ɔ'ɔtu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
CÂMERA	'kɛmɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	tɪ'ẽmu	x			PAROXÍTONO	WS	Coalescência
	tɪ'ẽmo				PAROXÍTONO	WS	Coalescência
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	-	-	-	-	-	-	-
XÍCARA	'tʃike			x	PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÔNIBUS	-	-	-	-	-	-	-
FÓSFORO	-	-	-	-	-	-	-
PÁSSARO	-	-	-	-	-	-	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	-	-	-	-	-	-	-
NÚMERO	-	-	-	-	-	-	-

Criança 05 (m)
G2 (2;5)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'aʒeli		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	sea'kakɐ		x		PAROXÍTONO	WWSW	Reacentuação
	tʃu'kakɐ				PAROXÍTONO	WSW	Reacentuação
MÉDICO	teka'katɐ		x		PAROXÍTONO	WWSW	Indeterminada
MÔNICA	'mẽkatɐ		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔrɔrɔrɔ		x		PREPROPAROXÍTONO	WWSWW	Ampliação
ABÓBORA	a'bɔrɔrɔɐ		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'apapɐ		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	a'kakatɐ		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	Elisão (meio)
PLÁSTICO	'paku		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
ÓCULOS	'ɔkɐ		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	kɔ'koku		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
CÂMERA	'kẽkadɐ		x		PROPAROXÍTONO	SWW	Coalescência
EXÉRCITO	i'ʃetatu		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	-
	'ʒɛʃoro			x	PROPAROXÍTONO	SWW	-
TRIÂNGULO	ki'ẽgu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
	te'ẽgu				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	'ʃakoko		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'sisʃipi		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikaralɐ		x		PREPROPAROXÍTONO	SWWW	Ampliação
ÔNIBUS	'õʒu		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'sɔrɔ		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
PÁSSARO	'ʃarɔrɔ		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'kesizu		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	-	-	-	-	-	-	-

-

Criança 06 (m)
G2 (2;5)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	-				-	-	-
MÚSICA	'lulikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛʃiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtõnu	x			PROPAROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	'bɔrɔrɐ	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	a'mẽʃ:da		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
MÁQUINA	'mẽnikə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	-				-	-	-
ÓCULOS	-				-	-	-
BINÓCULO	-				-	-	-
CÂMERA	-				-	-	-
EXÉRCITO	-				-	-	-
TRIÂNGULO	-				-	-	-
MÁGICO	-				-	-	-
PRÍNCIPE	-				-	-	-
XÍCARA	-				-	-	-
ÔNIBUS	-				-	-	-
FÓSFORO	-				-	-	-
PÁSSARO	-				-	-	-
VELOCÍPEDE	-				-	-	-
PÊSSEGO	-				-	-	-
NÚMERO	-				-	-	-

Criança 07 (m)
G2 (2;8)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musikə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõt'ikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'mõd'ikə				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pə'põtəmu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbɔɾə	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
	a'bɔbərə				PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'ẽpodə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'madikə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'pastʃiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkolos	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	bĩ'lokolo	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makalə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
CÂMERA	'kəmalə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	'zetotu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
TRIÂNGULO	t'ĩ'lɛgugu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'sikalə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õpu		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (meio)
	'õtubus ¹⁶				PROPÁROXÍTONO	-	-
FÓSFORO	'sɔxkoro		x		PROPÁROXÍTONO	-	-
	'sɔkoro				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasaros		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'pasaru				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	sɛlɔ'pitʃi		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (meio)
PÊSSEGO	'pesebu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'umori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'umoro				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'nõmolu				PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULO NÃO ESTIMADO:

MÁGICA	'madʒikə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW
--------	----------	--	---	--	---------------	-----

¹⁶ Aparentemente, a criança evocou a segunda forma para corrigir a primeira.

Criança 08 (f)
G2 (2;9)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnika:	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbɔrə	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lẽpadə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'paʃiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkrus	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bĩ'nɔku		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kẽmɛrə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	ɛ'zɛsitu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	ti'ẽgado	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'mafiko		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õmunus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsɔrɔ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasarɔ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'kɛsisu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numɛrɔ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

Criança 09 (f)
G2 (2;10)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	-	-	-	-	-	-	-
MÚSICA	'muzikə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛdʒiku	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
	'mõjkə				PAROXÍTONO	SW	Coalescência
HIPOPÓTAMO	ĩkõ'mõdɛĩ	x			PROPAROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	(ũma)'bõborɐ ¹⁷	x			PROPAROXÍTONO	-	-
LÂMPADA	'lãpadɐ		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinɐ	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plafiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkolus	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	brĩ'lõkinu		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	'kẽmarɐ			x	PROPAROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	tri'ẽgolo		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'maʒiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarɐ	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	-	-	-	-	-	-	-
FÓSFORO	'fõsoros		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasaro		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'peʃi		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
NÚMERO	'numɛru		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-

¹⁷ UMA ABÓBORA

Criança 10 (f)
G2 (3;1)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'aʎvori	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
	'avori				PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtẽmu	x			PROPAROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	'bɔbɔrə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
LÂMPADA	'lãpadə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'paʃiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔku	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'nɔkulu	x			PROPAROXÍTONO	WWSW	-
CÂMERA	'kãmerə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	ĩʒekus			x	PAROXÍTONO	WSW	Elisão (meio)
TRIÂNGULO	ti'ẽgu	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'pisipi	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnivis	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔferi		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasau		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	'peseb		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
NÚMERO	'numeru	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-

Criança 11 (m)
G2 (3;2)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	a'ladie	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
MÚSICA	'mut'ikə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛtuku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõkikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtõnu	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔborə	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'pẽtabə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'paʃtʃiko:		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkulu	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	mi'ɔkulu	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	-	-	-	-	-	-	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	pe'lõgogo	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'matʃiko		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	ke'tʃipiri		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	-
XÍCARA	'tʃikarə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'wõtʃiblu		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'tɔtolu		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pat'ulu		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	'pitepi		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PÊSSEGO	'pet'ud'u		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	-	-	-	-	-	-	-

Criança 12 (f)
G3 (3;2)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	PROECSSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛʒiku	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtu	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
ABÓBORA	a'bɔbɔɾə	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lɛpinə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'madʒika		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plat'iku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkus	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'nɔkus		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kãmelə	x			PROPAROXÍTONO		-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	tri'gẽnu		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	'maziiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	-	-	-	-	-	-	-
XÍCARA	-	-	-	-	-	-	-
ÔNIBUS	-		x		-	-	-
FÓSFORO	-	-	-	-	-	-	-
PÁSSARO	'pasɾo		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
VELOCÍPEDE	velɔ't'iki		x		PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
PÊSSEGO	'pesɛɾu		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numɛɾu			x	PROPAROXÍTONO	SWW	-

Criança 13 (f)
G3 (3;6)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛdʒiku		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtõnu	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbarə	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	-	-	-	-	-	-	-
MÁQUINA	'makingə	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'paʃiku			x	PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	za'ɾokurus	x			PROPAROXÍTONO	WSWW	-
BINÓCULO	bi'nɔku		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kɛmerə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	tʃi'ɲɛgulu		x		PROPAROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'pɾĩsipi		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnibus	x			PROPAROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔgurus		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	-	-	-	-	-	-	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	-	-	-	-	-	-	-
NÚMERO	'numerus		x		PROPAROXÍTONO	SWW	-

Criança 14 (f)
G3 (3;7)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medʒiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	iko'pɔtə		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (final)
ABÓBORA	'bɔborə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
LÂMPADA	-	-	-	-	-	-	-
MÁQUINA	'marikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'platʃiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkus	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
BINÓCULO	bi'not'uku		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	'kām(dʒi tʃi'ra 'fotu) ¹⁸		x		-	-	-
EXÉRCITO	-	-	-	-	-	-	-
TRIÂNGULO	kēbi'ēdu		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (meio)
	tri'ēgulu				PROPÁROXÍTONO	SWW	
MÁGICO	'matʃiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	-		x		-	-	-
XÍCARA	'sikə	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
ÔNIBUS	'õbizu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔʃɔrus		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasaru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	-	-	-	-	-	-	-
PÊSSEGO	pe'sexũ ¹⁹		x		-	-	-
NÚMERO	'nume'rũ ²⁰		x		-	-	-

¹⁸ CÂMERA DE TIRAR FOTO

¹⁹ PÊSSEGO É RUIM

²⁰ NÚMERO UM

Criança 15 (f)
G3 (4;1)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	PROECSSO
		1	2	3			
ÁRVORE	'avori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'medziku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	a'bɔborɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
	a'bɔbrɐ				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
LÂMPADA	'lãpidɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plafi	x			PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
ÓCULOS	'ɔkulus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	ab'i'nɔkiw	x			PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
CÂMERA	'kãmerɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zesitu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	tri'ẽguw		x		PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
	tri'ẽgu				PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
MÁGICO	'majiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'plisipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnibus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsu	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência + Elisão
PÁSSARO	'pasaru	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	velɔ'sipedi		x		PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
PÊSSEGO	'pesegu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numerus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULOS NÃO ESTIMADOS:

RELÂMPAGO	ɾɛ'lãpadu ɾɛ'lãpidu	x			PROPÁROXÍTONO	SWW
-----------	------------------------	---	--	--	---------------	-----

Criança 16 (m)

G3 (4;1)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'averi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'musikə			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛdʒiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	pɔ'pɔtẽmu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbɔrə	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lãpidə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'praʃiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkoluʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	bĩ'nɔkiw	x			PAROXÍTONO	WSW	Coalescência
CÂMERA	'kẽmerə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zɛsitu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	tri'ẽgulu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'maʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'plĩsipi		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnibuʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'frɔsuru	x			PROPÁROXÍTONO	SW	-
PÁSSARO	'pasarɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	vẽw'sipe		x		PAROXÍTONO	WSW	Elisão (final)
PÊSSEGO	'pesigu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numeluʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULOS NÃO ESTIMADOS:

MÁGICA	'maʒikə	PROPÁROXÍTONO		x		SWW
--------	---------	---------------	--	---	--	-----

Criança 17 (m)
G3 (4;2)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'avoli	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛdʒiku	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtamu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbolə		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lɛpadə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makinə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PLÁSTICO	'plaxtʃiku			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÓCULOS	'ɔkuluʃ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	'nɔki		x		PAROXÍTONO	SW	Elisão (final)
CÂMERA	'kɛmɛrə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'zɛsu		x		PAROXÍTONO	SWW	Coalescência
TRIÂNGULO	tri'ɛgulu		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	-	-	-	-	-	-	-
PRÍNCIPE	'prɪsipi	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
XÍCARA	'ʃikarə		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'mõnibus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
	'õnibus				PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsforu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'patu		x		PAROXÍTONO	SW	Coalescência
VELOCÍPEDE	velo'sipe:		x		PAROXÍTONO	WWSW	Elisão (final)
PÊSSEGO	'pesebu		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numiru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-

VOCÁBULOS NÃO ESTIMADOS:

?	te'lūpetu ²¹ te'lūmetru	PROPÁROXÍTONO	WSWW
---	---------------------------------------	---------------	------

²¹ A criança disse isso ao lhe ser mostrado o desenho da máquina de lavar roupa.

Criança 18 (f)
G3 (5;0)

ALVO	PRODUÇÃO	TENTATIVA			ACENTO	FORMATO	RECURSO/ESTRATÉGIA
		1	2	3			
ÁRVORE	'aɣvori	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÚSICA	'muzikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÉDICO	'mɛdʒiku ²²	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÔNICA	'mõnikə	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
HIPOPÓTAMO	ipɔ'pɔtɐu	x			PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
	ipɔ'pɔtɐw				PAROXÍTONO	WWSW	Coalescência
	ipɔ'pɔtẽmu				PROPÁROXÍTONO	WWSWW	-
ABÓBORA	a'bɔbɔrɐ	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
LÂMPADA	'lẽpidɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
MÁQUINA	'makɐ	x			PAROXÍTONO	SW	Coalescência
PLÁSTICO	-	-	-	-	-	-	-
ÓCULOS	'zɔkulujs	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
BINÓCULO	brĩ'nɔkuwus	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
CÂMERA	'kẽmerɐ	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
EXÉRCITO	e'setʃitu			x	PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
TRIÂNGULO	tri'ẽgulu	x			PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
MÁGICO	'maʒiku		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PRÍNCIPE	'pĩsipi	x			PROPÁROXÍTONO	WWS	-
XÍCARA	'ʃikarɐ		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
ÔNIBUS	'õnimus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-
FÓSFORO	'fɔsuru		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
PÁSSARO	'pasarus		x		PROPÁROXÍTONO	SWW	-
VELOCÍPEDE	mɔ'siperits ²³		x		PROPÁROXÍTONO	WSWW	-
PÊSSEGO	'pesigu			x	PROPÁROXÍTONO	SWW	-
NÚMERO	'numerus	x			PROPÁROXÍTONO	SWW	-

²² A palavra foi evocada num segundo momento, mas da seguinte maneira: ao ser perguntada sobre o que acontece quando fica doente, a criança respondeu “eu vou pro médico”.

²³ [m] aqui provavelmente veio de uma lembrança de “motoca”, uma vez que essa palavra foi sugerida.

C - Protocolo Palavras Proproxítonas (PPPr)



PALAVRAS PROPAROXÍTONAS

O que são palavras proparoxítonas? Saiba acessando aqui:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Proparoxítona>

***Obrigatório**

Endereço de e-mail *

Seu e-mail

Nome completo do informante: *

Sua resposta

CPF *

Sua resposta

Nome completo da criança *

Sua resposta

p.1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *

1. OBJETIVO DO ESTUDO: normalizar o instrumento de avaliação comunicativa para crianças com idades de 1 a 5 anos, a fim de subsidiar um perfil do desenvolvimento do léxico proparoxítono, perfil este que seja de fácil aplicação e análise. 2. EXPLICAÇÃO DOS PROCEDIMENTOS: você está sendo convidado(a) a responder a algumas questões sobre palavras que seu(u)a filho(a) ou tutelado(a) já sabe produzir e/ou reconhecer. Tal procedimento será conduzido eletronicamente, preenchendo este formulário do Google Forms; as respostas obtidas através deste formulário serão armazenadas para alimentarem o banco de dados da pesquisa, e comporão o banco de dados do PROAEP - Programa de Estudos sobre a Aquisição e o Ensino do Português como Língua Materna, da Universidade Federal da Bahia. É possível que o pesquisador entre em contato por correio eletrônico para fazer alguma pergunta extra. 3. POSSÍVEIS RISCOS/DESCONFORTOS: O possível desconforto está relacionado ao tempo disponibilizado para responder ao questionário e à possível fadiga resultante do tempo despendido para tanto. Já o possível benefício está relacionado aos resultados desse estudo, que contribuirá para o aprimoramento dos procedimentos de avaliação, diagnóstico e tratamento das diferentes dificuldades da fala de diversas crianças. 4. SIGILO: Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com finalidade científica, preservando-se o completo anonimato dos participantes, os quais serão identificados apenas numericamente. Assim, seu anonimato e o de seu(u)a filho(a) ou tutelado(a) está totalmente garantido. 5. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: responsabiliza-se por esta equipe o pesquisador Arthur Vargens, que poderá ser contactado por correio eletrônico - arthurvargens@hotmail.com - a qualquer tempo. 6. CONSENTIMENTO: ao clicar no consentimento abaixo, você declara esclarecimento e anuência para a pesquisa realizada, conforme descrito neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

☐ Declaro ter lido as informações acima. Foi-me dada a oportunidade de fazer perguntas, esclarecendo totalmente as minhas dúvidas. Declaro que ficou clara a possibilidade de contactar o pesquisador por correio eletrônico. Declaro ser o responsável legal pela criança de cujas informações forneço. Por este documento, tomo parte, voluntariamente, deste estudo.

Página 1 de 6

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

p.2



PALAVRAS PROPAROXÍTONAS

***Obrigatório**

INFORMAÇÕES PESSOAIS E PERFIL SOCIAL

Tutor 1: *

Escolher

Tutor 1: data de nascimento *

Data

dd/mm/aaaa

Tutor 1: escolaridade *

Escolher

Tutor 2:

Escolher

p.3

Tutor 2: data de nascimento

Data

dd/mm/aaaa

Tutor 2: escolaridade

Escolher

DADOS SOBRE A CRIANÇA

Data de nascimento da criança *

Data

dd/mm/aaaa

Sexo / Gênero *

☐ Masculino

☐ Feminino

LOCALIZAÇÃO

Em que região do Brasil a criança mora? *

Escolher

p.4

Em que cidade a criança mora? *

Sua resposta

A criança mora em Zona Urbana ou Zona Rural *

☐ Zona Urbana

☐ Zona Rural

CONVIVÊNCIA

A criança frequenta creche ou escola? *

☐ SIM

☐ NÃO

CONTATO COM OUTRAS LÍNGUAS

A criança convive com outra(s) língua(s) além do português? *

☐ SIM

☐ NÃO

DADOS DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS (TUTORES)

Tutores são os responsáveis principais pela criança e que mais cuidam ou convivem com a criança; pedimos que preencha todas as informações sobre um dos tutores; caso sinta necessidade, pode preencher a de mais um

p.5

Se sim, com que língua(s) a criança convive?

☐ Alemão

☐ Baniwa

☐ Chinês

☐ Espanhol

☐ Inglês

☐ Iorubá

☐ Italiano

☐ Japonês

☐ Libras (Língua Brasileira de Sinais)

☐ Nheengatu

☐ Pomerano

☐ Talian

☐ Tucano

☐ Outro: _____

Se sim, desde que idade a criança convive com essa língua?

☐ Desde o nascimento

☐ Desde o período entre 6 meses e 1 ano

☐ Desde o período entre 1 e 2 anos

☐ Desde o período entre 2 e 4 anos

☐ Desde o período entre 4 e 5 anos

INFORMAÇÕES SOBRE A SAÚDE DA CRIANÇA

p.6

A criança nasceu de parto prematuro? *

☐ NÃO

☐ SIM

A criança tem algum caso clínico relacionado à audição? *

☐ NÃO

☐ SIM - deficiência auditiva

☐ SIM - surdez

A criança tem algum caso clínico relacionado à linguagem? *

☐ NÃO

☐ SIM - dislexia

☐ SIM - dislalia

☐ SIM - atraso de linguagem

☐ SIM - transtorno fonológico

☐ SIM - síndrome de down

☐ SIM - autismo

☐ SIM - afasia infantil

☐ SIM - outro caso clínico

Página 2 de 6

Voltar Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

p.7



PALAVRAS PROPAROXÍTONAS

NOMES PRÓPRIOS

p.8

Há alguém no convívio da criança com algum(ns) desses nomes?

Atenção! a) Nomes próprios podem ser escritos de maneiras bem diversas, então, leve em consideração sempre a pronúncia adulta do nome e não sua escrita. Por exemplo, se há alguém de nome Jefferson, com dos J, ou Erika com K, ou, ainda, "Robinson" ao invés de "Robson", você considera que sim, há alguém com esse nome, ainda que a forma listada abaixo esteja escrita diferente. b) As opções 2 e 3 são para qualquer outra forma que a criança pode chamar a pessoa, ainda que a pessoa tenha esse nome; é muito comum as crianças não chamarem, por exemplo, tios e avós pelo nome, mas apenas "titi" ou "vovô", também pode ser que a pessoa seja conhecida por um apelido, algum Héverton pode ser chamado de Ton, por exemplo, ou qualquer outro apelido; todos esses casos estão contemplados nas opções 2 e 3.

	Não tem ninguém com esse nome	Tem alguém com esse nome, mas a criança não chama a pessoa pelo nome, só por uma alcunha familiar (titi, vovô, dinda, etc)	Tem alguém com esse nome, mas a criança não chama a pessoa pelo nome, apenas por um apelido	Tem alguém com esse nome e a criança chama a pessoa pelo nome
Ágata	☐	☐	☐	☐
Álvaro	☐	☐	☐	☐
Américo	☐	☐	☐	☐
Anderson	☐	☐	☐	☐
Ângela	☐	☐	☐	☐
Bárbara	☐	☐	☐	☐
Cícero	☐	☐	☐	☐
Débora	☐	☐	☐	☐
Érica	☐	☐	☐	☐
Évelim	☐	☐	☐	☐

p.9

Fátima	☐	☐	☐	☐
Éverton	☐	☐	☐	☐
Ícaro	☐	☐	☐	☐
Jeferson	☐	☐	☐	☐
Jerônimo	☐	☐	☐	☐
Jéssica	☐	☐	☐	☐
Mônica	☐	☐	☐	☐
Rosângela	☐	☐	☐	☐
Úrsula	☐	☐	☐	☐
Verônica	☐	☐	☐	☐

p.10

A criança conhece esses personagens?

	Não conhece	Conhece, mas não chama pelo nome	Conhece e chama pelo nome
MÔNICA (personagem da Turma da Mônica)	☐	☐	☐
HÉRCULES (personagem de desenhos da Disney)	☐	☐	☐
MALÉVOLA (personagem da Disney)	☐	☐	☐
MÍSTICA (personagem da Marvel, das séries e filmes X-Men)	☐	☐	☐
FANÁTICO (personagem da Marvel, das séries e filmes X-Men)	☐	☐	☐
CAPITÃO AMÉRICA (personagem da Mervel, super-herói)	☐	☐	☐

p.11

A criança fala e/ou entende os nomes desses lugares?

	Não entende e não fala	Entende, mas não fala	Entende e fala
África	☐	☐	☐
América	☐	☐	☐
Antártida	☐	☐	☐
Eunápolis	☐	☐	☐
Florianópolis	☐	☐	☐
Libano	☐	☐	☐
México	☐	☐	☐
Petrópolis	☐	☐	☐

Página 3 de 6

Voltar

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

p.12



PALAVRAS PROPAROXÍTONAS

*Obrigatório

VOCABULÁRIO

A seguir, você encontrará algumas palavras, e poderá informar aquelas que seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) conhece e/ou que fala espontaneamente. Existem três opções de marcação para cada uma delas: as palavras que seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) entende mas ainda não fala, as palavras que não apenas entende, como também fala, e aquelas que seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) não entende e não fala. Se a criança diz uma palavra da lista de maneira diferente do jeito adulto de dizer (como, por exemplo "pince" por "príncipe" ou "ócus" por "óculos"), marque a palavra ainda assim como "entende e fala". Palavras que seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) diz apenas repetindo um adulto e nunca diz espontaneamente deve ser considerada na opção "Não entende e não fala". Os plurais correspondentes contam para todas as palavras (p. exemplo: médicos' substitui 'médico', 'tímidas' substitui 'tímida' e assim por diante). Os diminutivos correspondentes NÃO contam para nenhuma palavra da lista (p. exemplo: 'passarinho' não substitui 'passaro', 'xirinha' não substitui 'xicara' e assim por diante).

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

p.13

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
HIPOPÓTAMO	☐	☐	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☐
PÁSSARO	☐	☐	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☐

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÔNIBUS	☐	☐	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☐

p.14

COISAS DE CASA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não fala
FÓSFORO	☐	☐	☐
LÂMPADA	☐	☐	☐
MÁQUINA	☐	☐	☐
XÍCARA	☐	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BINÓCULO	☐	☐	☐
ÓCULOS	☐	☐	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☐

p.15

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☐
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☐
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☐
ESPÍRITA	☐	☐	☐
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☐
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☐
PRÍNCIPE	☐	☐	☐
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☐
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☐

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ABÓBORA	☐	☐	☐
PÊSSEGO	☐	☐	☐

p.16

CORPO HUMANO

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÉREBRO	☐	☐	☐
FÍGADO	☐	☐	☐
ESTÔMAGO	☐	☐	☐
MÚSCULO	☐	☐	☐

ELEMENTOS DA NATUREZA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÁRVORE	☐	☐	☐
CÓRREGO	☐	☐	☐
RELÂMPAGO	☐	☐	☐



p.17

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÓCEGAS	☐	☐	☐
MÁGICA	☐	☐	☐
MÍMICA	☐	☐	☐

OUTROS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÍRCULO	☐	☐	☐
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☐	☐
NÚMERO	☐	☐	☐
SÁBADO	☐	☐	☐
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☐
ZOOLÓGICO	☐	☐	☐

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS



p.18

ADJETIVOS

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☐
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☐
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☐
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☐
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☐
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☐
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☐
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☐
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☐
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☐

Página 4 de 6

Voltar

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



p.19



PALAVRAS PROPAROXÍTONAS

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Sua resposta

Tem alguma(s) proparoxítona(s) que a criança fale e não esteja mencionada anteriormente? Quais?

O que são palavras proparoxítonas? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Proparoxítona>

Sua resposta

Página 5 de 6

Voltar

Próxima

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



p.20



PALAVRAS PROPAROXÍTONAS

Obrigado pela sua colaboração! Se tiver qualquer comentário que deseja fazer, fique à vontade:

Sua resposta

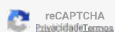
Uma cópia das suas respostas será enviada para o endereço de e-mail fornecido

Página 6 de 6

Voltar

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.



Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários



D - Respostas ao PPPr para Substantivos e Adjetivos

Fx1 - R01

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
HIPOPÓTAMO	☒	☐	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☐
PÁSSARO	☒	☐	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☐

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÔNIBUS	☒	☐	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☐

COISAS DE CASA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
FÓSFORO	☐	☐	☒
LÂMPADA	☒	☐	☐
MÁQUINA	☐	☐	☒
XÍCARA	☒	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BINÓCULO	☐	☐	☐
ÓCULOS	☒	☐	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☐

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☐
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☐
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☐
ESPÍRITA	☐	☐	☐
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☐
MÉDICO / MÉDICA	☒	☐	☐
PRÍNCIPE	☐	☐	☐
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☐
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☐

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ABÓBORA	☒	☐	☐
PÊSSEGO	☒	☐	☐

CORPO HUMANO

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÉREBRO	☐	☐	☐
FÍGADO	☐	☐	☐
ESTÔMAGO	☐	☐	☐
MÚSCULO	☐	☐	☐

ELEMENTOS DA NATUREZA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÁRVORE	☒	☐	☐
CÓRREGO	☐	☐	☐
RELÂMPAGO	☐	☐	☐

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÓCEGAS	☒	☐	☐
MÁGICA	☐	☐	☐
MÍMICA	☐	☐	☐

OUTROS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☒	☐	☐
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☒	☐	☐
NÚMERO	☒	☐	☐
SÁBADO	☐	☐	☐
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☒	☐	☐
ZOOLÓGICO	☐	☐	☐

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☒	☐	☐
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☒	☐	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Quando se dá um comando ou se faz uma pergunta e ela reage adequadamente

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
HIPOPÓTAMO	☐	☐	☒
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☒	☐	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
FÓSFORO	☒	☐	☐
LÂMPADA	☐	☐	☒
MÁQUINA	☐	☐	☒
XÍCARA	☒	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☒	☐	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☒	☐	☐

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☒
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ABÓBORA	☐	☐	☒
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÁRVORE	☐	☐	☒
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☐	☐	☒

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÓCEGAS	☐	☐	☒
MÁGICA	☒	☐	☐
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☒
MÚSICA	☐	☐	☒
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☒
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Depende do contexto. Dá para perceber quando vemos que ele identificou o comando

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
HIPOPÓTAMO	☐	☐	☒
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☒	☐	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÔNIBUS	☒	☐	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
FÓSFORO	☐	☐	☒
LÂMPADA	☒	☐	☐
MÁQUINA	☐	☐	☒
XÍCARA	☒	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☒	☐	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☒
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ABÓBORA	☐	☐	☒
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÁRVORE	☐	☐	☒
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☐	☐	☒

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÓCEGAS	☐	☐	☒
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☒
MÚSICA	☐	☐	☒
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☒
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Pela expressão

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
HIPOPÓTAMO	☐	☐	☒
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☐	☒
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÔNIBUS	☐	☐	☒
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
FÓSFORO	☐	☐	☒
LÂMPADA	☐	☐	☒
MÁQUINA	☐	☐	☒
XÍCARA	☐	☐	☒

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☒	☐
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☒
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTO S

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ABÓBORA	☐	☐	☒
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
ÁRVORE	☐	☐	☒
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☐	☐	☒

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não fala
CÓCEGAS	☐	☐	☒
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☒	☐

OUTROS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☒
MÚSICA	☐	☐	☒
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☒
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

quando aponta para o objeto após ouvir a palavra

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

HIPOPÓTAMO	☐	☒	☐
LIBÉLULA	☒	☐	☐
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☒	☐

VEÍCULOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☒	☐	☐

COISAS DE CASA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

FÓSFORO	☐	☒	☐
LÂMPADA	☐	☒	☐
MÁQUINA	☒	☐	☐
XÍCARA	☒	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☒	☐	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☒	☐
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☒	☐
PRÍNCIPE	☐	☒	☐
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

ABÓBORA	☐	☒	☐
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☒	☐
MÚSCULO	☒	☐	☐

ELEMENTOS DA NATUREZA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

ÁRVORE	☐	☒	☐
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☐	☒	☐

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

CÓCEGAS	☒	☐	☐
MÁGICA	☒	☐	☐
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☒	☐
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☒	☐
NÚMERO	☐	☒	☐
SÁBADO	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☒	☐
ZOOLÓGICO	☒	☐	☐

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☒	☐	☐
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☒	☐	☐
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☒	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☒	☐	☐
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☒	☐	☐

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Ao falar, ele pega o objeto, reconhece, ou direciona o olhar para ele.

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

HIPOPÓTAMO	☒	☐	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

ÔNIBUS	☐	☐	☒
VELOCÍPEDE	☒	☐	☐

COISAS DE CASA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

FÓSFORO	☒	☐	☐
LÂMPADA	☒	☐	☐
MÁQUINA	☒	☐	☐
XÍCARA	☒	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

BINÓCULO	☒	☐	☐
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

BÉBADO / BÉBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☒
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

ABÓBORA	☐	☐	☒
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

ÁRVORE	☒	☐	☐
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☒	☐	☐

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

CÓCEGAS	☐	☐	☒
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☐	☒
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☒	☐	☐
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☒
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Quando ela tem autonomia em buscar algo do seu interesse e/ou necessidade (água, comida, brinquedos, etc). Ou quando o adulto solicita da mesma alguma coisa e ela vai e pega

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

HIPOPÓTAMO	☐	☒	☐
LIBÉLULA	☐	☒	☐
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☒	☐

VEÍCULOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

FÓSFORO	☐	☒	☐
LÂMPADA	☐	☒	☐
MÁQUINA	☐	☒	☐
XÍCARA	☐	☒	☐

OBJETOS DIVERSOS *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☒
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

ABÓBORA	☐	☒	☐
PÊSSEGO	☐	☒	☐

CORPO HUMANO *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

ÁRVORE	☐	☒	☐
CÓRREGO	☐	☒	☐
RELÂMPAGO	☐	☐	☒

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não

CÓCEGAS	☐	☒	☐
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☒	☐
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☒	☐
NÚMERO	☐	☒	☐
SÁBADO	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☒	☐
ZOOLÓGICO	☐	☒	☐



OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☒
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒



Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Quando ela jesticula

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
HIPOPÓTAMO	☐	☒	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
FÓSFORO	☐	☐	☒
LÂMPADA	☐	☒	☐
MÁQUINA	☐	☒	☐
XÍCARA	☐	☒	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☒	☐

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☒	☐
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
ABÓBORA	☐	☒	☐
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
ÁRVORE	☐	☒	☐
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☐	☐	☒

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
CÓCEGAS	☐	☒	☐
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☒	☐
EXÉRCITO	☐	☐	☒
MÚSICA	☐	☒	☐
NÚMERO	☐	☒	☐
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☒	☐
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒



OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☒	☐	☐
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☒	☐
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☒	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒



Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Quando falo explicando e em outra situação ela repete.

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
HIPOPÓTAMO	☐	☒	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
FÓSFORO	☐	☒	☐
LÂMPADA	☐	☒	☐
MÁQUINA	☐	☒	☐
XÍCARA	☐	☒	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☒	☐	☐

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☐
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☒	☐
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☐
MÉDICO / MÉDICA	☐	☒	☐
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
ABÓBORA	☒	☐	☐
PÊSSEGO	☒	☐	☐

CORPO HUMANO *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
CÉREBRO	☒	☐	☐
FÍGADO	☒	☐	☐
ESTÔMAGO	☒	☐	☐
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
ÁRVORE	☐	☒	☐
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☒	☐	☐

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
CÓCEGAS	☒	☐	☐
MÁGICA	☐	☒	☐
MÍMICA	☐	☒	☐

OUTROS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☒	☐
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☒	☐
NÚMERO	☐	☒	☐
SÁBADO	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☒	☐	☐
ZOOLÓGICO	☐	☒	☐

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☒	☐	☐
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☒	☐
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☒	☐	☐
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☒	☐
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☒	☐
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☒	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☒	☐
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☒	☐
ÚNICO / ÚNICA	☒	☐	☐

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

em perguntas ou ordens quando ela atende ou responde à questão. Em outras situações percebemos que foi algo que ela viu na escola ou de alguma história ou música que ouviu

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

HIPOPÓTAMO	☒	☐	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

ÔNIBUS	☒	☐	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

FÓSFORO	☐	☐	☒
LÂMPADA	☒	☐	☐
MÁQUINA	☐	☒	☐
XÍCARA	☐	☒	☐

OBJETOS DIVERSOS *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☒	☐
PRÍNCIPE	☐	☒	☐
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

ABÓBORA	☐	☒	☐
PÊSSEGO	☒	☐	☐

CORPO HUMANO *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

ÁRVORE	☐	☒	☐
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☒	☐	☐

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

CÓCEGAS	☐	☒	☐
MÁGICA	☒	☐	☐
MÍMICA	☒	☐	☐

★

◀ ▶

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

◀ 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 ▶

QUANDO HÁ UMA SITUAÇÃO-PROBLEMA E A CRIANÇA CONSEGUE RESPONDÊ-LA.

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
HIPOPÓTAMO	☒	☐	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ÔNIBUS	☐	☐	☐
VELOCÍPEDE	☒	☐	☐

COISAS DE CASA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
FÓSFORO	☒	☐	☐
LÂMPADA	☒	☐	☐
MÁQUINA	☒	☐	☐
XÍCARA	☒	☐	☐

OBJETOS DIVERSOS *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
BINÓCULO	☒	☐	☐
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
BÊBADO / BÊBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☐	☒
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
ABÓBORA	☒	☐	☐
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ÁRVORE	☒	☐	☐
CÓRREGO	☐	☐	☒
RELÂMPAGO	☒	☐	☐

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÓCEGAS	☐	☐	☒
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☐	☒
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☒	☐	☐
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☐	☒
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Quando ela tem autonomia em buscar algo do seu interesse e/ou necessidade (água, comida, brinquedos, etc). Ou quando o adulto solicita da mesma alguma coisa e ela vai e pega.

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
HIPOPÓTAMO	☐	☒	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☒	☐	☐

COISAS DE CASA *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
FÓSFORO	☐	☒	☐
LÂMPADA	☐	☒	☐
MÁQUINA	☐	☒	☐
XÍCARA	☐	☒	☐

OBJETOS DIVERSOS *

PESSOAS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
BÉBADO / BÉBADA	☐	☐	☒
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☒	☐
MÉDICO / MÉDICA	☐	☒	☐
PRÍNCIPE	☐	☐	☒
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Nã entende e não f
ABÓBORA	☐	☐	☒
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO *

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não f
CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☐
MÚSICA	☐	☒	☐
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☒	☐

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☐
RÁPIDO / RÁPIDA	☐	☒	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

SUBSTANTIVOS

O que são substantivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Substantivo>

ANIMAIS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

HIPOPÓTAMO	☐	☒	☐
LIBÉLULA	☐	☐	☒
PÁSSARO	☐	☒	☐
TARÂNTULA	☐	☐	☒

VEÍCULOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

ÔNIBUS	☐	☒	☐
VELOCÍPEDE	☐	☐	☒

COISAS DE CASA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

FÓSFORO	☐	☒	☐
LÂMPADA	☐	☒	☐
MÁQUINA	☐	☒	☐
XÍCARA	☐	☒	☐

OBJETOS DIVERSOS *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

BINÓCULO	☐	☐	☒
ÓCULOS	☐	☒	☐
TRIÂNGULO (instrumento musical)	☐	☐	☒

PESSOAS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

BÊBADO / BÊBADA	☐	☒	☐
CATÓLICO / CATÓLICA	☐	☐	☒
EVANGÉLICO / EVANGÉLICA	☐	☐	☒
ESPÍRITA	☐	☐	☒
MÁGICO / MÁGICA (profissão)	☐	☐	☒
MÉDICO / MÉDICA	☐	☒	☐
PRÍNCIPE	☐	☒	☐
POLÍTICO / POLÍTICA	☐	☐	☒
SÍNDICO / SÍNDICA	☐	☐	☒

ALIMENTOS

Entende, mas não fala

Entende e fala

Nã entende e não f

ABÓBORA	☐	☒	☐
PÊSSEGO	☐	☐	☒

CORPO HUMANO *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

CÉREBRO	☐	☐	☒
FÍGADO	☐	☐	☒
ESTÔMAGO	☐	☐	☒
MÚSCULO	☐	☐	☒

ELEMENTOS DA NATUREZA *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

ÁRVORE	☐	☐	☒
CÓRREGO	☐	☒	☐
RELÂMPAGO	☐	☐	☒

BRINCADEIRAS E ATIVIDADES *

Entende, mas não fala

Entende e fala

Não entende e não f

CÓCEGAS	☐	☐	☒
MÁGICA	☐	☐	☒
MÍMICA	☐	☐	☒

OUTROS

*

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
CÍRCULO	☐	☐	☒
EXÉRCITO	☐	☐	☒
MÚSICA	☐	☐	☒
NÚMERO	☐	☐	☒
SÁBADO	☐	☐	☒
TRIÂNGULO (forma geométrica)	☐	☐	☒
ZOOLÓGICO	☐	☐	☒

OUTRAS CLASSES DE PALAVRAS

ADJETIVOS *

O que são adjetivos? Saiba acessando aqui: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Adjetivo>

	Entende, mas não fala	Entende e fala	Não entende e não
ELÉTRICO / ELÉTRICA	☐	☐	☒
ESTÚPIDO / ESTÚPIDA	☐	☐	☒
ÓTIMO / ÓTIMA	☐	☐	☒
PÁLIDO / PÁLIDA	☐	☐	☒
PÉSSIMO / PÉSSIMA	☐	☐	☒
PRÓXIMO / PRÓXIMA	☐	☐	☒
PÚBLICO / PÚBLICA	☐	☐	☒
RÁPIDO / RÁPIDA	☒	☐	☐
TÍMIDO / TÍMIDA	☐	☐	☒
ÚLTIMO / ÚLTIMA	☐	☐	☒
ÚNICO / ÚNICA	☐	☐	☒

Como você sabe quando a criança já entende uma palavra que ainda não fala?

Pelo gesto

E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais)

(1) Modelo para testagem de Lg01, Lg03, Lg04, Lg05, Lg06, Tr01, Tr02, Tr03, Tr04, Tr05, Tr06 e Tr07

“Aquisição de proparoxítonas: um estudo longitudinal”

Seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) está sendo convidado a participar da pesquisa acima intitulada, nos semestres letivos 2017.1, 2017.2, 2018.1 e 2018.2, por estar abrigado(a) na Creche da Universidade Federal da Bahia e estar em fase de desenvolvimento da linguagem verbal oral. A pesquisa está sendo realizada por Arthur Vargens – doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, matriculado sob o número 216121270 – sob orientação da Prof^a Ph.D. Elizabeth Reis Teixeira. A pesquisa busca verificar a produção de palavras proparoxítonas por crianças em estágio de aquisição e desenvolvimento da língua materna.

Através deste termo de consentimento, você autorizará seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) a participar do procedimento da pesquisa, que é mostrar a ele uma gravura impressa em uma ficha de papel e solicitar que ele diga o que é a figura, quando espera-se que ele diga a palavra em perspectiva, podendo ser oferecidas a ele dicas ou, ainda, a reprodução íntegra da palavra, acompanhada de uma solicitação de que repita. As palavras trabalhadas serão ABÓBORA, ÁRVORE, BINÓCULO, EXÉRCITO, FÓSFORO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÁGICO, MÁQUINA, MÔNICA, MÚSICA, ÓCULOS, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO, podendo haver acréscimo de outras, desde que sejam proparoxítonas e que não representem linguagem de baixo calão ou imprópria para a idade da criança.

Não haverá benefícios financeiros nem despesas pessoais para os participantes que colaborarem com a pesquisa. A participação do seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) é voluntária, o que significa que poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo em caso de recusa ou desistência no curso da pesquisa.

O pesquisador se compromete a utilizar os dados coletados somente para fins acadêmicos, sendo a identidade dos participantes mantida em sigilo, diante da publicação dos resultados. Autorizando a participação do seu(ua) filho(a) ou tutelado(a), você estará contribuindo para os estudos em aquisição da linguagem e linguagem infantil, os quais revelam a forma como as crianças adquirem sua língua e os limites etários esperados em relação aos diferentes aspectos de sua linguagem; dessa forma, estará contribuindo para conhecimentos necessários e relevantes para profissionais que lidam com processos educacionais e clínicos, tanto do ponto de vista do processo de ensino de língua materna desvinculado de preconceito linguístico, quanto do ponto de vista do diagnóstico e prognóstico de distúrbios da linguagem e da comunicação. Dessa forma, estará contribuindo para a construção de conhecimentos relevantes para os trabalhos desenvolvidos na própria instituição que abriga seu(ua) filho(a) ou tutelado(a).

Seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) ficará com uma cópia deste Termo e qualquer dúvida que surgir, poderá perguntar diretamente ao pesquisador Arthur Vargens pelos telefones [0000000] e [0000000].

Consentimento Livre e Esclarecido:

Eu, _____, CPF nº _____, declaro ter sido suficientemente informado(a) a respeito da pesquisa, ficando claro para mim qual seus objetivos, como será realizada, além das garantias de confidencialidade e de esclarecimentos, estando ciente. Autorizo que meu(inha) filho(a) ou tutelado(a), _____, nascido no dia ____/____/____, participe da mesma.

Salvador, Bahia, janeiro de 2017.

Assinatura

“Aquisição de proparoxítonas: um estudo longitudinal”

Seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) está sendo convidado a participar da pesquisa acima intitulada, no período de dezembro de 2016 a dezembro de 2019, por estar em fase de desenvolvimento da linguagem verbal oral. A pesquisa está sendo realizada por Arthur Vargens – doutorando em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia, matriculado sob o número 216121270 – sob orientação da Profª Ph.D. Elizabeth Reis Teixeira. A pesquisa busca verificar a produção de palavras proparoxítonas por crianças em estágio de aquisição e desenvolvimento da língua materna.

Através deste termo de consentimento, você autorizará seu) filho(a) ou tutelado(a) a participar do procedimento da pesquisa, que é mostrar a ele uma gravura impressa em uma ficha de papel e solicitar que ele diga o que é a figura, quando espera-se que ele diga a palavra em perspectiva, podendo ser oferecidas a ele dicas ou, ainda, a reprodução íntegra da palavra, acompanhada de uma solicitação de que repita. As palavras trabalhadas serão ABÓBORA, ÁRVORE, BINÓCULO, EXÉRCITO, FÓSFORO, HIPOPÓTAMO, LÂMPADA, MÁGICO, MÁQUINA, MÔNICA, MÚSICA, ÓCULOS, ÔNIBUS, PÁSSARO, PÊSSEGO, PLÁSTICO, PRÍNCIPE, TRIÂNGULO, podendo haver acréscimo de outras, desde que sejam proparoxítonas e que não representem linguagem de baixo calão ou imprópria para a idade da criança. O procedimento é realizado a cada 6 (seis) meses.

Não haverá benefícios financeiros nem despesas pessoais para os participantes que colaborarem com a pesquisa. A participação do seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) é voluntária, o que significa que poderá retirar o consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo em caso de recusa ou desistência no curso da pesquisa.

O pesquisador se compromete a utilizar os dados coletados somente para fins acadêmicos, sendo a identidade dos participantes mantida em sigilo, diante da publicação dos resultados. Autorizando a participação do seu(ua) filho(a) ou tutelado(a), você estará contribuindo para os estudos em aquisição da linguagem e linguagem infantil, os quais revelam a forma como as crianças adquirem sua língua e os limites etários esperados em relação aos diferentes aspectos de sua linguagem; dessa forma, estará contribuindo para conhecimentos necessários e relevantes para profissionais que lidam com processos educacionais e clínicos, tanto do ponto de vista do processo de ensino de língua materna desvinculado de preconceito linguístico, quanto do ponto de vista do diagnóstico e prognóstico de distúrbios da linguagem e da comunicação. Dessa forma, estará contribuindo para a construção de conhecimentos relevantes para os trabalhos desenvolvidos na própria instituição que abriga seu(ua) filho(a) ou tutelado(a).

Seu(ua) filho(a) ou tutelado(a) ficará com uma cópia deste Termo e qualquer dúvida que surgir, poderá perguntar diretamente ao pesquisador Arthur Vargens pelos telefones [0000000] e [0000000].

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO:

Eu, _____, CPF nº _____, declaro ter sido suficientemente informada a respeito da pesquisa, ficando claro para mim quais os seus objetivos, como será realizada, além das garantias de confidencialidade e de esclarecimentos, estando ciente. Autorizo que meu(inha) filho(a) ou tutelado(a), _____, participe da mesma.

Salvador, 1 de dezembro de 2016.

Assinatura